

FIG. 6

prefira fazer as nervuras à mão, com ponto atrás bem miúdo. Em qualquer dos casos, passe cada nervura a ferro, depois de pronta.

Bordas arrematadas com um viés

— Em tecidos transparentes, o viés é ótimo para arrematar bordas de fendas, decotes sem gola e pode substituir com eficiência as bainhas. Para isso, corte no tecido, em pleno viés, pequenas tiras no comprimento desejado. Se este for muito longo, faça as emendas (no sentido do fio reto), passe a ferro as costuras e estique o viés com o ferro. Aplique o viés sobre a borda, direito contra direito, alinhave, costure à máquina, passe a ferro a costura fechada e, se for necessário, apare o viés para igualá-lo em toda a extensão. Faça uma pequena dobra na borda cortada e rebata-a para o avesso, aplicando-a sobre a costura com pontos à mão (fig. 6). Na musselina de seda, que se desfia facilmente, use o viés dobrado em dois e bem passado a ferro. Aplique sobre a borda, direito contra direito, a dobra do viés virada para dentro. Costure e rebata para o avesso, onde a borda dobrada do viés será presa com pontos à mão sobre a

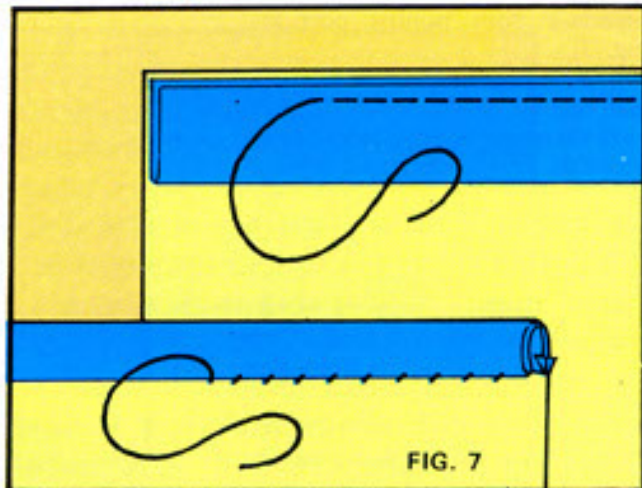


FIG. 7

costura feita (fig. 7).

Aplicações de renda — São feitas com linha bem fina. A aplicação é presa pela borda com ponto de luva ou ponto Paris, assim como o lado interno dos motivos.

Os forros — A menos que você seja suficientemente ousada para usar roupas transparentes sobre a pele, elas geralmente levam um forro, que pode ser de duas espécies:

1. O forro é totalmente independente, da mesma cor do vestido ou de tom contrastante, de corte princesa e com alças invisíveis de **tulle** no mesmo tom da pele ou então em crepe bege-claro. Estes vestidos-forro são geralmente modelados por duas costuras verticais, tanto na frente quanto nas costas. Faça a **maneira** (abertura para facilitar o vestir) na costura lateral esquerda e feche-a com pressões ou com um zíper bem delicado (fig. 8).

2. O forro é costurado simultaneamente com as peças do vestido, de maneira semelhante ao que ensinamos no parágrafo anterior de corte e montagem.



FIG. 8

OBSERVAÇÃO

Todos os detalhes que mencionamos aqui, como pontos de costura, o corte de forro,

tudo isso será ensinado mais adiante, através das futuras lições.

CURSO DE CORTE & COSTURA



Oil Brandão

1



Editores:

Domingo Alzugaray
Cátia Alzugaray

Diretor de Redação: João Victorino

Autor: Gil Brandão

Direção de Arte: Francisco José da Silva

Projeto Gráfico: Teco Guerreiro Rodrigues

Circulação:

Gregório França

Serviços Editoriais:

Estúdio Fotográfico: Antonio Rui (fotografia), Reynaldo Zoéga Filho (produção), Odemil Souto Romão (laboratorista), Sônia Maria Páal (secretária). **Coordenação Gráfica:** Wilma Santi. **Revisão:** Antonio de Almeida Maia (chefe), Benedito Egidio dos Santos Neto, Carlos Alberto Rodrigues da Fonseca, Elci Delan da Silva, Herclia Maria Conti, José Renato Pereira Passos, Maria Aparecida da S. Oliveira, Marcos Emílio Gomes, Nicéia Furquim de Almeida, Oswaldo da Rocha Diniz Filho, Previz Rodrigues Lopes. **Promoção:** Alexandre Torfbio (diretor), Isabel Helena Dauer (redatora), José Pereira de Godoy (produtor), Amarildo dos Santos (arte-finalista), Rosana de Araújo Cintra (secretária).

Responsável:

Cátia Alzugaray

Curso de Corte & Costura Gil Brandão é uma publicação Três Livros e Fascículos Ltda. Redação, Administração e Publicidade, rua William Speers, 1.000, fone: 260.0533, Caixa Postal 223, São Paulo, SP, CEP 05065. Endereço Telegráfico: EDITRÊS. Os números atrasados devem ser pedidos diretamente à Editora Três Ltda. Caixa Postal 223, São Paulo, SP, CEP 01000. Distribuição exclusiva em todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., rua Teodoro da Silva, 907, fone: 268.9112, Rio de Janeiro, RJ. Registro nº 43.525, de 12/05/83, no 3º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa. Composição, fotolitos, impressão e acabamento: Oficinas Gráficas do Grupo de Comunicação Três, rua Engenheiro Fox, 135, CEP 05069, São Paulo, SP.

Pernambuco sua terra natal, o Rio seu espaço de trabalho, o universo seu mundo de criação. Sim, porque conheço poucas culturas universais com tal versatilidade e dimensão. E Gil não faz por menos. Achou pouco o português para expandir seus conhecimentos: recorreu ao inglês, ao francês e, às vezes, se permitirem, ele avança pelo *universalez*, o *consumez* até atingir os pontos que sua insaciável sede de saber alcance. Não tivesse ele passado com honra e louvores por duas faculdades importantes: medicina e arquitetura. E achou pouco, enveredou pelos caminhos da forma anatômica e desvendou o mundo encantado da vestimenta, grito eloqüente da cultura, já que seu testemunho (o da moda) pode situar uma época, seus costumes e até mesmo o seu nível de riquezas ou (quem sabe?) de misérias. Gil é tudo isso e mais o ser humano muito rico de calor, confiança na vida, otimismo, carinho e respeito pelo semelhante. Gosta-se dele e não é à toa. Sabe viver, vive e deixa que os outros vivam como querem e gostam. Entretanto, cuidado: Gil Brandão é um misterioso duende que conhece todos – absolutamente todos – os segredos do corpo e da alma humanos: com ele, bobeou, *dançou*. Ele sabe das coisas.



Edna Savaget



Gil Branda

Nestas últimas décadas do século XX, a jovem que chega à adolescência e começa a pensar em qual caminho profissional a seguir dificilmente escolhe a atividade do corte e da costura. Para elas, que já se encontram na era da emancipação ou da liberação da mulher, tal ocupação ainda está ligada à idéia de subjugação da mulher ao homem por obrigá-la à permanência no lar, empenhada num trabalho eminentemente doméstico. Mesmo quando a mulher costurava para fora – como se dizia – com o intuito de auxiliar as finanças da casa, a atividade continuava a ser considerada doméstica. O “prêt-à-porter” ou a confecção, isto é, a roupa comprada pronta para vestir, era praticamente inexistente até a metade deste século. Havia pouquíssimas fábricas de confecção, a mão-de-obra especializada tinha pouca solicitação e as costureiras particulares eram muito procuradas.

A partir dos anos sessenta, o panorama começou a mudar. Os poucos profissionais da alta costura (na medida em que podemos chamar de alta costura, a roupa cara que estes pioneiros da moda, sem a formação nem o “know-how” que seria desejável possuírem, confeccionavam para as mulheres da sociedade mais privilegiada financeiramente) principiaram realmente a sentir que perdiam terreno para as primeiras confecções que começavam a surgir timidamente, para depois se multiplicarem definitivamente no final dos anos sessenta e no princípio dos anos setenta. Influenciadas pelo “boom” do “prêt-à-porter” europeu, em particular do francês e do italiano, as nossas confecções divulgaram idéias novas, impulsionadas pela liberdade que o movimento hippie trouxe à moda,

enquanto os costureiros se estiolavam em idéias ultrapassadas. Eles foram desaparecendo aos poucos ou, pelo menos, perdendo popularidade, enquanto os novos estilistas surgiam com uma força cada vez maior, apoiados principalmente pela imprensa, que passou a dedicar um espaço cada vez mais amplo à moda nacional. Nos dias de hoje, enquanto a nossa chamada alta costura conta com raros nomes, a confecção pode mostrar numerosas etiquetas, muitas de excelente qualidade – principalmente no tocante à confecção masculina – não só no Rio como em São Paulo. Recentemente, o “prêt-à-porter” brasileiro tem-se expandido de tal maneira que suas raízes já estão se estendendo até o Nordeste e o extremo Sul do País.

Se, muitas vezes, a nossa confecção deixa a desejar em matéria de qualidade e é freqüentemente acusada de copiar descaradamente a moda européia, não podemos, em sã consciência, acusar os nossos confeccionistas. Em primeiro lugar, falta aos nossos estilistas e modelistas a formação profissional com que contam os pretendentes à profissão na Europa e nos Estados Unidos; eles dependem apenas do próprio talento, criatividade e garra. Em segundo lugar, embora a nossa indústria têxtil tenha tomado grande impulso – nossos tecidos de algodão podem-se incluir entre os melhores do mundo – a indústria de aviamentos de costura, elementos indispensáveis ao bom resultado da confecção de uma roupa, é ainda incipiente, quase sempre escassa em variedade e freqüentemente de má qualidade. Em terceiro lugar, a maquinária – sempre importada – é caríssima, impedindo que as fábricas



iniciantes, sem muito capital, se aparelhem convenientemente para enfrentar um mercado já grandemente competitivo. Em quarto lugar, "last but not the least", o grave problema da mão-de-obra que, se não é por demais escassa, é por demais de má qualidade. É esta a maior dor de cabeça que aflige a confecção nacional: a absoluta falta de formação profissional, em qualquer sentido, da mão-de-obra especializada na indústria do vestuário.

Os nossos cursos profissionalizantes no setor são primários e insuficientes. A nossa literatura sobre a moda e o vestuário, sob seus múltiplos aspectos, inexistente. O que existe, sim, e com muita força, é um enorme preconceito a tudo que diga respeito à moda, por ser um assunto frívolo e superficial, ou ao corte e à costura por ser uma profissão de menor estatura. Nada mais errado. A moda, em seus vários aspectos, sociais, religiosos, psicológicos, sexuais, econômicos ou políticos, é um objeto de estudo extremamente sério, já que o homem é um animal que se veste e o ato de vestir-se é uma das manifestações mais importantes do seu comportamento social. E o corte e a costura, nesta transição da roupa, de um produto artesanal para um produto industrial, ganharam uma dimensão que os elevou a um nível criativo e altamente compensador.

Com esta obra, pretendemos apenas fornecer todos os elementos básicos da estrutura de uma roupa – o corte – como as informações para a montagem destes elementos – a costura – não só para os interessados no assunto como uma atividade doméstica e amadora, como também para aqueles que o encaram como uma atividade profissional. Como informação cultural complementar, comentaremos fatos sobre a história da moda, sem preocupação de ordem



cronológica, uma vez que tais fatos apenas contribuirão para uma melhor compreensão do atual fenômeno da moda.

É fácil concluir que o resultado satisfatório da execução de uma roupa depende de um binômio: bom corte e boa costura. Quando um destes fatores falha, o resultado falhará também. De nada servirá um corte perfeito, se a costura é malfeita, as montagens defeituosas ou acabamentos negligentes. Faltará ao seu trabalho aquele aspecto cuidado, resultante das mãos habilidosas das costureiras competentes dos grandes atelies.

Se o corte perfeito depende de um certo raciocínio e uma boa dose de talento para reduzir a um plano aquilo que irá envolver um corpo em três dimensões, já a costura exige apenas paciência, minúcia e habilidade manual. Mas, não pense com isso que o corte e a costura são atividades complicadas (a menos que você não goste nem se interesse por elas). Exigem prática, é verdade, mas esta prática virá naturalmente e fará com que os primeiros trabalhos pareçam fáceis à medida que você vai adquirindo mais experiência.

As lições contidas nestes fascículos darão a você informações sobre todas as técnicas e todos os truques que farão da sua costura um trabalho perfeito e irrepreensível. Aprenda o corte básico de todos os tipos de

roupa e de como empregá-lo para obter o modelo desejado. Aprenda a tirar o melhor partido das possibilidades de um tecido, a usar bem o ferro de passar, a fazer os mais variados tipos de bolso, a, enfim, utilizar todos os truques e técnicas, que podem parecer de menor importância, mas não imprescindíveis para um trabalho de boa qualidade.

Antes de terminar, uma última observação. Este nosso curso não tem nenhum compromisso com a moda ou os modismos, mas sim com a estrutura da roupa dos nossos dias. Se alguns cortes ou modelos podem parecer fora de moda, isto é irrelevante. O que interessa realmente é que você se familiarize com todos os tipos de corte e saiba adaptá-los às flutuações da moda. Assim, pois, ao chegar à última lição, o resto dependerá de você: da sua aplicação, da sua criatividade e do seu talento.



Antes de tudo, queremos informar que, através das nossas lições, procuraremos ensinar a maneira mais clara, objetiva e completa de como cortar e costurar. O corte dependerá da maior ou menor facilidade com que aprenda estas lições e a costura estará condicionada ao trabalho e à experiência, que são, no final de contas, os melhores mestres.

Não queremos que se preocupe com o fato de que não tem jeito nem conhecimentos ou prática do assunto. A exigência é uma só: gostar e querer aprender, pois cortar e costurar bem se baseia num pequeno triângulo, em cujos vértices estão o trabalho perseverante, o gosto pela costura e, finalmente, um pouco de imaginação.

Nesta primeira lição, abordaremos o problema das medidas, ponto de grande importância, pois é do cuidado com que elas são tomadas que depende a facilidade e a rapidez da prova de uma roupa. Sendo assim, ensinaremos quais as medidas necessárias para o corte de um molde e a maneira adequada com que estas medidas devem ser tomadas. Neste momento, a pessoa de quem se tiram as medidas deve se livrar das roupas pesadas ou largas com que está vestida, ficando de preferência em trajes íntimos. Nesta impossibilidade, vestidos leves ou roupas justas ao corpo, tipo "collant", não prejudicam a tomada das medidas. Tais precauções também se aplicam às crianças e aos homens.

Existem dois tipos principais de medidas:

I. Medidas Fundamentais

São aquelas necessárias para o traçado dos moldes básicos. Elas se referem às medidas anatômicas, ou seja, do seu corpo, e, por consequência, sua vontade não interfere nelas. Elas são o que são, a menos que você engorde ou emagreça.

II. Medidas Complementares

São aquelas de que você precisa para transformar os moldes básicos no modelo desejado. Referem-

se agora aos detalhes do modelo, tais como folgas a serem dadas na roupa, largura de gola, tamanho de bolsos, largura de punho, comprimento de casaco ou de blusa e assim por diante. Aqui, portanto, a sua vontade interfere deliberadamente nelas, já que é você mesma quem as escolhe. Por isso, muito cuidado ao fazê-lo, para que os detalhes da roupa fiquem equilibrados entre si e com o todo do modelo. Muitas vezes, a roupa está cortada corretamente, com bom caimento mas... está feia. Isto porque as medidas complementares foram mal escolhidas, prejudicando a harmonia do conjunto.

É claro que vamos ensinar apenas a tirar as medidas fundamentais, obedecendo as observações feitas anteriormente. As complementares, você mesma as determinará sobre o próprio molde, orientando-se pelas linhas de construção – linhas do busto, da cintura, dos quadris, etc.

As figuras que ilustram estas páginas servirão de guia, bastando comparar os números correspondentes a cada medida.

MEDIDAS FUNDAMENTAIS

I. BLUSA

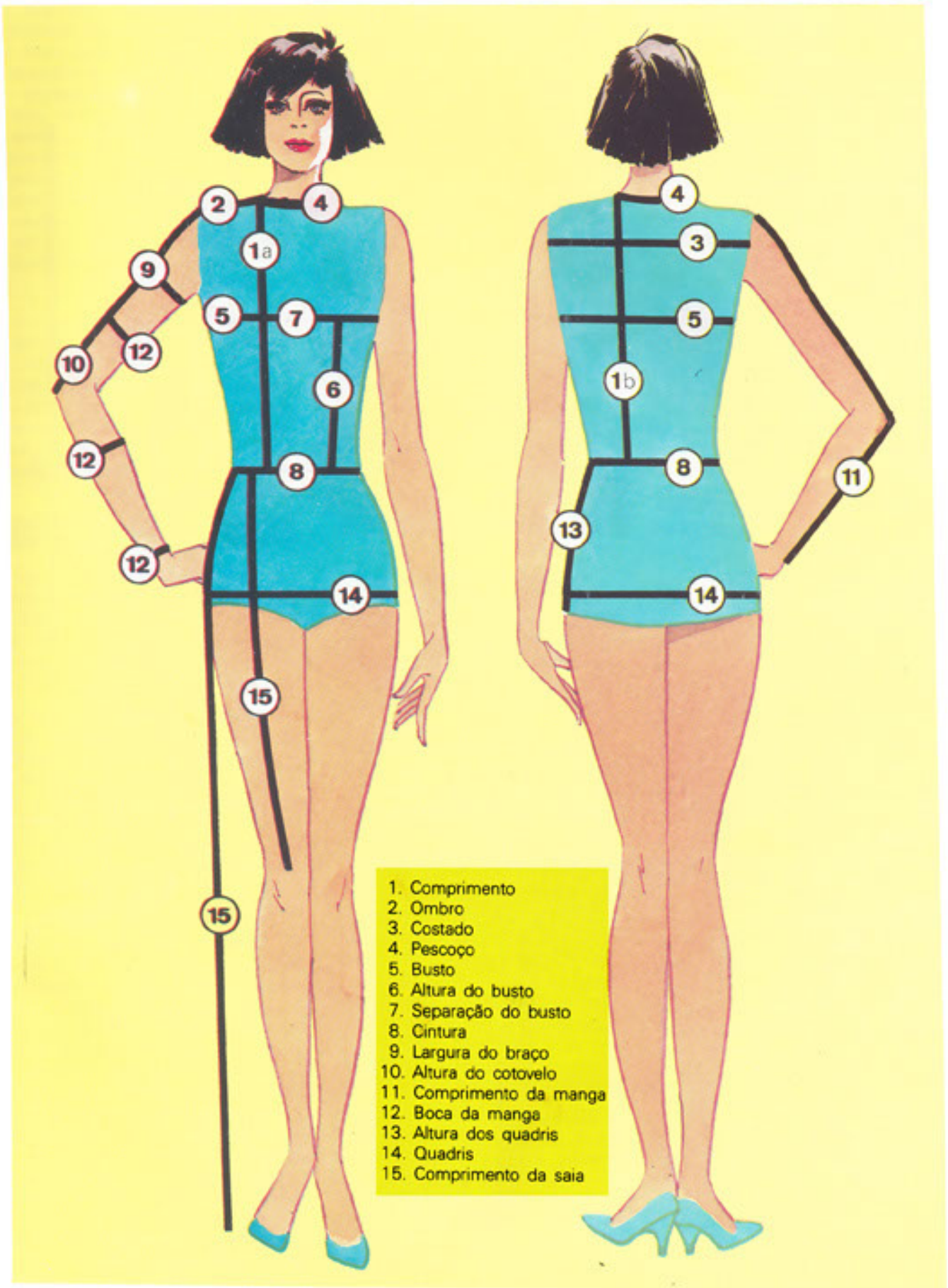
1. Comprimento

a) **Frente** – coloque a extremidade da fita métrica no ombro, junto à base do pescoço, e desça com ela até a cintura, passando bem por cima do busto. Não force a fita, deixando-a cair naturalmente.

b) **Costas** – coloque a extremidade da fita métrica no ombro, junto à base do pescoço – no mesmo ponto em que se tirou a medida da frente – e desça com ela até a concavidade natural da cintura. O comprimento das costas é geralmente 2 a 3cm mais curto que o da frente, embora possam acontecer variações. Em caso de bustos grandes ou muito salientes esta diferença aumenta, ou pode diminuir quando o busto é pequeno. Algumas vezes, frente e costas são iguais e até mesmo as

Lição 1

COMO TIRAR AS MEDIDAS



- 1. Comprimento
- 2. Ombro
- 3. Costado
- 4. Pescoço
- 5. Busto
- 6. Altura do busto
- 7. Separação do busto
- 8. Cintura
- 9. Largura do braço
- 10. Altura do cotovelo
- 11. Comprimento da manga
- 12. Boca da manga
- 13. Altura dos quadris
- 14. Quadris
- 15. Comprimento da saia

costas são mais compridas, quando a cintura tem um movimento de queda atrás.

2. **Ombro** – coloque a fita métrica sobre o ombro e meça o seu comprimento do pescoço até a extremidade.

3. **Costado** – coloque a extremidade da fita métrica na metade da distância entre o ombro e a dobra da axila nas costas – estando os braços cruzados normalmente na frente – e, passando-a por cima dos omoplatas, meça a distância de um lado ao outro. Existe uma íntima relação entre as medidas do ombro e do costado, por questões anatômicas: ombros largos correspondem a costados largos e ombros estreitos a costados estreitos. A tabela 1 (ao lado) dá esta relação.

4. **Pescoço** – contorne o pescoço, em sua base, com a fita métrica e faça a medida.

5. **Busto** – passe a fita métrica por baixo das axilas e, apoiando-a por cima do busto sem apertar, leia a medida do contorno. Se der um número ímpar, use o número par imediatamente superior.

6. **Altura do busto** – meça com a fita métrica, de baixo para cima, a distância entre a cintura e o ponto mais elevado do busto. A medida mais encontrada é de 18cm.

7. **Separação do busto** – meça a distância entre as pontas dos seios. É, em geral, de 20cm. Agora, preste atenção a um detalhe: se você usa sutiã, procure comprá-los sempre do mesmo fabricante, uma vez que marcas diferentes alteram a medida de altura e separação do busto. Evidentemente, tal cuidado não tem sentido se usar roupas largas, folgadas e sem pences.

8. **Cintura** – contorne a cintura com a fita métrica e faça a medida. Se der um número ímpar, use o número par imediatamente acima.

9. **Largura do braço** – faça esta medida, contornando o braço com a fita métrica na altura em que ele é mais grosso, ou seja, logo

abaixo da axila. Evite colocar o dedo por baixo da fita métrica, para não alterar a medida.

TABELA 1
RELAÇÃO ENTRE
O OMBRO E O
COSTADO

Costado	Ombro
34	11
35	11,5
36	12
37	12,5
38	13
39	13,5
40	14
41	14,5
42	15

Consulte a tabela sempre, para verificar se estas duas medidas foram tiradas corretamente. Na realidade, o ombro da mulher adulta varia apenas entre 12cm e 14cm, sendo a relação ombro 13cm – costado 38cm e mais comum nas mulheres entre os manequins 42 a 46. Só há um caso em que a tabela não é aparentemente respeitada: nas pessoas gordas, há um acúmulo de gordura sobre os omoplatas, de maneira que a medida do costado passa a ser maior do que deveria. Nesta situação, a medida do costado deve ser respeitada, pois interfere com a estrutura e o conforto da roupa, cortando-se o excesso do ombro, depois da base traçada.

II. MANGA

10. **Altura do cotovelo** – mande a pessoa, de quem está tomando as medidas, colocar a mão na cintura, a fim de dobrar o braço. Sobre ele, coloque a fita métrica, no sentido do comprimento, desde o ombro até o punho. Meça então a distância entre o ombro e a ponta do cotovelo.

11. **Comprimento** – Sem tirar a fita métrica da posição anterior, faça três medidas: manga curta a meio-braço – metade da altura do cotovelo –, manga três-quartos – 10 cm abaixo da altura do cotovelo – e manga comprida, determinando o comprimento do braço até o ossinho saliente do punho. Estas três medidas servem apenas de orientação, já que o comprimento de uma manga é uma medida complementar, escolhida conforme o modelo.

12. **Boca da manga** – meça o contorno do braço na altura dos três comprimentos de manga: curta, três-quartos e comprida. Esta medida só serve de confronto, pois a boca de uma manga é sempre mais larga que o contorno do braço, para que possa oferecer conforto aos movimentos.

III. SAIA

13. **Altura dos quadris** – é a distância entre a cintura e o nível em que os quadris são mais largos, exatamente por onde é medido o seu contorno. Na maioria esmagadora dos casos, é sempre de 20cm.

14. **Quadris** – contorne-os com a fita métrica na altura em que são mais largos, medida feita no item anterior – 20cm abaixo da cintura na maioria dos casos. Como o busto e a cintura, se o resultado for um número ímpar, use o número par imediatamente superior, a fim de facilitar as divisões por 4 para o traçado das bases.

15. **Comprimento** – segure a fita métrica na cintura e tome a medida desejada para o comprimento da saia. Na realidade, isto é uma medida complementar, já que a moda ou a sua preferência pessoal coloca a saia no comprimento que bem quiser. Mesmo assim, faça duas medidas fundamentais: altura do joelho, ou seja, a distância da cintura até o meio da rótula, e o comprimento da saia comprida, da cintura ao solo – neste caso, leve em conta a altura do salto do sapato. Assim, qualquer saia com um comprimento maior do que 10cm abaixo da altura do joelho

irá cobri-lo inteiramente, e com um comprimento menor do que 10cm acima deixará o joelho à mostra.

IV. CALÇA

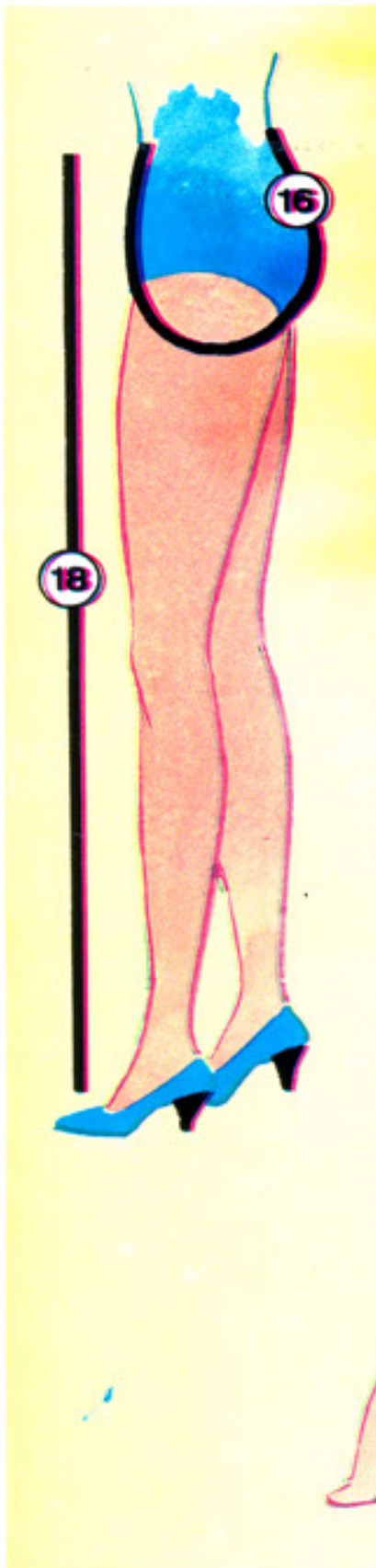
16. **Gancho** – passe a fita métrica entre as pernas, sem apertar, e meça o contorno desde o meio da cintura na frente ao meio da cintura nas costas.

17. **Altura do gancho** – com a pessoa sentada, tire a altura do gancho, medindo a distância entre a cintura e o assento da cadeira, pelo lado do corpo. Há outra maneira de determinar esta altura: divida a medida do gancho por 3 e some 5 ao resultado. A medida final será igual ou bem próxima da altura do gancho, tomada com a pessoa sentada. Por este motivo, é

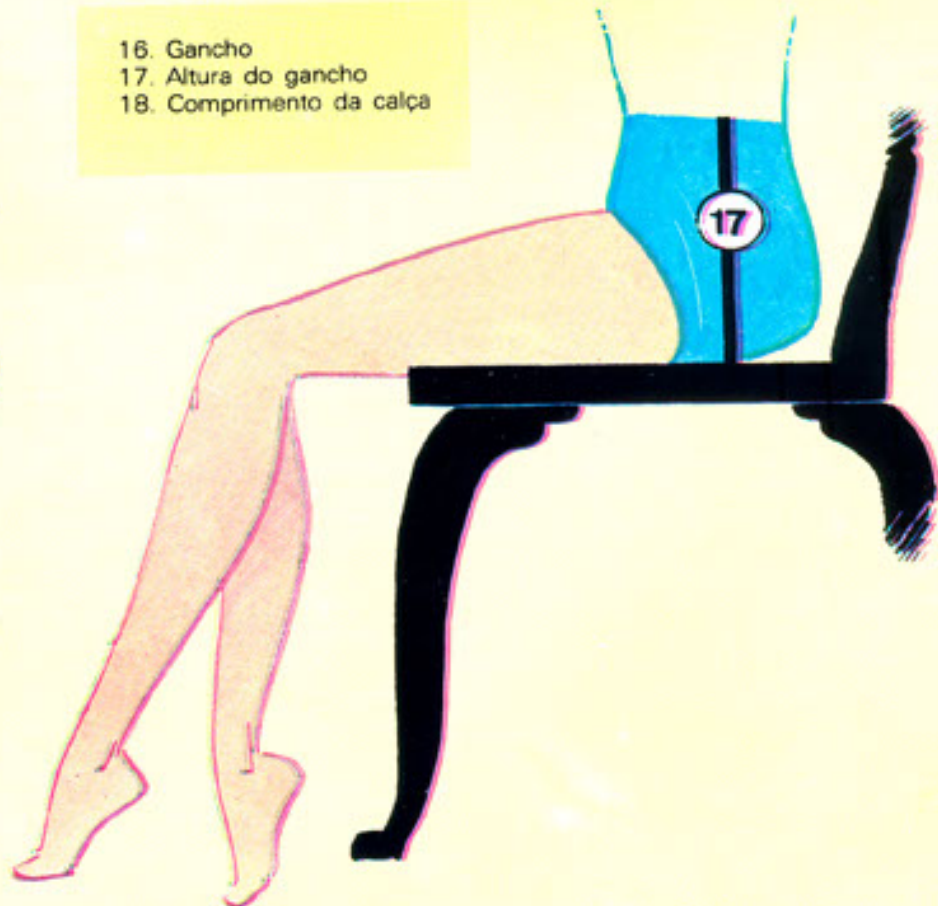
sempre conveniente fazer as duas medidas e compará-las para verificar a exatidão da altura do gancho.

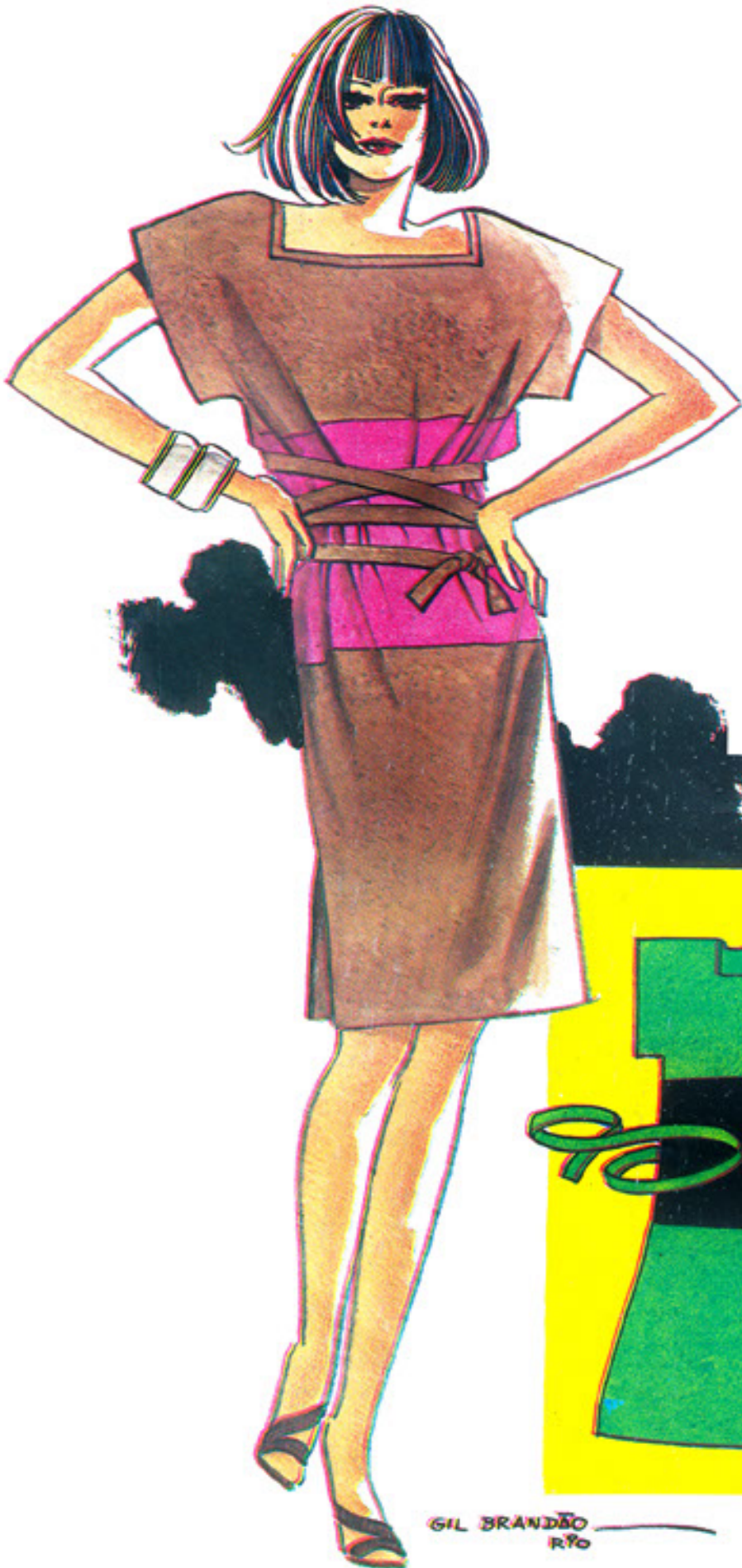
18. **Comprimento** – segure a fita métrica na cintura e tome a medida desejada para o comprimento da calça. Como acontece na saia, o comprimento da calça é uma medida complementar, pois varia com a moda e o tipo da calça. Assim temos a calça pescador – o comprimento desce até o meio da perna –, a calça corsário – o comprimento é mais curto que o da calça anterior – ou então a chamada "pedal-pusher", cujo comprimento fica um pouco acima do tornozelo.

OBS. – Para tirar as medidas da calça, a mulher deve estar vestida com calcinhas ou, pelo menos, com calças compridas justas.



- 16. Gancho
- 17. Altura do gancho
- 18. Comprimento da calça





INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS

VESTIDO RETO EM DUAS CORES



GIL BRANDÃO
RJO

Normalmente, esta parte do nosso curso está vinculada às lições de corte básico. Funciona como exercícios ligados ao que já foi comentado, sem utilizar noções de corte que só serão dadas posteriormente. Como nestas primeiras lições, ainda não temos subsídios necessários para interpretarmos modelos mais elaborados, resolvemos escolher aqueles de corte simples e prático, que qualquer pessoa, mesmo sem maiores conhecimentos de corte, poderá fazer, desde que siga nossas instruções. Note que a simplicidade do corte e da confecção não impede que o modelo seja bem transado e perfeitamente usável.

Apesar do corte simples, este vestido cai bem e é prático para o uso diário. Seu detalhe principal está no jogo de cores, marrom e fúcsia – pode escolher outras cores a seu gosto –, dispostas em barras superpostas. Duas longas tiras, na cor das barras extremas, prendem-se nas costuras laterais e amarram a cintura em várias voltas. O decote retangular se harmoniza com as mangas curtas. Se quiser, pode deixar fendas nas costuras laterais.

TECIDO

Como o vestido é despretenhoso, qualquer tecido de algodão, do gênero popelina, pode servir perfeitamente.

METRAGEM

1,70m de tecido marrom e 0,70m de tecido fúcsia, ambos com 0,90m de largura.

MOLDE E CORTE

Trace o retângulo de cada barra com as alturas marcadas nos esquemas A, B e C. A largura é a mesma em todos eles, isto é, AB, GH ou EF devem medir a quarta parte dos seus quadris mais 1 cm de folga. Se os seus quadris medirem 96 cm, por exemplo, será 24 cm e a medida final 25 cm.

A metade do retângulo A corresponde à linha do ombro, de modo que ele já compreende frente e costas da barra superior. Trace o retângulo do decote pelas medidas do esquema e orientando-se pela linha dos ombros. Para as mangas, aumente o retângulo lateralmente em BC com 5 cm e trace a altura CD com 25 cm.

Corte a barra superior A apenas uma vez no tecido, mas as outras, B e C, devem ser cortadas duas vezes, uma para a frente e outra para as costas. Todas as barras porém devem ser colocadas sobre o tecido dobrado pelo meio, tanto na frente quanto nas costas. Não esburaque o decote, deixando-o fechado. Para as costuras laterais, acrescente 1,5 cm de margem e para as bainhas 3 cm.

Para as tiras da cintura, corte duas barras de 1,70m de comprimento por 7 cm de largura, costuras já incluídas. Essas tiras podem ser cortadas no comprimento do tecido que sobra após o corte dos moldes. A altura de 45 cm na barra inferior – veja o esquema C – confere uma saia com o comprimento de 60 cm no vestido. Se quiser aumentar ou diminuir o comprimento da saia, basta alterar a medida dada no que for necessário.

EXECUÇÃO

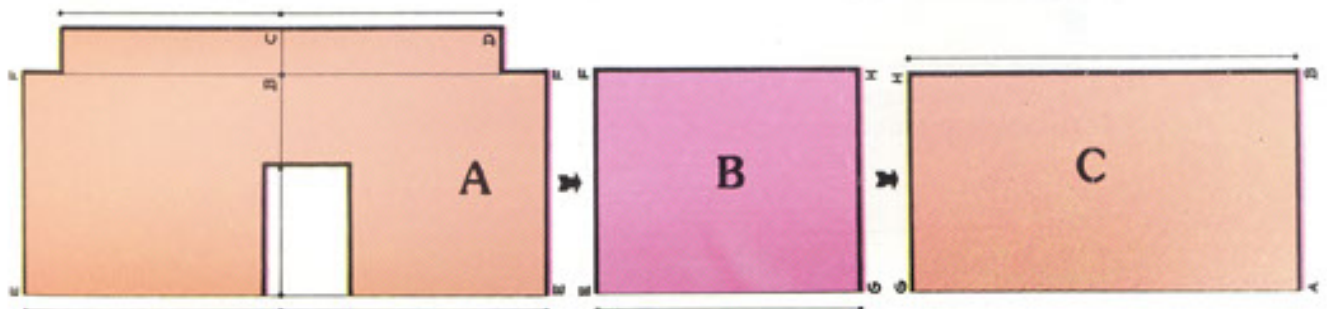
1. Em primeiro lugar, prepare o decote. Para isso, cole pequenos quadrados de entretela fina no avesso dos quatro ângulos do decote. A seguir, corte-o pelo centro até se dividir nos lados em Y para atingir os cantos, como mostra o desenho A. Dobre então as margens formadas para o avesso e pesponte a 1 cm das bordas – veja o desenho B. Os pequenos quadrados de entretela colada vão impedir que o tecido possa se esgarçar nos cantos do decote. Chuleie as bordas internas.

2. Costure as barras, alterando as cores, com bastante cuidado para que as larguras fiquem absolutamente iguais na frente e nas costas.

3. Pegue as tiras e dobre-as ao meio, no sentido do comprimento, direito contra direito. Costure a 1 cm da borda e feche apenas uma das extremidades. Vire para o direito e faça um pesponto em volta a 2mm das bordas. Alinhave cada tira pelo direito, nos lados da barra central, ao nível da cintura, pela extremidade não-costurada.

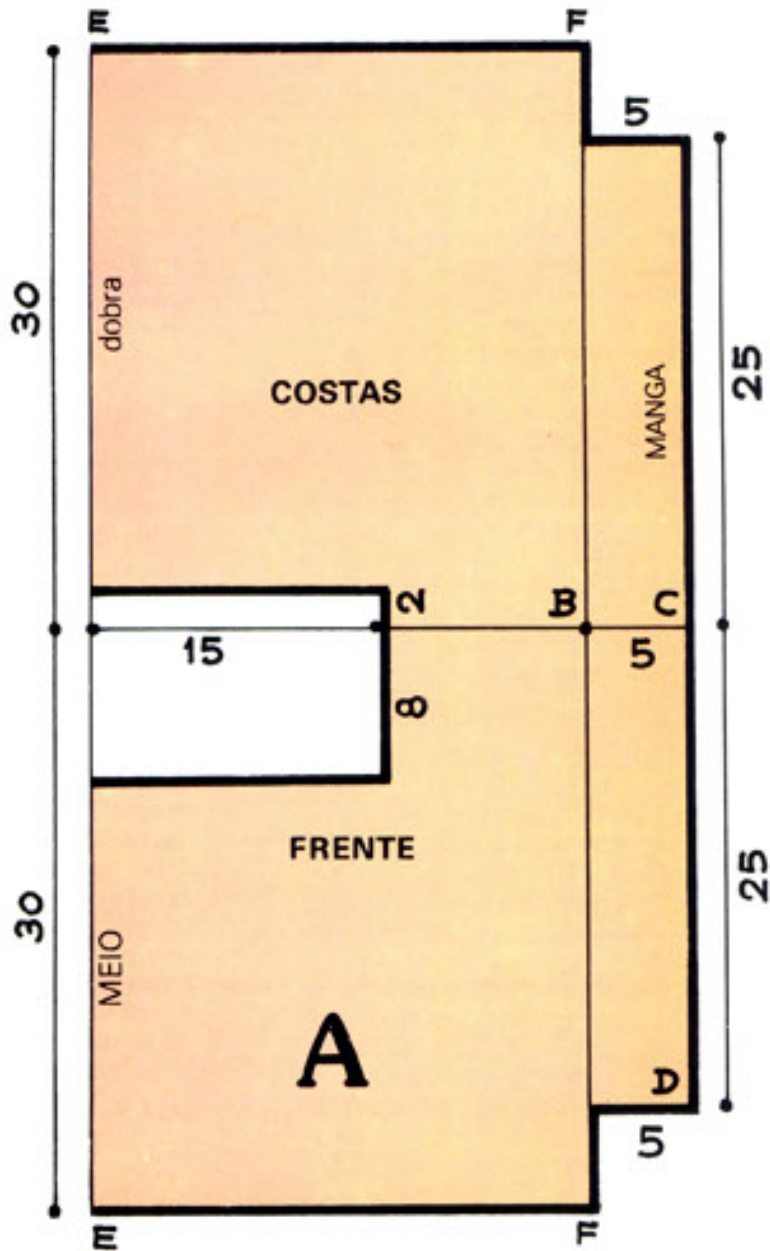
4. Dobre o vestido pela linha dos ombros, direito contra direito, fazendo a perfeita coincidência das barras. Feche as costuras laterais e a pequena costura inferior das mangas. Faça um pique na margem interna do ângulo desta pequena costura e vire o vestido para o direito. Abra as costuras com o ferro e chuleie as margens internas.

5. Faça uma bainha de 3 cm nas mangas e na barra inferior do vestido.



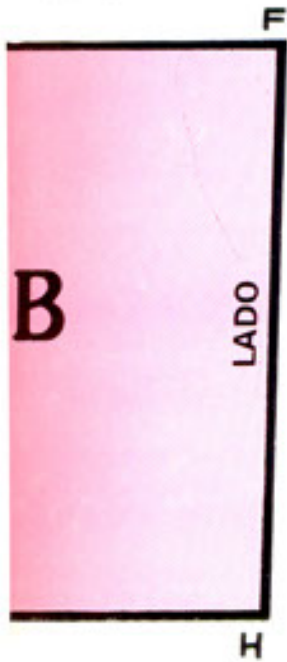
Veja como os esquemas A, B e C – detalhados na página seguinte – se unem pelas letras .

ESQUEMAS DO VESTIDO

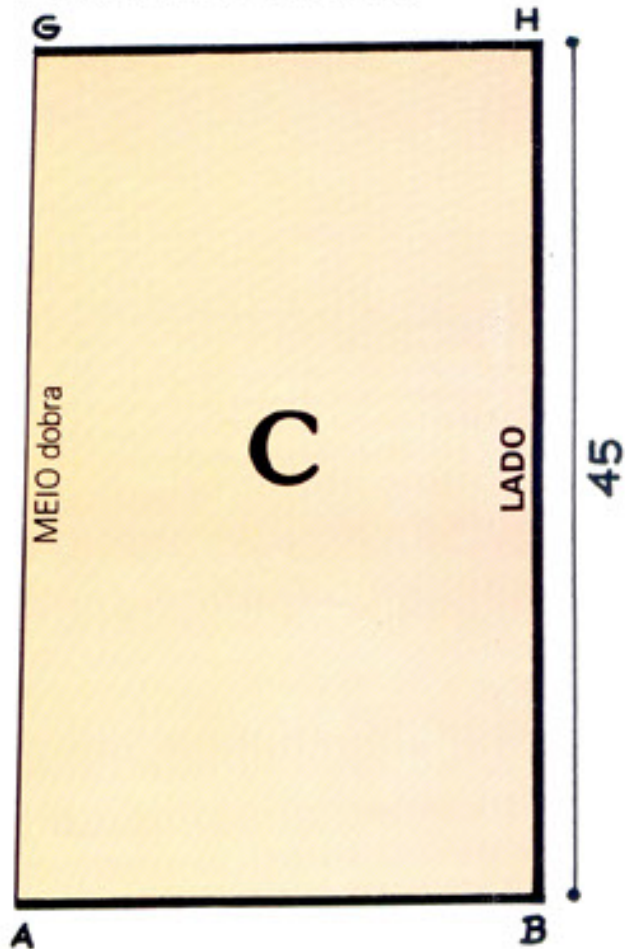


Neste esquema você tem a parte superior do vestido, vendo-se claramente o decote e a manga.

Este molde corresponde à faixa de outra cor que divide o vestido em duas partes. Tem que ser cortada duas vezes, uma para a frente e outra para as costas.

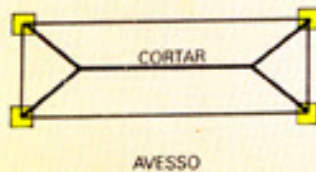


Esta é a parte de baixo do vestido. Tem que ser cortada duas vezes, uma para a frente e outra para as costas.

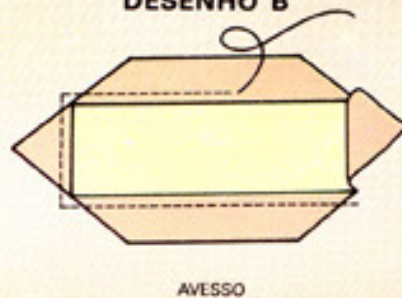


DESENHOS DO DECOTE

DESENHO A



DESENHO B



Como foi explicado na pág. 15, cole quatro pedaços de entretela nos cantos.

O CANTINHO DE COSTURA

Para que o seu trabalho transcorra tranqüilo e sem atropelos, é preciso que você reserve um local adequado para ele. O ideal seria um cantinho especial de costura, em que pudesse ter um isolamento natural e deixasse os trabalhos como estão, sem necessidade de recolher e arrumar tudo, todas as vezes que chega uma visita inesperada ou a família começa a reclamar que é hora do almoço ou do jantar.

POSSIBILIDADES DE ESPAÇO

Se puder, isto é, caso a sua casa ou o seu apartamento permita, destine um dos quartos para o seu lugar de costura. Mas se não for possível, escolha o recanto mais reservado do lar para o trabalho, num dos quartos de dormir, jamais na sala, seja na de jantar ou de estar.

Quarto de costura – Deve ser claro, bem iluminado e pintado de branco. Como são quatro os principais elementos para o exercício da costura – a máquina, a mesa de corte, a tábua de passar a ferro e um armário para guardar tecidos e roupas em andamento de confecção – você deve distribuí-los de maneira a obter o maior rendimento possível do seu trabalho.

A máquina de costura e a mesa de corte devem ficar próximas à janela, perpendicularmente a ela, de maneira a receber a luz pela direita durante o dia. Procure evitar a luminosidade em excesso ou que a luz do sol incida diretamente sobre o seu trabalho. Se isso acontece – pela posição do quarto – a colocação de persianas solucio-

nará o problema. Quando trabalhar à noite, a luz artificial deve iluminar o lugar de trabalho generosamente, sem provocar zonas de sombras. Para a máquina de costura, a luz deve ser próxima e direta pelo que, muitas delas já vêm equipadas com um mecanismo próprio. Para a iluminação geral, de teto, a luz fluorescente é mais aconselhável do que a lâmpada comum, porque difunde a luz com mais uniformidade. Uma luminária, presa diretamente à mesa de corte, é muito útil quando se trata de trabalhos minuciosos, como bordados e acabamentos.

Os demais elementos – tábua de passar e armário – podem ser colocados onde for melhor para a sua comodidade de movimentação. Tenha bastante cuidado na disposição dos fios da máquina de costura e do ferro de passar, evitando tanto quanto possível, a possibilidade de tropeçar neles.

Recanto de costura – Se tiver de reservar um cantinho de costura, escolha um que tenha espaço suficiente para colocar a máquina de costura – em caráter permanente –, a mesa de corte e a tábua de passar – em caráter provisório –, sem prejudicar o seu conforto. A posição destes elementos devem obedecer, tanto quanto possível, as exigências já mencionadas em relação ao quarto de costura. Para melhor remoção da mesa de corte, o melhor é que ela seja dobrável, a fim de que possa ser fechada e acomodada num lugar acessível, como atrás de uma porta ou embaixo de uma cama.

OS UTENSÍLIOS DE COSTURA

Além dos quatro elementos básicos, essenciais para o trabalho do corte e da costura, existe aquela grande variedade de utensílios e materiais, sem os quais os elementos básicos não funcionariam em absoluto: são as tesouras, as agulhas, as linhas, os botões, etc. Planifique uma arrumação racional e sistemática deles sem desperdiçar espaço e de maneira que estejam sempre ao alcance da mão, sem perder um tempo precioso em procurá-los ou em levantar-se a toda hora para apanhá-los.

Há alguns truques ou expedientes, baratos e simples, que você pode usar para guardar seus utensílios de costura. Por exemplo, não jogue fora seus potes de geléia. Limpe-os bem e neles guarde botões, carretéis de linha, fitas, zíperes, etc. São ótimos para manejar porque, sendo de vidro, revelam de imediato aquilo que contêm.

Se você não dispõe de espaço livre em seus armários para guardar cortes de tecido ainda não utilizados, faça-o em malas ou maletas de viagem que, praticamente existem em todas as casas.

Para evitar possíveis acidentes durante o seu trabalho, não esqueça de tomar sempre algumas precauções simples: 1) Verifique se as tomadas e os fios elétricos estão em perfeitas condições, para impedir choques ou curtos circuitos. 2) Desligue os aparelhos elétricos quando não precisar deles. 3) Não deixe os fios elétricos passarem por lugares onde você possa facilmente tropeçar neles.



Quem estudou zoologia no colégio sabe que todos os animais são classificados em classe, família, subfamília, etc., até chegar a uma divisão que é a do gênero, formado pelas espécies. Os animais pertencentes ao mesmo gênero guardam entre si características semelhantes, inclusive o tamanho. Sendo um animal, o homem não poderia fugir à classificação zoológica. Pertencente ao gênero "homo", ele apresenta um tamanho médio, com pequenas diferenças, sobretudo se pertence a grupos étnicos diferentes.

Dentro da mesma etnia, o homem varia pouco em suas medidas, que guardam uma certa proporcionalidade entre si, não se levando em conta aqui os casos de excepcionalidade como o gigantismo, a obesidade, o nanismo, etc. As variações das medidas, aparentemente insignificantes, ganham importância quando se trata do problema das roupas industrializadas. Por este motivo, as medidas que mantêm entre si uma proporcionalidade constante, foram reunidas em agrupamentos a que se convencionou chamar de manequim, que geralmente se estende desde o 36 até os grandes, como o 50 ou 52. Há países, como na França, em que as medidas de cada manequim são regulamentadas, de modo que o manequim 42, por exemplo, mantêm as mesmas medidas em qualquer confecção, esteja ela em Paris, Marselha ou Cannes. Aqui no Brasil tal não acontece, e nem todas as confecções usam o mesmo sistema de medidas. Os quadros desta lição mostram as medidas dos vários manequins, tanto quanto possível, próximas a uma média geral, isto é, com pequenas variações de confecção para confecção.

Por meio deste quadro poderá comparar as próprias medidas e verificar a que manequim pertence o seu corpo, facilitando assim o corte por meio de moldes que já vêm com o manequim fixo ou então a compra de roupas prontas. Naturalmente as medi-

das, muitas vezes não combinarão em todos os pontos, de modo que o manequim correspondente será aquele em que as medidas coincidirem em maior número de vezes, ou que mais se aproximarem no conjunto. Na realidade as três medidas principais, que carregam atrás de si todas as demais, são as do busto, cintura e quadris.

Quando a moda ajusta a roupa ao corpo, a compra no "prêt-à-porter" se torna mais difícil e os concertos mais freqüentes, porque a correspondência das medidas se torna mais exigente. Quando porém a moda solta a roupa do corpo, tornando-a larga e confortável, a indústria da confecção ganha muito com isso, uma vez que as roupas podem cair bem, sem que haja uma correspondência íntima de medidas.



Lição 2

TABELA DE MANEQUINS

TABELA DE MEDIDAS MASCULINAS PARA CALÇA

MEDIDAS FUNDAMENTAIS	MANEQUINS								
	36	38	40	42	44	46	48	50	52
QUADRIS	84	88	92	96	100	104	110	116	122
GANCHO	49,5	51	52,5	54	57	60	63	67,5	72
ALTURA DO GANCHO	21,5	22	22,5	23	24	25	26	27,5	29
ALTURA DO JOELHO	52	53	53	54	54	55	55	56	56
COMPRIMENTO	93	94	95	96	97	98	100	100	102

TABELA DE MEDIDAS MASCULINAS PARA CAMISA

MEDIDAS FUNDAMENTAIS	MANEQUINS								
	36	38	40	42	44	46	48	50	52
COMPR. DO TÓRAX	44	45	46	48	50	52	54	56	56
OMBRO	14	14	14,5	14,5	15	15	15,5	16	16,5
COSTADO	40	40	41	41	42	42	43	44	45
TÓRAX	80	84	88	92	96	100	106	112	118
PESCOÇO	34	35	36	37	38	39	40	42	44
LARGURA DO BRAÇO	25	26	27	28	30	32	34	36	38
COMPR. DO BRAÇO	55	56	57	58	59	60	60	61	61
PUNHO	15	15	16	16	17	18	18	19	20
CINTURA	70	74	76	78	82	86	92	98	104

Resolvemos fazer tabelas separadas para as medidas masculinas porque nos orientamos pelos padrões da nossa indústria de roupas para homens, segundo os quais, os tamanhos com os quais se compra uma calça nunca são os mesmos com os quais se compra uma camisa ou um blusão.

Para quem quiser comprar roupa pronta, as medidas das nos-

sas tabelas já fornecem com bastante precisão o tamanho de cada um para a escolha da roupa desejada.

Se vai tentar costurar para seu marido, seus filhos ou irmãos, as tabelas não serão de grande utilidade, já que irá aprender a costurar as roupas nas medidas particulares de cada um.

TABELA DE MEDIDAS FEMININAS

MEDIDAS FUNDAMENTAIS	MANEQUINS								
	36	38	40	42	44	46	48	50	52
COMP. BLUSA FRENTE	40	41	42	43,5	45	47	48,5	49	50
OMBRO	11	11,5	12	12,5	13	13,4	13,5	14	14
COSTADO	34	35	36	37	38	39	39	40	40
BUSTO	80	84	88	92	96	100	106	112	118
ALTURA DO BUSTO	17	18	18	18	18	18	18	19	19
SEPARAÇÃO DO BUSTO	17	18	18	19	20	21	22	23	24
CINTURA	62	64	66	68	72	76	82	88	94
LARGURA DO BRAÇO	25	26	27	28	30	32	34	36	38
ALT. DO COTOVELO	28	29	30	31	32	33	33	34	34
COMP. DO BRAÇO	53	54	54	55	56	57	57	58	58
PUNHO	14	14	15	15	16	16	17	17	18
QUADRIS	86	90	94	98	102	106	112	118	124
ALT. DO JOELHO	52	53	54	55	55	56	56		57
GANCHO	60	61,5	63	66	69	72	75	79,5	84
ALTURA DO GANCHO	25	25,5	26	27	28	29	30	31,5	33
COMPRIMENTO LONGO	100	102	104	106	108	108	110	110	110

As medidas que se encontram nesta tabela não correspondem, em sua totalidade, às medidas utilizadas em nossas fábricas de confecção. Elas se aproximam o mais perto possível de uma média, já que não há uma uniformidade de padrão para as medidas de cada manequim. É por este motivo que nenhuma brasileira tem um manequim fixo, podendo vestir, ora o 42, ora o 44 e até mesmo o 46, dependendo da confecção responsá-

vel pela fabricação da roupa.

Como, através do nosso curso, todas as pessoas aprenderão a cortar nas suas próprias medidas, esta tabela só lhe vai ser útil, se quiser usar os moldes "Gil Brandão" ou então trabalhar profissionalmente em confecção.

TABELA DE MEDIDAS INFANTIS

MEDIDAS FUNDAMENTAIS	IDADES												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
COMP. BLUSA FRENTE	24	26	27	28	29	30	32	34	35	36	37	38	40
COMP. BLUSA COSTAS	23	25	26	27	28	29	31	33	34	35	36	37	39
OMBRO	6,5	7	7,5	8	8	8,5	9	10	10	10,5	10,5	11	12
COSTADO	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	35
BUSTO	52	54	56	58	60	62	64	68	70	72	74	78	80
CINTURA	52	52	54	56	58	58	60	60	60	62	62	62	64
PESCOÇO	24	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	34
CAVA	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	36
QUADRIS	56	58	60	62	64	66	68	70	72	74	78	82	86
COMPR. DA SAIA	21	22	23	25	28	31	34	37	39	43	47	50	54
GANCHO	38	40	41	42	44	45	46	48	50	52	54	56	58
COMPR. DA CALÇA	48	50	52	56	58	65	70	72	74	78	82	86	90
COMPR. DO BRAÇO	28	30	32	34	36	38	40	42	44	48	50	52	54

O desenvolvimento infantil é extremamente variável, o que torna bastante difícil elaborar um sistema de medidas para cada idade. Disto resulta ser freqüente crianças vestirem roupas para idades diferentes da sua idade real, ora maiores, ora menores. As medidas desta tabela não são rigidamente específicas a cada idade, mas a uma média a mais próxima possível do desenvolvimento normal da criança.

Como acontece nas outras tabe-

las, esta só lhe servirá no caso de pretender dedicar-se à confecção infantil, já que, através do nosso método, aprender a fazer roupinhas baseadas nas medidas particulares de cada criança.



UTENSÍLIOS DE COSTURA

Os bons utensílios, em qualquer espécie de atividade manual, estimulam a perfeição do trabalho, ao mesmo tempo que poupam tempo e dinheiro. Na costura, como em todos os demais ofícios, os profissionais procuram empregar somente os melhores utensílios – dentro das possibilidades econômicas do profissional e das possibilidades nativas de fabricação – conservando-os sempre em boas condições. Por isso, nunca se esqueça deste bom conselho: tenha sempre à mão bons utensílios de costura, cuidando deles com o máximo de carinho, como se fossem os objetos mais frágeis do mundo.

Dos utensílios de costura, alguns são absolutamente necessários e indispensáveis, como a tesoura, a fita métrica, o ferro de passar, a máquina de costura, etc., enquanto outros, apesar de extremamente úteis, não são indispensáveis, como marcadores de bainha, tesouras de picotar, esquadros e muitos outros. A seguir, comentaremos alguns utensílios indispensáveis e outros facultativos, mas de muita utilidade para trabalhos especiais.

MESA DE CORTE

A mesa de corte é um elemento de grande importância para que o trabalho transcorra com facilidade, permitindo melhores resultados. Quem não tiver uma mesa especialmente destinada para costura, poderá utilizar uma tábua de dimensões adequadas ou uma mesa com dobradiças, que pode ser guardada facilmente em qualquer lugar. Para cortar o tecido, é indispensável que a superfície da mesa ou da tábua meça aproximadamente 1,80m de comprimento por 0,90m de largura no mínimo e à qual se possa ter acesso por todos os lados ou, pelo menos, por dois deles. Em caso de necessidade, poderá usar a mesa de corte para colocar a máquina de costura, se esta for portátil e não dispuser de móvel próprio. Com isso, economizará espaço. A mesa também é útil para dispor as diversas partes de uma roupa, à proporção que se vai costurando, a fim de poder-se avaliar o efeito do trabalho.

TÁBUA DE PASSAR

Enquanto se costura, deve ser posta, sempre ao alcance da mão, uma tábua de passar bem forrada. As mais práticas são as tábuas dobráveis, dessas que se encontram facilmente no comércio, por serem fáceis de guardar num canto discreto, sem ocupar muito espaço. As de armação de metal são mais duráveis do que as de madeira, embora sejam um pouco mais caras. É aconselhável recobri-la com morim branco, de maneira a ser facilmente renovável quando se suja: uma cobertura com sujeira pode provocar acidentes desastrosos em tecidos claros.

Para completar o serviço inestimável que o ferro presta a uma boa costureira, existem acessórios que complementam a passagem a ferro. Os mais importantes são:

a) **O passa-mangas e a almofada** – Estes elementos costumam vir incorporados à tábua de passar, à qual se prendem por meio de um pino, que lhes permite a rota-

ção: A maioria das mulheres, entretanto, tem o péssimo hábito de colocá-los de lado, sem utilização. No entanto, o passa-mangas – que os franceses chamam de “jeannette” – é de grande utilidade para pequenos detalhes: passagem a ferro de costuras e detalhes em peças estreitas da roupa, como ombros, mangas, uma bainha curta, pequenas peças cilíndricas, bem como uma ou outra costura recalcitrante. Em geral, essa tabuinha de passar vem apenas recoberta de tecido ordinário. É preciso que você a envolva com uma ou duas camadas de um cobertor grosso e depois recubra com morim branco. A almofada tem a forma de um grande ovo recheado, servindo para a passagem de peças galbeadas ou para o alisamento do embeblimento em peças curvas, como as mangas.

b) **Luva de costureira** – É uma pequena almofada, com recheio firme, tendo embaixo uma bolsa para a introdução da mão no momento de ser usada. Serve para passar a ferro pequenas superfícies curvas da roupa, como a parte superior das mangas, por exemplo.

c) **Almofada de alfaiate** – É uma almofada redonda, com um diâmetro 5 cm maior do que a base do ferro. As bordas são mais delgadas do que o centro para que a superfície fique curva. É própria para passar a ferro zonas modeladas, como as pences de busto ou de quadris e as costuras curvas. Serve também para dar a forma arredondada das golas, antes de serem montadas.

d) **Rolo de passagem a ferro** – É uma almofada comprida, de forma cilíndrica, recheada bem firmemente. É utilizada para passar a ferro costuras em peças muito estreitas ou longas costuras curvas. Quando não se possui o rolo, você pode substituí-lo por uma revista grossa enrolada e revestida por um pano limpo.

e) **Batente** – Consiste num bloco de madeira, de superfície suavemente arredondada, que se usa para obter vincos bem defi-

nidos em tecidos pesados. Nos seus lados existem ranhuras que permitem segurá-lo com mais firmeza. É usado principalmente pelos alfaiates, mas você pode utilizá-lo para obter vincos acentuados nas suas calças ou pregas bem marcadas em suas saias.

FERRO DE PASSAR

Saiba escolher bem o ferro de passar com o qual você vai trabalhar. Gaste um pouco mais, porém adquira um de boa qualidade, que não enguice a toda hora. Desnecessário dizer que os mais usados atualmente, numa gama enorme de modelos, são os ferros elétricos. Entre eles, os mais aconselháveis são aqueles que possuem um termostato regulável automático, permitindo que a temperatura do ferro não ultrapasse o nível máximo suportado em cada espécie de tecido. Para isso eles possuem um pequeno disco girável com as necessárias indicações. Há também os que possuem um reservatório de água e apresentam a superfície de passagem cheia de pequenos furos, por onde escapa o vapor, evitando assim a umidificação prévia do tecido ou a utilização do pano úmido. Se você adquirir um ferro desse tipo, só use água filtrada no reservatório, pois a água comum pode deixar um depósito que acaba por entupir os furos.

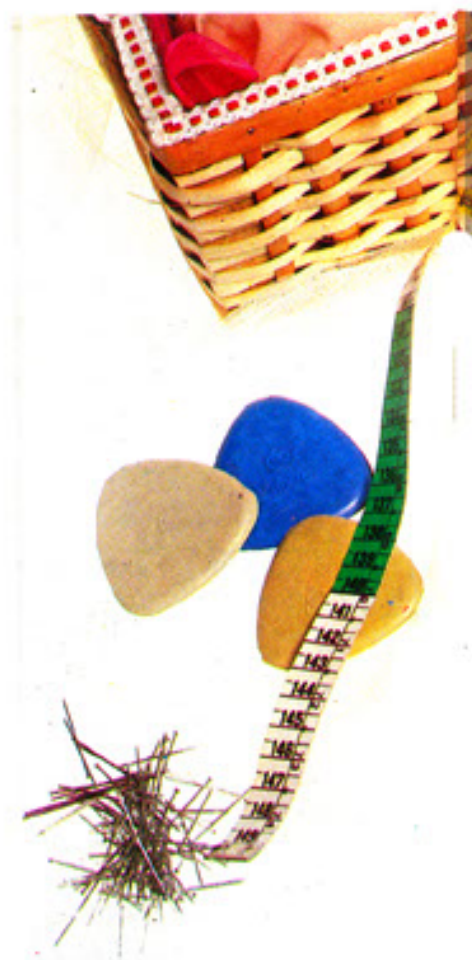
Um bom ferro deve ter a alça de segurar bem isolada e com uma forma bem adaptada à mão — quando esta alça é aberta, facilita certos trabalhos. A superfície de passar deve ter as bordas bisotadas que então, comportam uma ranhura, ou seja, uma reentrância alongada como um sulco, para facilitar a passagem do ferro por baixo dos botões, sem prejudicá-los. Na Europa e nos Estados Unidos, existem ferros especiais para franzidos, veludos, mangas-balão, etc. mas aqui no Brasil temos de nos contentar com os modelos comuns que se encontram à venda.

TESOURAS

O ideal é possuir quatro tesouras: duas tesourinhas de tamanhos diferentes para cortar linhas e pequenos arremates e duas tesouras grandes, de 18 e 24 cm de comprimento, adequadas para cortar tecidos. Não as use para cortar papel, que as cega com facilidade, tendo para este trabalho, uma tesoura especial. Devem ser de aço de primeira qualidade, o que lhes confere maior durabilidade embora as torne mais caras. Convém conservá-las sempre afiadas e, quando se pretende cortar tecidos mais pesados, é prudente mandar afiá-las previamente. Deve-se tomar o cuidado de não deixá-las cair a todo momento, pois isto as prejudica. Há muitos tipos de tesoura: **tesoura de loja**, que tem as pontas arredondadas e anéis iguais; **tesoura de cortar**, de pontas finas e com um dos anéis maior para dar passagem a dois dedos, o que dá maior firmeza no corte; **tesoura de costura**, de pontas finas e anéis iguais, ideal para consertos, alterações e pequenos trabalhos de corte; **tesoura de cortar**, de tamanho grande, com uma ponta fina ou outra arredondada e um dos anéis bem maior e ovalado, própria para o corte de peças grandes, uma vez que pode apoiar-se na superfície de corte; **tesoura de cortar com anéis revestidos de matéria plástica**, mais moderna e mais leve do que a tesoura tradicional e finalmente a **tesoura de picotar**, muito prática porque, ao cortar o tecido, deixa uma borda em ziguezague, que evita a fazenda se desfiar, poupando o trabalho do chuleio. É, por conseguinte, excelente para arrematar as bordas das margens internas de costura e para fins decorativos. Evidentemente, não deve ser usada para cortar moldes em papel.

ALFINETES

Os alfinetes são elementos indispensáveis na costura. Servem para prender os moldes no tecido, no momento do corte, como para marcar as correções a serem



feitas, na hora da prova. Devem ser finos e inoxidáveis. Para poupar tempo e trabalho, a leitora não deve esquecer que os alfinetes são usados em profusão. Para que se conservem limpos, depois de usá-los, guarde-os numa caixinha, uma vez que alfinetes sujos ou enferrujados mancham o tecido. No momento da prova, é aconselhável, por ser muito prático, usar uma pequena almofada de alfinetes, presa ao pulso esquerdo por uma fita. Este procedimento evita que se coloquem os alfinetes entre os lábios o que, além de perigoso, impede de falar.

Os alfinetes são fabricados em vários tamanhos, sendo os números mais utilizados os 6, 7 e 8. Quando você trabalha com tecidos leves e delicados, dê preferência aos alfinetes pequenos e finos. Os alfinetes podem ser feitos de latão, em geral niquelado, de ferro ou de aço inoxidável. Estes últimos são os



preferidos, já que os de ferro enferrujam com facilidade e os de latão deixam, com frequência, marcas no tecido. Existem também os alfinetes de cabeça redonda e colorida – geralmente importados – que são ótimos para marcações.

CARRETILHA

A carretilha é um utensílio de fácil aquisição pelo seu baixo preço. É constituída por um cabo de madeira e uma parte metálica que serve de apoio a uma roda giratória serrilhada ou dentada, destinada a fazer marcações de linhas. Prefira as carretilhas de dentes miúdos e as de melhor qualidade, já que as baratas têm uma roda que enguiça a toda hora, bamboleando para um lado e para o outro, além de emperrar no rolamento. Não é indispensável, mas é um ótimo auxiliar na marcação de linhas, sinais, etc. assim como no transporte de moldes quando se traça os moldes

no papel.

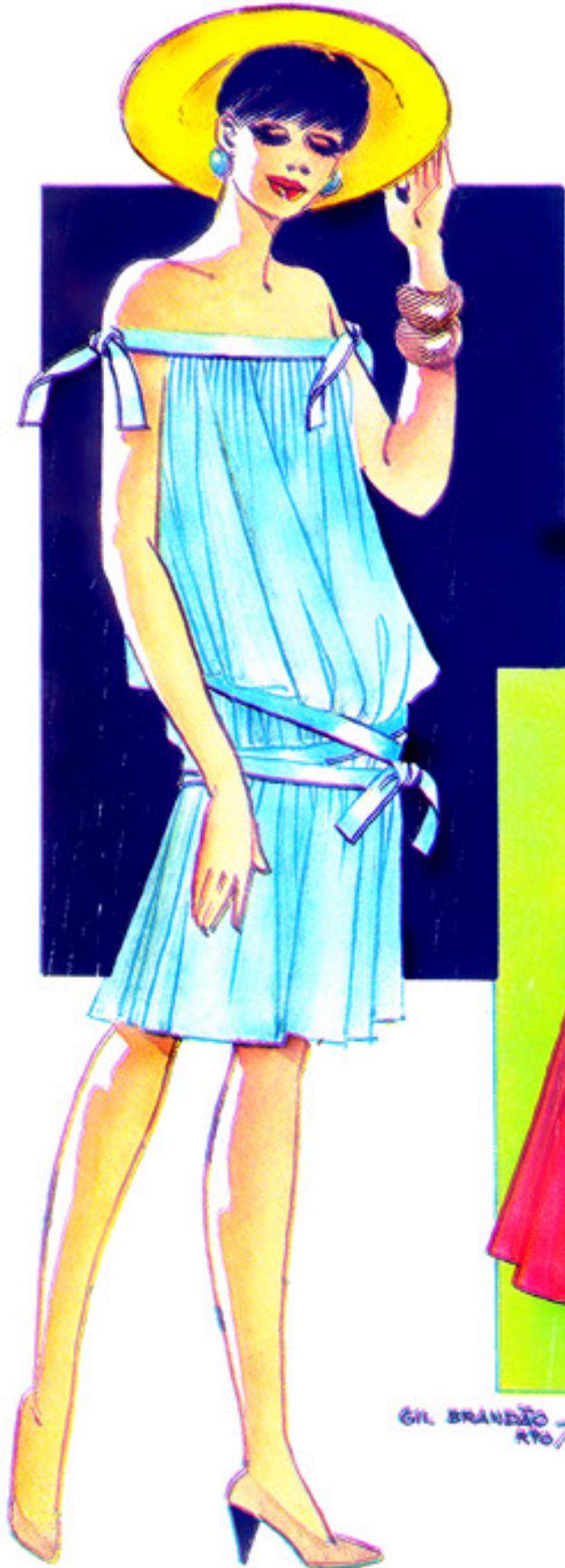
Quando se corta o molde no tecido dobrado, pode-se passar o contorno com a carretilha para o outro lado. É evidente que isto só pode ser feito nos tecidos firmes de algodão, linho e seda, ou nos sintéticos, sendo completamente inútil nas sedas flexíveis – como o jêrsei – ou nas lãs grossas – do tipo “tweed”. Não use jamais a carretilha com o papel carbono (a não ser no traçado em papel), porque pode haver o perigo dos dentes da carretilha levarem a tinta do carbono para o direito do tecido. Para proteger a mesa e permitir que as marcas da carretilha fiquem mais nitidas, use por baixo do papel ou do tecido com que está trabalhando, uma folha de cartão ou mata-borrão.

GIZ DE ALFAIATE

Vale a pena você ter em sua cesta de costura, alguns pedaços

de giz de alfaiate. É de grande utilidade para o transporte de marcações do molde e são muito bons para marcar o comprimento das saias amplas, principalmente as godês. Não gostamos de utilizar o giz para contornar todo o molde, não só porque o traço pode se apagar com facilidade, como a borda, a princípio afiada, logo se torna rombuda, aumentando o contorno do molde, sobre tudo nas linhas curvas, que não ficam bem traçadas. As boas maneiras de transportar o molde para o tecido serão dadas em lições próximas.

Outra utilidade do giz de alfaiate, que não se deve desprezar, é auxiliar bastante nas marcações das provas, evitando o uso exagerado de alfinetes. Há quem prefira, não sem uma certa razão, usar lápis de cores com grafite mole, em vez de giz, porque o traço é mais duradouro e não se apaga com tanta facilidade.



INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



VESTIDO INCRIVELMENTE FÁCIL



GIL BRANDÃO
RTO/83

Como ainda não dispomos de elementos para o corte de vestidos ou roupas com maiores detalhes, continuamos a dar a maneira de executar vestidos extremamente simples, que não exijam nenhum conhecimento prévio de corte. Basta, evidentemente, saber manejar uma máquina de costura.

Este modelo, que agora propomos, é leve, bem decotado, amplo e pode ser feito em duas horas no máximo. É todo franzido no decote, que se mantém no lugar às custas de uma fita de cetim amarrada nos ombros. Outra fita de cetim amarra o vestido na altura dos quadris, depois de dar várias voltas em torno do corpo. Note que a fita deve ser da mesma cor do vestido. Por outro lado, você poderá usá-lo solto. Como um vestido para gestantes, por exemplo.

TECIDO

Jérsei, crepe ou qualquer tecido de queda fácil e flexível.

METRAGEM

Meça no corpo a altura do vestido e acrescente mais 14 cm, dos quais, 10 cm se destinam ao blusante do amarrado nos quadris – ou na cintura se assim desejar – e os 4 cm restantes para costura do decote e bainha. Compre então duas vezes esta altura de um tecido que tenha 1,40 a 1,60m de largura.

MOLDE

Não há necessidade de cortar o molde no papel. O esquema vai servir apenas de orientação. Pegue o tecido e corte-o ao meio, no sentido atravessado, separando as duas alturas. Aplique os dois panos, um sobre o outro, direito contra direito e costure os lados, ao longo das orelhas, a 3 cm de distância das bordas. Se as orelhas repuxam o tecido, não hesite em cortá-las fora. Neste caso, chuleie então as beiras internas das costuras.

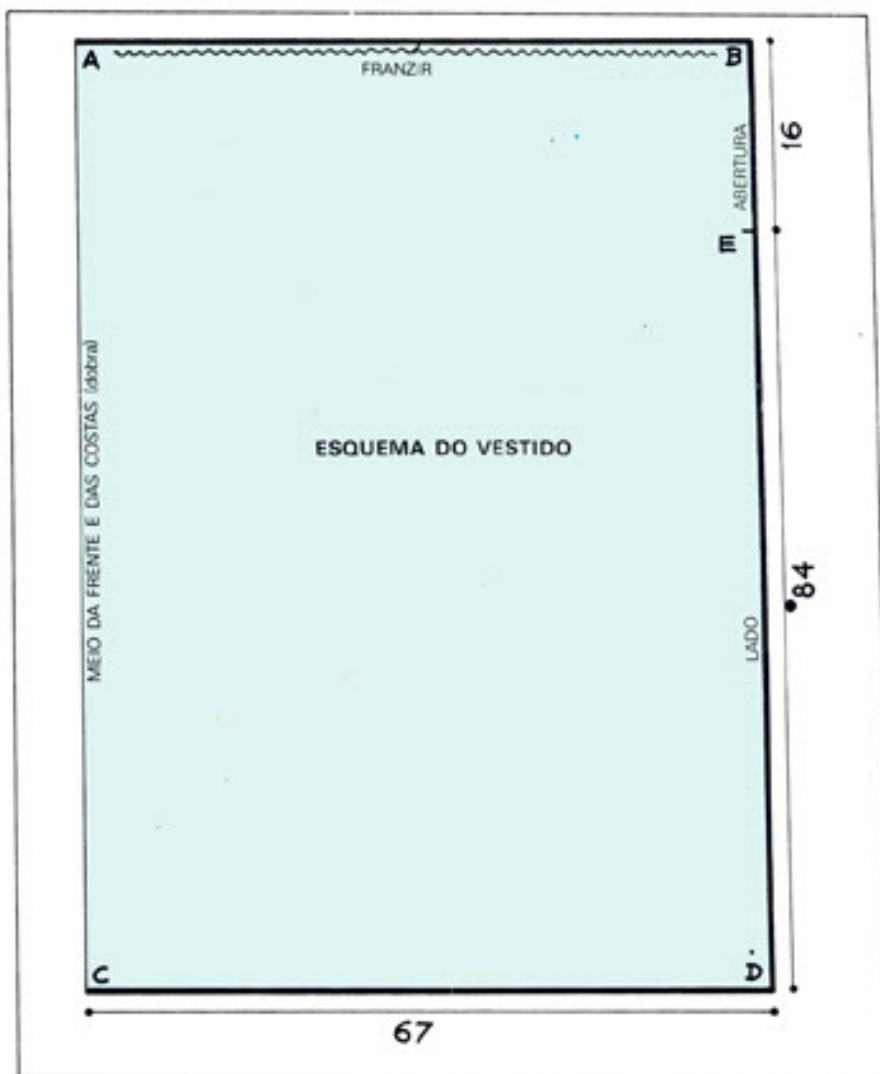
As costuras devem parar a 16 cm da borda superior, a fim de deixar aberturas, que vão funcionar como cavas. As próprias margens de costura, dobradas para dentro, servirão de arremate para

as aberturas. Embaixo, faça uma bainha de 2,5 cm de largura, a máquina ou a mão, se quiser um trabalho mais fino.

Decote – Franze a borda superior, frente e costas, até reduzi-la a distância de axila a axila – em média 30 cm. Corte quatro pedaços de uma fita de cetim da mesma cor do vestido, tendo cada pedaço 1,00m de comprimento e 2,5 a 3 cm de largura. Faça duas tiras, aplicando as fitas, duas a duas, avesso contra avesso e fixe a borda superior com um pesponto a 1mm da beira. Enfie a borda franzida do decote entre as duas espessuras da fita e prenda com outro pesponto que continuará fixando as duas espessuras ao longo das pontas que ficam soltas. Arremate as extremidades, virando pequenas dobras para dentro e pespontando.

Cinto – Multiplique a medida dos seus quadris por três e some 50 cm ao resultado para fazer o nó. Compre então a mesma fita do decote, numa metragem igual ao dobro da medida encontrada. Corte a fita em dois pedaços iguais e aplique-os um sobre o outro, avesso contra avesso. Fixe-os então com dois pespontos, cada um a 1mm da borda. Desta maneira, a fita ficará dupla e sem avesso. Arremate as extremidades de modo semelhante à da fita do decote.

Observação – Você pode amarrar as fitas do decote sobre os braços, horizontalmente ou puxá-las para cima a fim de amarrá-las sobre os ombros. Se não gostar da fita em volta dos quadris, pode substituí-la por uma faixa ou um simples cinto.



A BOA EXECUÇÃO DAS PENCES

As pences, como vocês sabem – ou, pelo menos, a maioria deve saber – são pregas piramidais costuradas que formam um bojo em sua extremidade pontuda. Por isso, são usadas em todas as peças do molde que requeiram este bojo para modelar uma saliência qualquer do corpo, como o busto, os quadris, a omoplata, o cotovelo, etc. Quando a moda tende para as roupas folgadas, soltas sobre o corpo, envolvendo-o sem contudo modelá-lo, as pences perdem a sua função e desaparecem quase por completo. Quando, ao contrário, a moda exige vestidos colantes, bustos em evidência, roupas bem estruturadas, elas voltam a ser utilizadas, nem que sejam disfarçadas dentro de recortes, como veremos em nosso curso. Seja como for, como só temos compromisso com a estrutura das roupas e não com a moda vigente, sentimos na obrigação de abordar o problema das pences. Como não são muito bonitas, as pences precisam ser trabalhadas com bastante cuidado, para se tornarem delicadas e quase invisíveis, a menos que delas se queira tirar partido plástico.

O valor do bojo, maior ou menor, de uma pence, depende da relação entre a sua altura e a sua profundidade. A *altura* é a distância entre a base e a ponta, medida no eixo da pence, ou seja, a linha que divide a pence exatamente na metade e corresponde à dobra do tecido no avesso, depois que a pence for costurada. A *profundidade* é a distância entre os lados da pence, tomados em sua base. Podemos dizer que o valor do bojo varia na razão inversa da relação entre a altura e a profundi-

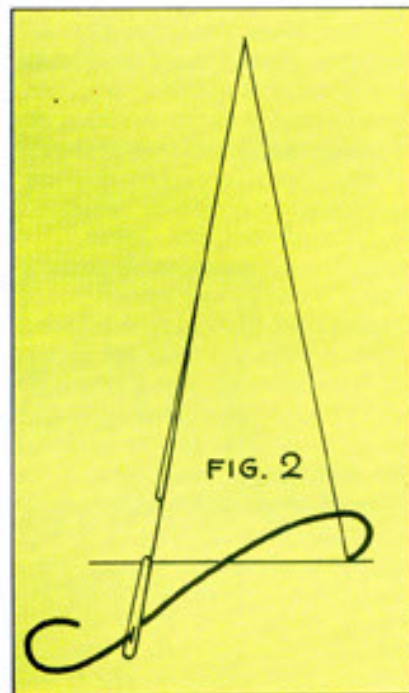
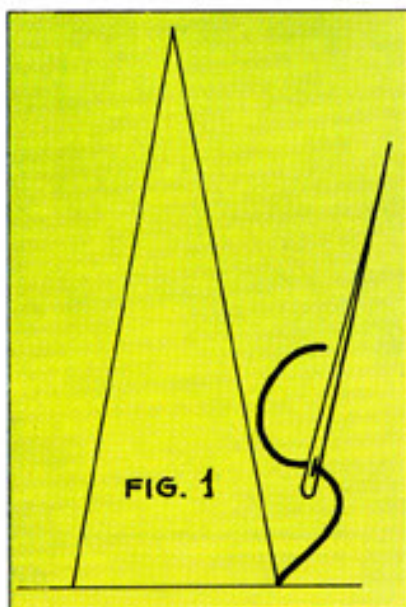
dade. Isto quer dizer que, quanto mais alta a pence em relação à profundidade, menor é o bojo: a pence é fina, delgada. Quanto mais baixa, maior é o bojo: a pence é gorda, larga. Por este motivo, você pode corrigir uma pence que está formando um bojo excessivo, aumentando-lhe um pouco a altura ou diminuindo-lhe a profundidade. Faça o inverso quando há necessidade de aumentar um bojo deficiente.

COMO ALINHAVAR UMA PENCE

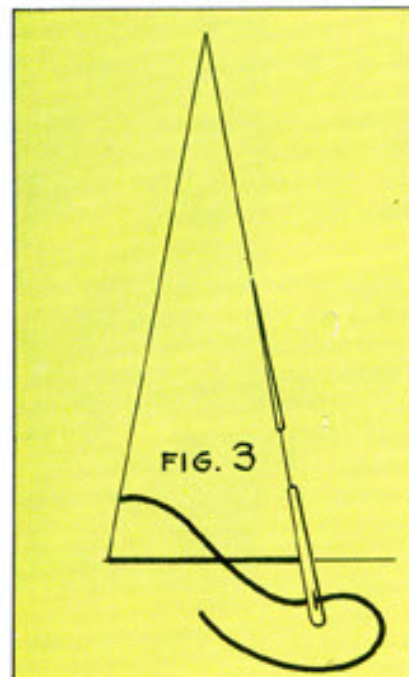
Muitas costureiras têm seus métodos próprios de alinhar uma pence. Contudo, reputamos o mais prático aquele que passamos a ensinar.

Como é mais fácil o trabalho pelo lado direito, torna-se necessário que a pence esteja marcada com alinhavos visíveis pelo direito, já que não se pode indicá-la com um traço de lápis que, inevitavelmente, sujaria o direito do vestido. Nos desenhos, para maior clareza, o contorno da pence foi feito com um traço fino contínuo que, na realidade, indica o alinhavo marcador da pence.

Pelo nosso processo, não há necessidade de dobrar o tecido para fechar a pence. O trabalho é feito com ela aberta. Em primeiro lugar, enfie a agulha pelo avesso no canto direito da base da pence, saindo com ela pelo direito (fig. 1).



Torne a enfiar a agulha no canto oposto pelo direito e saindo um pouco acima no próprio contorno da pence (fig. 2). Ao puxar a agulha, você lançou um fio horizontal que cobre a base da pence no lado direito da roupa. Mais uma vez, volte com a agulha para o lado



oposto, enfie-a e saia com ela um pouco acima, sempre no contorno da pence (fig. 3). Está lançado assim o segundo fio horizontal, um pouco acima do primeiro. Torne a

repetir o mesmo procedimento no lado contrário, a fim de lançar o terceiro fio horizontal (fig. 4).

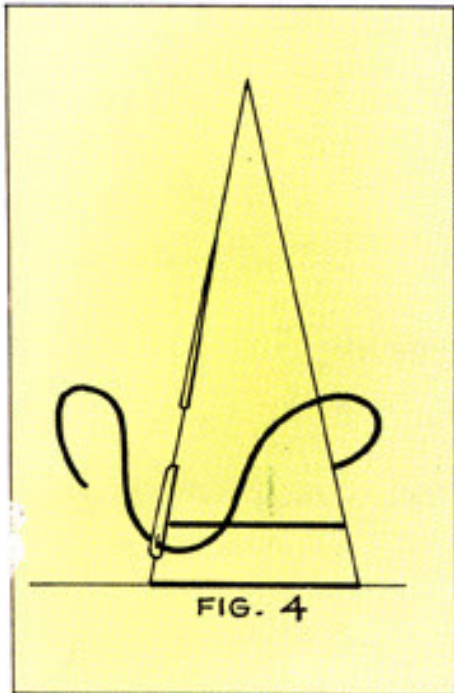


FIG. 4

Continue assim até a ponta da pence, indo e vindo de um lado para outro, de maneira a lançar

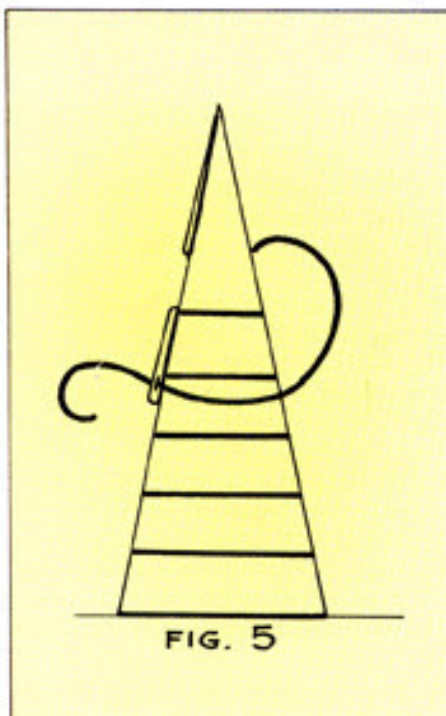


FIG. 5

fios horizontais, a distâncias regulares, sobre toda a superfície da pence no lado direito do tecido (fig. 5). No lado avesso, ficarão visíveis apenas alinhavos que se-

guem os lados da pence, feitos enquanto a agulha caminhava (fig. 6). Chegando com a agulha na ponta da pence, basta puxar a linha e a pence fechará com a maior facilidade. Não faça o espaçamento muito estreito entre os fios, nem irregular, porque a linha deslizará com dificuldade ao ser puxada.

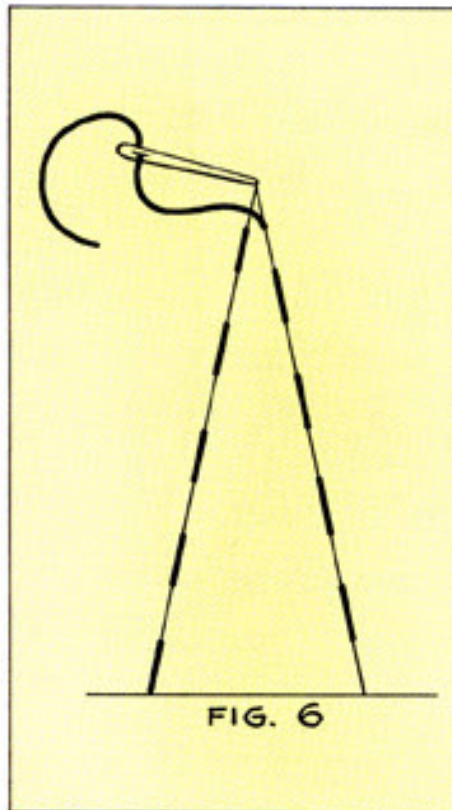


FIG. 6

COMO ARREMATAR A PENCE

Depois de alinhavada a pence, assim como o vestido, prove-o. Se não houver necessidade de correções, você agora vai costurar a pence à máquina, pelo avesso, dobrando-a como mostra a fig. 7. Tome o cuidado de não terminar bruscamente a costura no ponto A, prolongando-a suavemente junto à dobra, para evitar a formação de uma bolsa desgraciosa na ponta da pence.

Na costura industrial, não se alinhava roupas, pelo que ela exige costureiras experimentadas e seguras. A pence é fechada diretamente, dobrando-se o tecido pelo eixo da pence, direito contra direito, e costurando-se pela marcação feita por meio de piques.

Muitas costureiras têm o hábito reprovável de dobrar o pano interno da pence, no avesso, para um lado só e passar a ferro. Isso torna a pence grosseira e marca o tecido pelo direito. Para que ela fique delicada e quase invisível – principalmente em tecidos estampados – corte com a tesoura o

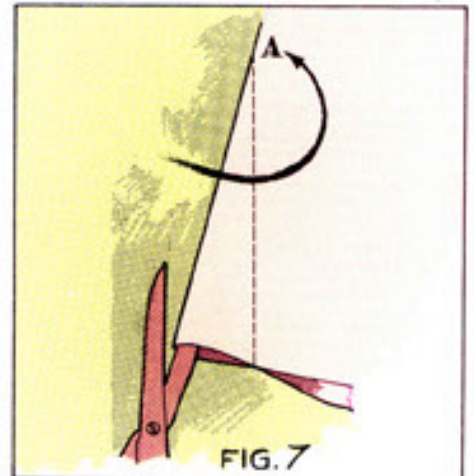


FIG. 7

eixo ou a dobra interna da pence (fig. 7) até bem perto da ponta. Abra as margens internas com a unha e depois passe-as bem a ferro (use o pano úmido no avesso em tecidos grossos como a lã ou que vinquem com dificuldade). Chuleie as bordas para que não se desfiem (fig. 8). Com isso, a pence fica bem chata e reduzida a um traço fino, pouco evidente, sem formar saliências desgraciosas quando é pequena em tecidos espessos.

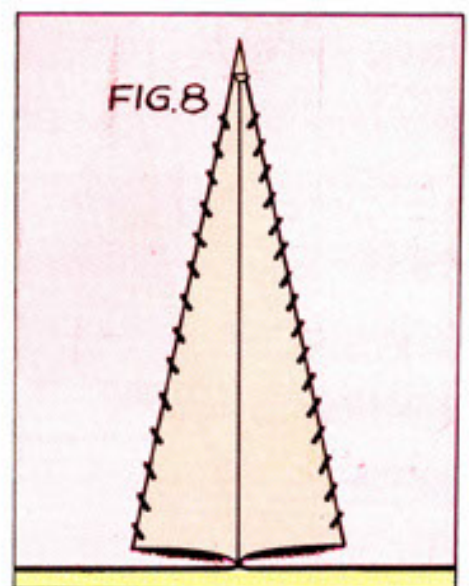


FIG. 8

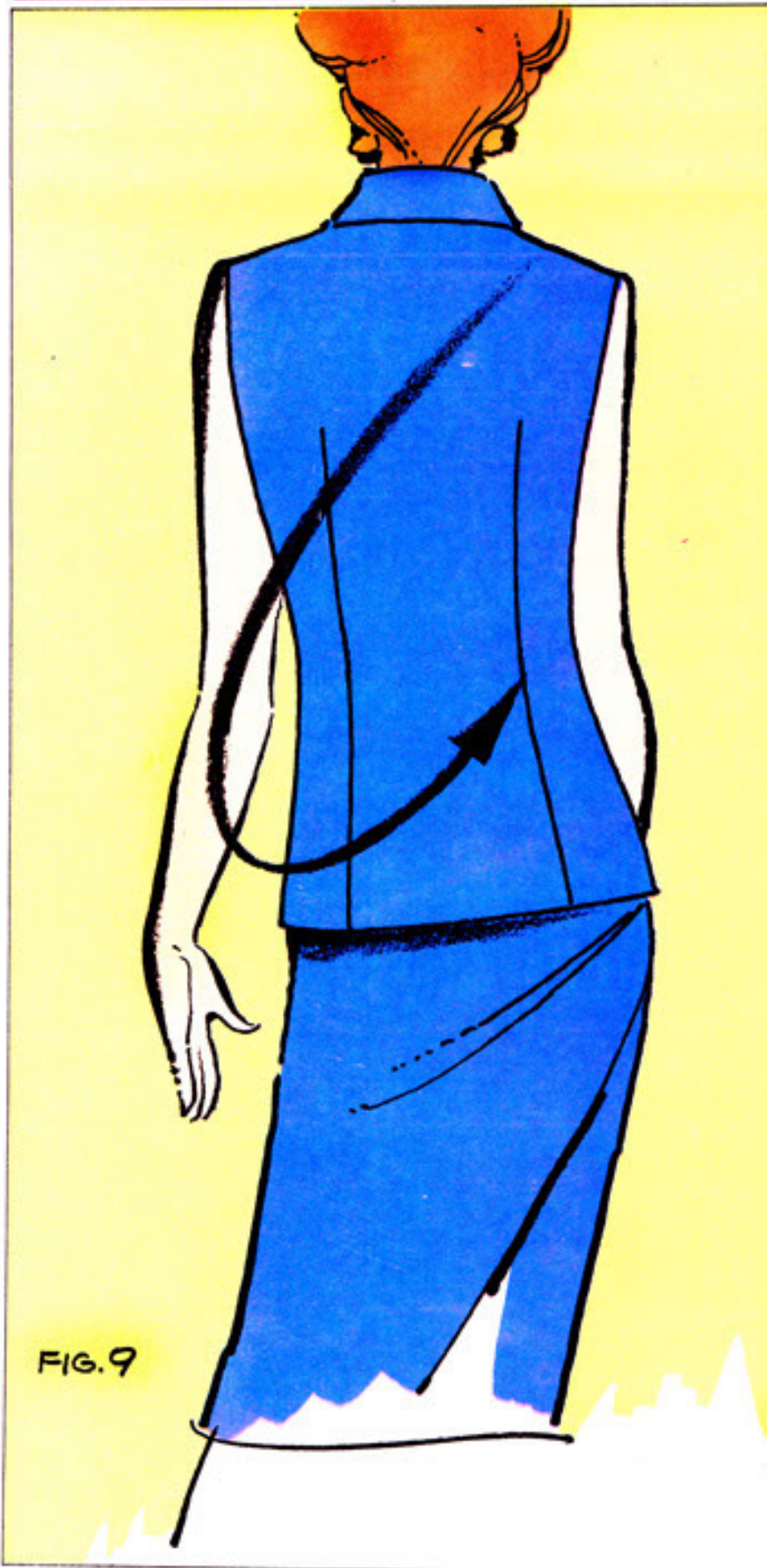


FIG. 9

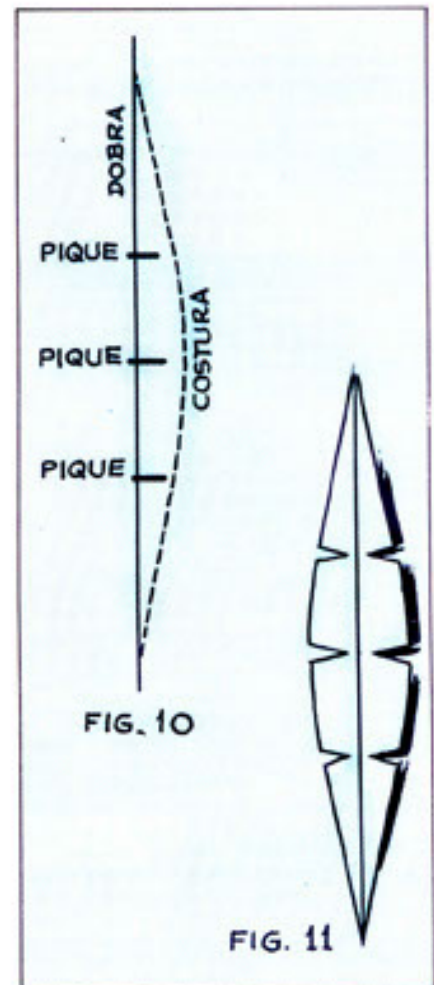


FIG. 11

PENCES MODELADORAS EM FUSO

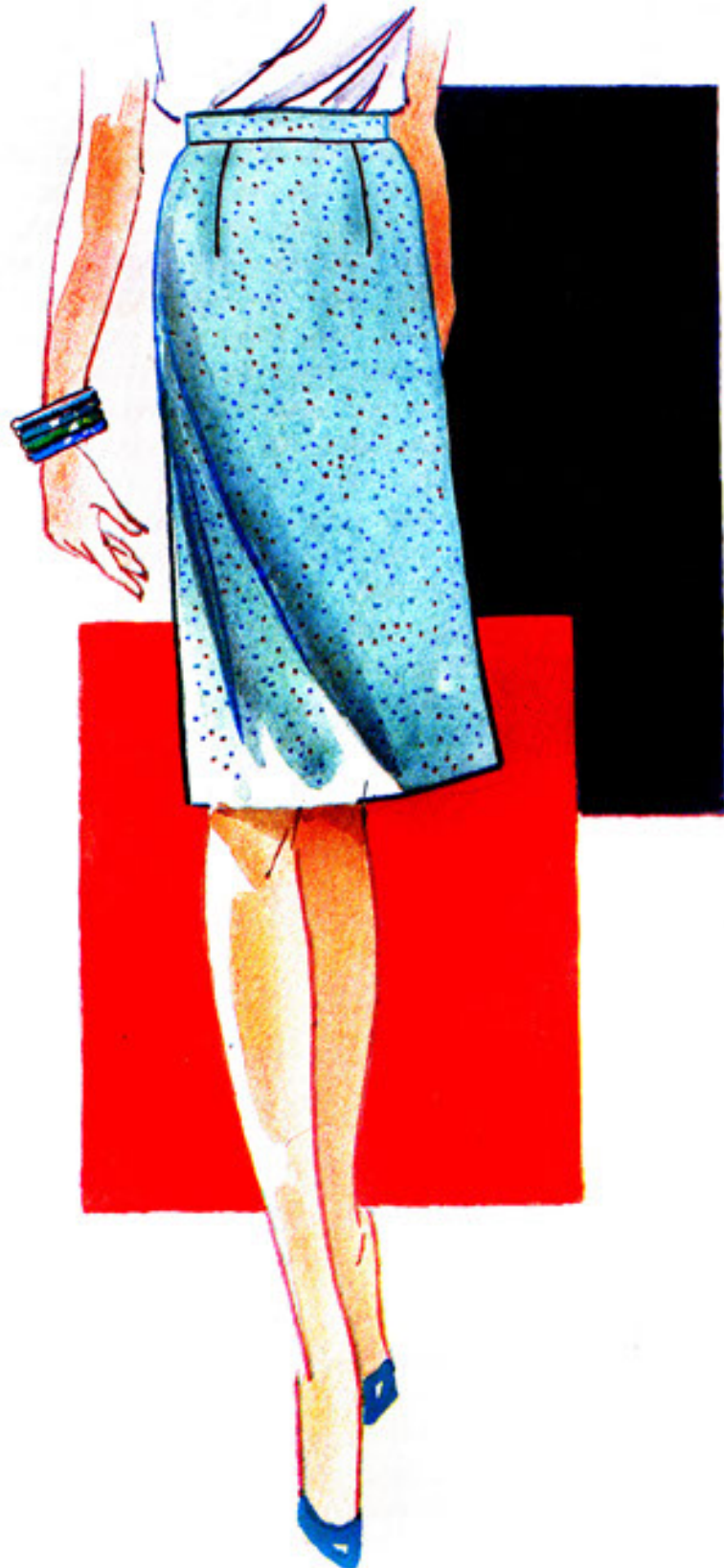
São aquelas que se usam para modelar certas partes da roupa. Ao contrário das pences ordinárias, cuja base está sempre apoiada numa costura, elas não atingem nenhuma borda do molde (fig. 9). Começam e terminam dentro da peça, com duas pontas e um centro mais largo, como se fossem duas pences unidas pela base. Para que fiquem bem executadas, sem repuxar nem enrugando, alinhave-as e costure-as segundo a técnica que acabamos de ensinar. Depois disso, ainda com a pence dobrada, faça no avesso uma série de piques na dobra interna da pence (fig. 10). Enfie a tesoura por um dos piques e abra a pence, cortando-a pelo eixo. Passe bem a ferro, eliminando qualquer ruga que se forme pelo direito, como mostra a fig. 11. Não esqueça de chulear as bordas.

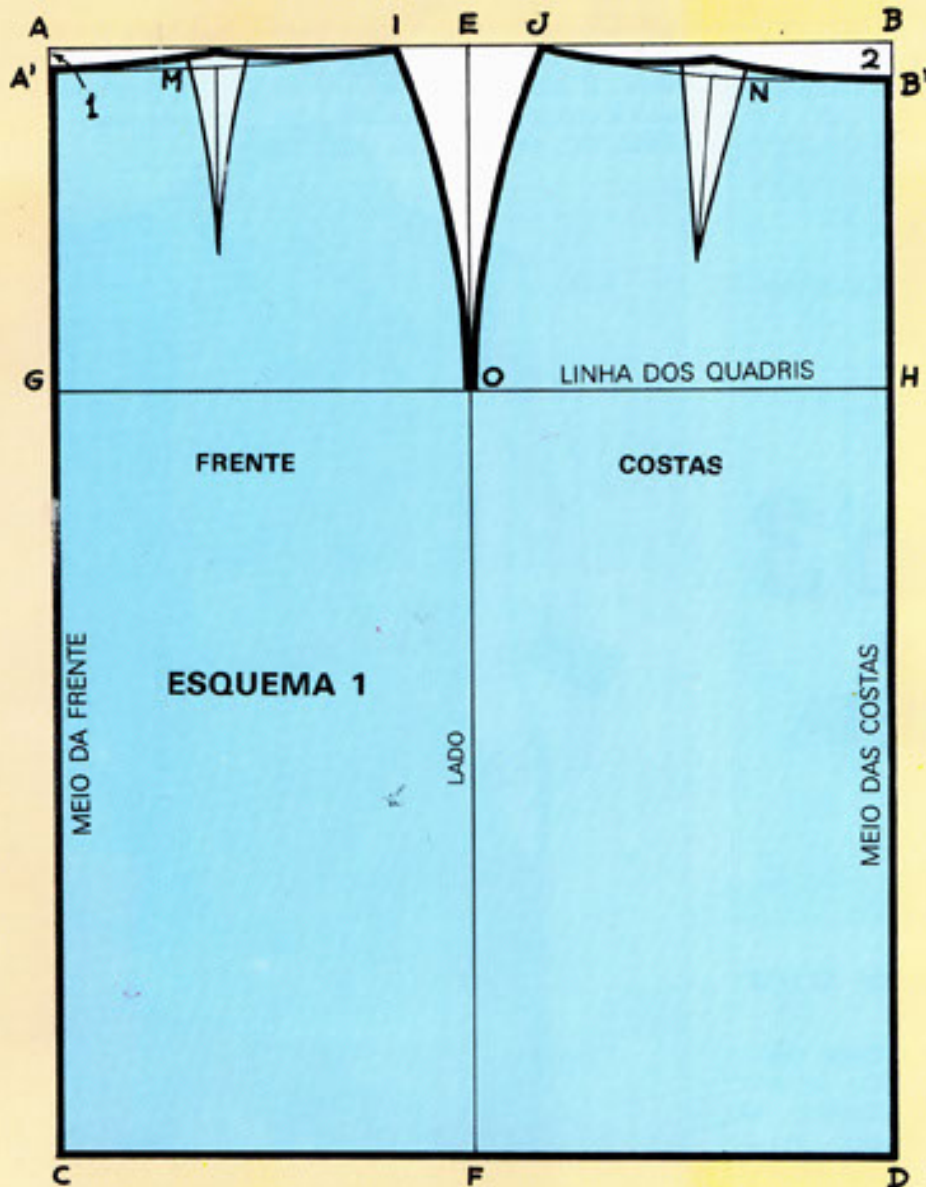
A saia reta, como seu nome indica, é aquela que tomba em linhas retas dos quadris para baixo. É clássica e tem atravessado incólume quase todas as décadas do século XX, mesmo

levando-se em conta períodos de maior ou menor popularidade. A sua base, apesar da grande simplicidade, é da máxima importância para o estudo futuro de muitos tipos de saia.

Lição 3

BASE DA SAIA RETA





MOLDE

Vamos traçar a base da saia, frente e costas, simultaneamente numa peça única, para que se tenha liberdade de escolha entre a saia com costuras laterais ou então sem elas, como veremos mais adiante.

Comece desenhando o retângulo ABCD com as seguintes dimensões:

AB = metade da medida dos quadris

AC = comprimento desejado para a saia

Divida o retângulo ao meio, pela vertical EF, que representa a linha lateral da saia. AC será o meio da frente e BD o meio das costas.

Trace agora a linha dos quadris GH, colocada abaixo da cintura AB na medida da altura dos quadris, ou seja, uma média de 20 cm, que serão colocados em AG e BH. Marque na cintura, frente e costas, as distâncias AI e BJ, ambas com a quarta parte da cintura mais 3 cm destinados a uma pence. Ligue os pontos I e J ao

ponto O por duas curvas que representarão a linha dos quadris na frente e nas costas. Note que estas curvas devem ser suaves – para não fazerem culotes na hora da prova – e se prolongar pelas retas laterais sem provocar angulações no ponto O. Para que as duas curvas fiquem absolutamente idênticas, trace apenas uma delas, dobre o papel pela linha EF e passe por ela a carretilha para reproduzi-la no lado oposto. Ou, então, use o papel carbono.

Cavação da cintura – Devido à concavidade natural da cintura na mulher, a linha da mesma no molde, em vez de permanecer em AI e BJ, deve ser encurvada para baixo. Esta cavação é, em média, de 1 cm na frente – AA' – e de 2 cm nas costas BB' – uma vez que a cintura é mais marcada atrás. Naturalmente estas medidas são extremamente variáveis, podendo até mesmo ser inexistentes, dependendo da conformação corporal de cada pessoa. Neste caso, só a prova poderá dizer o quanto se deverá cavar. Marcada a cavação, ligue A' a I e B' a J por linhas ligeiramente curvas.

COLOCAÇÃO DAS PENCES

Frente – A pence da frente tem normalmente 3 cm de profundidade. Como porém os corpos variam, exigindo que a pence forme um bojo maior ou menor, o comprimento pode ter três comprimentos básicos:

8 a 10 cm
VENTRE UM
POUCO SALIENTE

10 a 12 cm
VENTRE NORMAL

12 a 14 cm
VENTRE CHATO

Quando a blusa tem pence vertical de busto, esta deverá coincidir com a da saia, no caso de vestidos modelados com a cintura costurada. Assim sendo, a distância A'M, que separa a pence do meio da frente, terá a mesma medida que a da blusa, ou seja, metade da separação do busto, menos 2 cm – a razão desta medida será melhor compreendida quando estudarmos a base da frente da blusa. Observe um pequeno detalhe: para melhor caimento da saia e para que esta envolva melhor o arredondamento do corpo, é conve-

niente que os lados da pence sejam traçados ligeiramente encurvados para dentro. Isso não é obrigatório e a própria indústria da confecção usa a pence com os lados retos para facilitar o trabalho.

Costas – A profundidade da pence nas costas depende da maior ou menor cavação da linha da cintura, uma vez que JB' é maior do que JB. Em termos gerais, podemos dizer que a profundidade é igual a 3cm mais o excesso de JB' sobre JB. Para facilidade da leitora, eis uma pequena tabela:

Profundidade da pence	cavação da cintura
3,5	2 a 2,5
4	3 a 3,5
4,5	4 a 4,5

Quanto ao comprimento da pence, como na frente, ele varia conforme o corpo exija um bojo maior ou menor para conter a saliência das nádegas. Por isso, temos também três comprimentos básicos:

8 a 10 cm.
nádegas salientes

10 a 12 cm.
nádegas normais

12 a 14 cm.
nádegas pouco salientes

Uma vez marcada a profundidade de ambas as pences, trace o eixo de cada uma na metade da marcação, perpendicularmente à curva da cintura e com o comprimento desejado. Como, após o fechamento da pence, forma-se um ângulo na cintura, torna-se necessário proceder a uma correção na

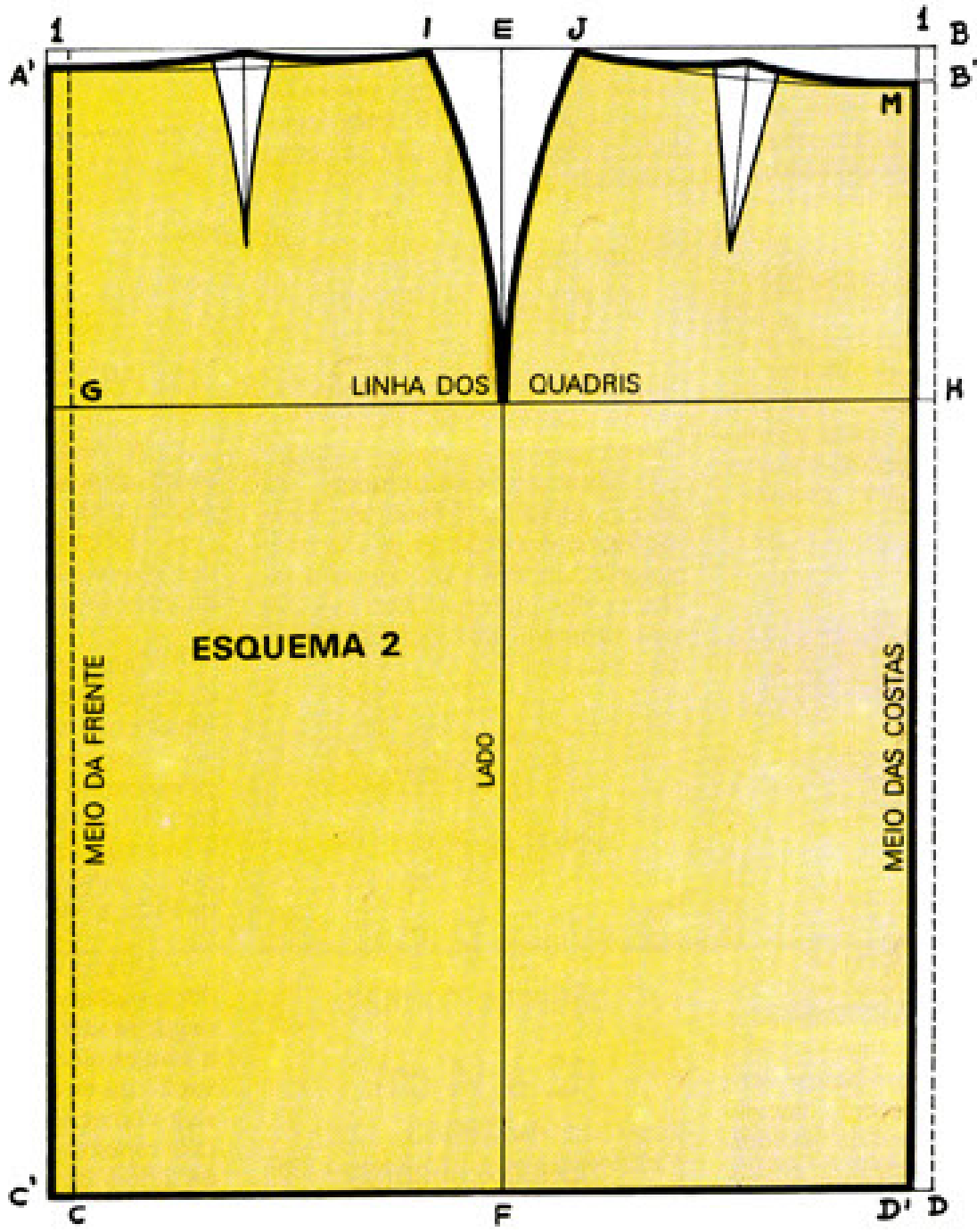
linha de montagem. Para isso, prolongue os lados da pence para cima da cintura em 0,5cm e refaça a linha de montagem em duas curvas, como mostra o esquema.

OBSERVAÇÕES

1. A pence única de 3cm de profundidade pode ser substituída por duas de 1,5cm ou por três de 1cm, enfim, por quantas desejar, desde que a soma das suas profundidades seja sempre igual a 3cm.

2. Quando não houver necessidade de coincidência da pence da blusa com a da saia, esta última pode ser colocada à vontade, geralmente no meio da curva da cintura. Isto acontece quando a blusa é franzida na cintura ou só possui pence horizontal, como também quando a saia é independente.

3. Quando a cintura nas costas é demasiadamente marcada e as nádegas muito salientes, não adianta ir aumentando cada vez mais a cavação da cintura no molde, pois a saia começará a empinar nas costas, repuxando para cima. Além de 3,5cm de cavação, a saia corre este perigo, uma vez que, o que ela está realmente a exigir é um maior bojo para conter o volume do corpo. Por isso, aumente a profundidade da pence no que for necessário – a prova o dirá – como duas pences de 2,5 cm, 3 cm ou até mesmo 4 cm de profundidade cada uma. Como este aumento vai diminuir a medida da cintura no molde, acrescente-o no lado, metade na frente e metade nas cos-



tas. Refaça as curvas do quadril. Por exemplo, se tiver de aumentar 3cm na profundidade da pence, o acréscimo lateral será de 1,5cm na frente e 1,5cm nas costas.

4. Como foi ensinado na base, a linha da costura lateral está colocada meio a meio, isto é, a frente e as costas da saia têm a mesma largura. Isto pode ser usado sem prejuízo da boa queda, quando o fecho-eclér – ou zíper, como desejar – está colocado na costura do meio das costas. Quando, porém, o fecho tem de ser colocado na costura lateral esquerda, a linha do quadril fica ligeiramente deformada. Neste caso, é conveniente desviar um pouco a costura lateral em direção às costas, a fim de esconder o fecho e a costura, quando a saia é vista de frente. Assim sendo, a frente se torna ligeiramente mais larga do que as costas. Este procedimento, aliás, deve ser rotineiro, sobretudo quando se trata de saias independentes.

Para obter-se a saia mais larga na frente do que nas costas, o processo é extremamente simples: basta que alargue a frente em 1cm, traçando a vertical A'C' paralela ao meio da frente – veja o esquema 2 – e estreite as costas também em 1cm, traçando a vertical MD' para dentro do meio das costas. Com isso, a frente fica 2cm mais larga do que as costas. Em tamanhos grandes – quadris medindo acima de 106 cm – em vez de 1cm, use 1,5 cm, o que fará a frente ficar 3 cm mais larga do que as costas.

Como a cintura acompanha automaticamente esta modificação, não se esqueça de aumentar 1cm na frente da cintura da blusa e diminuir 1cm nas costas – quando a saia é costurada numa blusa com pences –, para que haja coincidência das costuras laterais. Na frente, basta que diminua 1cm na profundidade da pence vertical, no seu lado interno – o que não alterará sensivelmente o bojo da pence – e, nas costas, corte 1cm no lado, para que a coincidência das costuras não se altere, até mesmo a da pence da frente, se for o caso.

CORREÇÕES

Se você quiser possuir uma base de saia reta perfeita, faça-a primeiro em algodãozinho, experimente-a, corrija os defeitos – se houver –, transporte as correções para o molde e corte-o em cartolina. Daí em diante, não haverá praticamente mais necessidade de provas, mesmo que se trate de modelos que tenham como base a saia reta.

Na hora da prova, passe na cintura uma fita de cós ou cadarço com 3 cm de largura, fechando-a com colchetes. Alinhe a saia, sendo que nos quadris e no zíper, faça-o com pequenos alinhavos. Os alinhavos largos podem ceder – se a saia estiver justa demais –, provocando surpresas desagradáveis depois da costura definitiva a máquina. Por fim, passe um alinhavo largo sobre a linha dos quadris, para que ela fique visível pelo direito. Tomadas estas precauções, só necessárias na primeira prova, vista a saia e prenda-a com alfinetes na fita de cós, pela linha de montagem – leia algumas lições à frente como passar o molde para o tecido.

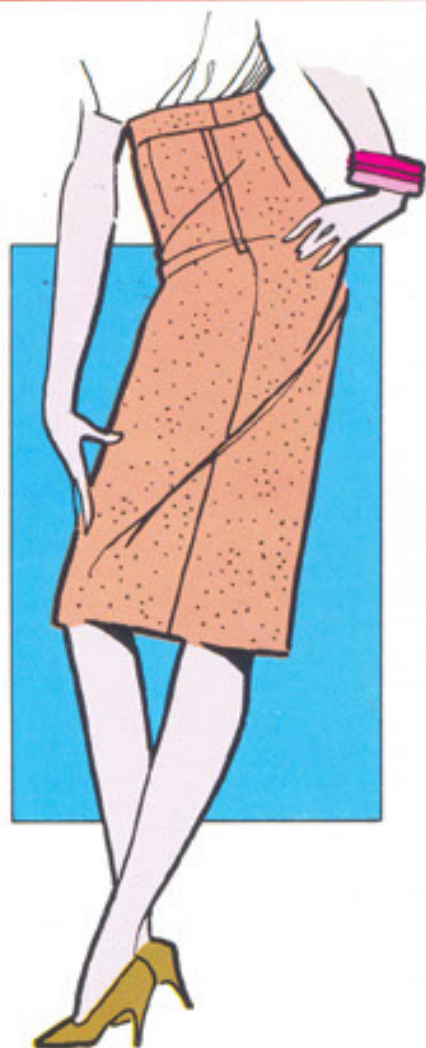
No momento da prova, o ponto de observação importante se localiza na linha dos quadris, que deve ficar sempre *bem horizontal*. Quando isto acontece, a queda da saia, dos quadris para baixo, estará impecável, já que a bainha é paralela à linha dos quadris. Os defeitos de uma saia reta se localizam, portanto, na zona intermediária entre os quadris e a cintura. Se-

rão detectados com facilidade, observando com cuidado esta zona. Vejamos um exemplo.

A saia forma atrás rugas horizontais entre os quadris e a cintura, embora a linha dos quadris esteja absolutamente horizontal. A conclusão é imediata: há muita distância entre os quadris e a cintura. Retire então os alfinetes que prendem a saia ao cós e alise-a para cima, desfazendo as rugas. Torne a prender os alfinetes e refaça com o giz de alfaiate a nova linha da cintura. Verificará que houve necessidade de aumentar a cavação. Quando, ao contrário, a cavação da base é muito forte – pessoas de costas retas – a saia levanta nas costas porque a linha dos quadris foi puxada para cima. A correção é inversa da anterior. Solte os alfinetes do cós, puxe a saia para baixo até horizontalizar a linha dos quadris e prenda novamente os alfinetes, a fim de refazer a linha da cintura com marcações a giz. Retirando a saia, notará que houve necessidade de diminuir a cavação da cintura.

Quando a saia forma lateralmente as chamadas “barrigas” é que a curva do quadril está por demais pronunciada. Basta suavizá-la, retirando o excesso. Faça isso com alfinetes, na prova, sobre o próprio corpo.

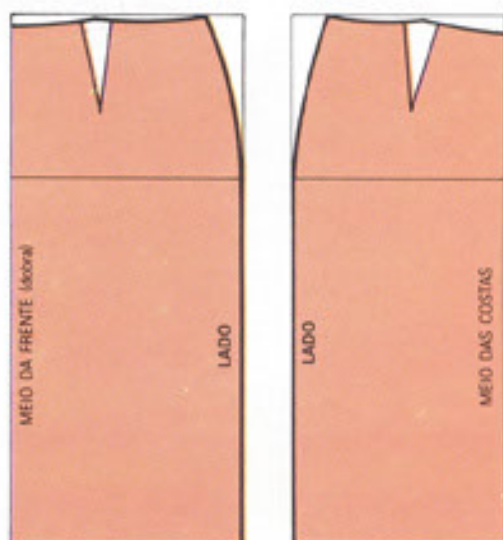
Com o exemplo destas correções, você já pode ter um roteiro de como descobrir outros defeitos que a sua saia pode ter. Basta um pouco de perspicácia e bastante atenção.



INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS

VÁRIAS MANEIRAS DE MONTAGEM DE UMA SAIA RETA

O modelo clássico de uma saia reta, sem detalhes, repousa integralmente no molde básico, praticamente sem modificações, a não ser nos diversos modos de montagem das peças. Estas maneiras básicas de montagem podem então servir de ponto de partida para outros modelos, com o acréscimo de bolsos, pregas, recortes e/ou evasês.

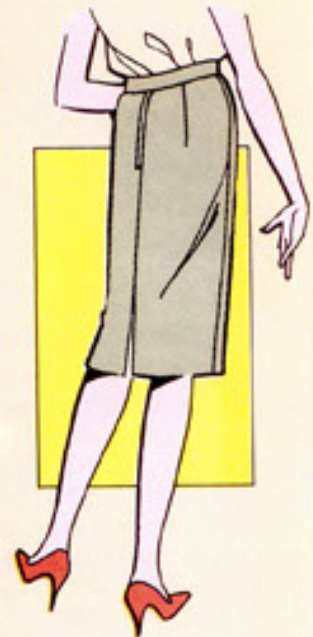
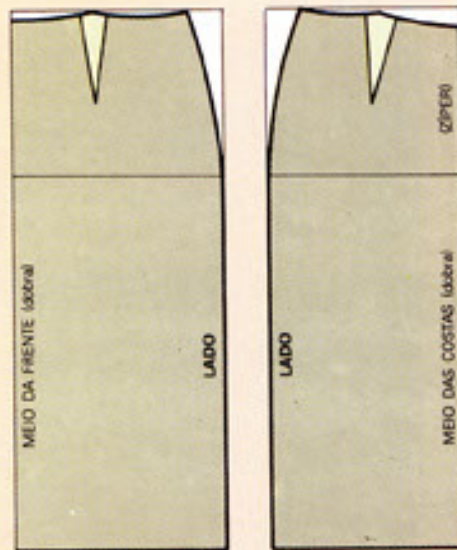


1

Saia em dois panos — Separe a frente das costas pela costura lateral e corte no tecido dobrado pelo meio da frente e pelo meio das costas. Coloque o zíper na costura lateral esquerda. Não gostamos particularmente deste tipo de montagem, porque a colocação do zíper na costura curva do quadril exige muita perícia e nem sempre fica bem-feita.

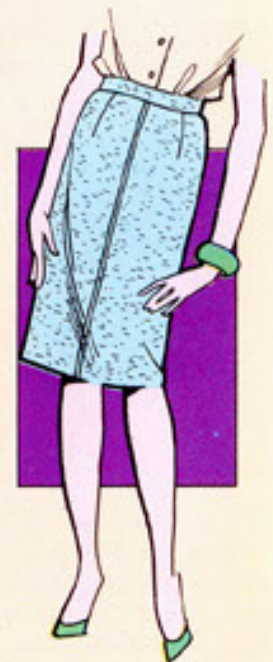
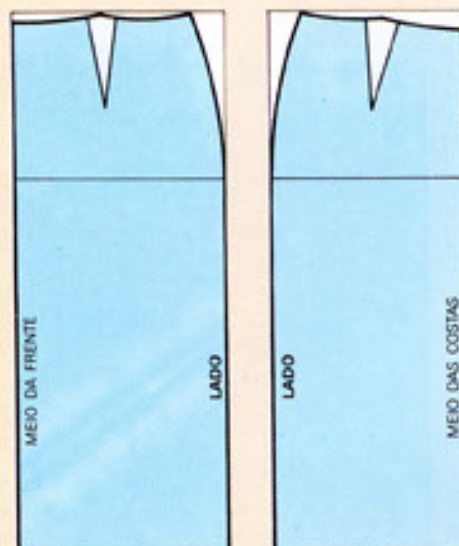
2

Saia em três panos — Corte a frente com o tecido dobrado pelo meio, porém, as costas devem ser cortadas duas vezes, a fim de criar uma costura central, onde será montado o zíper. É mais aconselhável que o tipo anterior, não só porque facilita a montagem do zíper, como também adelgaça a silhueta por trás pela presença da costura vertical no centro.



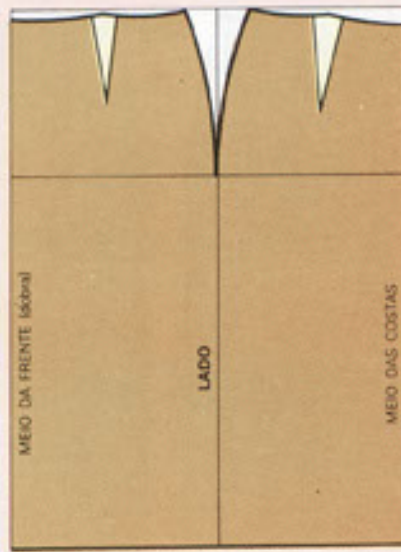
3

Saia em quatro panos — Corte também a frente duas vezes, como acontece com as costas. Neste caso, a saia terá quatro costuras, duas centrais — meio da frente e meio das costas — e duas laterais. Pelo que dissemos no caso anterior, é evidente que esta montagem é a que mais emagrece o corpo. O zíper tanto pode ser colocado na costura central da frente ou das costas, conforme a exigência do modelo.



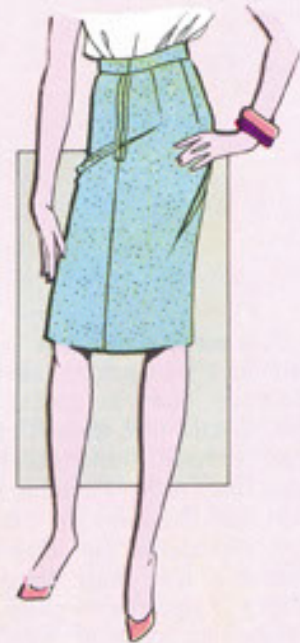
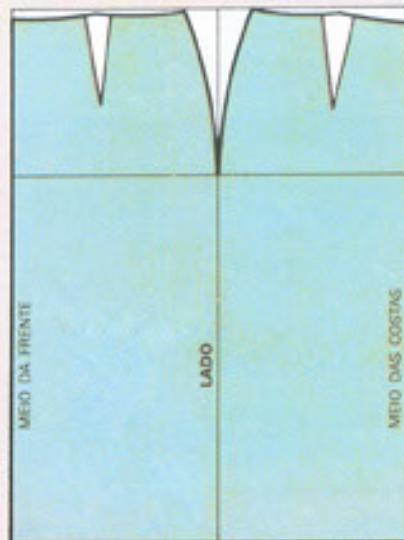
4

Saia em um pano único — Não separe a frente das costas da base e corte-a no tecido dobrado pelo meio da frente. As costuras laterais inexistentes são substituídas por pences formadas pelas duas curvas do quadril. A saia tem uma costura só no meio das costas, onde será montado o zíper. Se cortar a base da saia no tecido dobrado pelo meio das costas, então a costura passará a ficar no meio da frente.



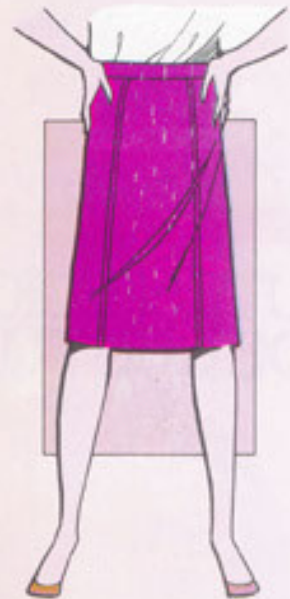
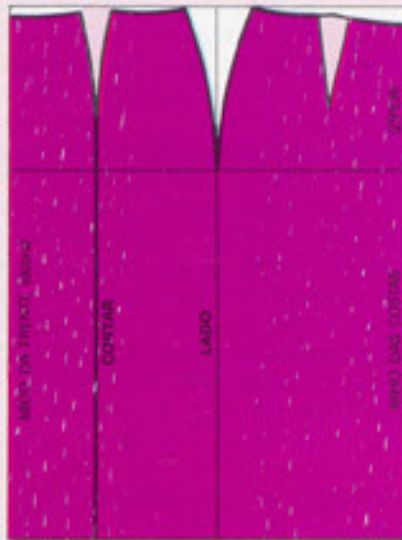
5

Saia em dois panos — É igual ao tipo anterior, apenas com a saia cortada em dois panos, tendo costuras centrais tanto na frente quanto nas costas e costuras laterais substituídas por pences. Coloque o zíper na frente ou atrás, de acordo com o modelo desejado.



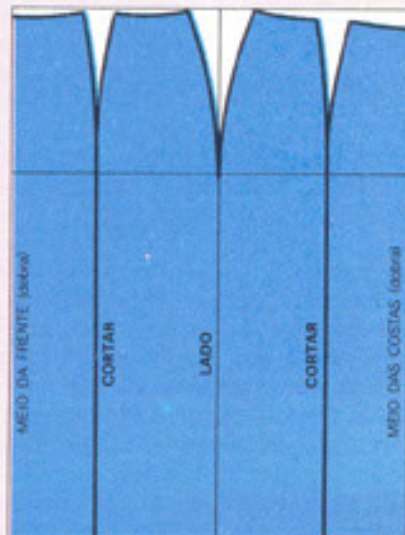
6

Saia em três panos — Neste tipo de montagem, temos de fazer uma pequena alteração na base. Não separe a frente das costas. Trace uma vertical desde o bico da pence da frente até a bainha. Corte esta linha e os dois lados da pence, separando a base em duas partes: uma anterior, cortada uma vez no tecido dobrado pelo meio da frente e outra látero-posterior, cortada duas vezes no tecido. Depois de montada, esta saia ficará com duas costuras na frente, por cima das coxas, e uma no meio das costas, onde será colocado o zíper. Nos lados, apenas pences de quadril.



7

Saia em quatro panos — É parecida com a anterior, cortando-se as costas pelo bico da pence, exatamente como se procedeu na frente. É uma montagem original, porque a saia fica dividida em quatro panos, com duas costuras na frente e duas nas costas, ou seja, um pano dianteiro, outro traseiro e dois laterais. Não há costuras centrais nem laterais. O zíper pode ser colocado assimetricamente numa das costuras ou, então também podem ser usados dois zíperes menores nas duas costuras da frente ou das costas. Uma observação: quando cortar as costas, arredonde o ângulo que se forma nos dois lados, na altura do bico da pence. Na frente, tal cuidado será dispensável, se os lados da pence foram traçados curvos, como tivemos ocasião de mencionar na lição básica.

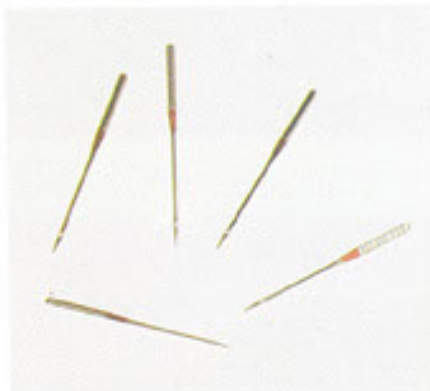


COSTURA II



UTENSÍLIOS DE COSTURA

Papel carbono – O papel carbono é um bom auxiliar para a rapidez do traçado de moldes no tecido, embora seja bom tomar certos cuidados ao trabalhar-se com ele. Como os moldes são sempre traçados pela metade – não consideramos a exceção dos assimétricos –, sejam as peças simétricas ou dobradas pelo meio na fazenda, o papel carbono, colocado ao contrário sobre o lado oposto, reproduzirá perfeitamente a outra metade do molde. O papel carbono escuro, preto ou marinho, quando novo, suja sempre o avesso do tecido e, por isso, evite-os. Como já dissemos anteriormente, não procure transportar o traçado para o lado oposto com o carbono e a carretilha. Use, em vez dela, um estilete rombudo, como uma agulha de tricô, por exemplo.

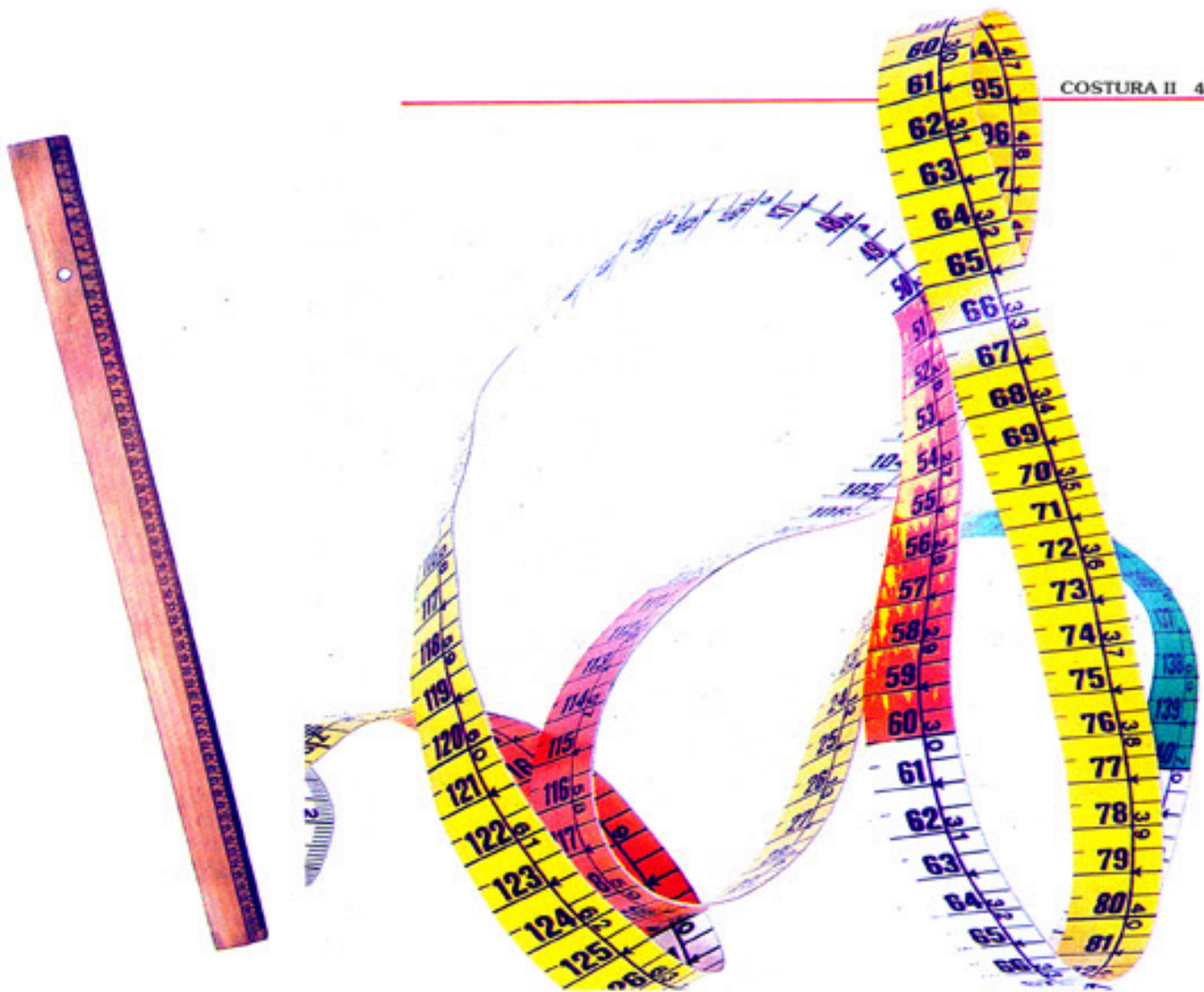


Agulhas – As costuras feitas a máquina são, em geral, destinadas a armar o vestido e, para isso, dispõem de agulhas especiais com o furo na extremidade pontiaguda. Para os arremates finos, como as bainhas, o chuleio, os alinhavos, o pregamento de botões etc. a costura é feita a mão. E como sabem, a costura manual utiliza naturalmente as agulhas. Não esqueça, porém, que é essencial usar agulhas que sejam adequadas à linha e ao tecido, com os quais vai trabalhar. Por este motivo, existem muitos tipos de agulha, cada um se destinando a um fim especial. Estes tipos variados se diferenciam pela forma do orifício – redondo ou alongado – pelo comprimento, pela grossura e pela ponta – pontiaguda, redonda ou rombuda. As agulhas comuns de costura são indicadas por números: quanto

maior for este número, menor e mais fina será a agulha. As mais usadas variam de 8 a 10, sendo a de número 7 a mais comum. Ao escolher a agulha, considere o gênero de trabalho que vai executar, o tipo de tecido – sua estrutura e peso –, como também a espessura da linha. Tenha sempre como regra que uma agulha adequada deve ser suficientemente fina para penetrar facilmente no tecido e suficientemente forte para não encruvar ou quebrar com frequência. As agulhas devem ser de aço de boa qualidade, pois duram mais e não entortam com facilidade. Para que não enferrujem, os pacotes de agulhas devem ser conservados fechados, sempre que não estejam em uso. Se, entretanto, a agulha por acaso enferrujar, pode ser repolida com a ajuda de um pacotinho de gesso.



Linhas – A escolha da linha a ser usada depende do tipo de tecido que ela vai costurar. Assim, use linha de algodão para os tecidos de algodão, linhas de seda para os tecidos de seda e, para o caso de tecidos à base de fios artificiais ou sintéticos, a escolha deve recair nas linhas sintéticas. Além disso, a espessura da linha deve combinar bem com o tamanho da agulha. Nada mais incômodo do que transformar o momento de enfiar a linha na agulha numa verdadeira acrobacia de mãos e de olhos. E é isso o que acontece quando se usa linha grossa demais para o fundo da agulha com que se vai trabalhar. É preciso, também, muita atenção na escolha da linha, que deve ser de cor bastante parecida com a da fazenda, para que os pontos não fiquem muito visíveis. Para os alinhavos, porém,



deve-se usar linha de cor diferente, para que se tornem bem destacados. De uma maneira geral, para os alinhavos, usa-se linha branca nos tecidos pretos ou de cor escura e linha preta nos brancos ou de cor clara.

UTENSÍLIOS DE MEDIDA

Como qualquer trabalho bem feito tem de ser meticuloso, a questão das medidas é muito importante no traçado dos moldes. O velho ditado de nossas avós, "meça mil vezes, mas corte uma só vez" nunca deve ser esquecido por qualquer uma que se propõe a cortar e costurar. Quando for cortar uma roupa qualquer, meça a fazenda disponível e tenha certeza absoluta de que é suficiente para o modelo que deseja

confeccionar. Não cometa jamais a tolice de ir cortando um tecido sem saber qual a metragem exigida pelo modelo, a fim de não ter surpresas desagradáveis, arriscando-se ainda a perder todo o tecido, pelo fato, bem freqüente, de não encontrá-lo mais à venda. Os principais instrumentos de medida são:

Fita métrica – É indispensável para tirar as medidas do corpo e cotejar estas medidas quando os moldes forem traçados com a régua. As fitas métricas têm sempre 1,50m de comprimento com as extremidades protegidas por metal. Às vezes são fabricadas de borracha sintética – as melhores – outras de tecido revestido, que têm pouca duração e começam cedo a descascar.

Régua métrica – Não se destina

à costura mas ao corte. Por este motivo, para sua maior comodidade, possua duas régua, uma de meio metro e outra de um metro para traçar moldes maiores e menores. É sempre conveniente comparar as divisões da fita métrica com as da régua. Se concordarem com exatidão, tudo bem, e aí pode traçar os seus moldes com a régua, utilizando suas próprias divisões. Se tal não acontecer, o que é muito freqüente, use a régua apenas para traçar as retas dos moldes e faça as medidas com a fita métrica, pois foi com ela que tirou as dimensões do corpo da pessoa a quem se destina a roupa. Evidentemente, isto só se refere às medidas fundamentais. As complementares podem ser determinadas com as régua, já que não interferem decisivamente com o tamanho da roupa.

ETAPAS NA CONFECCÃO DE UMA ROUPA QUALQUER-1

Para que o resultado da confecção de uma roupa qualquer seja satisfatório, sem defeitos e com bom caimento, é necessário que, antes e durante o trabalho, sejam observadas algumas regras, que favorecem e simplificam o trabalho. São oito etapas ou fases que devem ser seguidas, tanto quanto possível, cuidadosamente:

1. Escolha do modelo que se deseja fazer
2. Escolha da fazenda
3. Preparo da fazenda
4. Tomada das medidas e corte das peças do molde
5. Passagem dos moldes para o tecido
6. Início das costuras
7. Prova da roupa
8. Ordem de montagem das peças

Aqui, abordaremos cada fase de maneira mais ou menos superficial, já que elas serão objeto de lições especiais, se já não o foram como a tomada das medidas e, parcialmente, o preparo da fazenda.

1. Escolha do modelo — Antes de tudo, quando você resolve fazer uma roupa, deve escolher, evidentemente, o modelo. Essa escolha é muito importante, porque é muito comum, ou melhor, é quase regra geral que se compre a fazenda primeiro e só depois é que

se escolhe o feitio. Este erro não é grave nem irremediável, a fim de poupar muita dor de cabeça na escolha de um modelo que se adapte ao tipo de fazenda e à metragem adquirida. Daí, ser aconselhável fazer exatamente o inverso, ou seja, é muito mais fácil conseguir o tecido adequado a um modelo previamente escolhido do que encontrar um modelo que se ajuste com perfeição a um tecido já adquirido.

Antes de se decidir na escolha do modelo, não se esqueça de levar em conta o seu tipo físico, o seu tipo psicológico e a finalidade da roupa. Se você é gordinha, deve preferir as roupas de linhas simples, cortes verticais que alongam a silhueta e roupas muito justas, evitando, ao mesmo tempo, os franzidos, os drapeados exagerados e os detalhes que afogam a linha do corpo, como os babados ou as golas muito altas. Se é magra, deve, ao contrário, escolher modelos amplos, mangas e saias fartas, muito franzido, drapeados à vontade e golas de qualquer gênero. Se você é baixa, fuja das saias volumosas ou muito rodadas, dos modelos que cortam a silhueta ao meio ou que estejam sobrecarregados de detalhes mas, se é alta, fique com os modelos de linhas horizontais ou assimétricas e evite, claro, as linhas verticais ou os detalhes que avolumam o corpo.

2. Escolha da fazenda — Depois de escolhido o modelo, procure um tecido que não só seja adequado ao feitio como também ao tipo físico de quem vai usar a roupa. As mulheres baixas e/ou gordinhas devem esquecer as estamparias grandes e muito vistosas ou os tecidos muito encorpados, dando preferência às estamparias miúdas, gênero "pois" ou liberty, ou às listras estreitas. Por outro lado, as mulheres muito magras para sua estatura podem usar sem medo os estampadões e as fazendas armadas, porque parecerão mais cheinhas. As cores também são importantes, já que os tons escuros e sóbrios emagrecem e alongam a silhueta, enquanto o branco e as cores claras ou vibrantes engordam e aumentam o corpo.



3. Preparo da fazenda — Depois de adquirida a fazenda e antes de começar a trabalhar com ela, é preciso prepará-la para o corte. Já abordamos o assunto anteriormente, embora restem alguns conselhos e detalhes que iremos comentar oportunamente.

4. Tomada das medidas e corte das peças do molde — A tomada das medidas deve ser uma operação cuidadosa para evitar surpresas desagradáveis na hora da prova. O modo de tomar as medidas de uma pessoa já foi assunto abordado detalhadamente em nossa primeira lição. Quanto ao corte dos moldes em papel, ele pode ser feito a partir de seus próprios conhecimentos ou dos nossos moldes publicados em revistas especializadas. No primeiro caso, seus conhecimentos serão justamente adquiridos através das lições do nosso curso.

Para o traçado e o corte dos moldes no papel, você pode escolher o papel manilha ou o papel Kraft, ambos em folhas de tamanho duplo. O primeiro é mais barato, porém o segundo é mais resistente e, por ser mais encorpado, facilita muito o transporte do molde para o tecido. Além disso, tenha sempre à mão algumas folhas de papel manteiga que são de enorme utilidade na interpretação de modelos, como veremos através de lições futuras. Tenha uma tesoura especial para cortar o papel, pois as fazendas são muito exigentes quanto ao fio delas e o papel gasta-o com muita rapidez.

Mais adiante, voltaremos a esse assunto, importante para o bom desempenho durante a feitura de uma roupa.

“Evaser” em francês significa dilatar, aumentar, alargar uma abertura, um orifício ou um elemento qualquer. Conseqüentemente, “évaser” uma saia quer dizer alargá-la para baixo, retirando-lhe a linha reta ou tubular.

A saia evasê – vamos usar o termo aportuguesado, já que não temos o equivalente em nossa língua – é, portanto, aquela que abre ligeiramente para baixo, sem con-

tudo formar gomos, uma vez que a sua largura é relativamente pequena. Não são características da metade do século XX, pois estatuetas e pinturas murais na antiga Creta mostram que elas já existiam naqueles tempos remotos. Por volta de 1900 gozaram da mesma popularidade que os espartilhos e na primeira metade dos anos sessenta a moda ressuscitou as saias evasês que haviam caído no ostracismo.

Lição 4

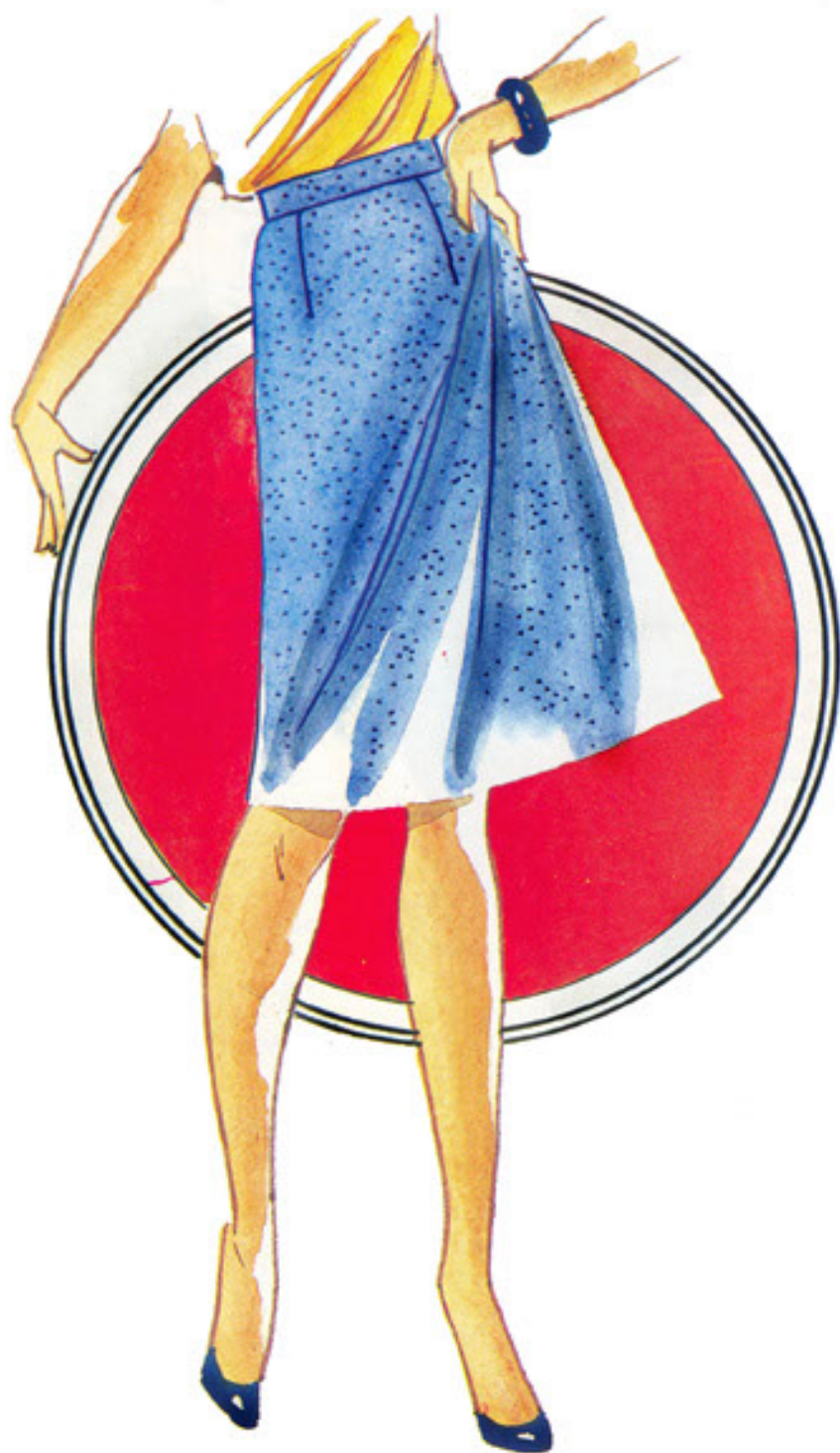
SAIAS EVASÊS



“Tailleur” de Pierre Cardin, com a sua saia evasê, típico do ano de 1961, um pouco anterior ao advento da moda “hippie”.



Vestido de noiva de Givenchy, no final da década de 60, simples e discreto em sua linha evasê.



1. SAIA EVASÊ PLACADA

Há vários tipos de saia evasê, dependendo da maneira com que é cortada. Nesta lição, começaremos pelo tipo mais simples, a que chamamos de *placado*. É aquele em que a saia abre apenas nos lados, num movimento lateral só visível de frente, enquanto se torna achatada, quando vista de perfil (a menos que o corpo seja tão redondo que arrebite a saia na frente e nas costas). É cortada em apenas dois panos, o da frente e o das costas, unidos pelas costuras laterais, fecho-ecler na lateral esquerda. Como na saia reta, há a alternativa de cortar o pano das costas duas vezes, criando assim uma costura central, onde será montado o fecho.

A saia deve cair bem armada, de modo que, se for confeccionada em tecidos moles, o forro deve ser encorpado para dar-lhe maior firmeza. Em "jeans", brins ou gabardines, o forro é dispensável. Seu corte é de extrema simplicidade.

Frente (esquema 1) – Trace, em primeiro lugar, a frente da base da saia reta. Em seguida, alargue a bainha na lateral, de A para B, numa medida que lhe dê visualmente a abertura desejada para a saia. Note que, quanto mais curta a saia, menores são as medidas para o evasê e, quanto mais longa, maiores as medidas. Numa saia de comprimento médio – entre 60 a 70cm – o alargamento para o evasê varia entre 4 e 12cm. Abaixo de 4cm, a saia ainda manterá uma linha quase reta e, acima de 12cm, o peso natural do tecido fará com que a saia tombe nas laterais, formando “orelhas” deselegantes.

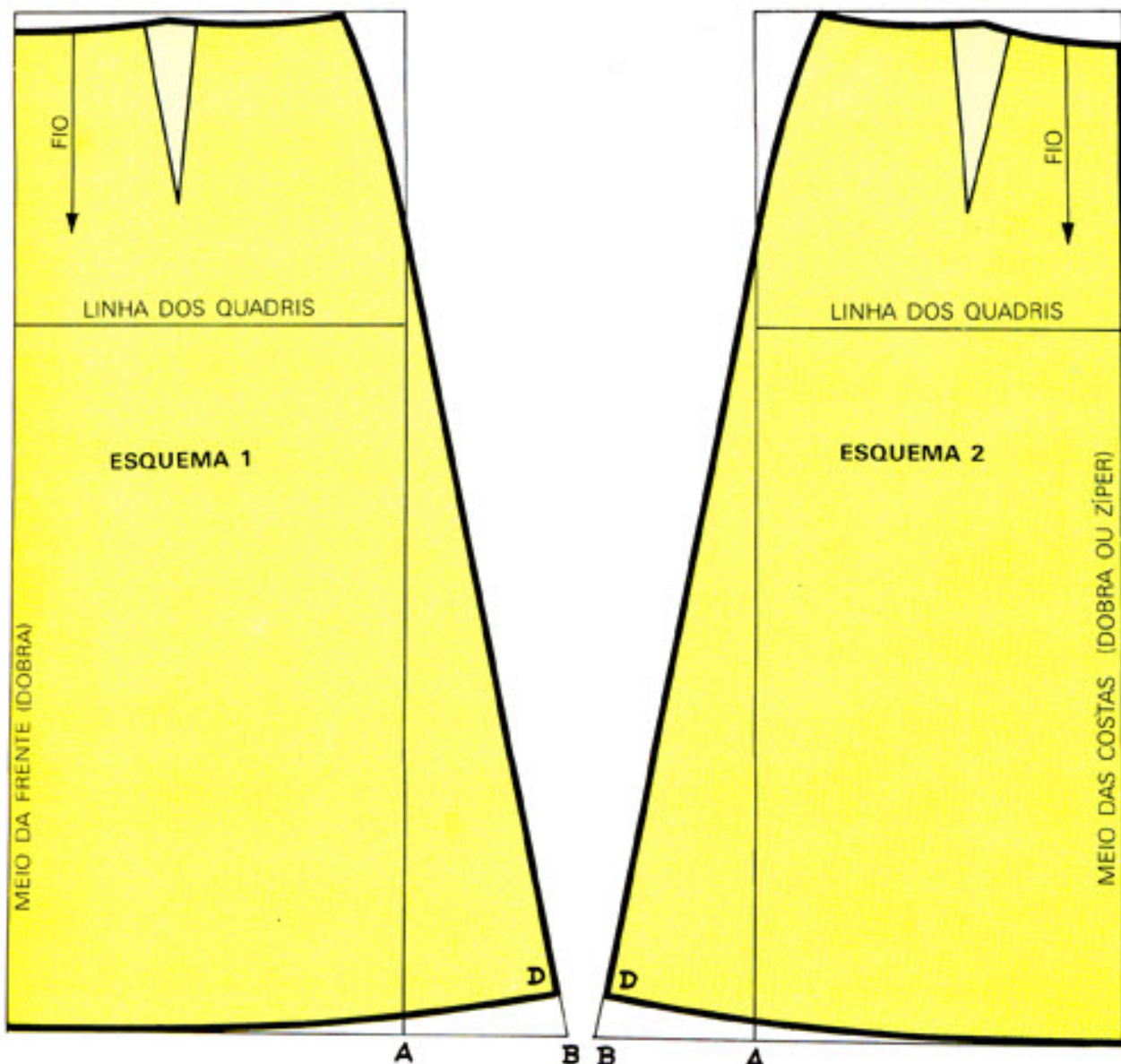
Uma vez marcada a distância

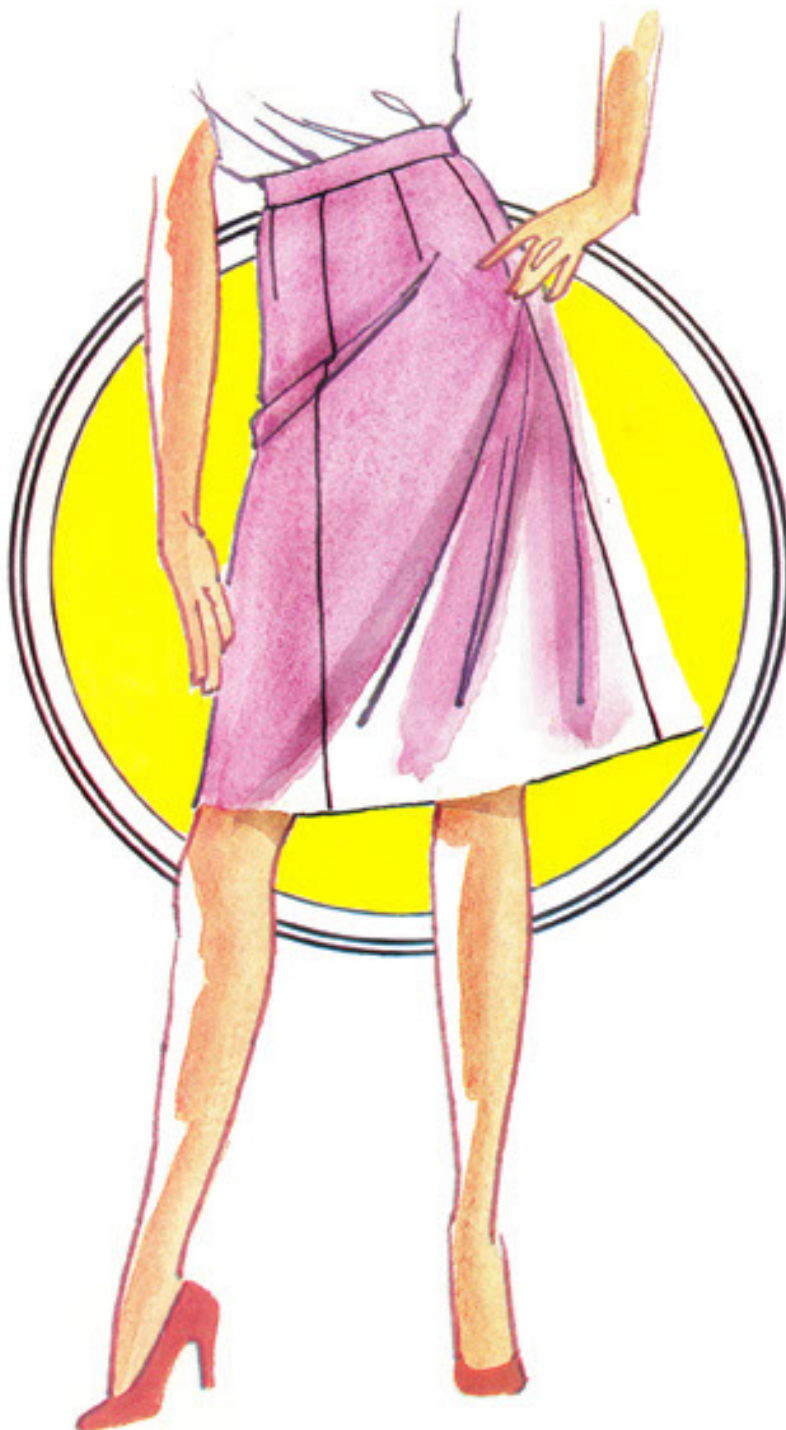
AB para o evasê, levante uma reta partindo do ponto B até tocar a curvatura do quadril, a fim de obter a costura lateral. Atingindo o quadril, basta seguir a sua curva até a cintura. Se a bainha permanecer reta, formará uma ponta lateral quando juntar-se com a das costas. É preciso, então, arredondar a bainha, subindo-a no lado, de B a D. Em saias de comprimento médio, com um evasê AB de 10 a 12cm, BD mede geralmente 2cm. Como, porém, o arredondamento da bainha depende do valor do evasê, o mais prático é traçar a frente e as costas, juntá-las pelas costuras laterais e traçar o arredondado naquilo que for

necessário.

Costas (esquema 2) – Trace agora as costas da base da saia reta e, em seguida, introduza lateralmente de A para B as mesmas modificações que foram feitas na frente, inclusive o traçado da costura lateral. Para melhor clareza, basta observar o esquema 2.

Corte no tecido — Corte a frente uma vez no tecido dobrado pelo meio da frente. Para as costas, você tem duas opções: como na frente, corte as costas uma vez com a fazenda dobrada pelo meio (fecho-ecler na lateral esquerda) ou então corte as costas duas vezes, colocando o zíper na costura central que foi criada.





2. SAIA CÔNICA

Ao contrário da anterior, a saia evasê **cônica** é cortada em quatro panos que abrem para baixo nas quatro costuras, de modo que o movimento se faz por igual em toda a volta da saia. Coloque os panos no tecido de maneira que o fio coincida com a vertical do meio do molde, ficando todas as costuras num meio viés.

Esta saia tanto pode cair molenga quanto armada. No primeiro caso, basta cortá-la em tecidos flexíveis ou então colocar os moldes em pleno viés, sem usar forro. No segundo caso, torna-se conveniente forrá-la com tecidos bem firmes ou, então, optar por um truque: coloque na saia uma bainha postiça de 20 a 30cm de altura, com uma entretela encorpada colada sobre o seu avesso.

Se não quiser costuras centrais, basta colocar os moldes sobre o tecido dobrado pelo meio, a fio reto ou em pleno viés, de acordo com a queda desejada.

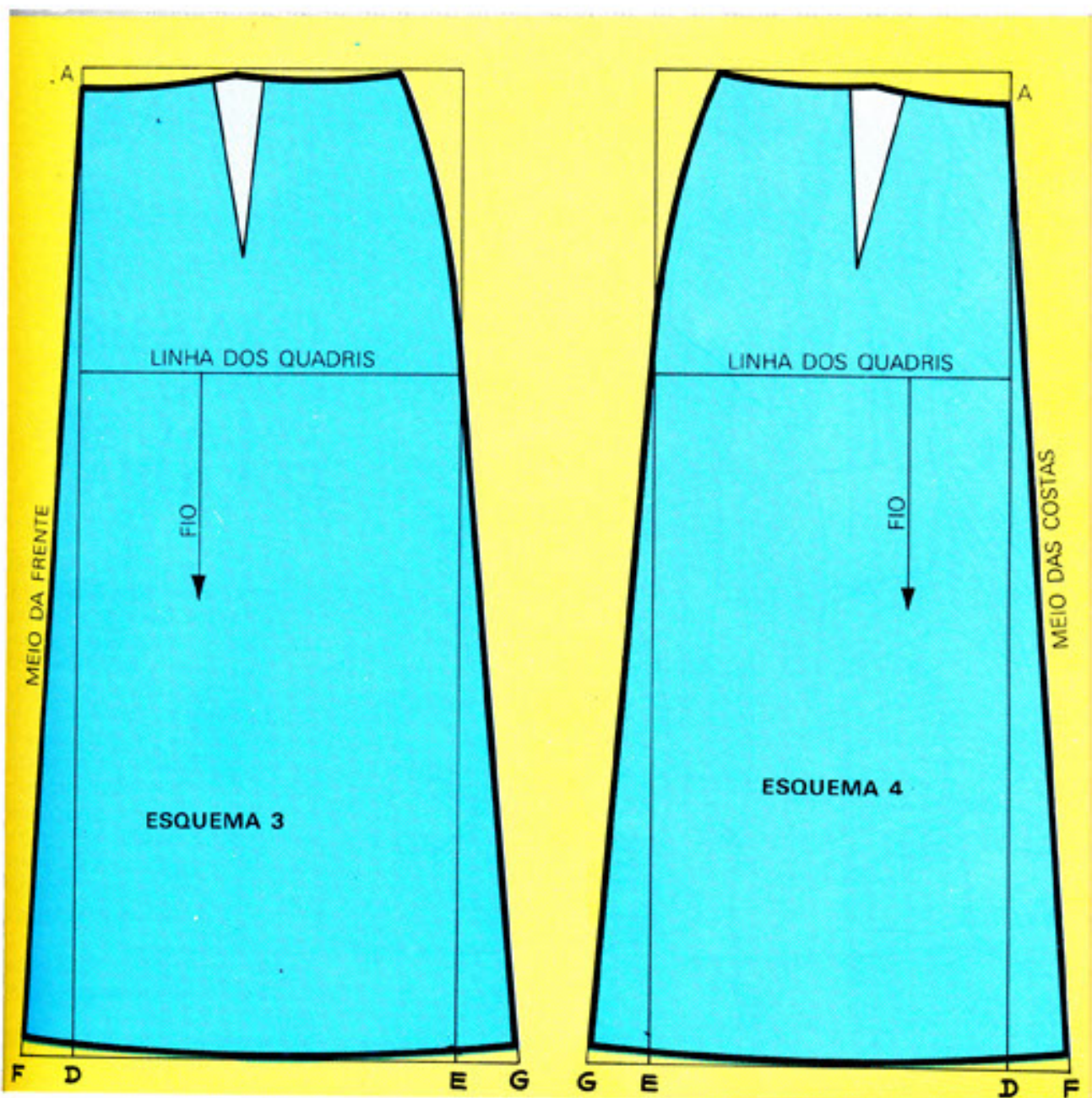
Frente (esquema 3) – Em primeiro lugar, trace a frente da base da saia reta, após o que, alargue a bainha em ambos os lados, de E a G e de D a F, em medidas iguais, de modo a obter visualmente a abertura que deseja para a saia. Como na saia anterior, quanto mais curta ela for, menores são as medidas dadas para o evasê, e quanto mais longa, maiores as medidas. Numa saia de comprimento médio – entre 60 a 70cm – o alargamento para o evasê deve ser, em cada lado, a metade daquele

que indicamos para a saia placada, ou seja, uma variação entre 2 e 6cm.

Uma vez marcadas as distâncias EG e DF, ligue o ponto F ao ponto A no meio da cintura, por uma reta, que será a costura do meio da frente. Para a costura lateral, levante outra reta, do ponto G até tocar a curvatura do quadril e seguindo por esta linha até chegar na cintura. Como a saia vai formar pontas ao nível das costuras, é necessário arredondar a bai-

nha, subindo-a de G a G' e de F a F', em 1cm aproximadamente quando a saia tem comprimento médio. O mais prático mesmo, como já dissemos, é juntar os painos da saia e arredondar a bainha na medida que for necessária.

Costas (esquema 4) – Trace as costas da base da saia reta e nela introduza as mesmas modificações que foram feitas na frente para a obtenção da linha evasê. Observe bem o esquema 4, se tiver qualquer dúvida.





INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



UMA SAIA EVASÉ PARA O SEU DIA A DIA

Prática, sem muitos detalhes, esta saia é ideal para as suas atividades diárias. Livre de modismos, pode fazê-la em tecido resistente, pois não corre o perigo de cair de moda. Cortada em panos evasés, a saia tem três na frente e dois nas costas. Sobre o cós largo se apóiam dois enormes passadores, presos por "plic plats" sobre as costuras da frente. Costuras e bordas são sublinhadas por pespontos, que se cruzam na parte superior dos passadores. Querendo, pode passar um cinto delgado por cima do cós.

Tecido — "Jeans", brim cáqui, verde-oliva ou gabardine de algodão.

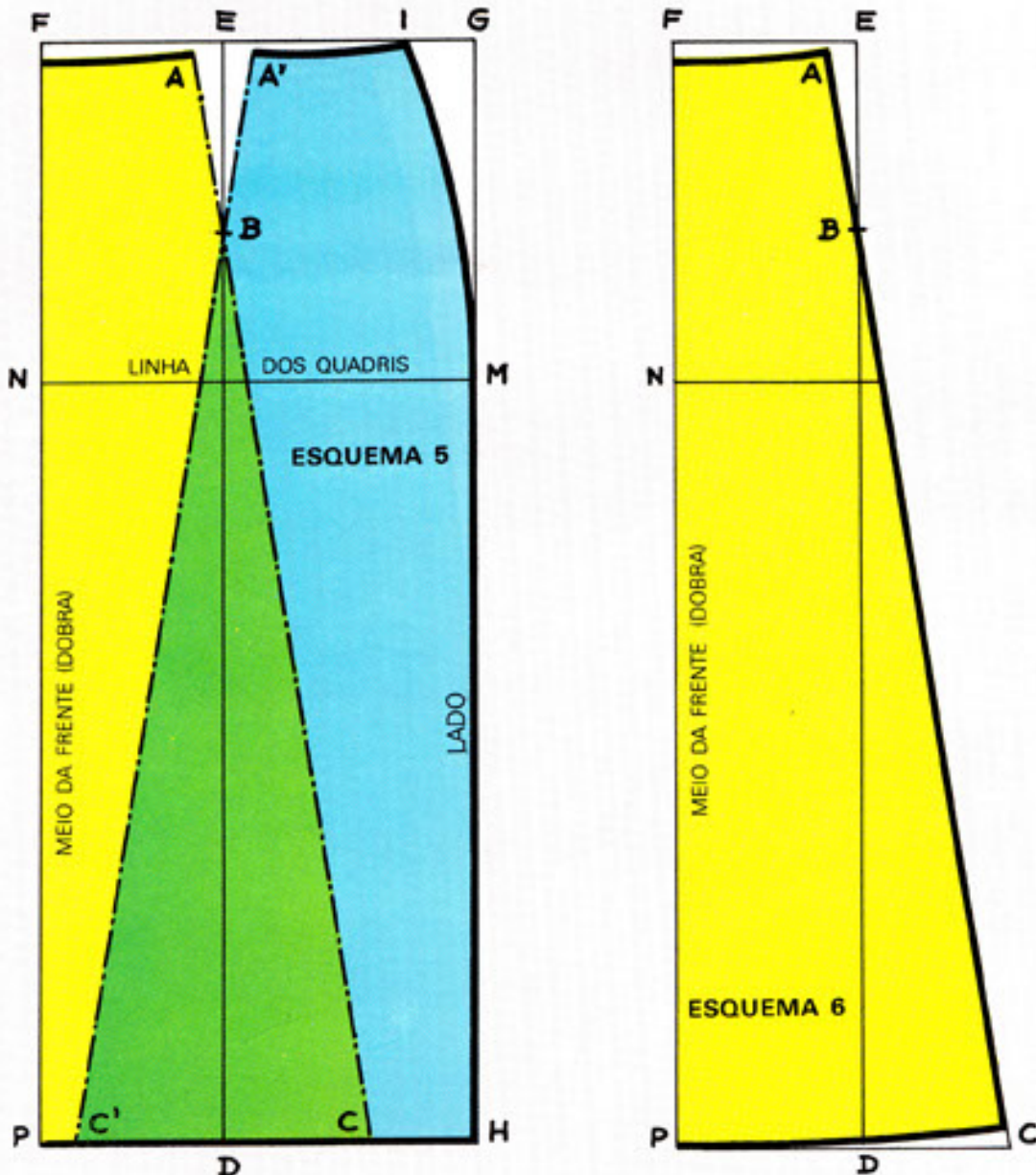
Metragem — Duas alturas da saia, incluindo costuras e bainha, num tecido com 1,40m de largura.

MOLDE

Frente (esquema 5) – Trace o molde da frente da base da saia reta, traçando o eixo da pence ED, aproximadamente no meio de FI. Risque os lados da pence e prolongue-os até a bainha. Se ED

estiver bem vertical, as distâncias DC e DC' serão iguais. Assim procedendo, já delimitamos os dois panos da frente, que se superpõem desde a ponta da pence – ponto B – até a bainha. Resta agora separá-los.

Pano Central da frente (esquema 6) – Corte o pano da frente pela reta ABC, separando-o do pano lateral, como mostra o esquema 6. Corte esta peça uma vez no tecido dobrado pelo meio da frente FP. Arredonde a bainha.

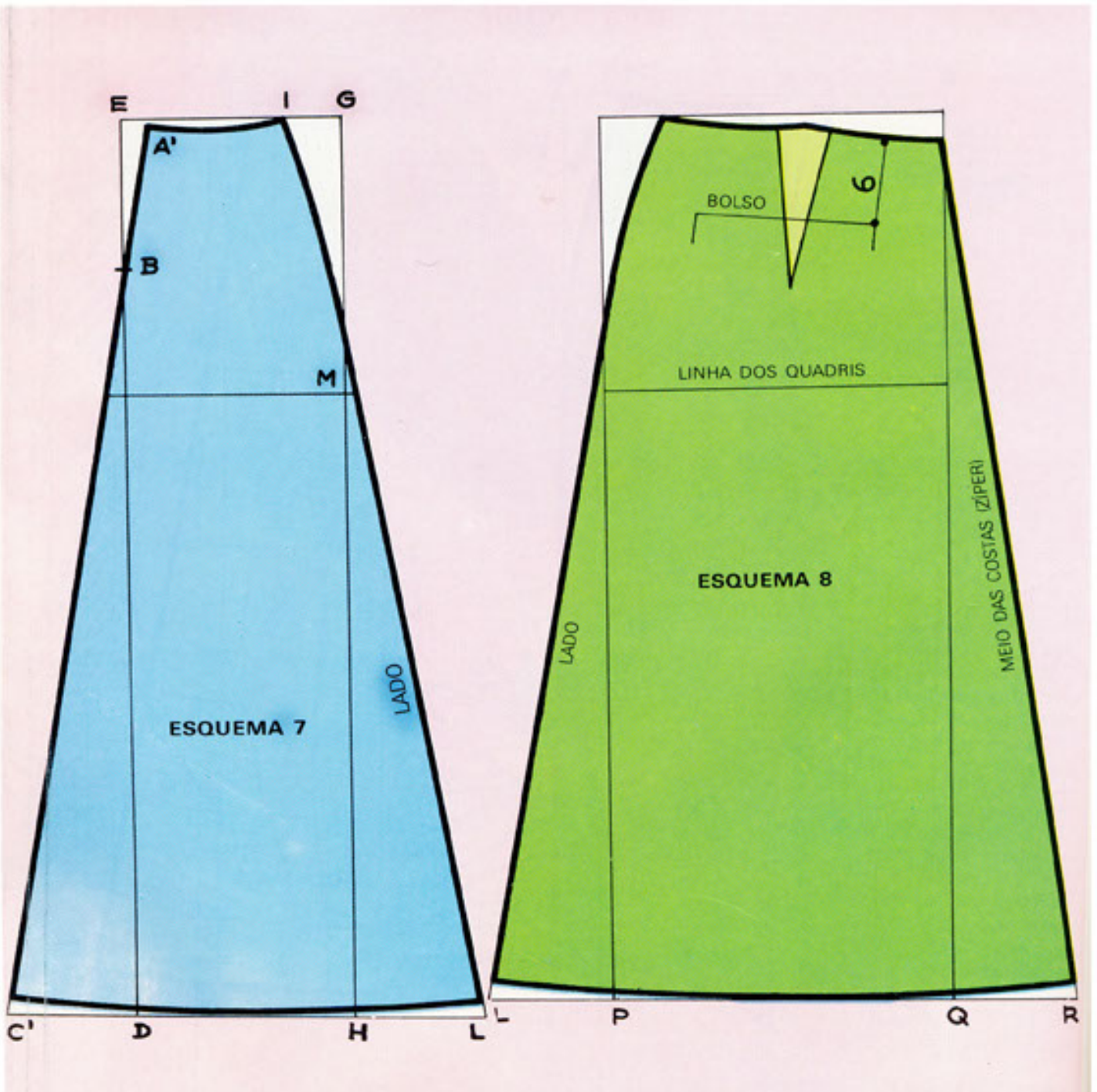


Pano Lateral da Frente (esquema 7) – Como o molde do pano lateral ficou truncado pelo corte de separação do pano da frente, cole um pedaço de papel ao longo da linha cortada BC (em tracejado no esquema 7). Prolongue então o lado da pence A'B para baixo até C', de modo que C'D seja igual a DC. Feito isso, alargue o molde no lado, de H até L, na mesma me-

dida de C'D. Trace agora a costura lateral, levantando uma reta do ponto L até tocar a curva do quadril e continuar por esta linha até o ponto I na cintura. Arredonde a bainha. Corte esta peça duas vezes no tecido.

Costas (esquema 8) – Trace as costas da base da saia reta. Alargue a bainha em ambos os lados,

de P a L e de Q a R, na mesma medida de DC ou C'D na frente. Trace a costura do meio das costas, ligando o ponto R ao ponto M, na cintura, por uma reta, e, para a costura lateral, levante uma reta do ponto L até tocar a curva do quadril continuando por esta linha até o ponto I na cintura. Arredonde a bainha. Corte esta peça duas vezes no tecido.



MONTAGEM

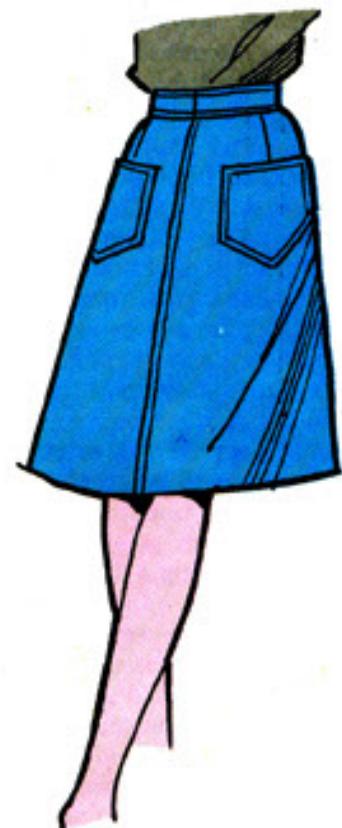
1. Feche a pence das costas e costure todos os paños da saia, deixando na costura central das costas uma abertura de 20 cm para o zíper. Pesponte as costuras.

2. Monte o zíper.

3. Prepare os dois passadores, entretelando e pespontando pelas marcações. A seguir, prepare o cós, prendendo os passadores na costura da borda superior, exatamente na altura das costuras dianteiras.

4. Monte o cós na cintura da saia e feche o pequeno transpasse ao nível da maneira com um colchete próprio para isso. Fixe as extremidades soltas dos passadores com tachas metálicas e passe um pesponto horizontal sobre eles, exatamente por cima da costura de montagem do cós.

5. Faça uma bainha de 3cm de largura na barra da saia e fixe-a com pontos a mão em espinha de peixe. Ou, então, faça uma bainha estreita de 2cm e pesponte-a a 1cm de distância da borda.

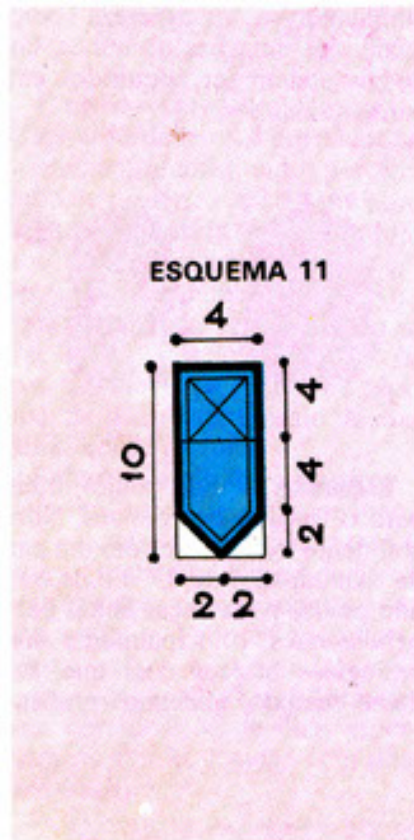


Bolso Traseiro (esquema 9) – Trace o molde de acordo com as medidas indicadas no esquema. Corte duas vezes no tecido.

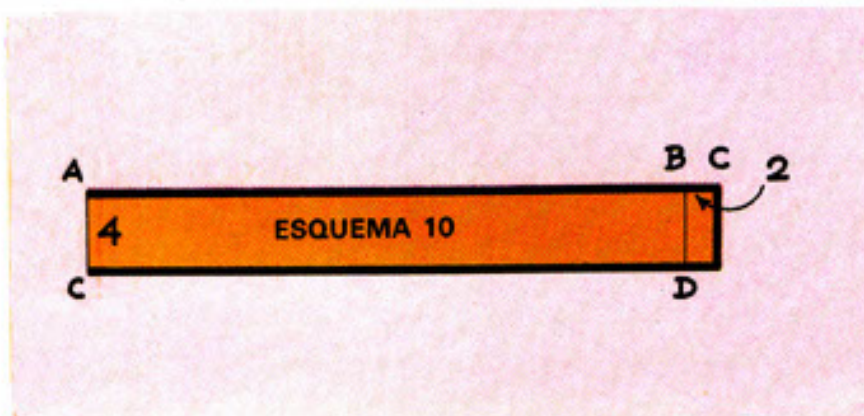


Passador (esquema 11) – Trace o molde, seguindo as medidas dadas no esquema. Corte quatro vezes no tecido. O sistema de pespontos vai desenhado no próprio molde.

Observações — Em nossas interpretações, os esquemas dos moldes são traçados nas medidas exatas, tornando-se necessário acrescentar margens de costura e bainhas na passagem para o tecido. A montagem, que acompanha as interpretações, apenas fornece o roteiro de execução da roupa. Como transportar os moldes para o tecido e as técnicas de costura serão objeto de lições através de todo o curso.



Cós (esquema 10) – Trace uma tira com o comprimento AB igual à metade da medida da sua cintura e a largura AC igual a 4 cm. Corte duas vezes no tecido dobrado pelo meio das costas AC. Numa das extremidades, acrescente um transpasse BC com 2 cm de largura. Esse transpasse é necessário para o fechamento do cós ao nível do zíper que fecha a maneira (chama-se maneira de uma saia a abertura que ela possui junto à cintura, para permitir sua passagem pelos quadris; atualmente, na maioria esmagadora dos casos, ela é fechada por um zíper).



COSTURA III



AUXILIARES DE COSTURA

Além dos utensílios indispensáveis ou, pelo menos, importantes em costura, há uma série deles que, embora dispensáveis, ajudam muito a realização do seu trabalho. Alguns podem ser encontrados em armarinhos, outros você mesma os fará. E ainda outros, finalmente, não passam de objetos comuns de uso caseiro que poderão ser adaptados para a costura. Há ainda instrumentos de desenho, compráveis em papelarias, que podem auxiliar bastante no traçado dos moldes.

Entre os instrumentos que pode adquirir em armarinhos e papelarias estão os seguintes:

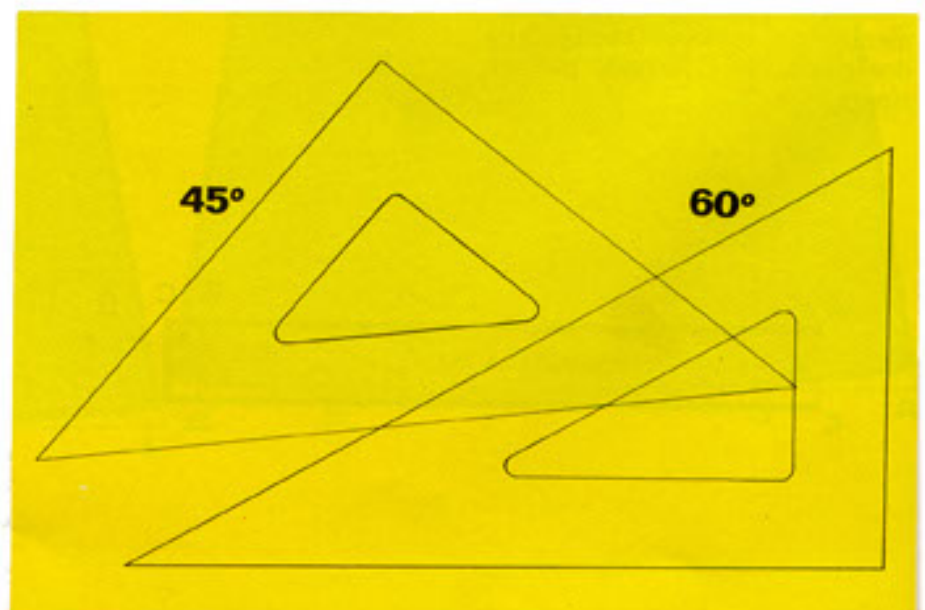
Dedal – Muitas costureiras não conseguem se adaptar ao uso do dedal, mas aqui está um conselho para todas, sobretudo para aquelas que ainda não estão acostumadas a trabalhar com ele: comprem um dedal; se familiarizem com o seu uso. É, na verdade, um hábito salutar o seu emprego, porque protege a extremidade do dedo e favorece a rapidez da costura. Usa-se o dedal no dedo médio. Quando apresentar alguma aspereza que possa prejudicar o tecido, o mal pode ser remediado, eliminando-se a aspereza com auxílio de uma lixa de unhas. Os dedais podem ser adquiridos em vários tamanhos.



Esquadros – São muito úteis para o traçado dos moldes. Normalmente trabalha-se com um par de esquadros: o de 45° e o de 60°. São usados para traçar linhas perpendiculares, principalmente nos retângulos básicos com que, no nosso método, iniciamos pratica-

mente o traçado de todos os moldes. O esquadro de 45° permite também traçar a diagonal perfeita e, conseqüentemente, marcar no molde a direção do fio, quando ele é cortado no viés (basta fazer coincidir um dos catetos com o meio da peça. A hipotenusa dará a direção do fio). Os esquadros são fabricados em madeira – alguns com marcações milimetradas sobre um dos catetos ou então em plástico transparente, atualmente mais comuns, por serem mais duráveis, de fabricação mais rigorosa e de manuseio mais cômodo. Quando se usa um esquadro de madeira é conveniente verificar se o ângulo reto é perfeito e se as suas arestas se encontram em bom estado, isto é, lisas e sem irregularidades.

Se não dispõe de um esquadro, pode obter facilmente um ângulo reto com suas linhas perpendiculares entre si, apanhando um pedaço de papel, em que uma das bordas esteja perfeitamente reta. Dobre o papel, fazendo coincidir as bordas retas. O ângulo formado pela borda dobrada com as bordas superpostas é um perfeito ângulo reto ou de 90°.



ANTES DE CORTAR O TECIDO...

Antes de cortar os moldes na fazenda, não custa nada tomar certas precauções para evitar incidentes que poderão arruinar o seu trabalho. Se você desconfiar que o tecido irá encolher após a primeira lavagem, torna-se necessário que se molhe toda a metragem dentro de uma banheira que é, sem dúvida, o local mais apropriado, durante o correr de uma noite, ou seja, cerca de 12 horas. Pela manhã, deixe escorrer dentro da banheira o máximo de água possível do tecido, comprimindo-o para apressar o processo. Não esqueça de que não se deve desdobrar o tecido, colocando-o dobrado na banheira, de acordo com o seu tamanho. Depois de escorrer a água, estenda o tecido ao vento, sem torcê-lo, deixe-o secar até ficar ligeiramente úmido e depois, então, passe-o inteiramente a ferro, pelo avesso. Observe com atenção estes dois pontos de importância: o tecido deve secar ao vento, nunca ao sol, e deve ser passado ligeiramente úmido, sempre pelo avesso, jamais pelo direito. As razões deste proceder são tão claras que nos eximimos de repeti-las aqui.

Quando se trata de um tecido de lã ou flanela, o preparo da fazenda é o que os franceses chamam de "décatissage", palavra que não tem outra correspondente em português, razão pela qual, passaremos a usá-la, sempre que necessário. Em princípio, deve-se "décatir" todas as fazendas de lã, isto é, submetê-las ao processo do "décatissage". Mesmo que o fabricante haja assegurado que o tecido foi previamente encolhido e deslustrado, é prudente desconfiar sempre.

O processo do "décatissage" consiste no seguinte: sobre uma mesa ou uma tábua de engomar, coloque o tecido, dobrado em dois, o lado direito para dentro e o avesso para fora. Prepare um recipiente com água bem limpa, um pano branco bastante largo, isto é, que corresponda, pelo menos, à largura do tecido dobrado: cerca de 70cm de comprimento por 50cm de largura. Mergulhe este pano na água, torcendo-o em seguida, para que fique bem molhado, sem contudo estar ensochado. Assim feito, estenda o pano sobre o tecido e passe o ferro bem quente, sem apoiá-lo com muita força, para não fazer nenhuma

lho já foi efetuado. Desta maneira, o vapor penetrará uniformemente no tecido inteiro. Vá procedendo de maneira idêntica até o fim da metragem e recomece a mesma operação sobre o outro lado do tecido de lã. Agindo assim, fique certa de que pode trabalhar sem inconvenientes. O "décatissage", quando é bem feito, impede que o tecido encolha na primeira lavagem, e favorece o corte dos moldes, uma vez que a fazenda está muito esticada e lisa.

Constitui um desleixo imperdoável por parte de quem vai cortar um vestido, transportar os moldes para um tecido não-preparado, nem sequer mesmo passado



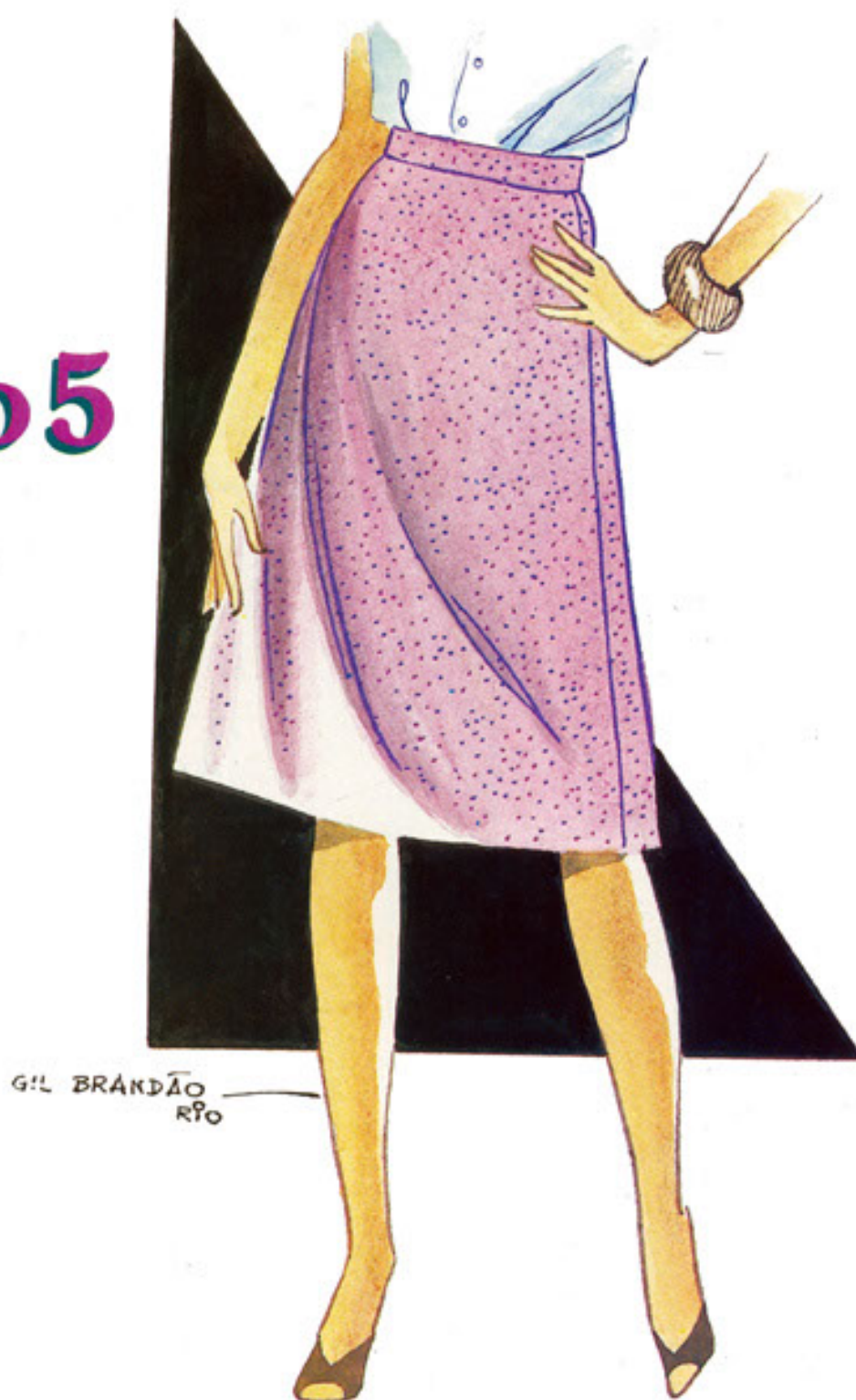
marca sobre a lã, que deve ser, no final de contas, tratada pelo vapor. Passe o ferro desta maneira até a secagem completa do pano. Verifique então se o tecido está bem liso porque, em caso contrário, é preciso retomar o pano úmido e repassá-lo ligeiramente mais uma vez. Se a lã ficar um pouco úmida com este tratamento, não tem importância: basta deixá-la secar por si mesma.

À medida que for deslocando o pano branco para o "décatissage" de toda a fazenda, preste atenção ao lugar em que terminou o processo anterior, a fim de que o pano molhado seja colocado exatamente no ponto em que o traba-

simplesmente a ferro, cheio de dobras, rugas e pregas. Muitas mulheres assim procedem, mais por comodidade do que por desinteresse. Muitas vezes é a pressa que as leva a cortar uma fazenda no mesmo estado em que saiu da peça na loja. Esse hábito é péssimo e deve ser corrigido por duas razões principais: primeiro, porque um molde cortado num tecido enrugado e cheio de pregas ficará, com toda probabilidade, deformado quando o tecido for passado a ferro, e segundo, porque as costuras jamais ficarão corretas, quando feitas numa fazenda amassada, mesmo que, posteriormente, sejam passadas e repassadas a ferro.

Lição 5

SAIAS EVASÊS



3.SAIA EVASÊ SEM PENCES

Esta base de saia evasê, além de prática, facilita extremamente a interpretação de modelos que têm nela o ponto de partida, por não

apresentar nenhuma pence. Conforme o modelo, pode ou não ter costuras laterais, enquanto o zíper tanto pode ser montado na lateral esquerda quanto numa costura no meio das costas ou da frente.

MOLDE

Frente (esquema 1) – Trace a base da saia reta, fazendo a frente mais larga, conforme ensinamos na lição 3. Separe a frente das costas.

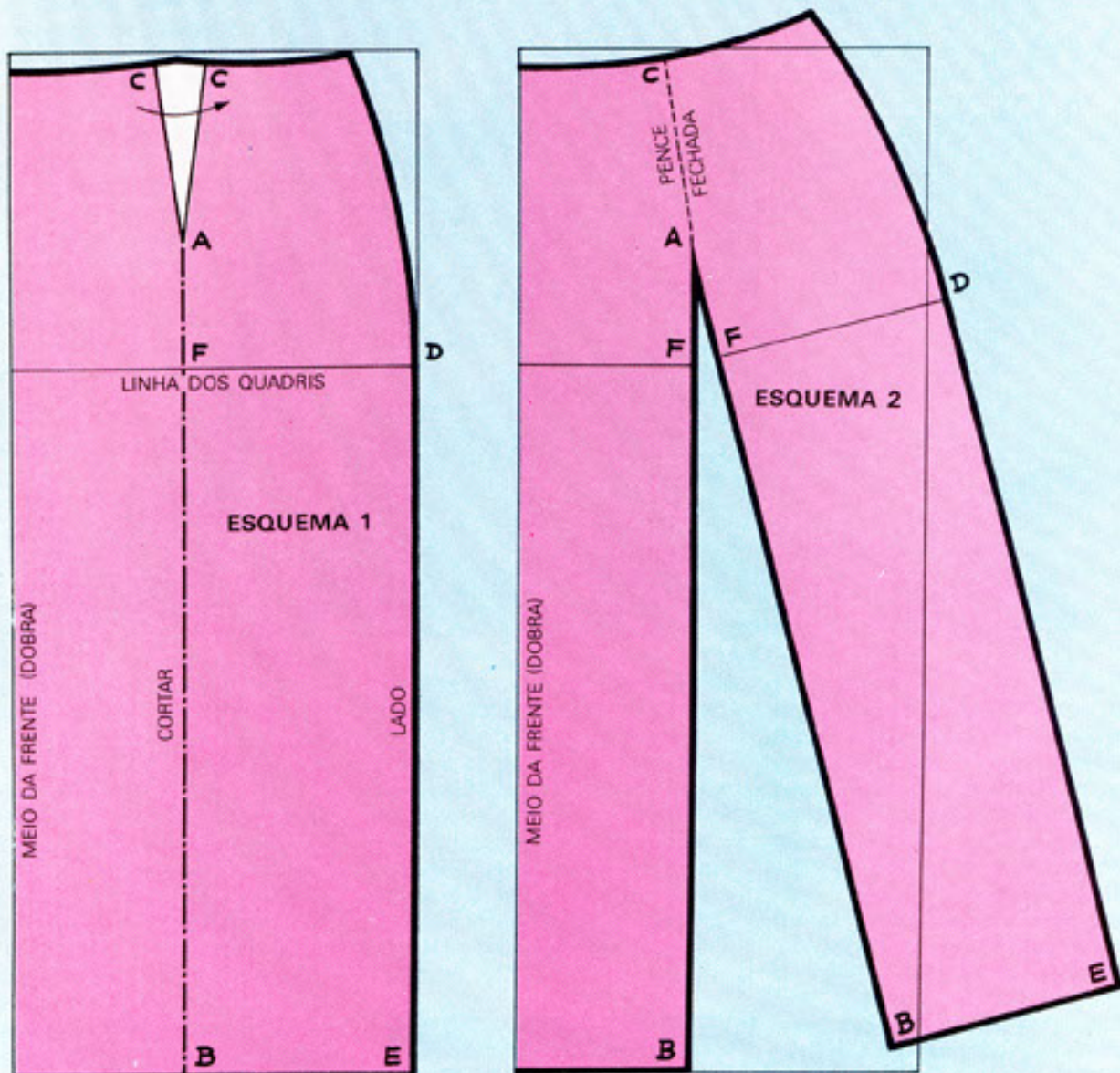
A seguir, pegue o molde da frente e trace a vertical AB, partindo da ponta da pence – ponto A – e descendo até a bainha no ponto B. Corte esta vertical com a tesoura e feche a pence. Como

consequência, o corte se abrirá (veja o esquema 2), alargando a saia para baixo. A correspondência das letras facilitará a compreensão do processo.

Como a curvatura do quadril não se alterou, a sua linha se tornou exageradamente abaulada para a queda do evasê. Para suavizá-la, marque para dentro, na linha dos quadris, a distância DD' com 1 cm. Do ponto D', desça a reta lateral até o ponto E e suba uma curva

suave até a cintura. A linha tracejada mostra o contorno primitivo.

Para terminar o molde definitivo, cole um papel por baixo da abertura do corte – para fechá-la – e arredonde a bainha entre os pontos B e B, como mostra o esquema 5. Conforme o modelo, a frente desta saia pode ser cortada uma vez com a fazenda dobrada pelo meio, ou então duas vezes, com uma costura ou abotoamento central.

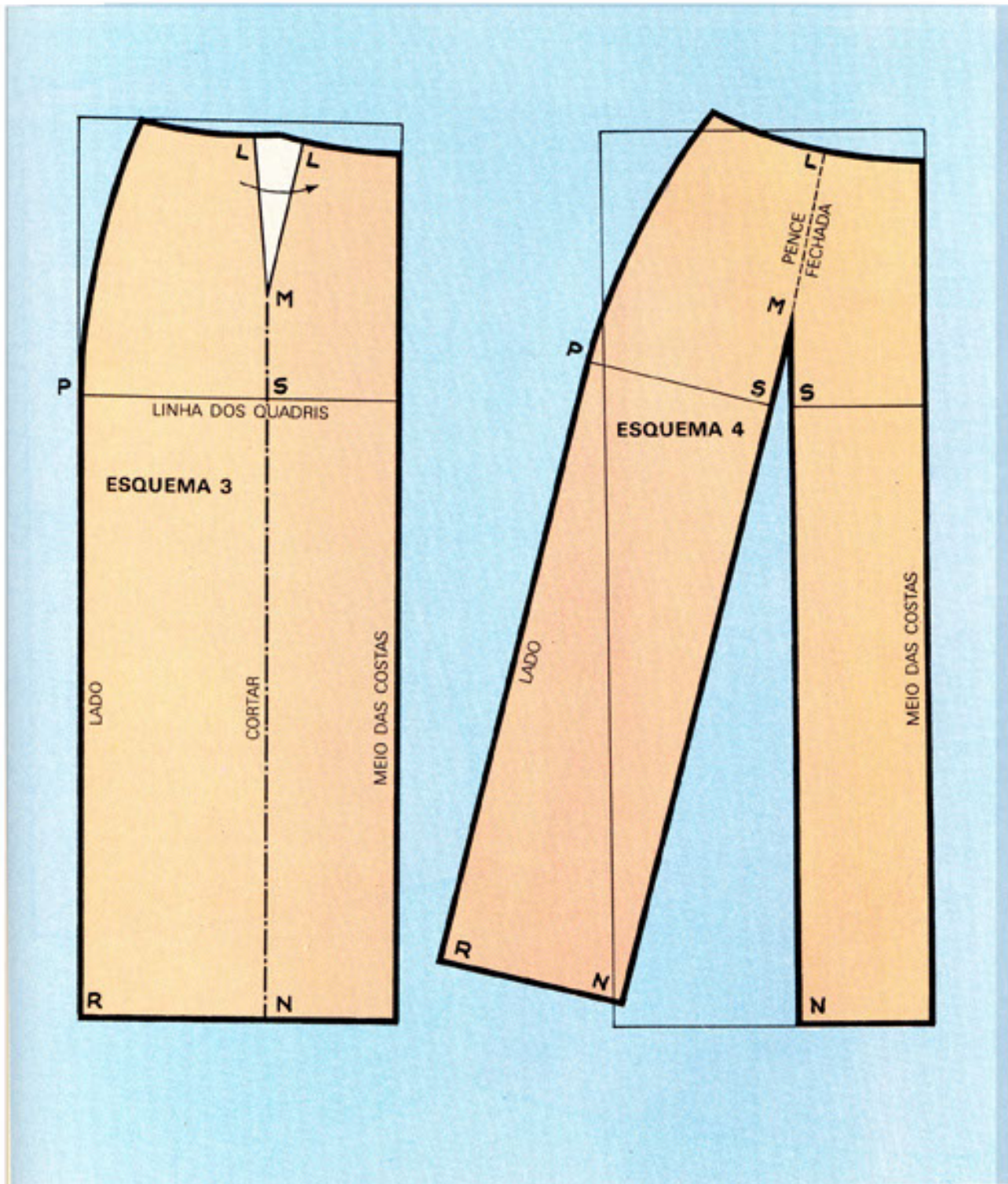


Costas (esquema 3) – Pegue o molde das costas, já separado na frente, e proceda de modo idêntico ao da frente. Trace a reta vertical, partindo do ponto M na ponta da pence e descendo até o ponto N na bainha. Corte a reta MN com a tesoura e feche a

pence, obrigando o corte a abrir (veja o esquema 4), a fim de obter o movimento evasê.

Para chegar ao molde definitivo, cole por baixo da abertura do corte um pedaço de papel, e arredonde a bainha entre os pontos N e N. Como na frente, suavize a

curvatura do quadril, marcando para dentro, na linha dos quadris, a distância PP' com 1cm (veja o esquema 6). Do ponto P', desça a reta lateral até o ponto R e levante uma curva suave até a cintura. A linha tracejada mostra o contorno primitivo.



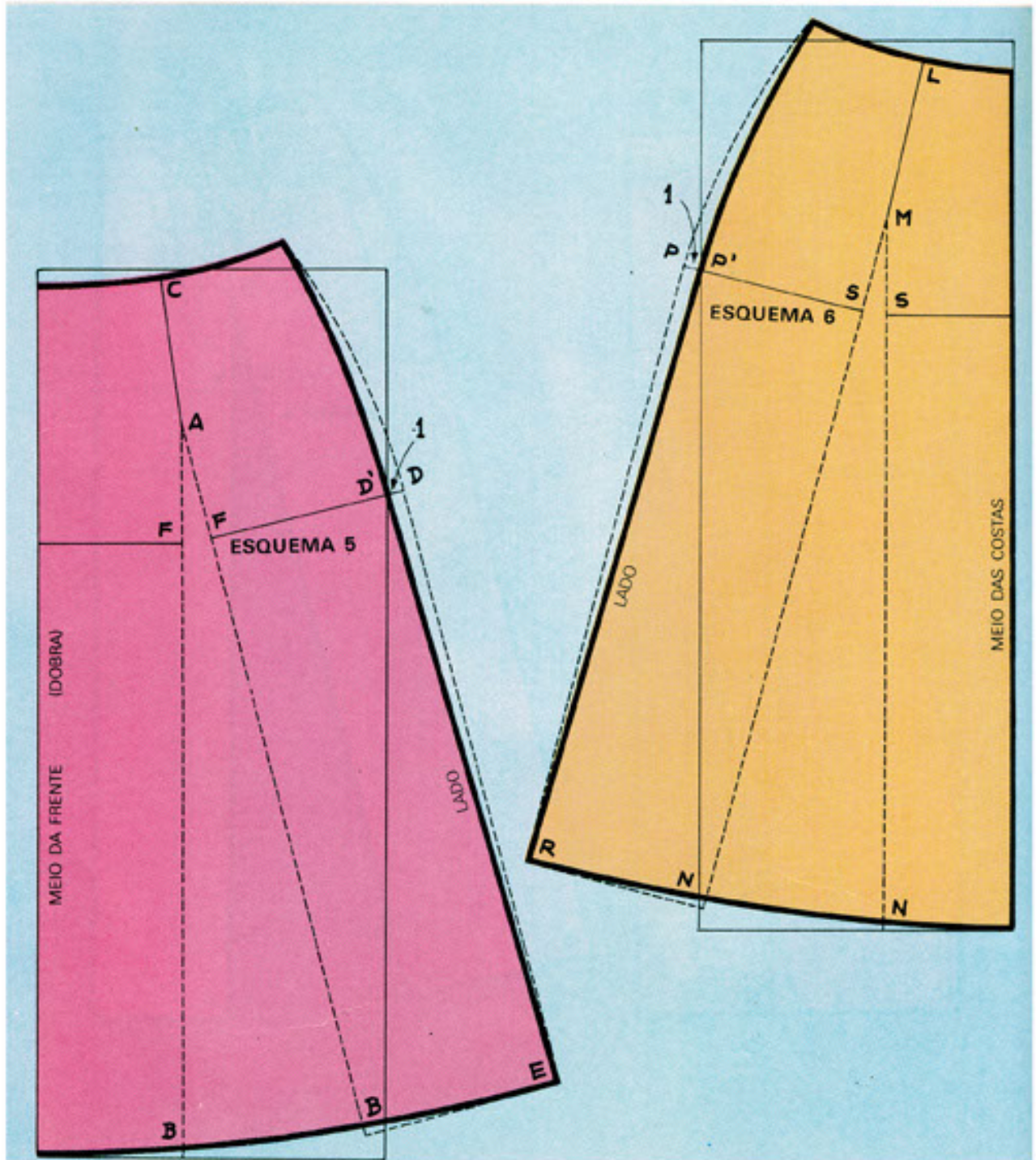
58 SAIAS EVASÊS

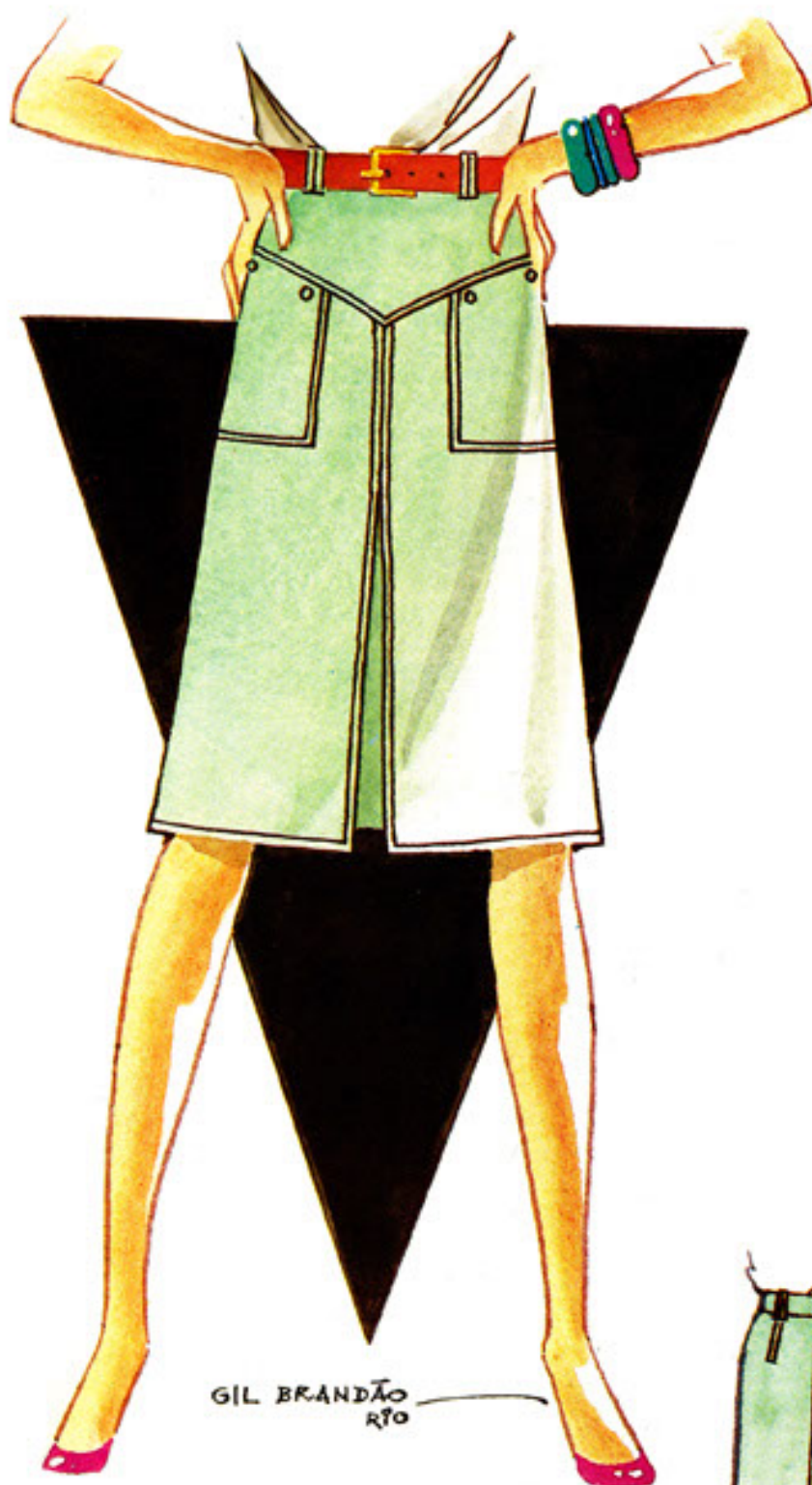
De acordo com o modelo, as costas podem ser cortadas uma vez com a fazenda dobrada pelo meio, ou então duas vezes, para criar uma costura central, onde será montado o zíper.

Este gênero de saia evasê é aconselhável às mulheres de qua-

dris largos e cintura delgada, já que a sua linha, abrindo para baixo, disfarça o desequilíbrio entre a cintura e os quadris. As saias retas, ao contrário, acentuam esse desequilíbrio e, por isso, devem ser evitadas. Por outro lado, a ausência de pences no traçado final da base a favorece como ponto de

partida para a interpretação de modelos. A superfície lisa e contínua do molde da frente e das costas permite o traçado de recortes sem a menor dificuldade, o mesmo acontecendo com a colocação de detalhes, como bolsos, pregas, etc.





GIL BRANDÃO
RTO

INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



UMA SAIA RETA COM PALA

Esta saia, de linha reta, por sua economia de detalhes, pode ser usada tanto pelas magras como pelas gordinhas. Na frente, uma pala em bico, de cuja ponta desce uma costura central, que deixa embaixo uma abertura para facilitar o caminhar. De cada lado se aplica um bolso retangular, cuja borda superior coincide perfeitamente com a costura da pala. Tachinhas metálicas marcam os cantos superiores de cada bolso. As costas não apresentam detalhes, a não ser uma costura central, onde está montado o zíper. Todas as costuras são pespontadas, inclusive as pences das costas.

Na cintura, um cós largo sustenta passadores, por baixo dos quais pode correr um cinto qualquer de couro ou de lona.



MATERIAL – Qualquer tecido encorpado, de linho ou algodão, como o brim, a gabardine, o jeans, etc.

METRAGEM – Duas alturas da saia – incluindo costura e bainha – mais 15cm para o cós, se o tecido tiver 0,90m de largura. Com 1,40 m, basta uma altura.

MOLDE

Frente (esquema 7) – Trace a base da saia reta, com a frente mais larga do que as costas, de acordo com o que ensinamos na lição 3. Separe a frente das costas.

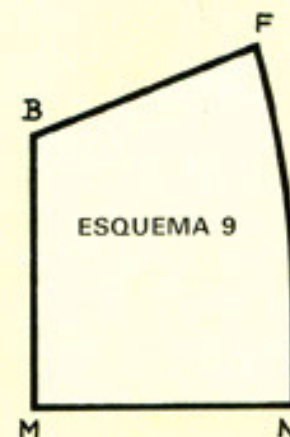
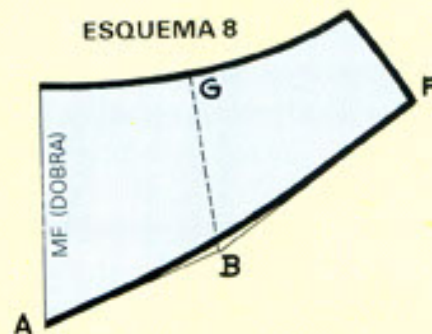
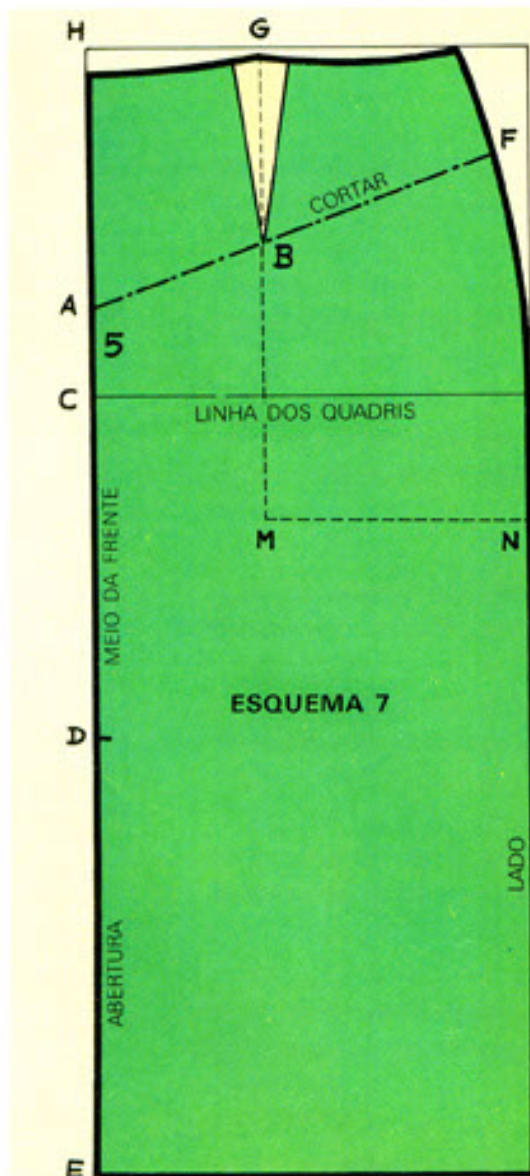
A seguir, sobre a base da frente, trace a linha da pala AF, passando pela ponta da pence. Para obter a inclinação da linha, o ponto A

deve estar a cerca de 4 ou 5cm acima do ponto C na linha dos quadris. Evidentemente, esta medida de AC pode variar de acordo com a sua vontade até que a linha da pala tenha uma inclinação que mais lhe agrade. Corte a frente duas vezes no tecido.

Pala da frente (esquema 8) – Separe o molde da pala, cortando-o pela linha AF no esquema 4. A seguir, feche a pence, a fim de fazê-la desaparecer, o que pode ser feito sem problemas, já que a sua ponta se encontra na borda da peça. Neste ponto – ponto B no esquema –, forma-se um ângulo que é eliminado arredondando-se ligeiramente o contorno da peça.

Corte a pala duas vezes no tecido.

Bolso (esquema 9) – Trace o contorno do bolso sobre o próprio molde da frente, como se pode ver pela linha tracejada no esquema 4. As dimensões do bolso devem ficar a seu critério. Não o faça, porém, grande demais, se você não é alta. De um modo geral, ele deve descer abaixo da linha dos quadris em cerca de 6cm para traçar sua borda vertical BM. Quanto à largura MN, o lado BM deve distar cerca de 10cm do meio da frente. Com a carretilha ou o papel-carbono, transporte o desenho do bolso para outro papel, a fim de ser recortado. Corte o bolso duas vezes no tecido.



Costas (esquema 10) – É o próprio molde das costas da base da saia, sem modificações. Corte duas vezes no tecido.

Cós (esquema 11) – Trace o retângulo ABCD, em que AB mede a metade da medida da cintura e AC o dobro da largura desejada para o cós – 4cm mais ou menos. Corte no tecido dobrado pelo meio da frente AC e acrescente

numa só das extremidades o transpasse EF a 2cm de BD, para o fechamento do cós ao nível do zíper.

Corte – Como os moldes são traçados nas medidas exatas, ao passá-los para o tecido, acrescente em volta uma margem de 2cm para as costuras e de 5cm para as bainhas da abertura da frente, da barra da saia e da borda superior do bolso.

MONTAGEM

1. Costure a pala nas duas partes da frente e pesponte a costura.

2. Feche o meio da frente até o ponto D, deixando uma abertura daí para baixo. A medida DE desta abertura ficará a seu critério. Dobre a bainha da abertura para o avesso e pesponte a costura central de ambos os lados, seguindo o pesponto ao longo das bordas da fenda.

3. Aplique o bolso sobre a marcação, prendendo-o com um pesponto duplo nas bordas. O lado superior deve estar com a bainha dobrada para o avesso e coincidindo com a costura da pala. Fixe-a nos cantos com tachinhas de metal. A borda lateral do bolso deve ficar justinha com a costura lateral da saia.

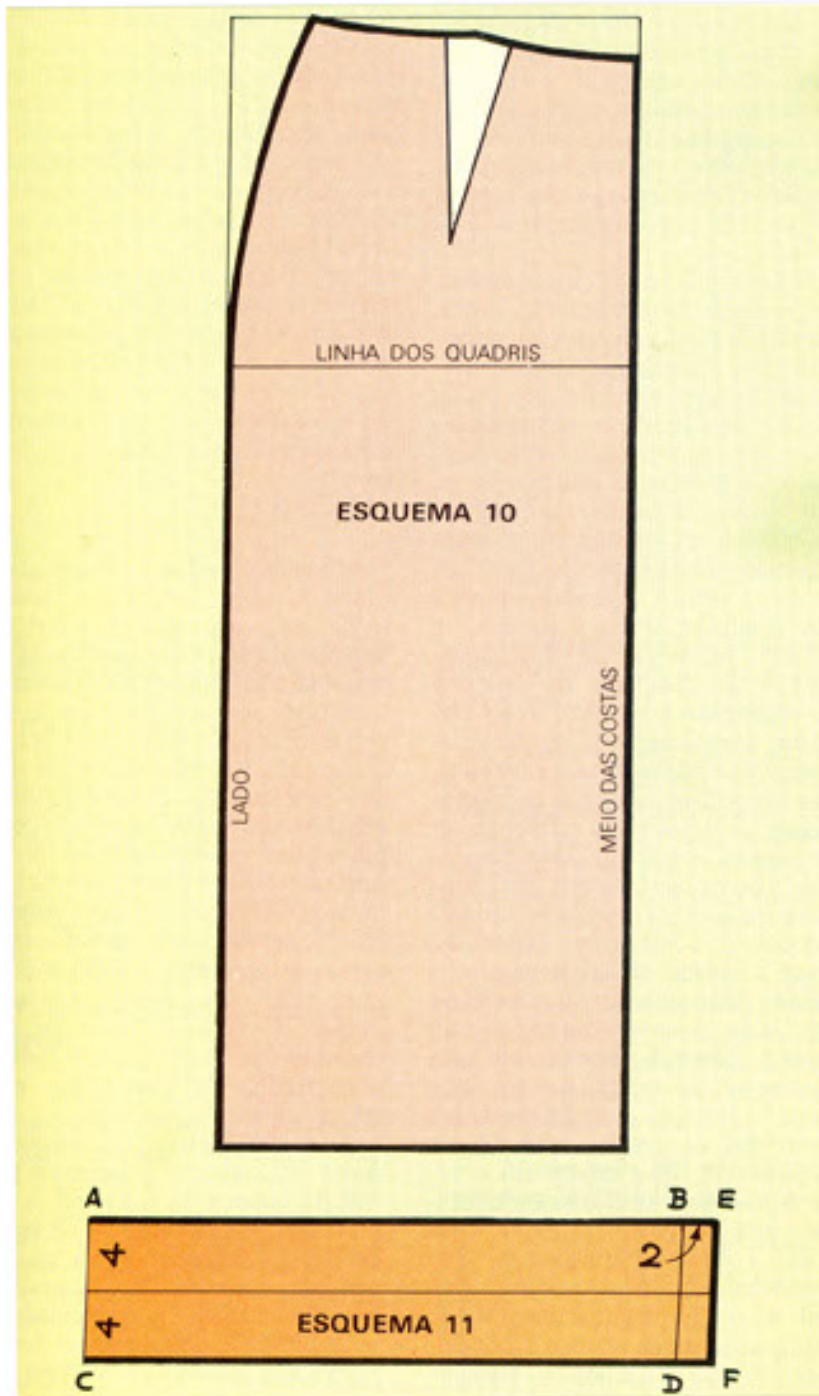
4. Feche as pences das costas, vire a dobra interna para um lado só e fixe-a com dois pespontos, um junto à costura da pence e outro numa largura igual aos pespontos duplos da frente.

5. Feche a costura central das costas e monte um zíper de 20cm na parte superior, junto da cintura.

6. Faça quatro passadores com 1cm de largura (corte cada um no tecido com largura dupla e um comprimento igual à largura do cós, acrescentando costuras).

7. Cole a entretela no avesso do cós e dobre-o ao meio, direito contra direito. Feche as extremidades e a costura inferior do transpasse. Vire para o direito e monte na cintura da saia, encaixando a extremidade inferior dos passadores na costura. Dobre a extremidade superior de cada passador e costure-a rente à borda do cós. **Note que os passadores das costas devem ser colocados ao nível das pences.**

Observação – Mais uma vez chamamos a atenção para a montagem. Ela só se refere à ordem e à sucessão das diversas fases de execução da roupa. Os processos e técnicas de costura serão objeto de lições através de todo o nosso curso. Não voltaremos mais a fazer esta observação.





A MÁQUINA DE COSTURA

A máquina de costura é, indubitavelmente, o elemento mais importante na confecção de uma roupa, razão pela qual reservamos um espaço exclusivo para ela. O comércio competitivo, lançando mão da publicidade, faz com que prestemos demasiada atenção às diferenças e qualidades entre as diversas marcas e os vários tipos e nos esqueçamos de que o mecanismo das máquinas de costura é basicamente o mesmo, qualquer que seja a sua marca.

As máquinas de costura de uso doméstico executam um ponto chamado "point de navette", ou seja, o nosso conhecido ponto reto, formado por dois fios que se cruzam entre as duas espessuras de tecido. Não há nem avesso, nem direito. Para que o ponto se forme, é necessária uma perfeita sincronização dos movimentos da agulha com os do gancho da lançadeira, de modo que a linha da agulha dê uma laçada na linha da bobina. Para controlar o correr destas duas linhas, todas as máquinas possuem dispositivos especiais, como os reguladores de tensão, o estica-fio – que regula o fluxo da linha superior – e o guia-fio.

A formação do ponto também depende de uma interação entre a agulha, o pé calcador ou sapatilha e os dentes impelentes. Enquanto o pé calcador segura o tecido, mantendo-o em posição para ser atravessado pela agulha, que leva para baixo a linha que vai dar o ponto com a linha da bobina, os dentes impelentes fazem avançar o tecido para receber o ponto seguinte, depois que a agulha torna a subir.

Esta maneira de funcionamento da máquina de costura diz respeito ao ponto comum, mas constitui também as operações básicas para outros tipos de pontos, como o de ziguezague, o flexível, o corrente ou os pontos especiais para bordados, pregar botões, etc. etc., embora para estes pontos sejam necessários acessórios especiais. Para o ponto de ziguezague, a agulha trabalha movendo-se de um lado para o outro. Já no ponto flexível, apesar de ela mover-se, às vezes, de um lado para o outro, a característica principal se coloca nos dentes impelentes, que deslocam o tecido nos dois sentidos da costura, isto é, para frente e para trás. Todas as máquinas, que também executam o ponto flexível e o de ziguezague, estão equipadas com dispositivos especiais que regulam o comprimento e a largura dos pontos.

As máquinas de costura podem ser movidas a pedal ou a motor elétrico. Tanto podem vir montadas sobre uma bancada, como incorporadas a um móvel, ou então portáteis – bem práticas para quem não dispõe de muito espaço.

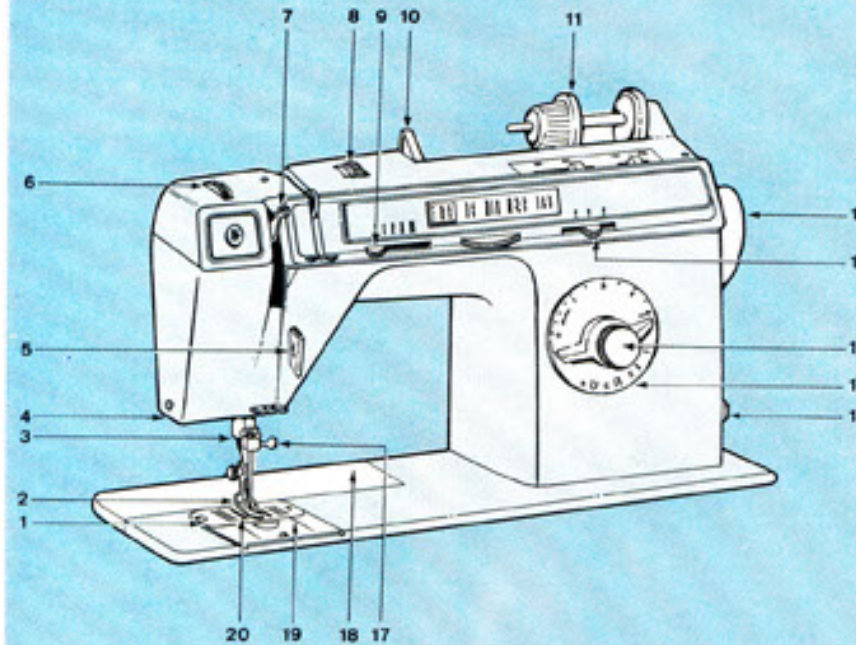
Máquina de pedal – São as máquinas primitivas, totalmente em desuso nos dias de hoje com o advento da eletricidade e a sua expansão para as cidadezinhas mais distantes. São montadas sobre uma armação de ferro fundido, que suporta uma mesa de madeira e a cabeça da máquina. Podem também ser incorporadas em um móvel. Neste caso, a cabeça é basculante para ser dissimulada por baixo da mesa quando não está em uso. O pedal é impulsionado pelo pé, para frente e para trás, a fim de fazer funcionar os diferentes mecanismos por intermédio de uma correia que passa pelo volante.

Máquina elétrica – Nesta máquina, a ação do pedal é substituída por um motor elétrico, acompanhado por um reostato comandado pelo pé. A máquina elétrica pode ser, como a máquina de pedal, montada sobre uma armação ou dissimulada dentro de um móvel. Para o uso doméstico, ela é geralmente portátil, para não ocupar muito espaço nem se tornar um estorvo em apartamentos pequenos. A cabeça e uma pequenina mesa dobrável substituem a mesa de trabalho e todo o conjunto está colocado dentro de uma maleta. O reostato pode ser comandado pelo pé ou pelo joelho, com auxílio de uma haste metálica, chamada joelheira.

O motor elétrico, de pequena força, encontra-se geralmente por trás da cabeça da máquina. A velocidade que se obtém é de cerca de 800 a 1.000 pontos por minuto nas máquinas do tipo doméstico. Nas industriais, a velocidade é muito maior, obrigando as costureiras não habituadas a elas a um treinamento prévio.

PEÇAS PRINCIPAIS DE UMA MÁQUINA DE COSTURA

1. Chapa da agulha
2. Pé calcador
3. Cortador de linha
4. Farolete embutido de iluminação
5. Guia-fio
6. Regulador da pressão do calcador
7. Estica-fio
8. Regulador da tensão
9. Alavanca reguladora da largura do ponto
10. Guia-linha de enfiamento automático
11. Prendedor do carretel
12. Volante
13. Alavanca de posição da agulha
14. Botão de retrocesso rápido
15. Seletor do comprimento do ponto
16. Interruptor de luz e força
17. Fixador da agulha
18. Tampa dobrável
19. Chapa corrediça
20. Dentes impelentes



A CABEÇA DA MÁQUINA

É a parte essencial da máquina de costura. É constituída pelos mecanismos transmissores, bem sincronizados, cuja ação permite ao fio superior chegar ao fio inferior da bobina para, com ele, dar a laçada que forma o ponto de costura conhecido como "ponto reto".

Principais peças da cabeça da máquina

1. A **agulha**, o **guia-fio**, o **regulador de tensão** e o **estica-fio** conduzem, freiam e afrouxam a linha superior.

2. A **bobina**, a **lançadeira** e o **gancho da lançadeira** armazenam, conduzem e freiam a linha inferior.

3. O **pé calcador** pressiona o tecido sobre os dentes impelentes.

4. Os **dentes impelentes** conduzem o tecido para a frente após cada ponto.

5. O **volante**, colocado à direita da cabeça da máquina, transmite o movimento ao mecanismo, permitindo levantar e baixar a agulha com a mão para enfiar a linha ou enfiar a agulha no lugar desejado para dar início à costura.

6. O **enchedor da bobina** – algumas máquinas possuem um botão acionador que interrompe a costura e aciona o enchedor da bobina automaticamente, sem que seja necessário removê-la.

7. A **alavanca do pé calcador** serve para levantá-lo ou abaixá-lo.

8. O **fixador da agulha** permite fixar ou retirar agulhas simples e duplas.

9. O **prendedor do carretel** fixa o carretel no pino que, em algumas máquinas, é vertical e, em outras,

é horizontal, permitindo que a linha se desenrole suavemente, sem que o carretel gire.

10. Os **reguladores**, que são dispositivos para controlar a pressão do pé calcador, a tensão da linha, a largura e o comprimento do ponto.

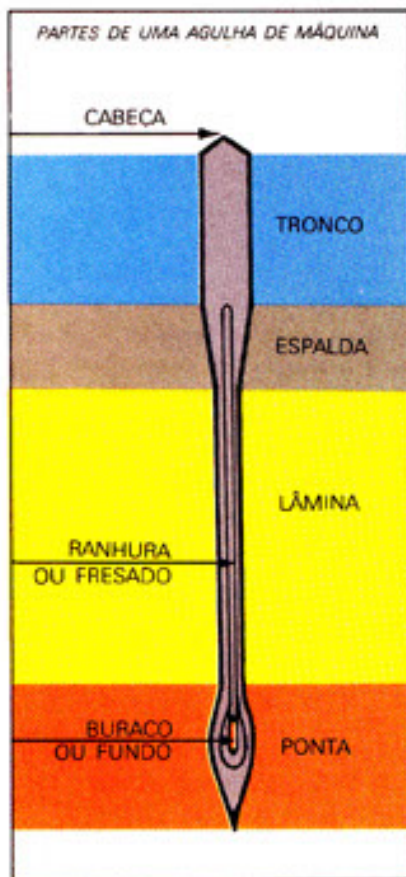
11. O **guia-fio** assegura a seqüência do enfiamento antes da passagem da linha pelo estica-fio.

12. O **estica-fio** controla o fluxo da linha superior.

Há outras peças de maior ou menor importância, como a **chapa corrediça**, que dá acesso à bobina; o **farolete de iluminação**, que ilumina a região da costura, etc. Estas peças variam de marca para marca e se poderá tomar conhecimento delas através do manual que acompanha todas as máquinas.

AGULHAS

A agulha é a peça mais delicada da máquina e, para obter-se bons resultados na costura, escolha sempre uma agulha de número e ponta adequados para o tecido e a linha que se vai utilizar.

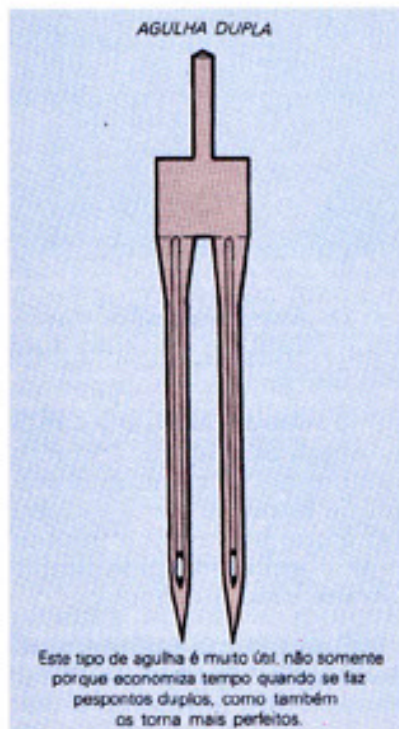


A agulha é constituída de duas partes principais, o **tronco** ou parte superior e a **lâmina** ou **haste**, parte inferior, ligadas entre si por um afunilamento chamado **espalda**. A extremidade superior do tronco é a **cabeça** e a extremidade inferior da lâmina é a **ponta**, onde se encontra o **buraco** ou o **fundo**, para passagem da linha. Um dos lados do tronco é plano, enquanto o outro é abaulado, onde se encontra uma ranhura, que desce ao longo da lâmina até o buraco. Esta ranhura chama-se **fresado**.

Número das agulhas – O número da agulha, marcado sobre o tronco, indica a sua grossura. Há dois sistemas de numeração. No sistema métrico ela é dada em centésimos de milímetro: ao nº 70

corresponde a agulha mais fina – usada em tecidos leves e delicados –, enquanto o nº 110 corresponde à agulha mais grossa – utilizada em tecidos pesados. No outro sistema de numeração, a agulha mais fina é a de nº 9 e a mais grossa, a de nº 18. Na costura usual, as agulhas mais utilizadas variam entre os nº 70 e 90 (9 a 14).

Tipos de agulhas – Conforme sua ponta, existem as agulhas de ponta fina (normal), indicadas para todos os tipos de tecidos fabricados por tecelagem; as de ponta arredondada, para as malhas; e as de ponta facetada, para os couros e tecidos ou materiais sintéticos. Outros tipos de agulhas são as duplas e as triplas, usadas para pespontos duplos e pontos decorativos.



Uso da agulha – Não é suficiente que a agulha seja do tipo e da grossura adequados ao tecido com que se vai trabalhar. É também importante que ela seja adequada à máquina onde vai ser colocada. Em sua maioria, as agulhas de máquina são intermutáveis, mas é sempre conveniente verificar na embalagem se elas são indicadas para a sua máquina.

PÉS CALÇADORES

De acordo com o tipo de costura, existem pés calçadores com sapatilhas especiais, como a sapatilha para costura reta (sapatilha ordinária), a sapatilha para o zig-zague, a sapatilha para zíperes, a sapatilha para casas, a sapatilha para pregar botões e a sapatilha especial para costuras decorativas.



CHAPAS DE AGULHA

Também existem em vários tipos, conforme a costura a ser feita. Assim temos a **chapa de agu-**

lha de ziguezague, que pode ser usada com qualquer sapatilha; a **chapa de agulha para costura reta**, que só deve ser usada com a sapatilha para costura reta; a **chapa de agulha para ponto corrente**, que deve ser usada junto com os demais acessórios quando se deseja formar a correntinha ou costurar em ponto corrente; e finalmente a **cobertura dos dentes impelentes**, usada para costuras com movimento livre, pregar botões e cerzir.

UTILIZAÇÃO E REGULAGEM DA MÁQUINA

Antes de começar uma costura, manobre a máquina com a mão, girando o volante (faça-o sempre em sua direção), a fim de que a agulha, com a linha superior, vá puxar a linha inferior ou da bobina. Deslize os dois fios para trás do pé calcador. Coloque o tecido em posição e baixe o pé calcador sobre ele, a fim de dar início à costura.

Comprimento do ponto – Todas as máquinas de costura possuem dispositivos que permitem variar o comprimento do ponto, adaptando-o ao tipo de trabalho. O comprimento do ponto para costuras simples varia de acordo com o peso, a textura e a estrutura ou processo de fabricação do tecido. De um modo geral, quanto mais pesado o tecido mais longo deve ser o ponto.

Pontos curtos ou apertados, de 1 a 1,5mm, são usados com linhas finas em tecidos leves e para o "cordonnet". Os pontos normais, que variam de 1,5 a 2,5mm de comprimento, são utilizados para os tecidos de peso médio, como os crepes, os algodões, os veludos, etc. Os pontos longos de 3 a 5mm servem para alinhar ou para franzir, chegando mesmo, em certas máquinas, a medir 5cm.

Quando trabalhar com couro e materiais sintéticos, é conveniente usar um ponto relativamente longo, que reduz sensivelmente o perigo de esgarçar, uma vez que a agulha perfura menos vezes. É aconselhável, quando não se tem muita prática, fazer uma experiência prévia num retalho, para regu-

lar o comprimento do ponto em função da linha utilizada e do tecido a costurar.

Tensão do ponto



O ponto estará bem formado quando o cruzamento das linhas se efetuar na espessura do tecido. Se a tensão das linhas não está correta, o cruzamento aparece sobre uma das faces, conforme a tensão errada esteja localizada na linha superior ou inferior. Por este motivo, todas as máquinas possuem um dispositivo de regulagem da tensão da linha superior e a maior parte delas também possui outro para regular a tensão da linha da bobina. Quando a regulagem é alta, a tensão torna-se excessiva e a linha fica insuficiente para a formação do ponto. Neste caso, o tecido franzirá e os pontos se apresentam esticados, com tendência para se partirem. Ao contrário, quando a regulagem é baixa, a tensão insuficiente provoca um excesso de linha, e a costura ficará frouxa e fraca.

INCIDENTES NO TRABALHO DA MÁQUINA

a) A agulha cega (ponta rombuda), torta, curta ou longa demais pode provocar pontos falhados, isto é, pontos em que a laçada não se verifica.

b) Quando a linha parte, é porque ela está mal adaptada à espessura do tecido, ao diâmetro do buraco da agulha ou, então, porque a tensão do ponto é forte demais, a agulha está mal colocada, torta ou sem ponta.

c) Quando a agulha se quebra, é porque está montada obliquamente ou porque é fina demais para o tecido.

d) Quando a costura fica ligeiramente franzida, verifique a tensão das linhas e modifique-a no que for necessário.

CONSELHOS PRÁTICOS

a) O tecido deve ser levado ou conduzido normalmente pela máquina. Não o puxe nunca por trás do pé calcador para não deformar o ponto.

b) Para facilitar o manuseio do tecido, a maior parte do trabalho deve ficar colocada à esquerda, para fora, e não por baixo da cabeça da máquina.

c) Com auxílio de um pincel ou uma escovinha, limpe com frequência os dentes impelentes e o gancho da lançadeira, para livrá-los dos fiapos de tecido. Uma máquina terá uma vida útil bem mais longa e permanecerá sempre em bom estado de funcionamento quando for tratada com os cuidados necessários.

Muita coisa ainda poderia ser dita, mas aqui apenas procuramos dar uma idéia geral do que é uma máquina de costura. Detalhes minuciosos sobre seu funcionamento, suas possibilidades e sua manutenção serão encontrados no manual que acompanha a máquina, qualquer que seja a sua marca de fabricação.

ETAPAS NA CONFEÇÃO DE UMA ROUPA QUALQUER (CONCLUSÃO)

Já comentamos as quatro primeiras fases ou etapas que devem ser seguidas antes e durante a confecção de uma roupa qualquer, para que o trabalho transcorra fácil e rápido. Abordaremos agora as quatro fases finais.

5. Passagem dos moldes para o tecido – Há costureiras que cortam diretamente no tecido, armando o vestido, muitas vezes, no próprio corpo ou sobre um manequim. Este processo, entretanto, é arriscado, exigindo muita perícia e segurança. Sua única vantagem é poupar tempo. Mas as principiantes não devem tentar isso, porque podem desperdiçar uma boa parte da fazenda, se cometerem algum erro. É aconselhável cortar sempre o molde em papel e depois transportá-lo para o tecido, tomando alguns cuidados neste processo. Verifique se as medidas estão corretas e se a metragem total do tecido foi calculada com exatidão. Como os moldes são traçados e cortados nas medidas exatas no papel, acrescente uma margem de costura de 2 a 3 cm ao passá-los para o tecido. Para as bainhas, a margem é extremamente variável. Voltaremos a este assunto, com maiores detalhes, numa lição especial.

Lembre-se de que certos tecidos estampados requerem maior metragem. São exatamente aqueles cujo desenho tem pé. Neste caso, quando o desenho for disposto numa direção, a parte superior de todas as peças do molde deve estar voltada no mesmo sentido. Do contrário, o motivo da estampa ficará de cabeça para baixo em alguma peça, que destoará do res-

tante da roupa. Da mesma maneira, fazendas listradas ou quadriculadas – xadrez graúdo, gênero “príncipe de Gales” ou escocês – devem ser cortadas com muita atenção, para que se consiga uma rigorosa coincidência das listras e dos quadriculados ao nível das costuras. Quando isto não acontece, a roupa adquire um aspecto desleixado, de confecção sem categoria. Existem ainda as fazendas felpudas, cujos pêlos seguem uma só direção, que pode ser determinada escovando-se levemente os pêlos. Feito isto, disponha todas as peças do molde de modo que os pêlos fiquem virados para baixo.

Depois de todos estes cuidados, comece então a prender os moldes no tecido, que deve estar – repetimos – liso, passado a ferro e livre de quaisquer dobras ou rugas. Antes de fazê-lo, porém, estude bem a disposição dos moldes, para economizar o máximo de fazenda. Para facilitar o trabalho, distribua primeiro as peças grandes e depois as menores nos espaços restantes. Para prendê-las, use alfinetes finos e inoxidáveis, sem economizá-los.

Presos os moldes, marque-os no tecido – como veremos detalhadamente na lição especial –, contornando-os com um alinhavo frouxo ou com outra qualquer marcação, como lápis ou giz, para que a reprodução seja exata. Quando as peças da frente e das costas forem cortadas com a fazenda dobrada, marque as linhas centrais antes de desprender o molde. É também conveniente transportar para o tecido todas as marcações de pregas, pences, bolsos, casas, etc. Em fazendas lisas, de trama resistente, as marcações podem ser feitas com a carretilha. Outro método de marcação é o que se obtém com a linha gessada. Para isso, basta passar um giz de tom contrastante na linha com a qual se vai fazer os alinhavos de marcação. Costure o molde junto com o tecido ao longo da linha que se deseja marcar. A seguir, puxe o alinhavo e desprenda o molde do tecido. Retirada a linha gessada, ficarão pequenos traços de giz.

6. Início das costuras – Depois de cortadas todas as peças do molde, você irá montá-las para que a roupa fique pronta para a prova. Algumas costuras podem ser logo fechadas na máquina, outras devem ser apenas alinhavadas, dependendo de fazerem parte da estrutura da roupa e, portanto, estarem sujeitas a correções.

7. Prova da roupa – Antes das costuras definitivas, a roupa deve ser sujeita a uma prova, fase tão importante que iremos reservar um espaço especial para ela. Nem sempre, porém, a prova é importante. Só o é nas roupas estruturadas. Quando a moda tende para roupas largas, de corte muito simples, a prova passa a ter uma importância menor e, muitas vezes, é dispensável.

8. Ordem de montagem das peças – Ao iniciar as costuras definitivas, obedeça a uma determinada ordem na montagem das diversas peças da roupa, para que o trabalho evolua com rapidez e facilidade. E, com isso, o aspecto final da sua costura será correto e agradável. Eis algumas dicas para a sua orientação:

a) Antes de costurar a frente com as costas, monte em primeiro lugar todos os detalhes que não interferem com a estrutura da roupa, como bolsos, “pattes” de abotoamento, presilhas, etc.

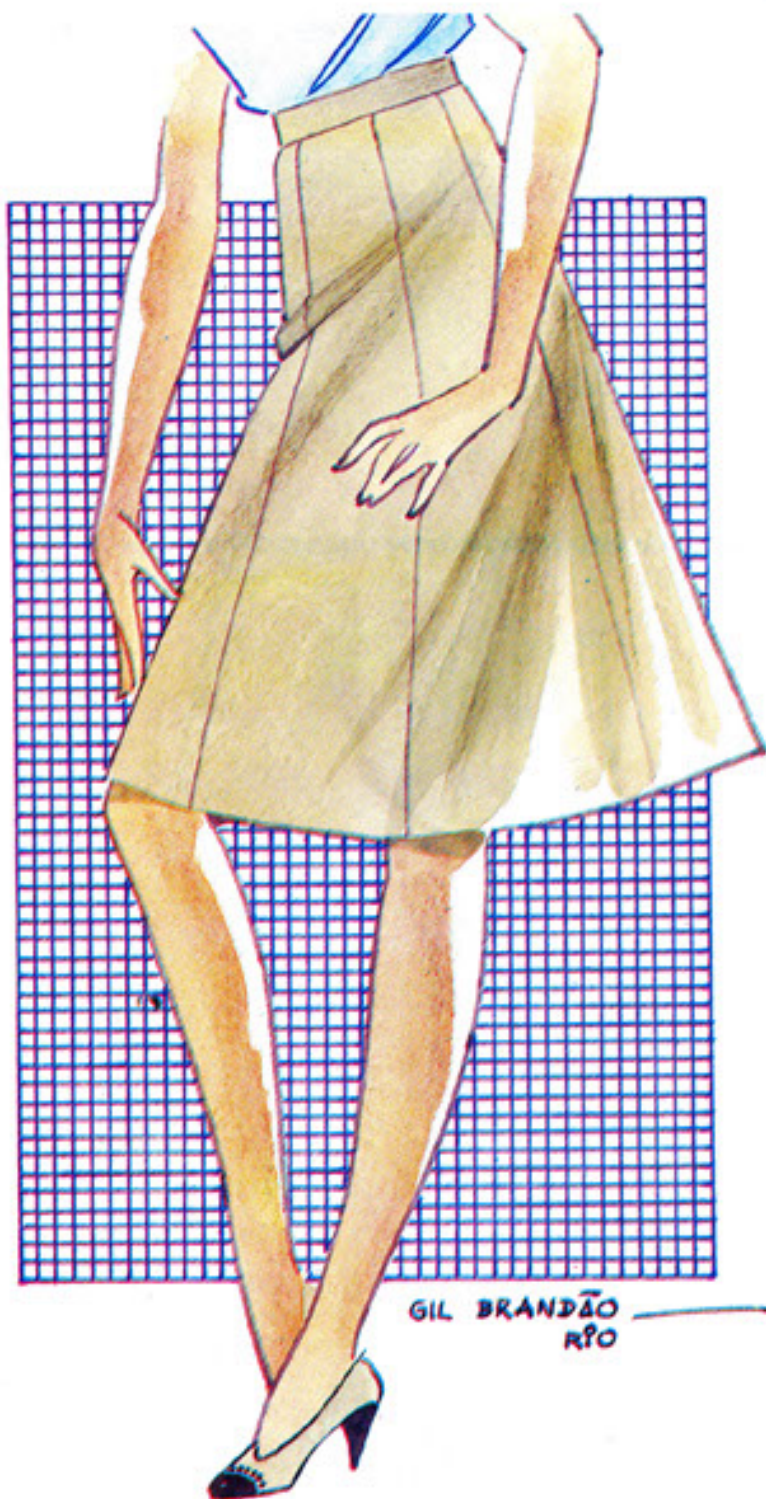
b) Quando montar golas e arremates de decote, faça-o com a frente e as costas costuradas apenas pelos ombros, sem fechar as costuras laterais. Isso facilitará a tarefa.

c) Sempre que alguma peça tiver detalhes que não interfiram com a prova da roupa, monte-os antes da prova e da costura definitiva da peça. Por exemplo, se uma manga tiver punhos, bolso aplicado ou qualquer outro detalhe, tudo deverá estar pronto antes da montagem definitiva da manga na cava da roupa.

d) As costuras laterais são fechadas sempre em último lugar, porque isto facilita todas as montagens. A Única peça que costuma ser montada após o fechamento das costuras laterais é a manga.

Lição 6

SAIAS EVASÊS



GIL BRANDÃO
RJO

4. SAIA EVASÊ EM PANOS REGULARES

A saia evasê também pode ser cortada em um número qualquer de panos, quatro, cinco, seis, oito, etc., de acordo com a sua vontade. É uma maneira singular de cortar a saia, por meio da qual você po-

derá obter bonitos efeitos usando a sua imaginação.

Como os panos são regulares, basta cortar o molde de apenas um deles e reproduzi-lo no tecido tantas vezes quanto forem os panos. Por isso mesmo, o traçado do molde é bastante rápido, sem oferecer maiores dificuldades.

MOLDE

Pano da saia (esquema 1) – Trace o retângulo ABCD com as seguintes dimensões:

AB – medida dos quadris dividida pelo número de panos. Por exemplo, se os seus quadris medem 96cm e você quer fazer uma saia com oito panos, a medida de AB será de 12cm, ou seja, 96 dividido por oito.

AC – comprimento desejado para a saia.

Trace em EF a linha dos quadris, 20cm abaixo de AB. Divida o retângulo ao meio, no sentido vertical, pela reta GJ. Divida agora a

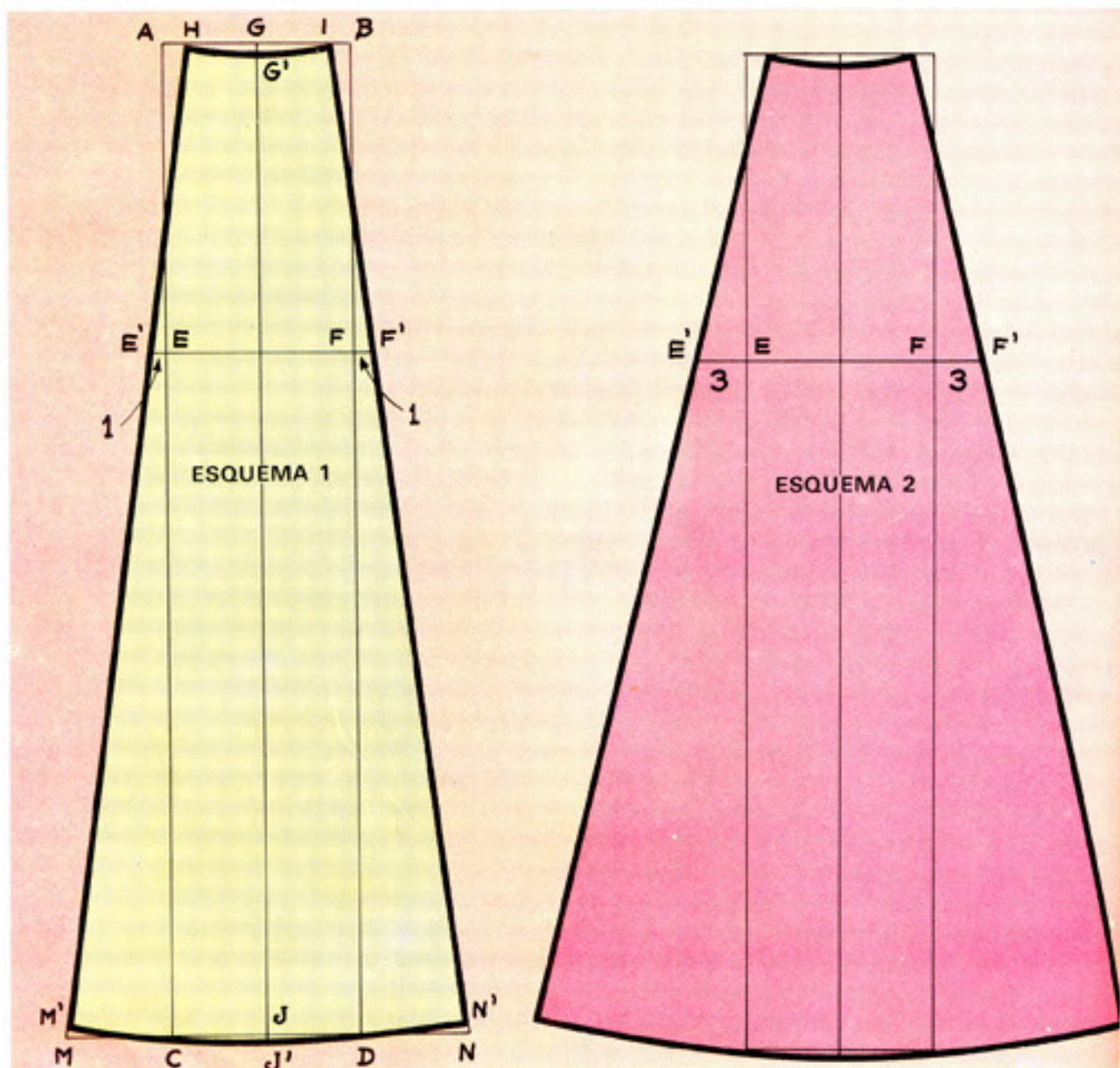
medida da cintura pelo número de panos e coloque o resultado em HI, metade para cada lado do ponto G. Se, por exemplo, a cintura medir 72cm, HI medirá 9cm, metade para cada lado de G, ou seja, HG e GI, medindo ambos 4,5cm.

Aumente ligeiramente a linha dos quadris, em ambos os lados, de E a E' e de F a F', numa medida igual a 0,5 ou 1cm. Ligue o ponto H ao ponto E' por uma reta e prolongue-a até encontrar o prolongamento do lado inferior CD do retângulo básico no ponto M. Marque o ponto M', um pouco acima, de modo que HM' tenha o

comprimento da saia. Faça o mesmo no lado oposto, ligando I a F' por uma reta e prolongando-a até N no prolongamento de CD. Marque IN' com a medida do comprimento da saia.

Marque GG' com cerca de 0,5cm e encurve a linha HI. Embaixo, desça JJ' com a mesma medida de GG' e trace o arredondamento da bainha, unindo os pontos M', J' e N' por uma curva.

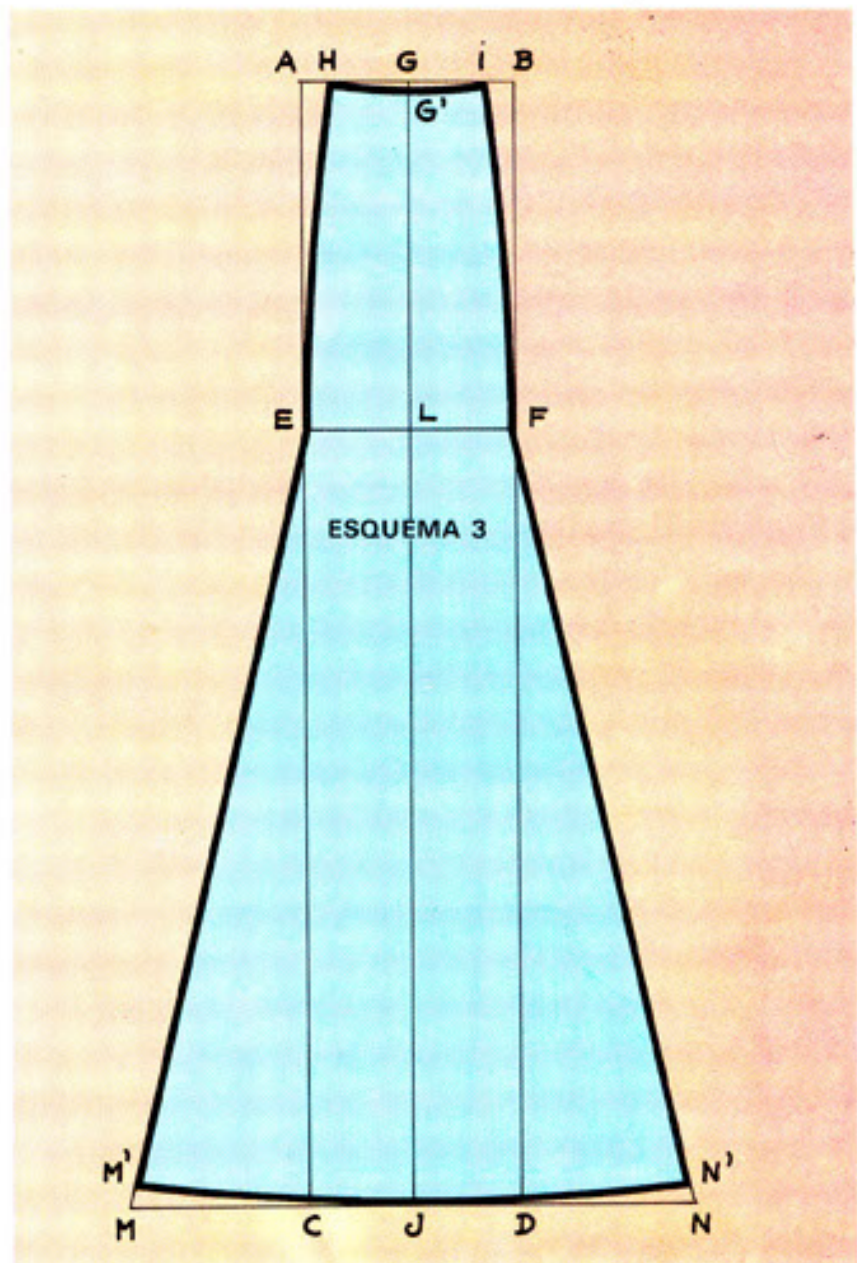
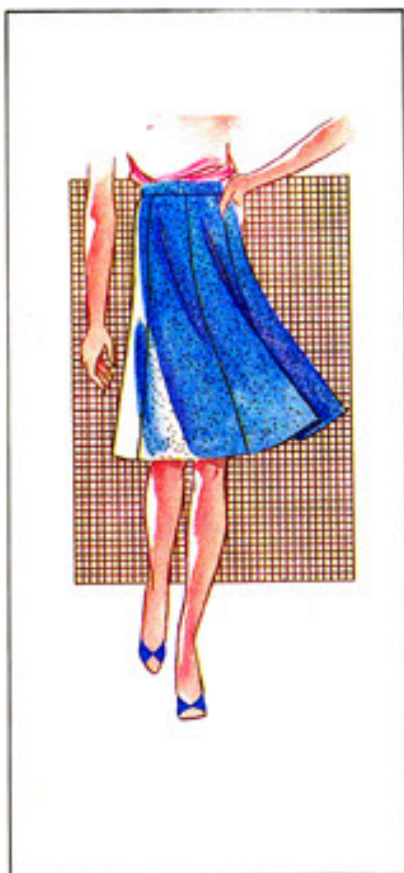
Observação – O alargamento da linha dos quadris em EE' e FF' pode ser aumentado para 1,5cm, 2cm, 2,5cm, etc., caso você queira modificar a queda da saia. Não esqueça, porém, de que, quanto



maior for a medida utilizada mais largo vai-se tornando o evasê de cada pano, aumentando conseqüentemente a roda da saia, como mostra o esquema 2, em que usamos 3cm para as medidas de EE' e FF'. Se esta medida for aumentando cada vez mais, chegará o momento em que a saia deixará de ser evasê e se transformará numa saia godê em panos, devido à sua grande roda.

A saia evasê em panos pode cair bem armada, como também pode tombar molenga e flexível. No primeiro caso, trace os panos com pouca largura e corte-os em tecido encorpado, como o brim. No segundo, os panos podem ter um pouco mais de largura e ser cortados em pleno viés para acentuar a flexibilidade. Se o tecido, entretanto, já for suficientemente maleável, como o jérsei ou o crepe, não há necessidade de utilizar o viés.

Varição – A saia evasê em panos regulares pode suportar uma variação, na qual a saia, em vez de



abrir-se diretamente da cintura para baixo, se ajusta nos quadris e só ganha largura abaixo deles.

A maneira de traçar o molde de cada pano é bem semelhante ao já ensinado. Vai mudar apenas o traçado das linhas laterais. Uma vez riscado o retângulo básico com todas as marcações, não alargue a linha dos quadris, como fizemos anteriormente. Em vez disso, ligue os pontos H e I na cintura aos pontos E e F na linha dos quadris por duas curvas suaves (veja o esquema 3).

Em seguida, prolongue o lado

inferior CD para ambos os lados, de C a M e de D a N em medidas iguais (cerca de 4 a 7cm). Ligue então M a E e N a F por meio de retas, nas quais meça EM' e FN', ambos com a mesma medida de LJ no meio do molde. Trace finalmente a bainha, por uma curva, unindo os pontos M' e N' e passando por J.

Como no caso anterior, quanto maior a medida de CM e DN, mais roda terá a saia. Quando esta roda for muito grande, chegaremos a uma saia godê em panos justos nos quadris.

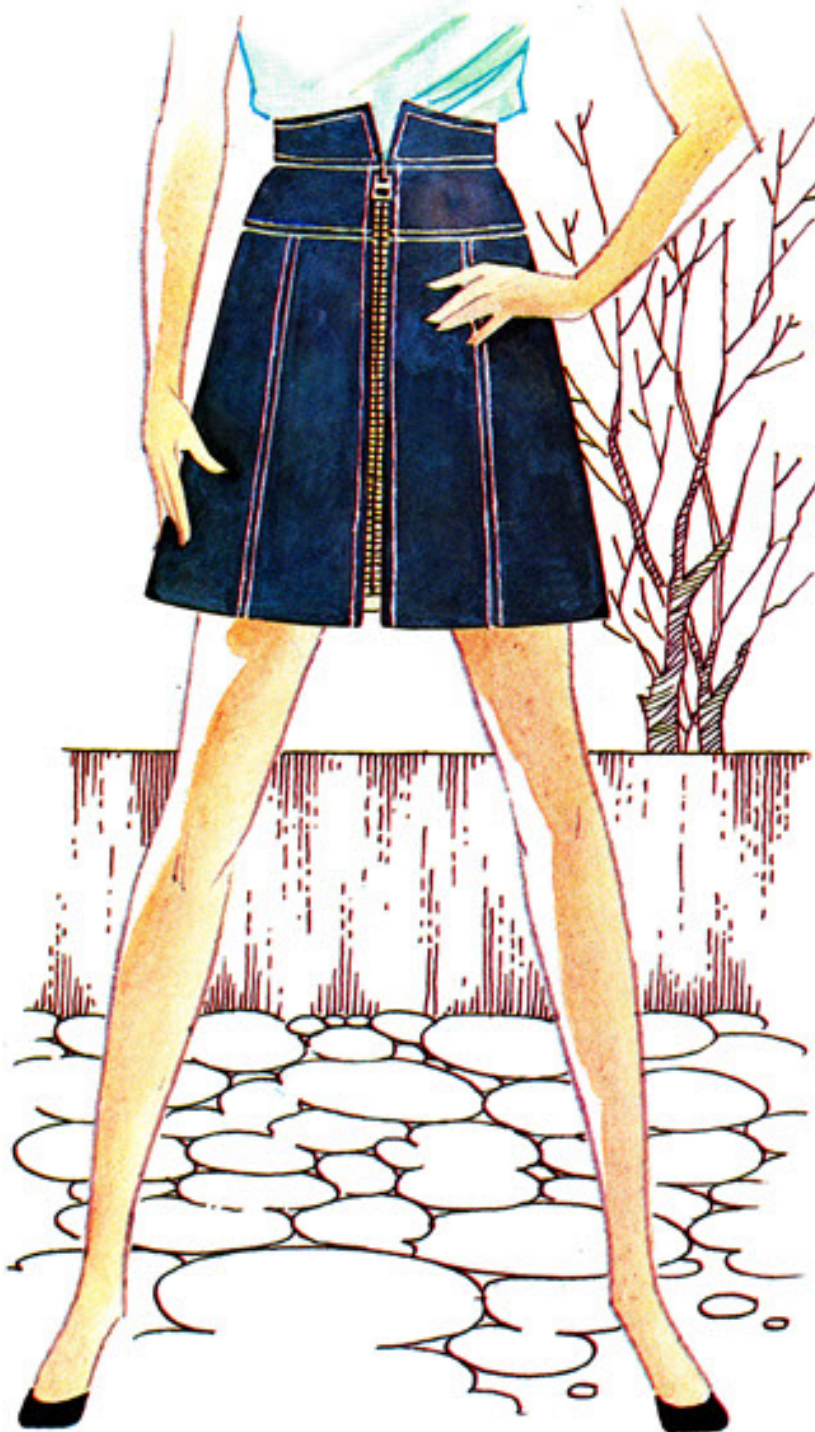


UMA MINISSAIA ESPORTIVA

Embora esta saia evasê tenha sido interpretada como uma minissaia, isto não impede que você possa fazê-la em comprimento mais longo, sem prejuízo do equilíbrio de suas linhas gerais.

Um zíper grosso, metálico, montado de maneira a ficar inteiramente visível, fecha o meio da frente. Pode ou não ser de encaixe solto, a escolha é sua. Uma pala, acompanhando a cintura na frente, desce em ponta nas costas. A frente é formada por dois panos evasês de cada lado, enquanto as costas se compõem de apenas dois, separados por uma costura central que desce do bico da pala. Ainda nas costas, aplicam-se dois bolsos, com tachas de metal nos cantos superiores.

A cintura se arremata com um cós largo, aberto na frente em dois bicos. Todas as bordas e costuras são marcadas por um pesponto duplo, em branco ou noutro tom qualquer da sua preferência.



Material – Brim de algodão, do tipo jeans, seja o clássico ou o “stone color”. Um zíper grosso de metal do mesmo comprimento da saia. Linha de torçal para os pespontos.

Metragem – Para tamanhos pequenos, basta uma altura de saia mais 35cm (pala e bolsos). Para tamanhos grandes, compre duas alturas da saia. O tecido deve ter 1,40m de largura.

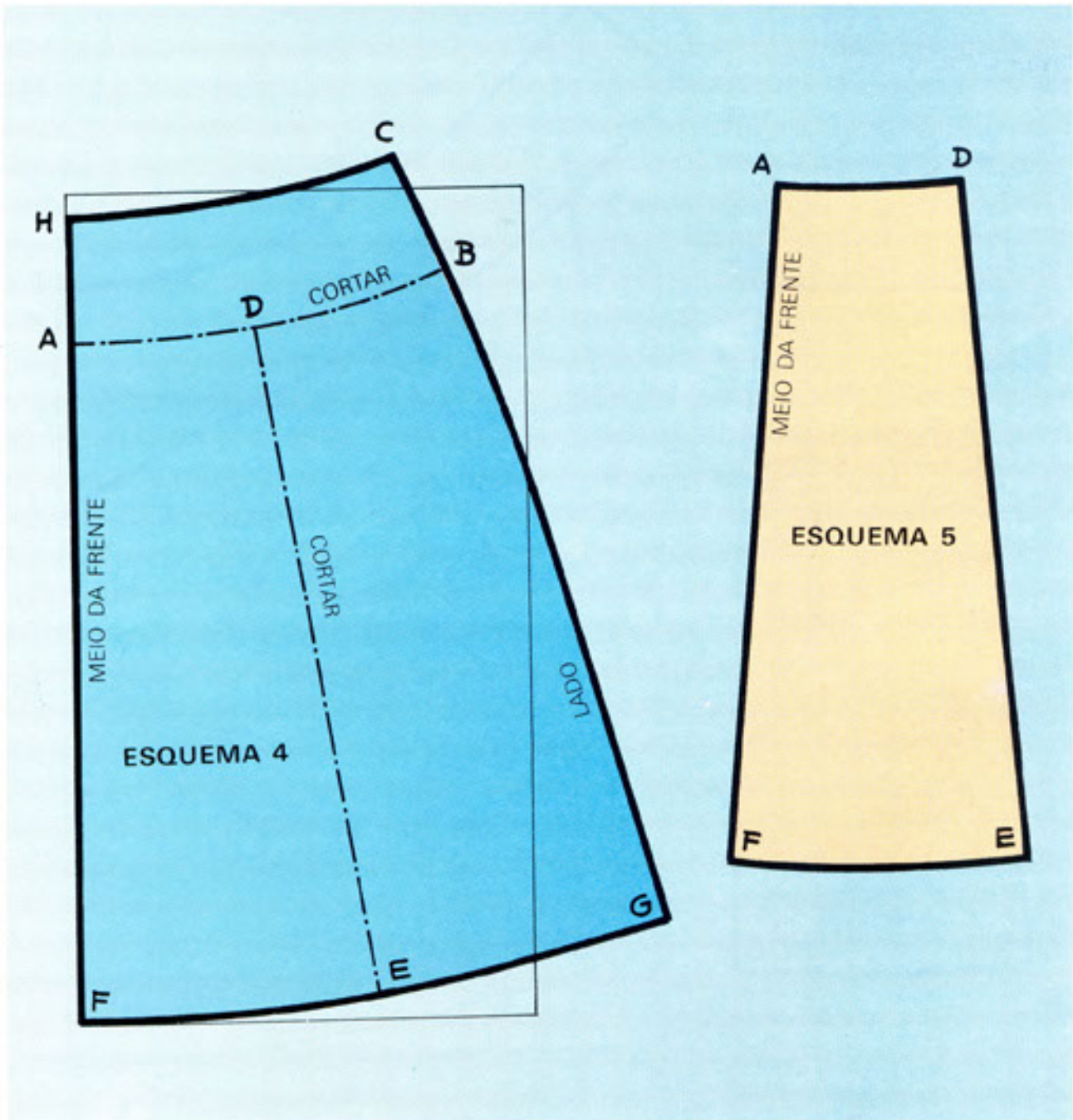
MOLDE

Frente (esquema 4) – Trace a frente da base da saia evasê sem pences, de acordo com o que ensinamos na lição 5. A seguir, trace a linha da pala AB, paralela à cintura HC, de modo que largura HA seja igual a cerca de 7 a 10cm conforme o comprimento da saia e o manequim da pessoa.

Marque o ponto D na metade

da AB e o ponto E na metade da bainha FG. Ligue o ponto D ao ponto E por uma reta, determinando assim os dois panos. Corte a linha AB a fim de separar a pala.

Pano central da frente (esquema 5) – Corte o molde da frente pela linha DE para separar os panos. O pano central será o da esquerda. Corte esta peça duas vezes no tecido.

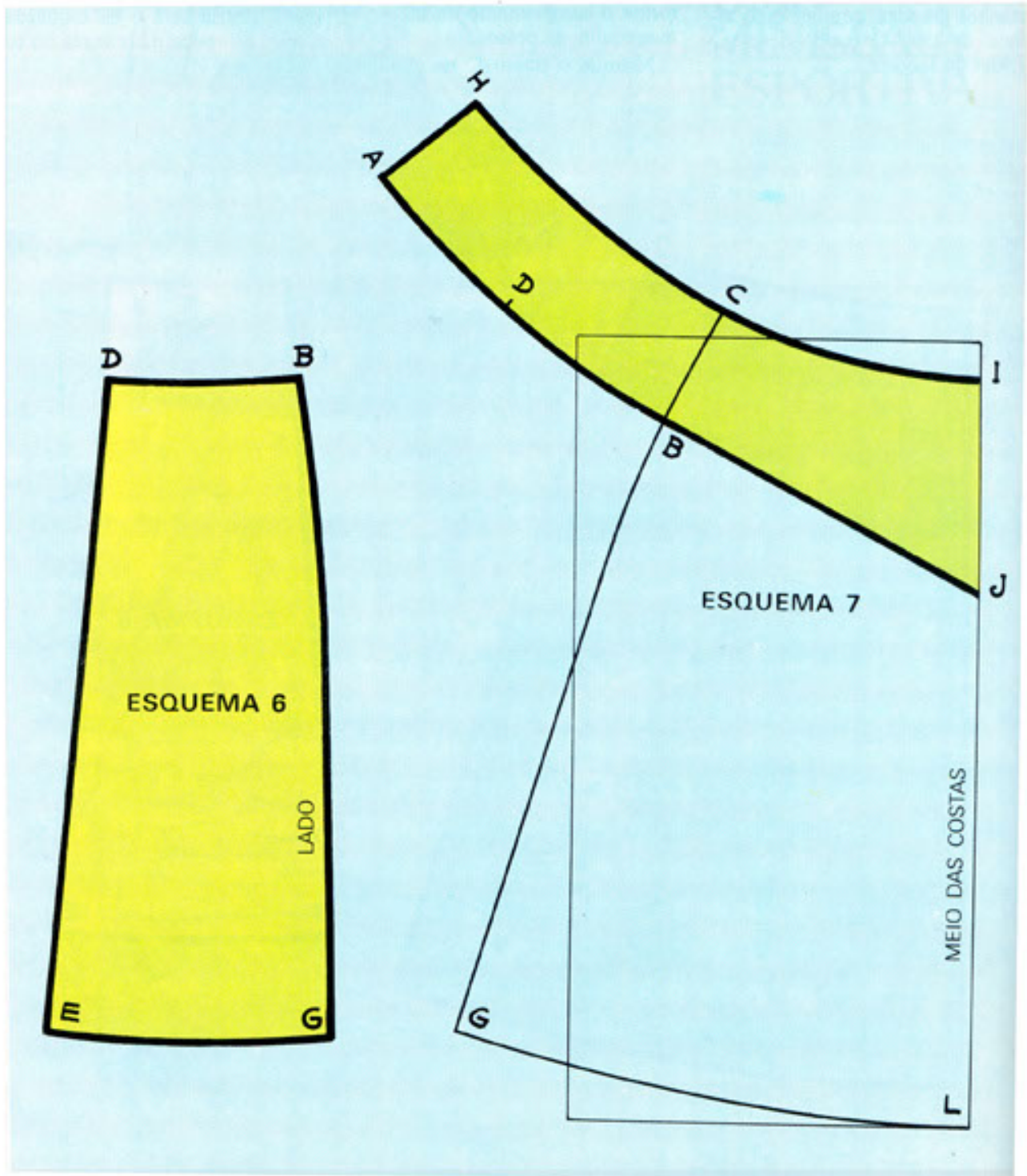


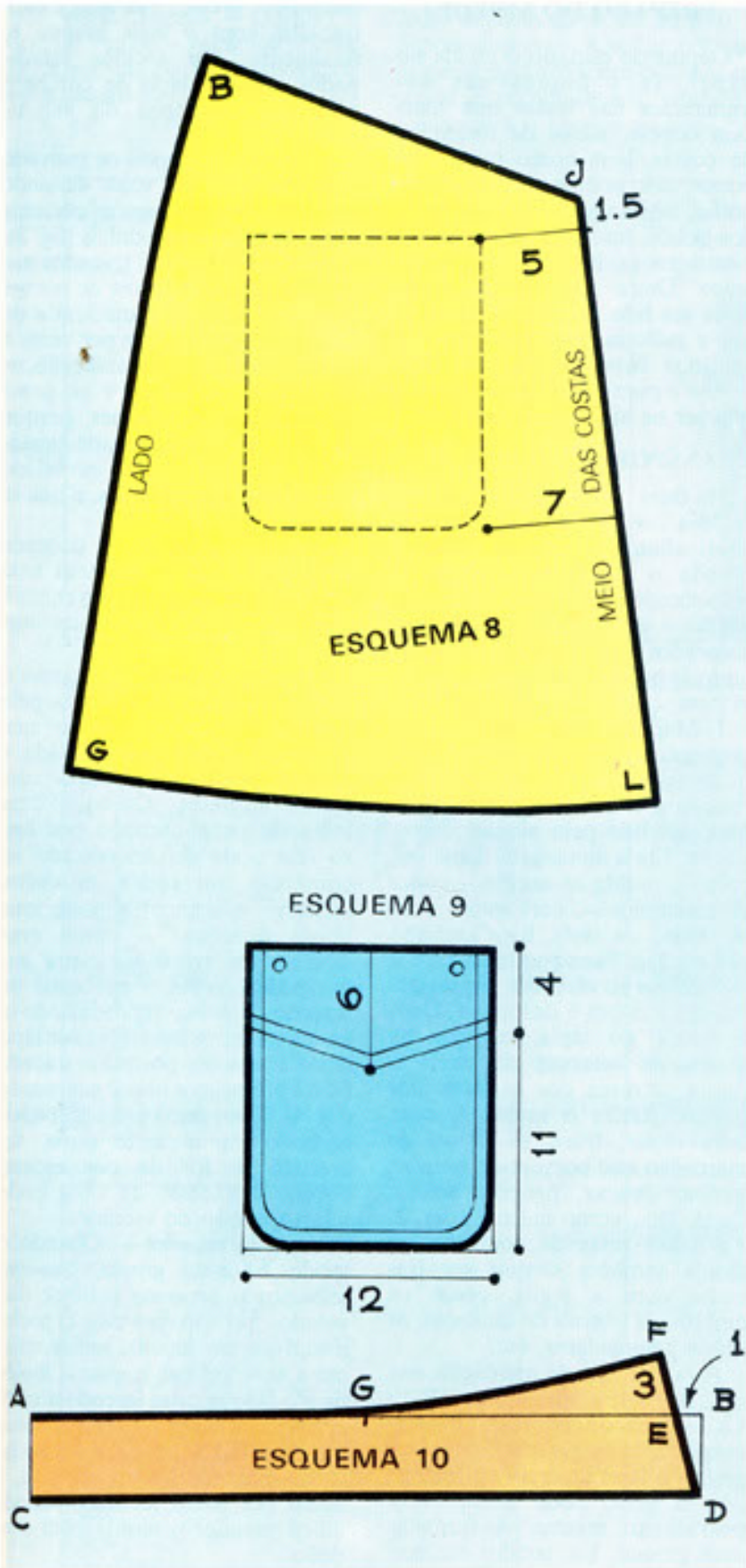
Pano lateral da frente (esquema i) – Depois de cortado o molde da frente, o pano que sobrou, o da direita, será o pano lateral. Corte duas vezes no tecido.

Pala (esquema 7) – Em primeiro lugar, trace as costas da base da saia evasê sem pences, de

acôrdo com a lição 5. Pegue a pala que recortou da frente e, com auxílio de fita durex, cole-a pelo lado CB na lateral do molde das costas. Prolongue a linha da pala, a partir do ponto B, numa reta inclinada até o meio das costas, onde formará um bico. A altura

do IJ – cerca de 12 cm – deve ser tal que permita o traçado da reta BJ num prolongamento natural da AB, sem formar nenhuma angulação no ponto B. Corte a pala uma vez no tecido dobrado pelo meio das costas a fio reto, de modo que a frente ficará enviesada.





Costas (esquema 8) – As costas da saia são constituídas pela parte inferior do molde anterior, depois de cortada a pala. Corte esta peça duas vezes no tecido.

Bolso (esquema 9) – Trace o bolso de acordo com as medidas do esquema, que também mostra a disposição dos pespontos. Corte duas vezes no tecido.

Cós (esquema 10) – Trace o retângulo ABCD, em que AB mede a metade da cintura e AC mede 4 a 5cm, conforme se deseje um cós mais largo ou mais estreito. Na extremidade BD da frente, marque BE com 1cm e ligue D a E por uma reta, prolongando-a para cima, até F, numa altura de 3 cm. Trace a borda superior do cós, ligando o ponto F ao ponto G, que deve estar na metade de AB. Encurve a linha ligeiramente ao nível do ponto G. Corte o cós duas vezes no tecido dobrado pelo meio das costas AC. Corte mais uma vez na entretela.

MONTAGEM

1. Dobre a bainha da borda superior do bolso (ela deve ter 7cm de largura) para o avesso e fixe-a com os pespontos duplos, indicados no molde. Dobre as margens do bolso e aplique-o sobre as costas da saia, de acordo com as distâncias indicadas no esquema 8. Prenda-o com pespontos duplos, um deles rente à beira e outro a 8mm de separação. Aliás, todos os pespontos da saia devem ter esta mesma separação.
2. Costure todos os panos da saia e pesponte as costuras.
3. Monte a pala na saia e pesponte a costura de montagem.
4. Prepare o cós, entretelando-o. Para isso, cole a entretela no avesso de uma das partes e aplique-as, uma sobre a outra, direito contra direito. Costure a borda superior, vire para o direito, passe a ferro e monte na cintura da saia.
5. Na frente da saia, monte o zíper, de modo que seus dentes fiquem inteiramente visíveis.

COSTURA V



COMO TRANSPORTAR OS MOLDES PARA O TECIDO

Apesar de advertências e conselhos de costureiras mais experimentadas – profissionais ou não –, muitas pessoas continuam a levar os moldes para o tecido de maneira inadequada. Por este motivo, o que vamos abordar aqui não se dirige especificamente às principiantes, mas também àquelas que, embora costurem há algum tempo, ainda cometem – por desinformação ou pressa – certos erros no bom desenvolvimento do trabalho.

Um desses erros é o hábito de recortar as peças do molde no tecido, passando a tesoura em torno do molde alfinetado, sem marcação alguma. Não faça isso nunca. A roupa poderá apresentar defeitos na prova, que o molde não continha. Para que o resultado do seu trabalho não lhe provoque dores de cabeça, procure marcar no tecido, de maneira clara e precisa, o contorno de cada peça com todo os seus detalhes. Isto, inclusive, vai-lhe poupar tempo na hora da execução e montagem do vestido

PREPARO DO MOLDE

Depois de cortado o molde no papel, faça piques nas extremidades das linhas que marcam dobras, meios de frente ou de costas, bem como piques internos nos pontos das casas de botão, nos ângulos da montagem dos bolsos, etc. Se houver pences, esburaque-as, isto é, corte os seus lados. Desta maneira, o molde pode ser lido pelos dois lados, já que a maioria deles é cortada em sentidos inversos para o lado direito e para o esquerdo (fig. 1), a não ser os moldes assimétricos.

TRANSPORTE DO MOLDE

Há duas maneiras de marcar os moldes no tecido: com lápis ou com alinhavos. Antes, porém, prenda o molde na fazenda – respeitando a indicação do sentido do fio – com auxílio de alfinetes colocados nos ângulos e depois junto às bordas, de maneira a fixá-lo bem.

1. Marcação com lápis – É um processo rápido, mas tem dois inconvenientes: o avesso fica riscado e o molde na fazenda só pode ser lido pelo avesso, o que não facilita a montagem. Uma vez preso o molde no tecido – como já ensinamos –, contorne-o com um traço de lápis, bem juntinho das bordas. Faça pequenos traços indicativos ao nível dos piques das linhas de dobra e dos meios. Com a ponta do lápis, marque as indicações internas de casas e bolsos, através dos buracos dos piques. Retire o molde e, com uma régua, trace as linhas de marcação que porventura houver: meios, dobras, pregas, bolsos, casas, etc., como mostra a fig. 2. As linhas retas de contorno do molde também devem ser traçadas com a régua, como os ombros, as laterais de uma saia, os bolsos retangulares, etc.

Para este tipo de marcação, use lápis preto de grafite mole – 5B ou 6B –, quando o tecido for encorpado. Em tecidos brancos, prefira o lápis amarelo ou laranja, pois o preto pode transparecer pelo direito, mesmo nas fazendas mais grossas. Em tecidos escuros,

marinho, preto, marrom, etc., trabalhe com o lápis branco e, finalmente, em tecidos estampados, use um lápis de cor bem diferente dos tons da estampanaria.

a. O corte – Depois de marcado o molde, corte em volta, deixando cerca de 2 a 3cm para as costuras e 5 a 6cm para as bainhas (fig. 3), já que os moldes são traçados nas medidas exatas. Bainha de manga pode ser reduzida para 3cm e de saia godê pode chegar por vezes a 1cm de largura. Em confecção, os moldes já são traçados no papel com margem de costura, porque são cortados em grande quantidade, de uma vez só, no tecido amontoado em camadas, o que se chama de *infesto*.

Quando o molde é dobrado pelo meio, isto é, não tem nem costura nem abotoamento central, pode ser cortado de duas maneiras:

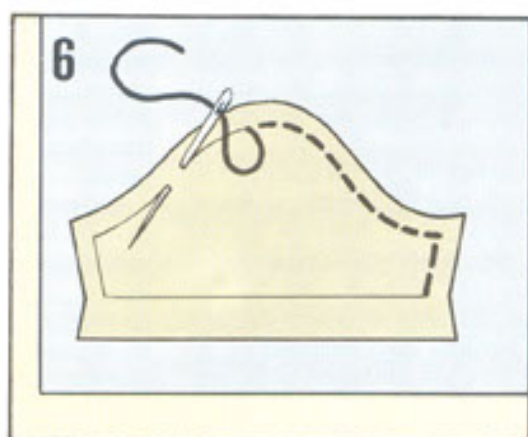
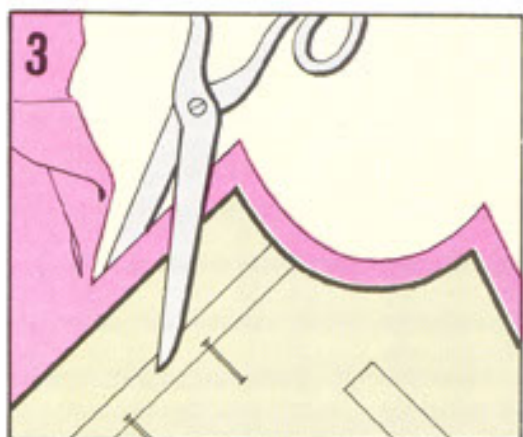
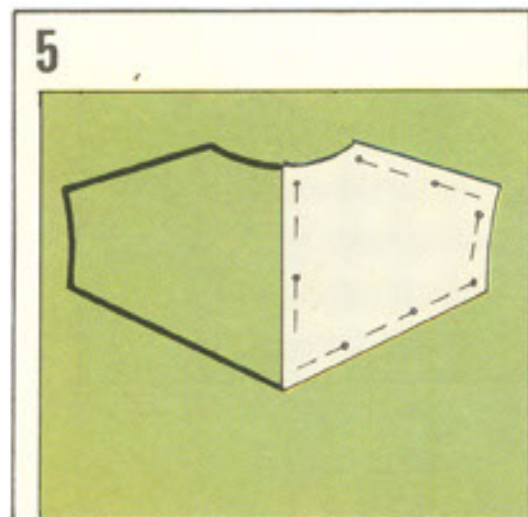
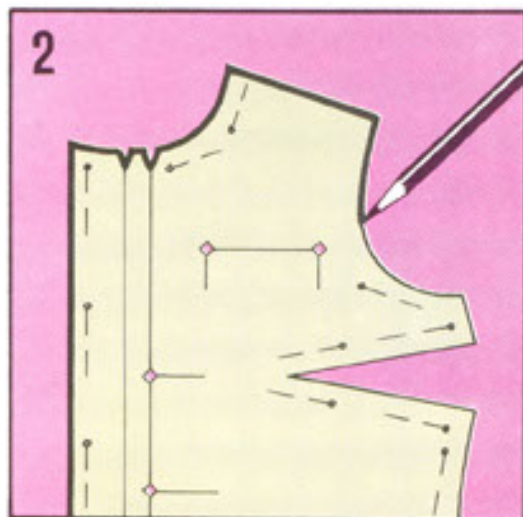
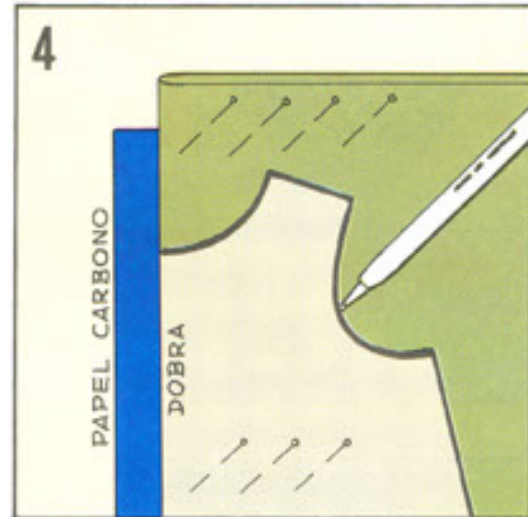
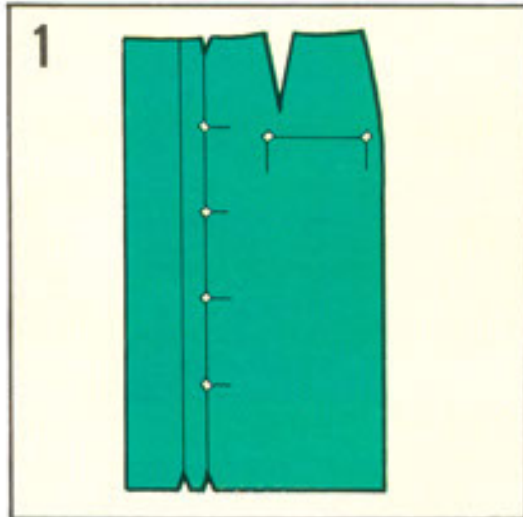
Primeira maneira – Quando o tecido é delgado, dobre-o pelo meio, após ter marcado o contorno do molde pela metade e prenda as duas espessuras com vários alfinetes. Coloque uma folha de papel-carbono por baixo (ele pode ser encontrado no comércio em todas as cores, inclusive o branco) e passe uma ponta qualquer – como uma agulha de tricô ou uma esferográfica velha – por cima do traçado já feito, reproduzindo-o, assim, no outro lado. Não use lápis nesta operação, porque o traçado ficará grosseiro e muito acentuado (fig. 4). Tampouco use um papel-carbono inteiramente novo, sobretudo se for de cor escura, porque o excesso de tinta pode sujar o avesso do tecido.

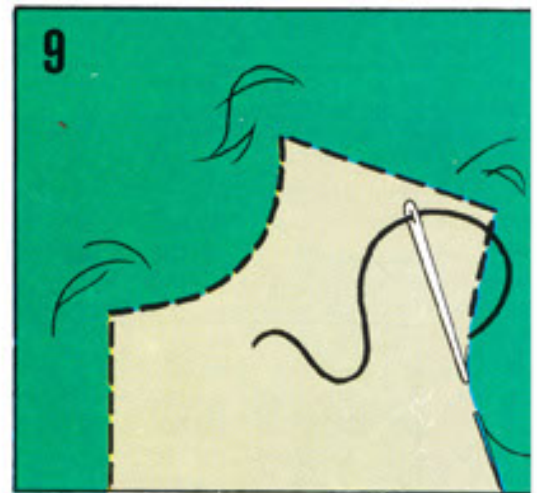
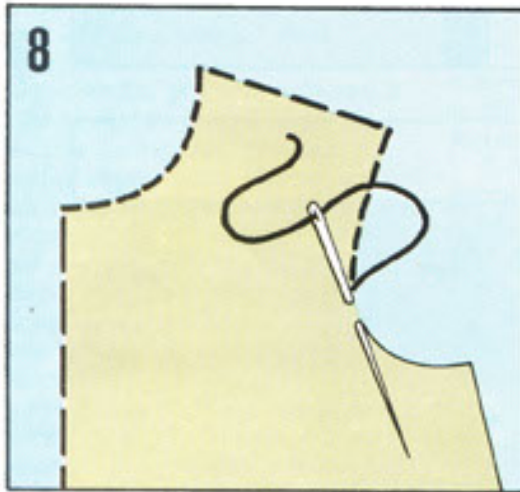
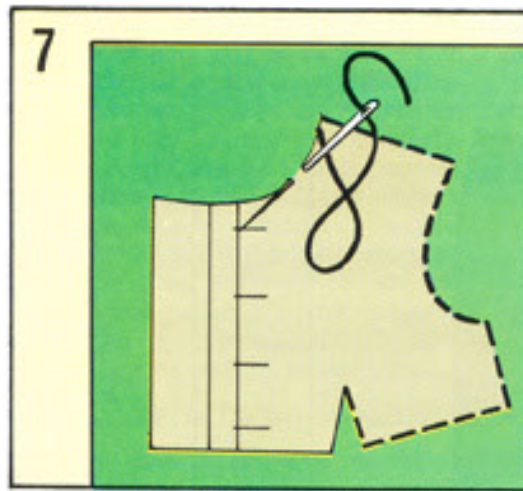
Segunda maneira – Quando o tecido é muito grosso, desaconselhamos o processo anterior (lãs, veludos, principalmente). É preferível traçar um lado do molde, marcar a linha central, e virar o molde para o lado oposto, fazendo a coincidência da linha do centro, como mostra a fig. 5. Isto se deve ao fato de que, em tecidos grossos, a dobra fica muito redonda, ficando difícil prender o molde com exatidão.

b. **Vestido forrado** – Quando o forro do vestido – ou simplesmente de uma peça é costurado simultaneamente com o tecido, você deve, em primeiro lugar, traçar

todas as peças do molde no forro e depois recortá-las. A seguir, coloque as peças do forro sobre o avesso do tecido e prenda-as com alinHAVOS feitos sobre o traçado do lápis que

marca o contorno do molde no forro. Com isso, o contorno também pode ser visto pelo lado direito, através dos alinHAVOS, como pode ser visto na fig. 6. Tome a cortar,





seguindo os contornos das peças no forro. Quando o forro é independente, o corte de suas peças se fará normalmente, como está sendo ensinado. É o caso dos forros de casacos, paletós, mantôs, saias, etc.

Observação – Há certas montagens que só podem ser feitas pelo direito, como casas de botão, bolsas, etc. Neste caso, passe pelo traço de lápis, feito no avesso, um alinhavo, que será visto pelo direito.

2. Marcação com alinhavos – A marcação com alinhavos pode ser mais demorada do que com um lápis, mas em compensação traz

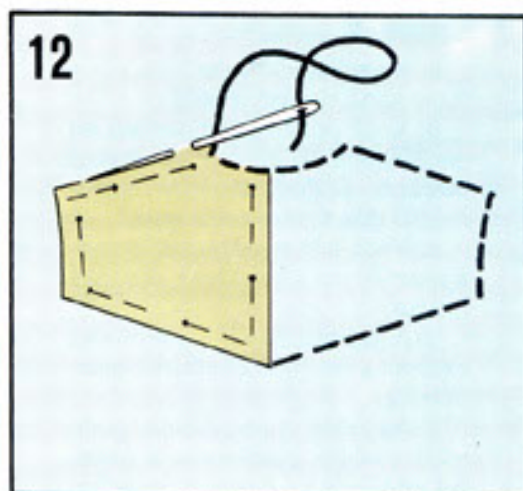
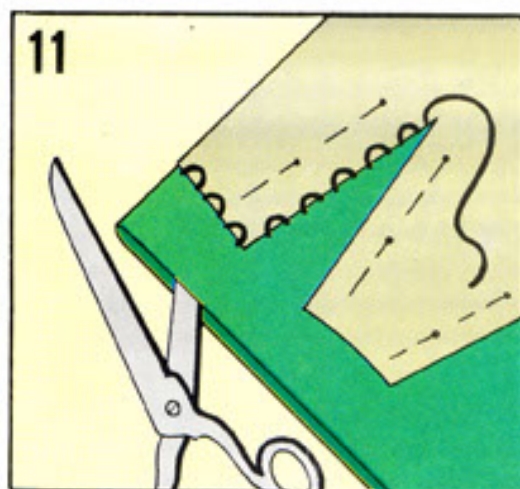
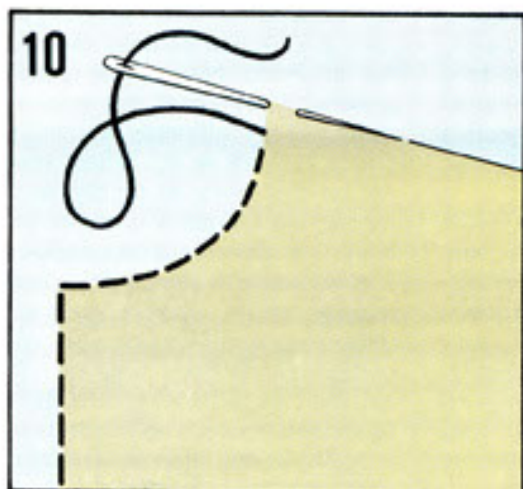
duas grandes vantagens: primeiro, o avesso do tecido permanece limpo após a retirada dos alinhavos; e, segundo, o molde pode ser lido ou observado tanto pelo direito como pelo avesso, o que facilita tremendamente a montagem das peças.

O preparo do molde é exatamente o mesmo que já ensinamos para a marcação com lápis. Uma vez preparado, prenda-o no tecido – respeitando a indicação do sentido do fio – com auxílio de alfinetes pregados nos ângulos e depois junto às bordas, de maneira a fixá-lo bem. Tanto faz agora colocar

o molde sobre o direito ou sobre o avesso do tecido, mas, em certos casos (listras pouco visíveis no avesso, por exemplo), é preferível usar o lado direito.

Feito isso, marque com um alinhavo todo o contorno do molde (fig. 7). As marcações internas, tais como bolsos, meios da frente ou das costas, casas de botão, etc., deverão ser feitas a lápis, no avesso, e depois marcadas com um alinhavo, para que possam ser observadas pelo direito.

Para que a marcação com alinhavos possa ficar perfeita, aconselhamos a observação de uma



série de regrinhas simples, mas muito úteis:

a. os alinhavos devem ser feitos com linha resistente e de cor bem diferente da do tecido, para que fiquem bem visíveis;

b. os alinhavos devem ser pequenos nas curvas – decotes, cavas, etc. – para não deformá-las, o que fatalmente ocorreria se eles fossem grandes. Nos contornos retos, entretanto, podem ser bem maiores (fig. 8);

c. os alinhavos devem ser relativamente frouxos perto dos ângulos, para não repuxar o tecido quando os pontos mudam de

direção (fig. 9).

d. nos ângulos do molde, deve haver sempre o início ou o final de um alinhavo, a fim de que as linhas da costura de montagem fiquem bem definidas em suas extremidades (fig. 10).

No caso de o molde ser dobrado pelo meio, na sua passagem para o tecido e sobre ele coloque o molde, fazendo coincidir o seu meio com a dobra dele. Prenda o molde com alfinetes e faça a marcação com tecido, pode haver duas soluções:

1. em primeiro lugar, dobre o alinhavos bem frouxos, apanhando as duas camadas do tecido. Retire o

molde para depois afastar as duas espessuras da fazenda e cortar os alinhavos entre elas (fig. 11). Abrindo o tecido, o molde ficará marcado em sua totalidade com pequenas alças de linha, chamadas *bouclettes*.

2. com a fazenda aberta, marque primeiro um lado do molde com alinhavos. Solte o molde e vife-o em sentido contrário, orientando-se pelo meio (eixo da dobra). Fixe-o novamente com alfinetes e marque o lado oposto com novos alinhavos, completando, assim, todo o contorno da peça, como indica a fig. 12.

OS PROBLEMINHAS INCÔMODOS COM A MÁQUINA

Muitas vezes, você é obrigada a interromper a costura, porque o trabalho não corre bem, apresenta-se com defeitos e a máquina não funciona bem. Você pensa que ela está com algum problema sério quando, na maioria das vezes, é uma questão simples, de alguma regulação, que você mesma pode resolver, sem o auxílio do técnico especializado.

Aqui estão algumas dicas que poderão ajudá-la a solucionar estes probleminhas inesperados, que tanto incomodam o seu trabalho.

1. O tecido franze ao ser costurado

a. Muitos tecidos franzem espontaneamente quando são costurados, independentemente do funcionamento da máquina. A popelina acetinada tem essa tendência.

b. Se o tecido for leve ou muito fino, não use pontos excessivamente compridos, o que certamente provocará o franzimento da costura. Por outro lado, a pressão do pé calcador deve ser atenuada.

c. A linha pode ser demasiadamente grossa para o tecido com que se trabalha.

d. O enrolamento da linha na bobina foi feito de maneira irregular.

e. A tensão do ponto está desequilibrada, isto é, ou a tensão da linha da agulha está excessiva ou a da bobina está muito frouxa.

f. A agulha pode ser demasiadamente grossa para um tecido muito delicado.

g. No caso de tecidos com estrutura compacta ou de trama muito apertada, se o franzido aparecer nas costuras, é sinal de que o ponto está excessivamente curto.

h. Se você estiver utilizando o ponto reto, verifique se o pé calcador é o indicado, com a respectiva chapa da agulha. Se não forem, faça a troca.

i. No caso de uma malha leve e bastante elástica, aumente um pouco a tensão superior.

j. Se depois de você fazer todos os ajustes a costura continuar franzindo, com toda probabilidade, os dentes impelentes não estão funcionando sincronizadamente. Neste caso, o melhor é consultar o técnico.

2. A costura não se desenvolve em linha reta

a. A agulha não é perfeita, pode estar torta ou encurvada.

b. Você pode estar puxando ou empurrando o tecido, enquanto costura, prejudicando o movimento dos dentes impelentes.

c. Você não apertou suficientemente o pé calcador e ele está frouxo.

d. A pressão do pé calcador está excessiva ou, pelo contrário, insuficiente.

e. Às vezes, o pé calcador pode estar torcido. Embora seja possível endireitá-lo, é mais aconselhável adquirir um novo, já que o seu custo é muito acessível.

f. Para evitar problemas, para o ponto reto utilize sempre o pé calcador de ponto reto e a respectiva chapa de agulha.

3. As camadas de tecido não se movem com uniformidade

a. Pode ser que você esteja costurando com rapidez demasiada. Diminua a velocidade da máquina e aumente a pressão na parte superior.

b. A pressão do pé calcador não está adequada. Possivelmente é excessiva ou, então, insuficiente. Corrija-a para mais ou para menos, conforme o caso.

c. Se o problema persiste, ape-

sar de tudo, você pode lançar mão de um expediente que dá bons resultados. Pregue alfinetes de 10 em 10cm atravessados sobre a costura, prendendo as duas espessuras de tecido. No caso de tecidos grossos, é preferível que você vá retirando os alfinetes à medida que a costura se aproxima, mas, em tecidos leves ou de espessura média, você poderá costurar por cima dos alfinetes atravessados.

d. Quando o tecido for muito leve ou muito aderente, use um truque para resolver o problema: coloque uma tira de papel de seda entre o calcador e o tecido. Ela é facilmente retirada após a costura.

e. Há certas marcas que fabricam acessórios destinados a manter um avanço uniforme com qualquer tipo de tecido, inclusive os tecidos felpudos ou escorregadios.

4. O tecido fica danificado após a costura (com fios puxados ou buracos visíveis nos pontos)

a. A agulha pode estar cega, isto é, rombuda, sem ponta ou então ter rebarbas.

b. A agulha pode ser extremamente grossa para o tecido ou ter uma ponta inadequada para ele.

c. Examine a máquina e verifique se existe alguma farpa no pé calcador, nos dentes impelentes ou se há algum defeito na chapa da agulha, especialmente no orifício onde penetra a agulha. Se isto acontecer, substitua as peças defeituosas.

5. Os dentes impelentes marcam o tecido por baixo

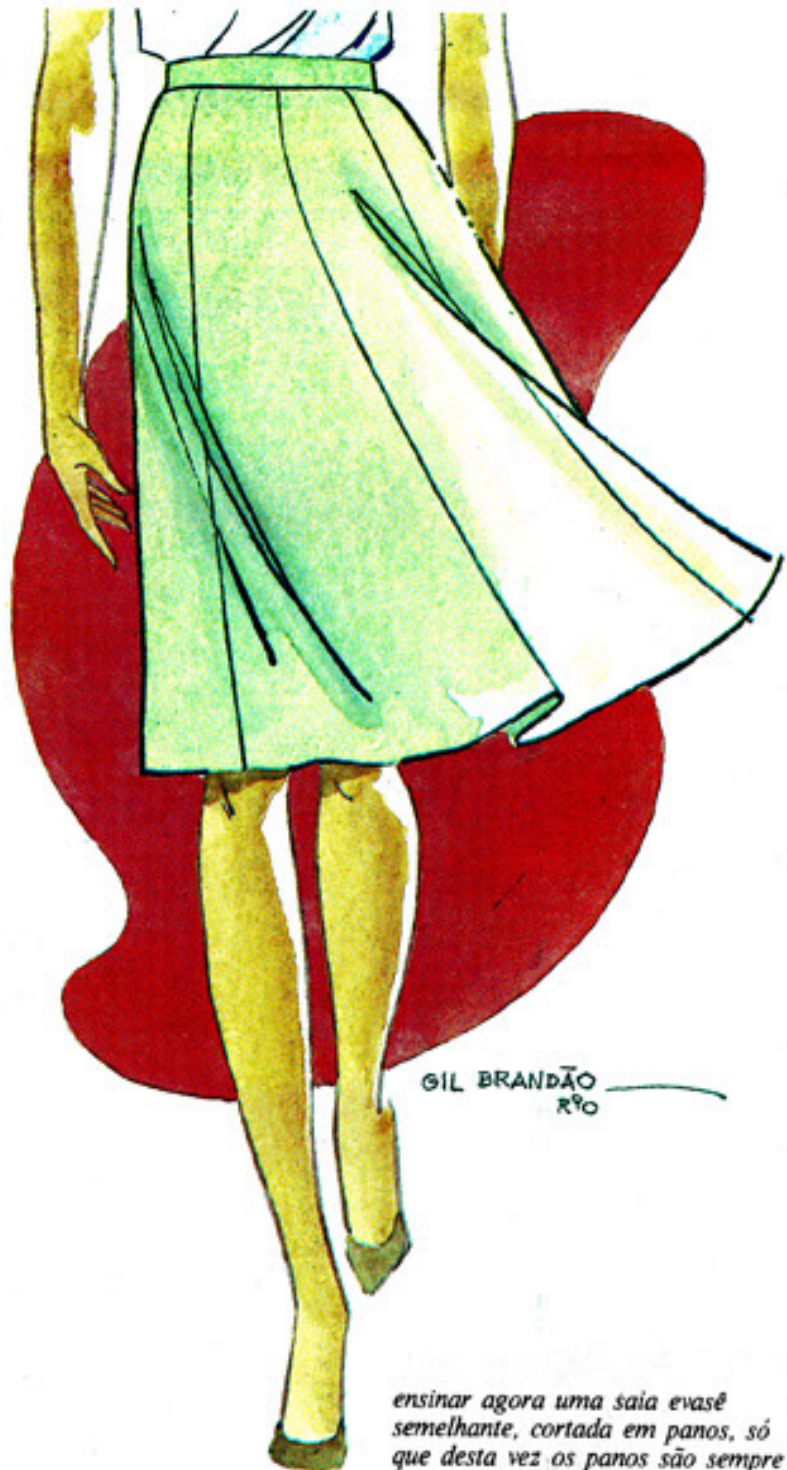
a. O pé calcador está sendo usado com demasiada pressão.

b. Se o problema persistir, mesmo depois de diminuída a pressão do pé calcador, deslize uma tira de papel de seda entre o tecido e os dentes impelentes no momento da costura.

c. Com frequência, o defeito localiza-se nos dentes impelentes que não se encontram em boas condições. Neste caso, o melhor é chamar o técnico.

Lição 7

SAIAS EVASÊS



5. SAIA EVASÊ EM PANOS IRREGULARES

Na última lição, a de nº 6, mostramos como se cortava uma saia evasê em panos regulares, isto é, todos com as mesmas dimensões, o que facilitava enormemente o trabalho de traçar o molde. Vamos

ensinar agora uma saia evasê semelhante, cortada em panos, só que desta vez os panos são sempre em número de seis, com larguras diferentes, sem costuras laterais e apresentando três costuras na frente e três nas costas. Os panos centrais são estreitos, cortados a fio reto, enquanto os panos laterais são godês e cortados em pleno viés. Esta estrutura confere à saia uma queda suave, flexível, parecida com a da saia godê.

MOLDE

Frente (esquema 1) – Trace a base da saia reta (lição 3), frente e costas com largura igual e separe a frente das costas. Trace a pence da frente com os 3cm normais de profundidade e um comprimento tal que sua ponta B fique distante da linha dos quadris de cerca de 5 a 6cm. Note que, quanto maior for esta distância, mais largos ficarão os panos em baixo.

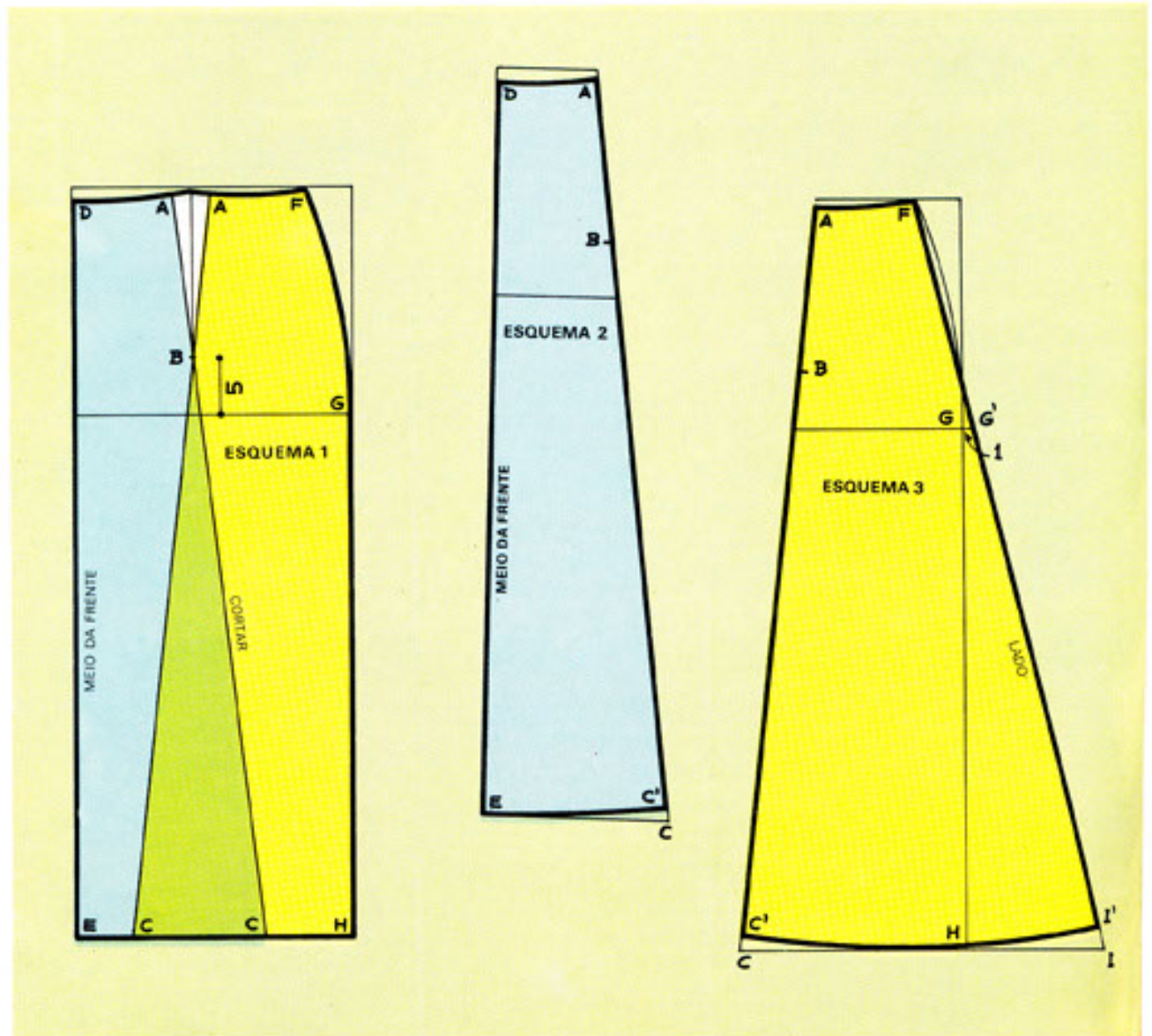
Em seguimento, prolongue para baixo os lados da pence até encon-

trar a bainha, obtendo, assim, duas linhas AC que se cruzam no ponto B. Desta maneira estão traçados os dois panos da frente, um central e outro lateral, que se superpõem pelo cruzamento das linhas AC. Por isso, o pano central será passado para outro papel com auxílio da carretilha.

Pano central da frente (esquema 2) – Uma vez passado o pano central para outro papel (compare as letras para melhor visualizar o procedimento), arredonde a bainha. Para isso, meça em AC' a mesma medida do meio da frente

DE e, depois, ligue E a C' por uma curva leve.

Pano lateral da frente (esquema 3) – Depois que você retirou o pano central ficou no papel primitivo o traçado do pano lateral. Nesta parte do molde, prolongue a linha dos quadris de G a G' em 1cm e ligue o ponto F na cintura ao ponto G' por uma reta, prolongando-a para baixo até encontrar o seguimento do lado inferior do retângulo no ponto I. Esta reta cortará a curva do quadril, mas isso não tem a menor importância.



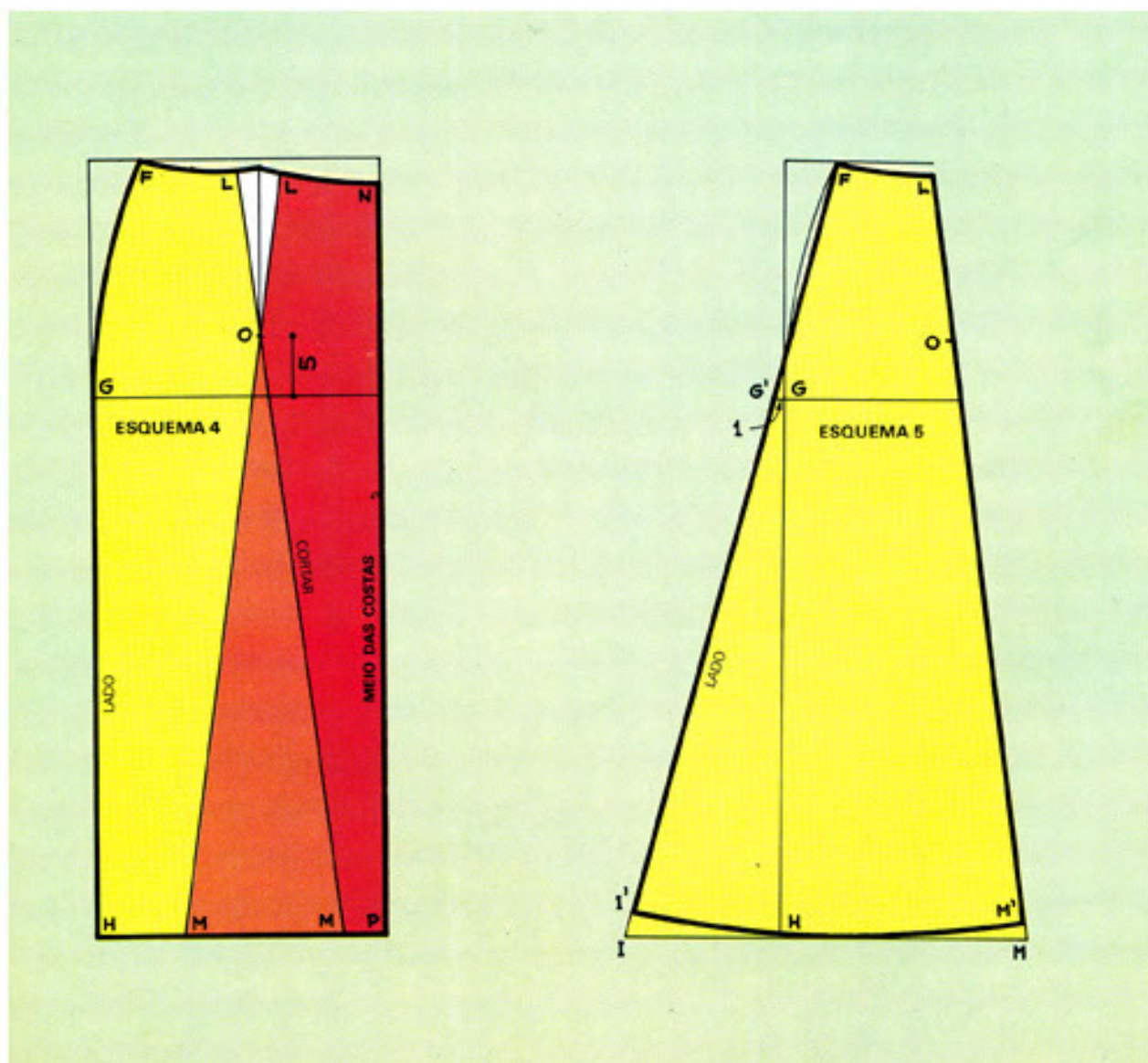
No lado esquerdo, meça AC' com a mesma medida de AC' no pano central (esquema 2) e, no lado direito, meça FI' com o comprimento real da saia. Lembre-se de que o comprimento de AC' tem 1cm menos que o comprimento real por causa da cavação da cintura na base. Marcados os pontos C' e I' , arredonde a bainha, ligando esses pontos por uma curva suave.

Costas (esquema 4) – Na base das costas trace a pence de modo que o seu eixo seja vertical e não perpendicular à curva da cintura, como acontece na base normal.

Neste caso, devido à inclinação provocada pela cavação, os lados da pence não ficam iguais. Iguale-os com a régua milimetrada, dobre a pence cuidadosamente e faça a correção da curva da cintura. Desdobre a pence e proceda exatamente como na frente. Em primeiro lugar, a ponta da pence O deve ficar a 5 ou 6cm de distância da linha dos quadris, ou seja, na mesma medida que a distância na frente. Em seguida, prolongue os lados da pence para baixo até a bainha, resultando daí duas retas LM , que se cruzam no ponto O . Deste modo, ficam traçados os dois panos das costas, um lateral e

outro central, que se superpõem pelo cruzamento das linhas LM . Por este motivo, transporte o pano central para outro papel com auxílio da carretilha.

Pano lateral das costas (esquema 5) – Retirado o pano central, fica no papel apenas o traçado do pano lateral. Proceda então como na frente, isto é, prolongue a linha dos quadris de G a G' em 1cm e ligue o ponto F na cintura ao ponto G' por uma reta, continuando com ela para baixo até encontrar o seguimento do lado inferior do retângulo no ponto I . Esta reta também cortará a linha do qua-



dril, o que não tem nenhuma importância.

No lado esquerdo, meça FI' com o comprimento real da saia e, no lado direito, marque LM' com o comprimento real menos 1cm. Arredonde a bainha, ligando I' a M' por uma leve curva.

Pano central da frente (esquema 6) – No molde do pano central – que foi transportado para outro papel – meça no lado esquerdo, LM' com a mesma medida de LM' no pano lateral das costas

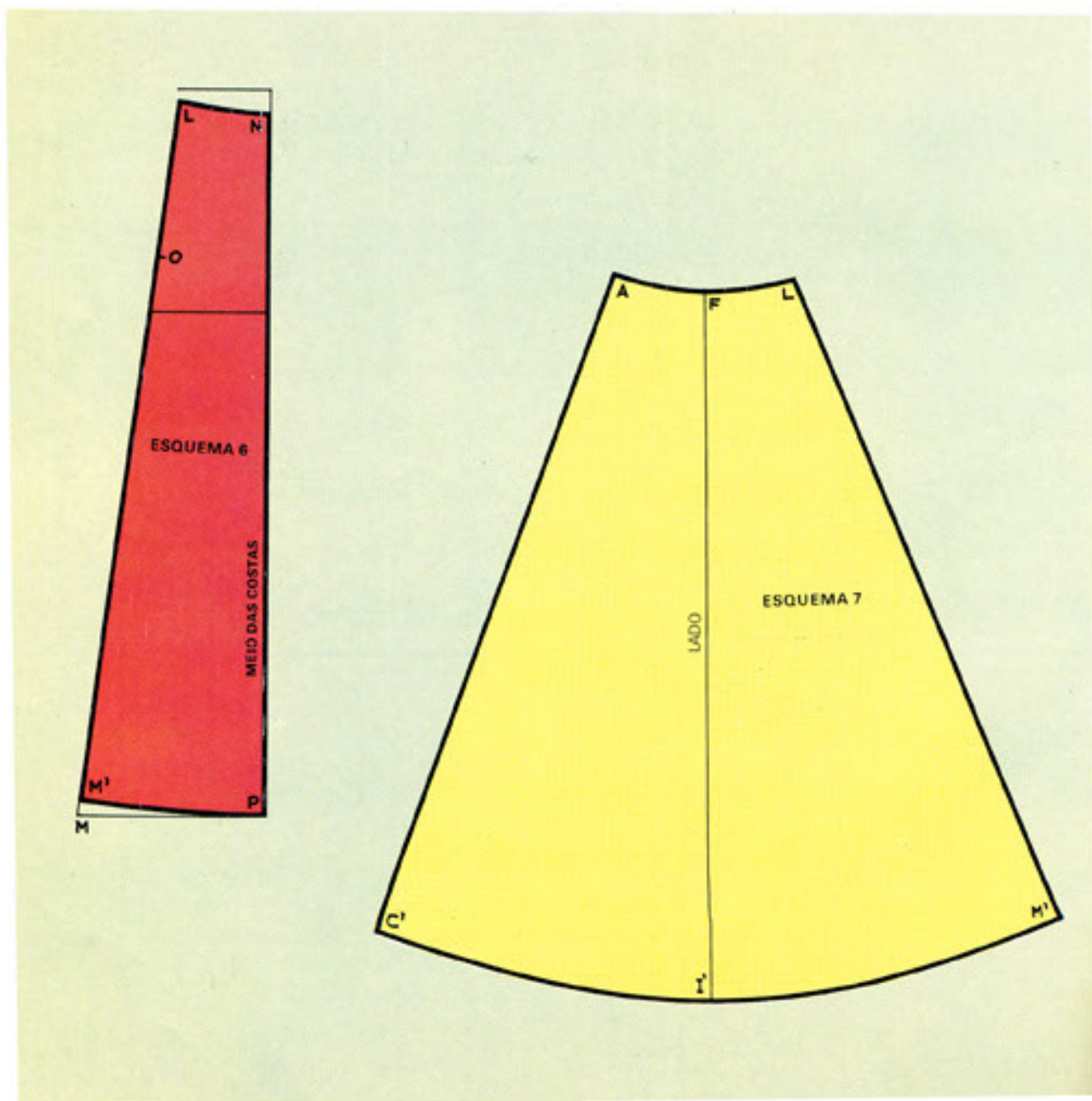
(esquema 5). Arredonde a bainha por uma curva suave entre os pontos M' e P.

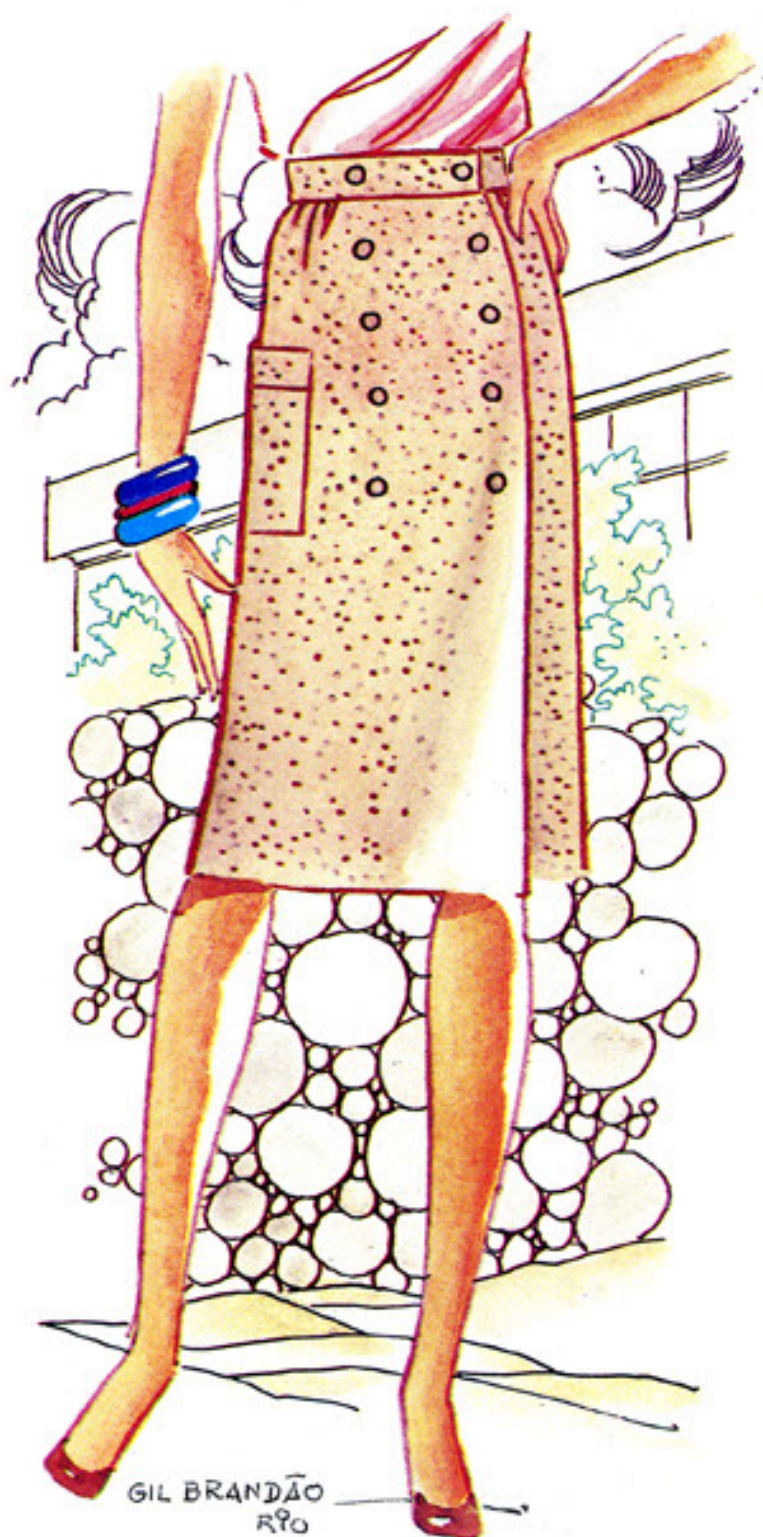
Pano lateral definitivo (esquema 7) – Pegue os dois panos laterais, da frente e das costas, junte-os pela linha do lado FM' e mantenha-os unidos com pedaços de fita durex colocados a distância regulares.

Com isso, o molde desta saia fica reduzido a três peças, um pano central dianteiro, um pano central traseiro e um pano lateral, cada um deles cortado duas vezes

no tecido, completando assim os seis panos. O zíper fica geralmente colocado na costura central das costas.

Podemos reduzir o número de panos para quatro, desde que cortemos os panos centrais apenas uma vez com o tecido dobrado pelo meio. Neste caso, as costuras centrais desaparecerão, permanecendo duas costuras na frente e duas nas costas. O fechamento da saia dependerá agora do modelo que tenha esta base como ponto de partida.





INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



UMA SAIA RETA TRANSPASSADA

Apesar da sua linha reta, aqui está uma saia cômoda e gostosa de ser usada, principalmente nas atividades diárias, como o trabalho, a ida ao mercado ou a visita a uma amiga íntima. O profundo transpasse na frente, fechado até a metade da altura por duas carreiras de grandes plic-placs, permite uma boa liberdade aos movimentos. As pences são substituídas por pequenos grupos de franzidos. Um grande bolso, com a bainha pespontada, se aplica sobre o lado direito, assimetricamente. A cintura é arrematada por um largo cós que, acompanhando o transpasse, também se fecha com dois plic-placs.

Material – Qualquer tecido mais ou menos encorpado, como o brim de linho ou de algodão, o veludo, a camurçina, etc. mais dez plic-placs grandes e entretela para o cós.

Metragem – Para evitar uma costura feita no meio das costas o tecido deve ter sempre 1,40m de largura. Como o arremate do

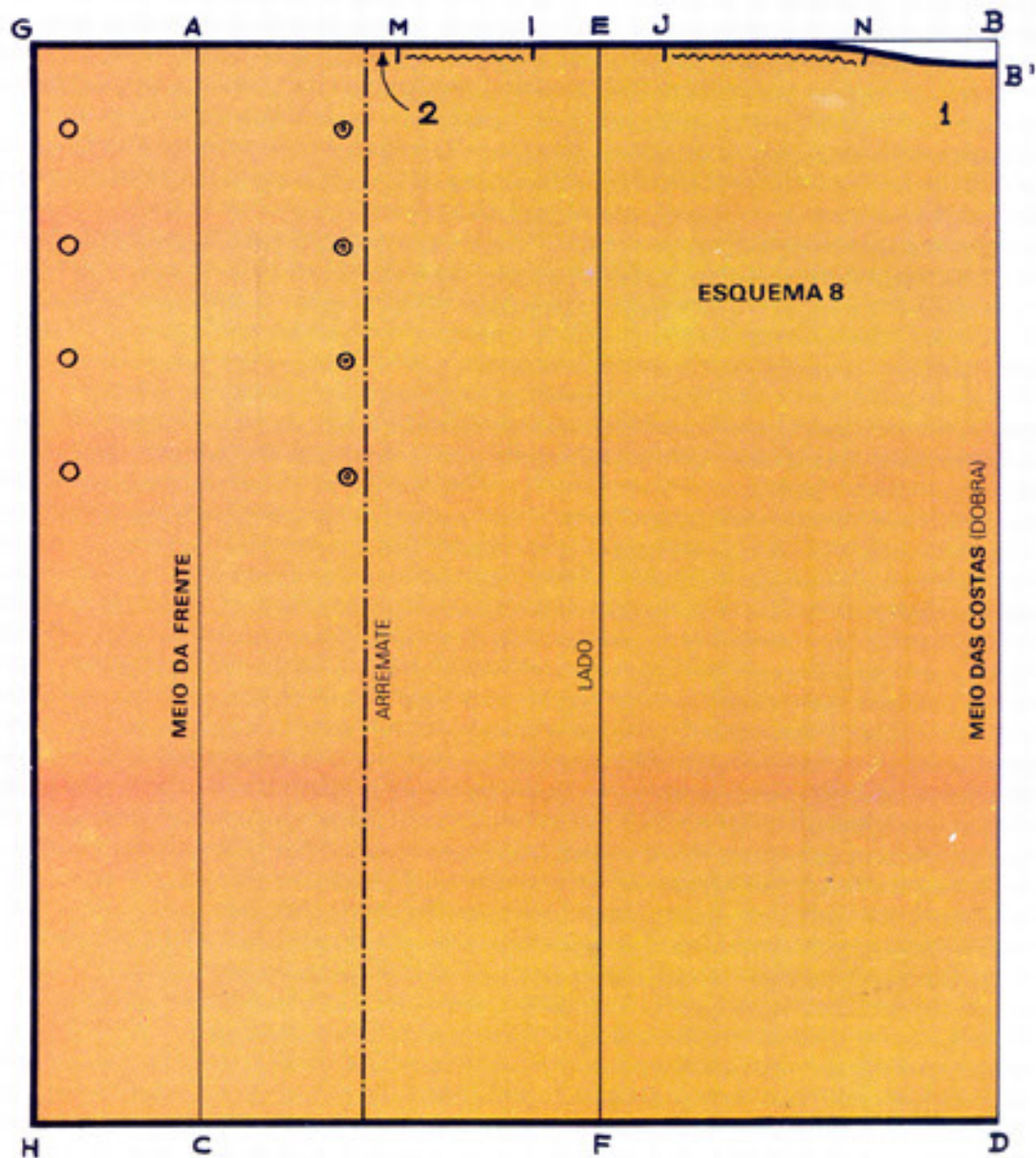
transpasse é muito largo, compre duas alturas da saia. Acrescente costura do cós e bainha neste cálculo.

MOLDE

Saia (esquema 8) – Trace o retângulo ABCD, no qual AB mede a metade da medida dos quadris mais 2 cm de folga e AC o compri-

mento desejado para a saia. Como referência, trace a linha do lado EF na metade do retângulo.

A partir do meio da frente AC, acrescente o transpasse até GH. A largura do transpasse AG deve ser igual à metade de AE menos 2 cm. No meio das costas, marque BB' com 1 cm e trace uma pequena cavação na linha da cintura a partir do meio de EB.



Marcação dos franzidos – Para cada lado do ponto E, marque EI e EJ, ambos medindo a sexta parte de AE. Na frente, o trecho a ser franzido IM deve parar a 2 cm de distância da linha do arremate do transpasse. Nas costas, o trecho a ser franzido JN deve parar a uma distância do meio das costas, NB', igual ao dobro de EJ.

Marcação dos plic-placs – A carreira externa deve ser colocada de maneira que cada plic-plac fique separado da borda do transpasse em 1,5cm. A carreira interna deve ser colocada a uma distância do meio da frente igual à da carreira externa. Verticalmente, a separação entre os plic-placs deve ser aproximadamente de 7 cm (um pouco mais ou um pouco menos, conforme a conveniência). Como o cós tem 4cm de largura e também é fechado por plic-placs, os primeiros da saia devem ficar a uma distância da cintura igual à separação entre eles menos 2cm, ou seja, metade da largura do cós.

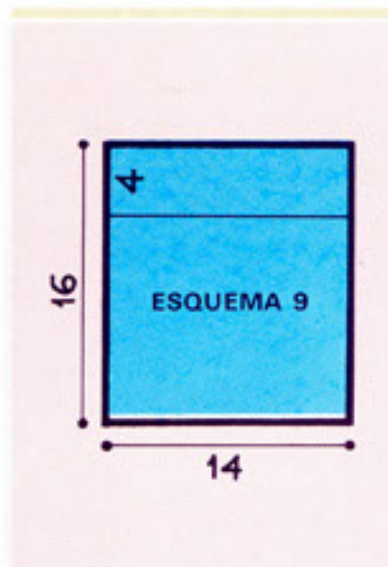
Arremate do transpasse – O molde do arremate é um retângulo com a altura igual ao comprimento da saia e a largura igual ao dobro do transpasse (veja a linha tracejada no esquema 8).

Corte a saia uma vez no tecido dobrado pelo meio das costas e o

arremate do transpasse duas vezes.

Bolso (esquema 9) – Trace o molde num retângulo com as medidas indicadas no esquema. Estas medidas correspondem a um tamanho médio do bolso. Se você quiser alterar estas medidas, lembre-se de guardar sempre uma certa proporção entre elas, ou seja, a altura do bolso deve ter sempre 2cm mais do que a largura. Corte uma vez no tecido, deixando em cima 5cm para a bainha do bolso.

Cós (esquema 10) – Trace o retângulo ABCD, em que AB mede a metade da cintura e a largura



AA igual a 8cm. A seguir, acrescente o mesmo transpasse da saia em AG. Corte uma vez no tecido dobrado pelo meio das costas BB e mais uma vez na entretela.

Corte – Ao passar os moldes para o tecido, acrescente uma margem de 2 cm para as costuras e de 5 cm para as bainhas da saia e da borda superior do bolso, como já assinalamos.

MONTAGEM

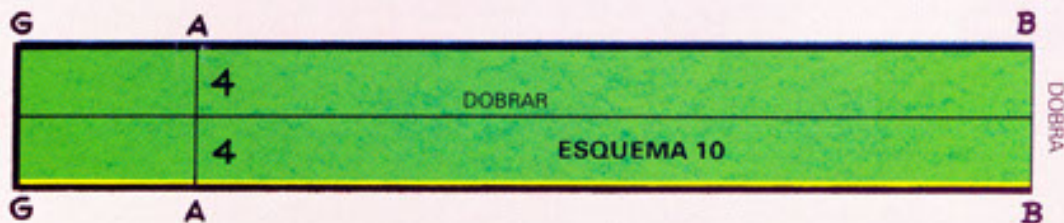
1. Aplique os arremates do transpasse sobre a saia, direito contra direito, costure as bordas, vertical e inferior, rebata os arremates para o avesso. Dobre os 5cm da bainha da saia, achate a dobra com o ferro e fixe com pontos em espinha de peixe.

2. Pelas marcações feitas na cintura, faça os grupos de franzidos, regulando-os de maneira a reduzir a cintura à sua medida real.

3. Cole a entretela no avesso do cós, e dobre-o ao meio, no sentido do comprimento, direito contra direito. Costure as extremidades, vire para o direito e monte o cós na cintura da saia.

4. Coloque – se você dispuser do pequeno aparelho – ou mande colocar os plic-placs nos lugares marcados no cós e no transpasse da saia.

$1E = 1/6 \text{ de AE}$



COSTURA VI



O QUE SE DEVE SABER SOBRE OS TECIDOS-1

O conhecimento do tecido com o qual vai trabalhar é de muita importância para evitar surpresas desagradáveis durante a confecção de uma roupa qualquer. Quando não souber com segurança quais as características de um tecido, seja de algodão, linho, lã, seda ou fibra sintética, pegue um retalho da fazenda, lave-o, passe a ferro, costure e faça bainhas.

Numa meia hora de trabalho consciencioso, ficará sabendo muita coisa a respeito da reação das fibras e da firmeza das cores. Essa experiência será muito proveitosa para impedir que os tecidos sejam demasiadamente manuseados na preparação de uma roupa. É evidente que, à medida que você vai ganhando experiência na costura e no trato com os tecidos, esse trabalho prévio vai-se tornando dispensável.

ESTRUTURA DOS TECIDOS

Já que o conhecimento prévio dos tecidos é um elemento preliminar essencial para o bom resultado do corte e da costura, é conveniente possuir algumas noções básicas sobre a estrutura deles, antes de manuseá-los.

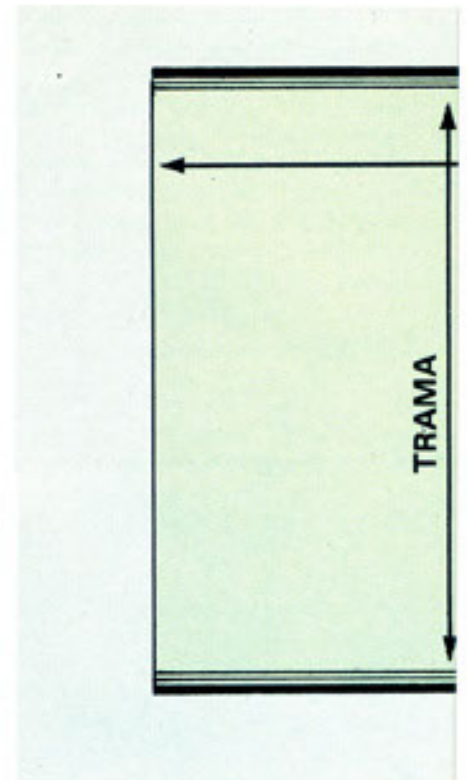
Todo tecido é formado pelo entrelaçamento de dois fios que se cruzam perpendicularmente: um transversal, que forma a **trama**, e outro longitudinal, que forma a **urdidura**, enquanto nas bordas longitudinais se produz uma barrinha estreita, firmemente tecida, que se chama **ourela**. Em certos tecidos caros, sobretudo lãs e "tweeds", a ourela é tão sofisticadamente trabalhada que a própria Chanel – a célebre costureira francesa – a utilizava para debruar seus famosos "tailleurs".

O caimento do tecido depende da direção dos seus fios em relação ao solo, ou seja, à ação da gravidade. Temos, assim, a **queda a fio reto**, quando a urdidura ou o fio longitudinal tomba perpendicularmente ao solo e a **queda atravessada**, quando é a trama ou o fio transversal que cai perpendicularmente a ele. Há um terceiro tipo de queda, muito especial, a **queda enviesada**, em que nenhum dos dois fios cai perpendicularmente, mas sim numa terceira direção que se estabelece diagonalmente ao cruzamento dos fios do tecido. Disto resulta três tipos de comportamento da fazenda de acordo com a queda utilizada:

1. **O fio reto** – Quando a roupa é cortada no tecido, de maneira que o seu fio longitudinal tombe na vertical, o seu caimento é firme, mas não muito rígido, o que só acontece se a fazenda é muito encorpada, como o jeans, por exemplo.

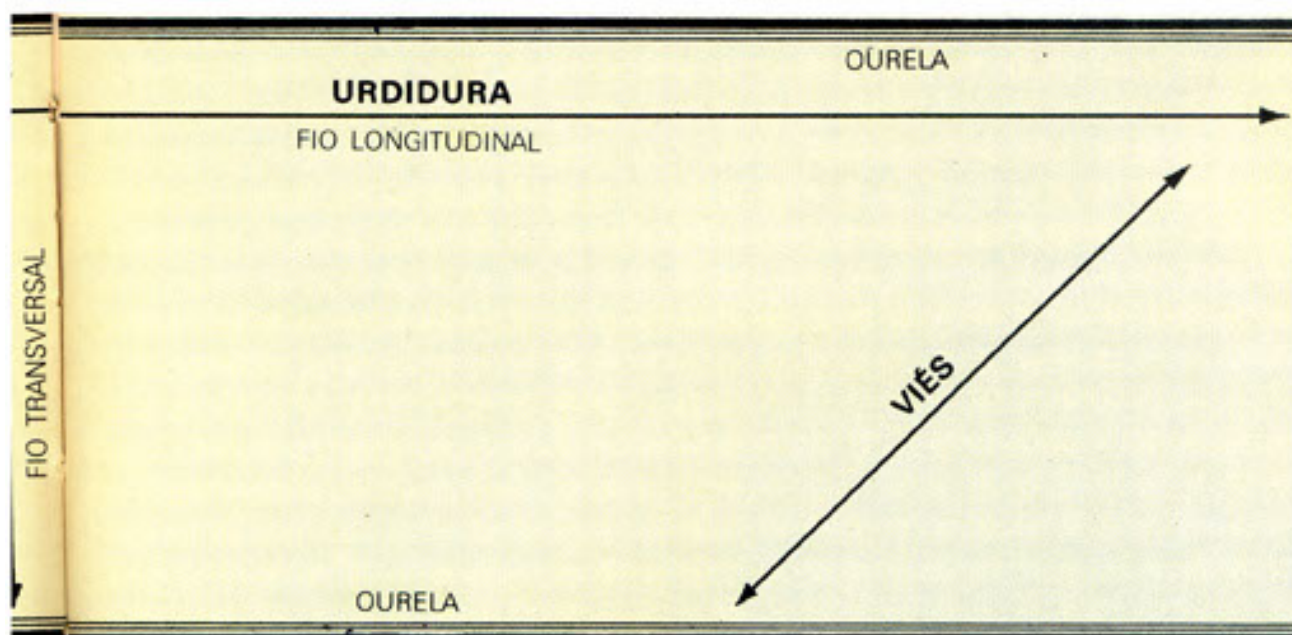
2. **O fio atravessado** – Quando a roupa é cortada no tecido, de maneira que o seu fio transversal tombe na vertical, o seu caimento é armado, efeito que muitas vezes pode ser aproveitado para arredondar saias franzidas ou pregueadas.

3. **O viés** – Quando o tecido é

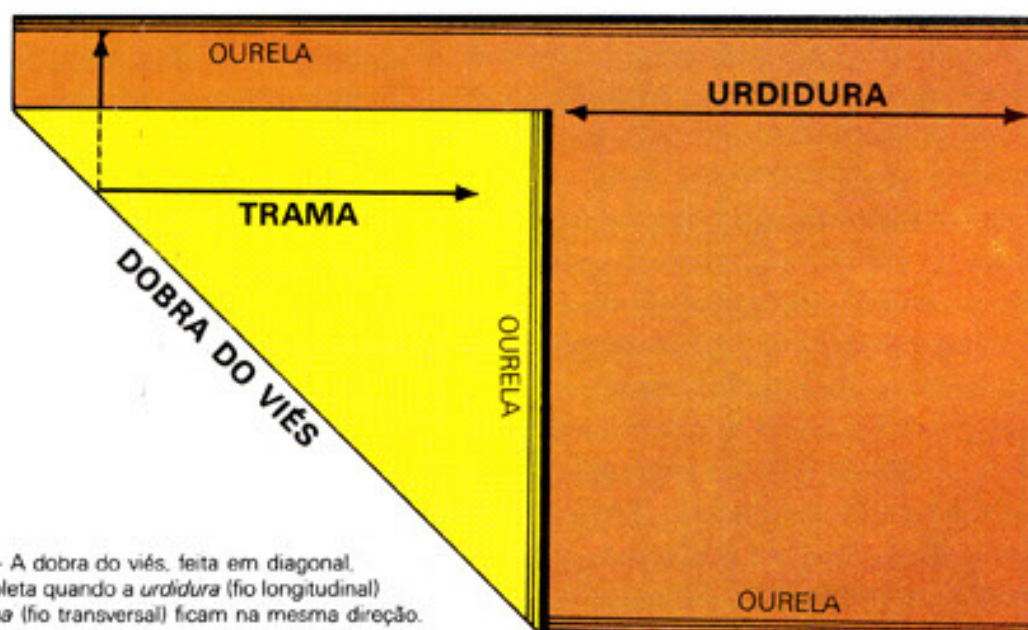


utilizado no seu sentido enviesado, a roupa cai mole e flexível, o que lhe confere alta dose de sensualidade se ela é justa. Um vestido colante, trabalhado no viés, adere ao corpo, revelando-lhe as formas de maneira altamente erótica.

Tais diferenças de comportamento resultam da ação da gravidade sobre a estrutura do tecido. Quando esta ação se verifica ao longo de um dos fios – que deve estar na vertical, é lógico – o tecido cai firme, sem espichar. É o que acontece no fio reto e no fio atravessado, sendo que, por força da tecelagem, o fio atravessado é mais firme e, por esta razão, tomba mais armado. Assim sendo, sempre se costuma aconselhar a não cortar uma saia reta atravessada no tecido, ficando o fio transversal, mais firme, na vertical e o fio longitudinal, menos firme, na horizontal, do que resulta uma deformação nas costas da saia, depois de certo tempo de uso, pela tensão resultante do ato de sentar-se sobre a estrutura do tecido. Há certas fazendas que se comportam quase de maneira idêntica nos dois sentidos – como os de estru-



Fios – Um pedaço de tecido, mostrando os fios *longitudinal* e *transversal*, bem como a direção do *viés*, que forma um ângulo de 45° com o sentido dos fios. A *orela* se forma paralelamente ao fio longitudinal.



Viés – A dobra do viés, feita em diagonal, se completa quando a *urdadura* (fio longitudinal) e a *trama* (fio transversal) ficam na mesma direção.

tura em diagonal – permitindo aparentemente certas facilidades de corte. Você pode verificar com facilidade se o tecido se comporta ou não, da mesma maneira, nos dois sentidos, segurando-o e franzindo-o com a mão, tanto pela

borda atravessada como pela orelha. Se o franzido “incha” quando você segura o tecido pela orelha e tomba fácil quando você o faz pela borda atravessada, então o comportamento é diferente e você tem que tomar alguns cuida-

dos no corte, como veremos posteriormente.

Quando a ação da gravidade se verifica, não ao longo de um dos fios, mas ao longo da diagonal que atravessa o cruzamento deles, o tecido se torna elástico e tomba

mole e flexível. É, como já vimos, o viés, com o qual se pode obter belíssimos efeitos num vestido.

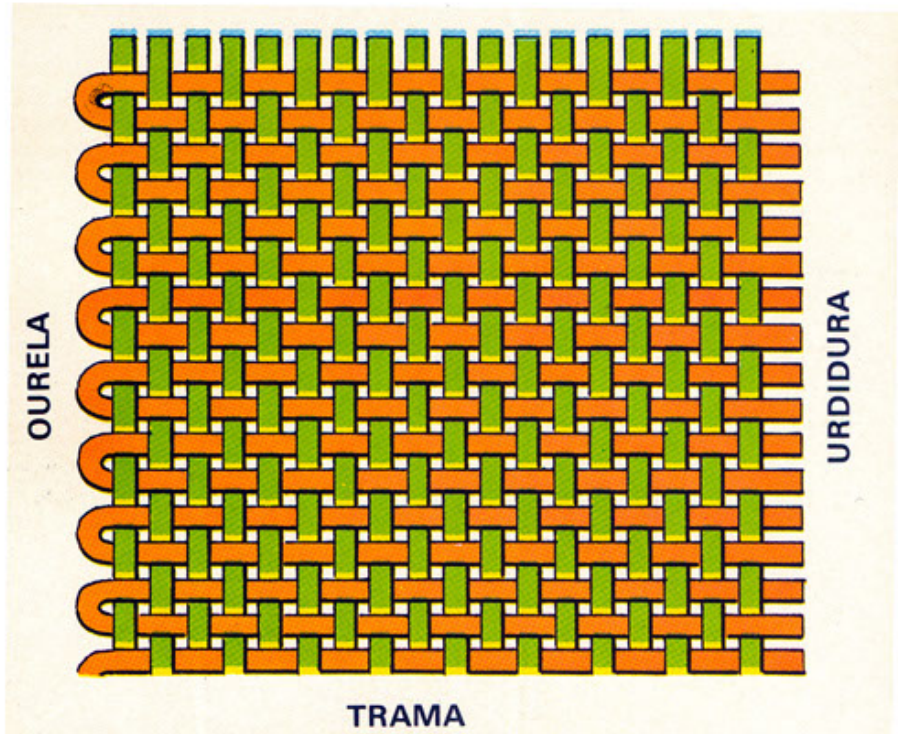
Para que uma roupa tenha bom caimento, não é necessário que todas as suas peças sejam cortadas no mesmo sentido. Se assim fosse, não seria possível o jogo de listras ou de quadriculados. Algumas peças podem ser cortadas a fio reto e outras no viés, sem prejuízo da boa queda como, por exemplo, uma blusa a fio reto com mangas enviesadas, ou então, um vestido com a blusa com listras na vertical e a saia com listras na horizontal.

É necessário, aí sim, que todas as peças de uma roupa sejam cortadas no mesmo sentido quando o tecido tiver brilho, que provoca uma mudança de tonalidade, se o tecido for utilizado num sentido ou no outro, mesmo que as peças estejam todas na mesma direção do fio. Nenhuma peça pode ficar de cabeça para baixo em relação às outras. Isto acontece nos veludos, nos tafetás "changeants" e em certos "jeans color". Nos tecidos felpudos, também se deve proceder da mesma maneira, isto é, todas as peças devem ser cortadas no mesmo sentido e na mesma direção, os pêlos sempre voltados para baixo.

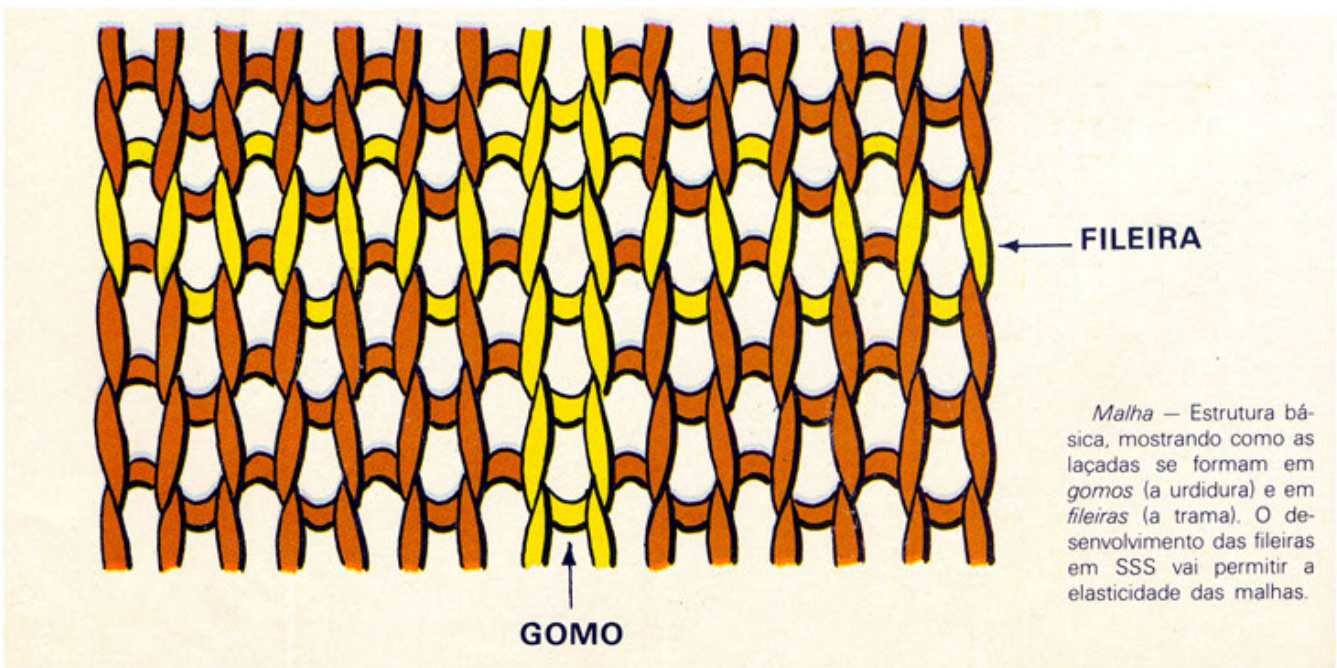
AS MALHAS

A estrutura das malhas é muito diferente da dos tecidos fabricados em tear, de que acabamos de

falar, o que lhes permite uma grande elasticidade. Quanto à fabricação, existem dois tipos de malha: as **malhas abertas**, como os tecidos comuns, geralmente com



Tecido comum de tear — Estrutura básica, mostrando o entrelaçamento perpendicular dos fios da urdidura e da trama.



Malha — Estrutura básica, mostrando como as laçadas se formam em gomos (a urdidura) e em fileiras (a trama). O desenvolvimento das fileiras em SSS vai permitir a elasticidade das malhas.

largura de 1,40m a 1,60m, fabricadas em máquinas planas e as **malhas tubulares**, que se apresentam cilíndricas e são fabricadas em máquinas circulares.

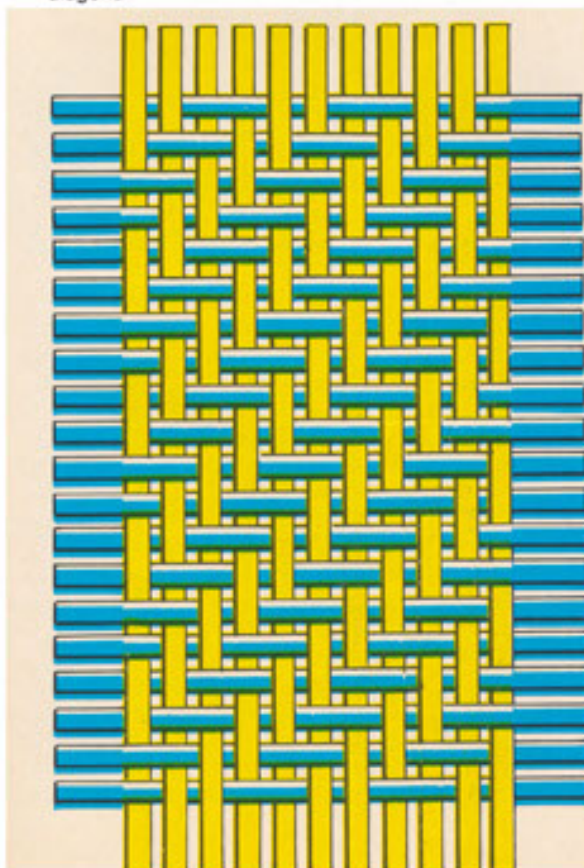
Quanto à elasticidade, as malhas também podem ser de dois tipos: as que só têm boa elasticidade no sentido transversal e quase nenhuma no sentido longitudinal, como a maioria delas – suedine, meia-malha, a “interlock”, a helanca, etc. – e aquelas que possuem boa elasticidade em todos os sentidos, fabricadas sempre com fios sintéticos, como a **lycra**. Por esse motivo, a lycra é a matéria-prima ideal para a fabricação de **collants**, maiôs, biquínis e qualquer tipo de vestuário que deva aderir completamente ao corpo.

As malhas diferem dos tecidos

comuns pelo entrelaçamento dos fios que, em vez de se cruzarem perpendicularmente em linha reta, formam alças que penetram umas por dentro das outras. As laçadas que se formam verticalmente se chamam **gomos** e se comparam à urdidura dos tecidos de tear, en-

quanto as laçadas que se formam horizontalmente se chamam **fileiras** e correspondem à trama dos tecidos de tear. Os fios, por consequência, progridem numa ondulação que vai permitir, depois da malha fabricada, a sua elasticidade.

Tecido diagonal – Nesta estrutura, os fios se cruzam de dois em dois, provocando a formação de riscas em diagonal.



Diferença de queda nos tecidos – O desenho 1 mostra a fazenda franzida com a mão no sentido da orelha, tombando em gomos “inchados”, enquanto o desenho 2 mostra a mesma fazenda franzida no sentido atravessado, tombando em gomos “escorridos”.



AINDA OS PROBLEMINHAS INCÔMODOS COM A MÁQUINA

Já tivemos ocasião de comentar alguns probleminhas que surgem durante a costura e de como solucioná-los. Muitas vezes, por desconhecimento de como funciona uma máquina, você chama um técnico e paga inutilmente uma consulta, quando você mesma, com uma pequena operação, pode eliminar o defeito. Vejamos mais alguns problemas, facilmente solucionáveis.

1. A agulha quebra

a. O pé calcador e/ou a chapa da agulha podem estar soltos ou insuficientemente apertados, o que provoca o seu deslocamento juntamente com a abertura de passagem da agulha, que irá de encontro à superfície da chapa, partindo-se.

b. A agulha pode estar mal colocada no seu suporte.

c. A agulha pode ser muito delgada para a espessura do tecido, principalmente quando há mais de duas camadas a penetrar.

d. Você pode, durante a costura, ter puxado o tecido para trás, inadvertidamente, com demasiada força, obrigando a agulha a vergar além da sua resistência.

e. A agulha pode, por qualquer motivo, ter entortado de tal maneira que a sua ponta se desviou a ponto de ir chocar-se com o pé calcador ou a chapa da agulha.

f. Você pode estar utilizando, distraidamente, um pé calcador e uma chapa de agulha não adequados um para o outro, em relação ao ponto com que vai trabalhar. Por exemplo, você vai usar o ponto de ziguezague; troca então o pé calcador, de ponto reto para o de ziguezague e se esquece de fazer o mesmo com a chapa da agulha. Resultado: a agulha parte-se.

g. Verifique às diferentes regulagens da máquina porque ou podem ser inadequadas ou terem sido modificadas por descuido durante o trabalho.

h. A agulha pode, de alguma maneira, estar defeituosa.

2. A linha se desenfia da agulha

a. Com toda probabilidade, você está enfiando um comprimento de linha insuficiente na agulha para dar o primeiro ponto. No que você gira o volante e a agulha desce para pegar o fio da bobina a linha corre e sai da agulha.

b. A linha do carretel, que a fornece à agulha, pode ter acabado e você não notou.

3. A linha se embaraça durante a costura

a. Possivelmente os fiapos, que se formam na zona da bobina, es-



tão sendo arrastados durante o desenvolvimento da costura. Limpe a zona da bobina a intervalos regulares, conforme a intensidade do trabalho.

b. O sistema de sincronização dos movimentos da máquina pode estar desligado ou defeituoso. Neste caso, o mais aconselhável é chamar o técnico.

c. A tensão das linhas pode estar inadequada. Ou então a linha da agulha e a da bobina podem estar enfiadas de maneira imprópria.

d. Você pode estar usando uma chapa da agulha que não seja correspondente ao pé calcador. A agulha não quebrou mas a linha se embaraça.

e. A linha da bobina está chegando ao fim. É só reenché-la ou substituí-la por outra cheia.

4. A linha da agulha se parte durante a costura

a. Na maioria dos casos este problema acontece quando você, por distração, colocou a agulha ou enfiou a linha ao contrário.

b. A ponta da agulha pode estar rombuda, sem fio.

c. Pode ser que a linha tenha ficado presa em algum ponto do seu trajeto entre o carretel e a agulha. Nos modelos avançados de máquina de costura, que se fabricam hoje em dia, raramente a linha se parte por este motivo.

d. Talvez você não tenha introduzido completamente a agulha no seu suporte antes de apertar o fixador.

e. Muitas vezes a culpa é da própria linha que está velha. As de algodão, principalmente, com o tempo têm tendência a se tornarem quebradiças.

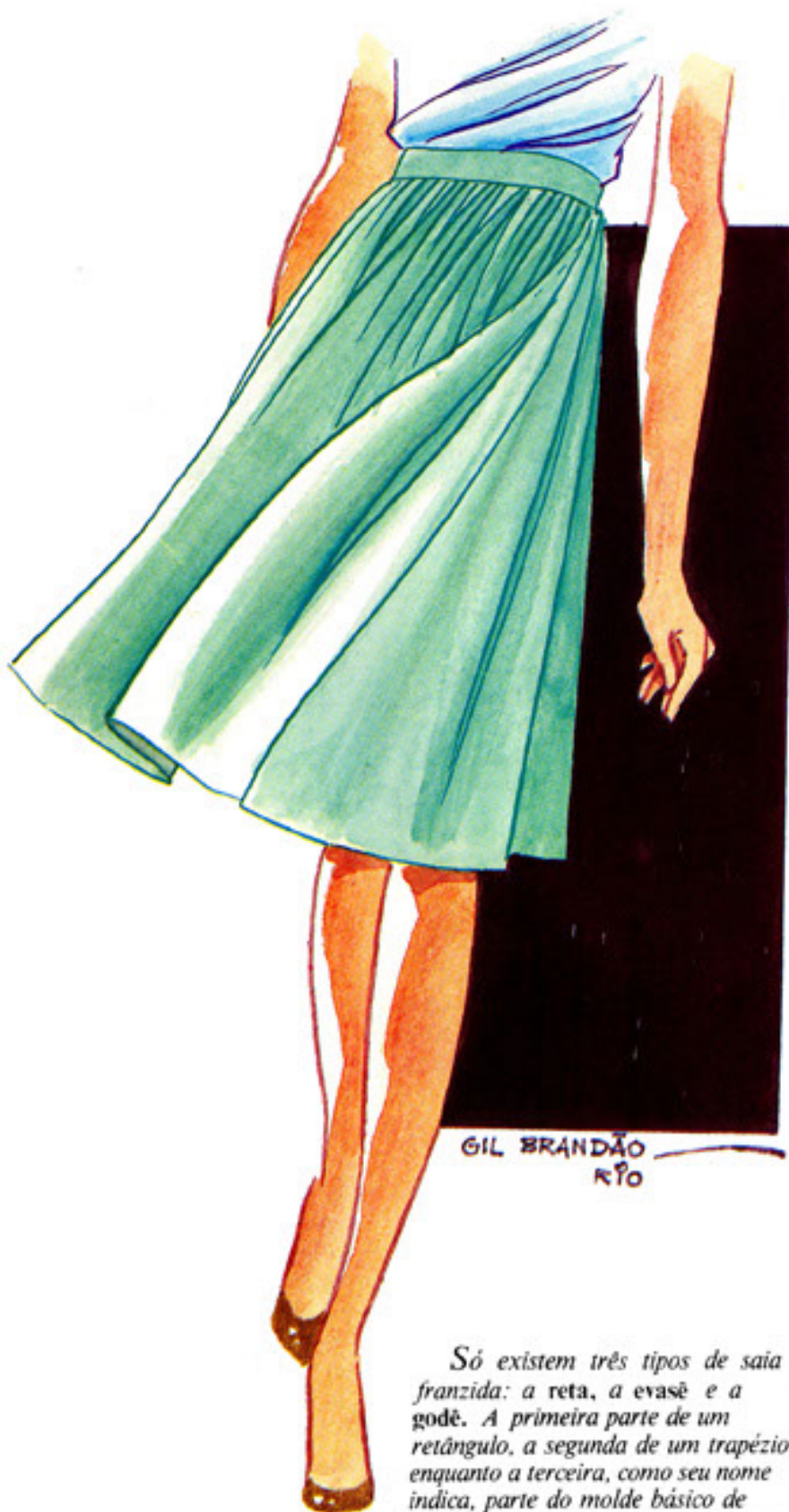
f. Por defeito de fabricação a linha pode apresentar um pequeno nó que não passa através de uma das guias de linha ou através do buraco da agulha. A linha fica tensa e se quebra.

g. A linha é muito grossa para o buraco da agulha. Com a passagem contínua, ela vai-se desfiando até quebrar-se. Isto acontece frequentemente com o torsal de seda ou de algodão, muito empregado para se fazer pespontos bem visíveis.

h. Pode haver asperezas ou rebarbas em algum ponto no trajeto da linha entre o carretel e a agulha (no guia-fio, no buraco da agulha, etc.). Essa aspereza pode desgastar e até mesmo cortar a linha. Procure localizá-la e substitua a peça defeituosa por outra em perfeitas condições.

Lição 8

SAIAS FRANZIDAS



Só existem três tipos de saia franzida: a reta, a evasê e a godê. A primeira parte de um retângulo, a segunda de um trapézio, enquanto a terceira, como seu nome indica, parte do molde básico de uma saia godê. Nesta lição, veremos apenas as duas primeiras, já que a última faz parte das saias godê, que ensinaremos nas próximas lições.

SAIA RETA FRANZIDA

A saia reta franzida não exige o molde cortado previamente em papel. Ela é tão simples – seu molde não passa de um mero retângulo – que pode ser cortada diretamente na fazenda. De acordo com o fio do tecido, este gênero de saia tem duas variantes:

a) **Saia cortada no sentido do comprimento ou da urdidura** – Neste caso, deve-se cortar tantas alturas de tecido quantas forem necessárias para a roda da saia. Cada altura deve medir o comprimento da saia mais costura e bainha. Se o tecido tiver 0,90m de largura, duas alturas darão uma roda aproximada de 1,80m por causa dos centímetros absorvidos pelas

costuras. Mas, se tiver 1,40m, a roda aumentará para cerca de 2,80m. Se as ourelas não repuxam o tecido, pode deixá-las como arremate das margens internas das costuras que unem os panos.

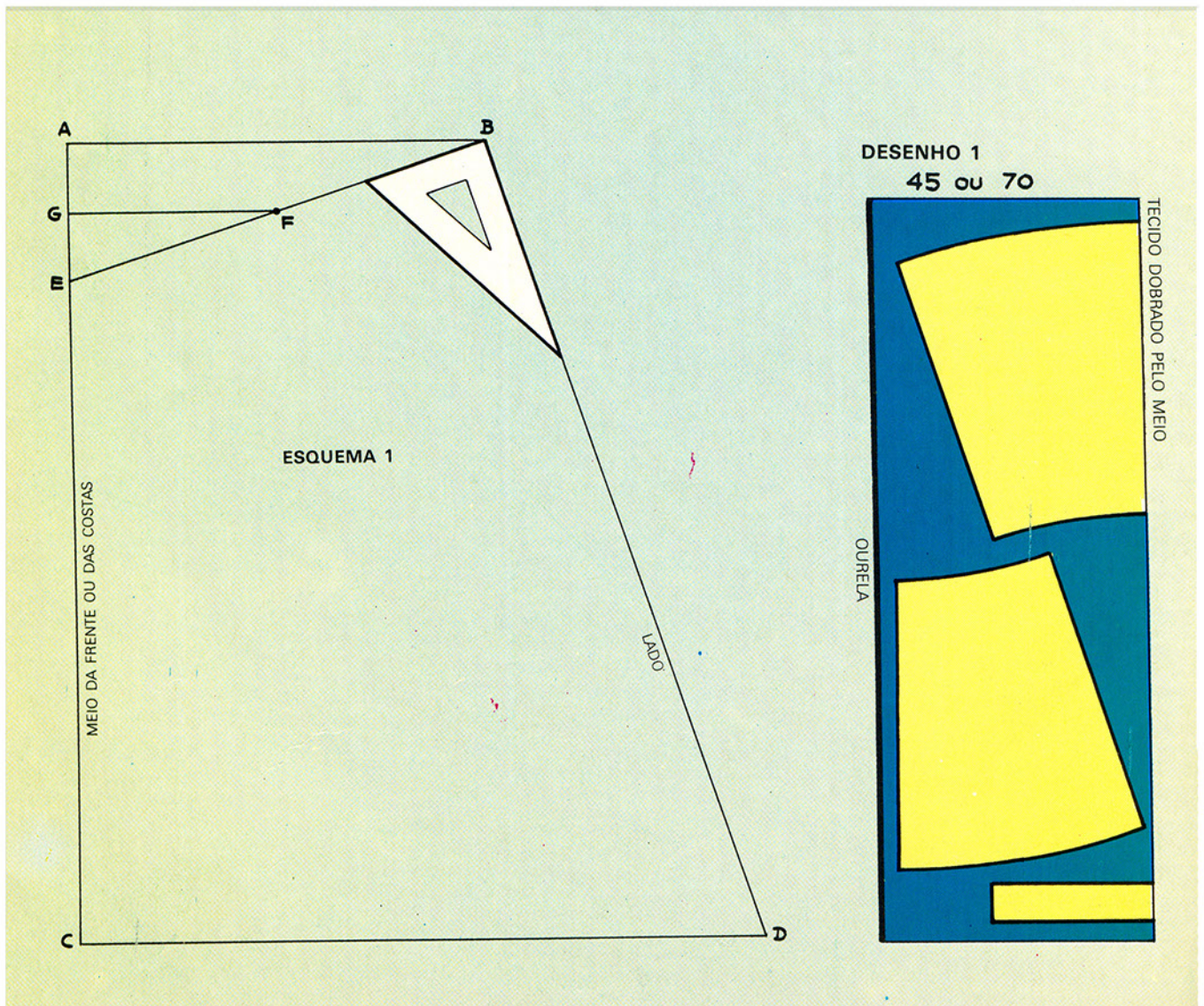
b) **Saia cortada no sentido atravessado ou da trama** – Já que esta saia é cortada no sentido da trama, pode ser feita com um pano único, cujo comprimento será a roda da saia e conseqüentemente a metragem do tecido. Só haverá uma costura de fechamento. Numa fazenda de 0,90m de largura, poderão ser cortadas saias curtas, mas as compridas exigirão fazendas com 1,40m. No restante, que sobra da largura do tecido, corte o cós e quaisquer outros detalhes, como bolsos, por

exemplo. As saias barradas são sempre cortadas neste sentido por força da própria estamparia.

SAIA EVASÉ FRANZIDA

Trace o molde desta saia numa peça só, que tanto serve para a frente como para as costas. Na primeira etapa, trace as linhas de construção (esquema 1); e, na etapa final, trace o molde definitivo (esquema 2).

Esquema 1 – Trace a vertical AC com o comprimento desejado para a saia. Do ponto A, lance a horizontal AB, perpendicularmente a AC e medindo o dobro da quarta parte da cintura (o mesmo que a metade da medida da cin-



tura). Se desejar menos franzido, marque **AB** com a quarta parte da cintura mais a metade desta medida. Por exemplo, se a medida for 16cm, **AB** medirá 32cm no primeiro caso e 24cm no segundo (ou seja, 16 mais 8).

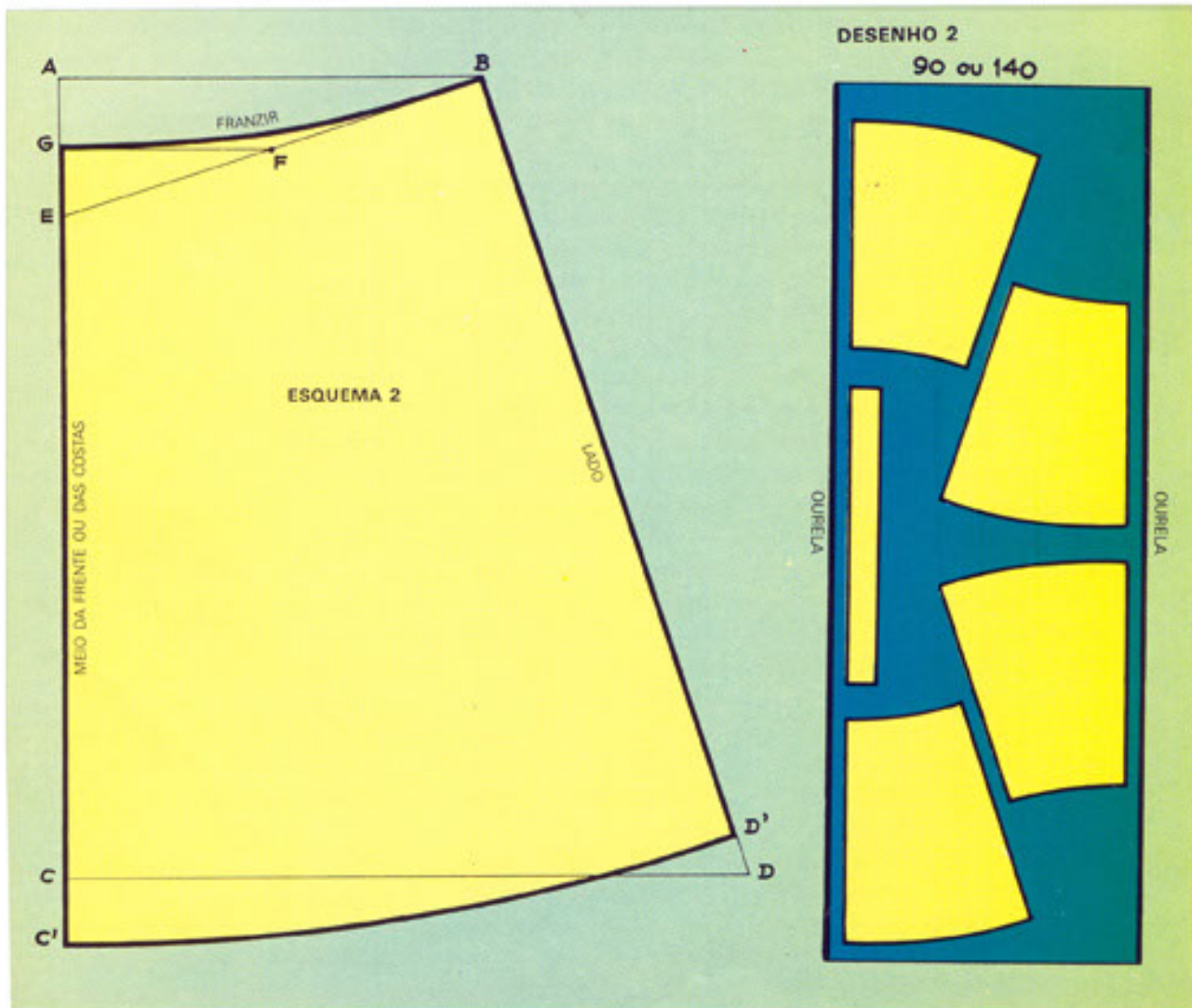
Do ponto **C**, lance outra horizontal, **CD**, cuja medida depende da largura do tecido e se pretende cortar a saia com a fazenda dobrada pelo centro ou não. No caso da fazenda dobrada, **CD** deve medir no máximo 43cm (se o tecido for de 0,90m de largura) ou 68cm (se o tecido for de 1,40m de largura). No caso da fazenda aberta, as medidas de **CD** podem ir até 86cm (tecido de 0,90m de largura) ou até 1,36m (tecido de 1,40m de largura).

Uma vez decidido o comprimento de **CD**, ligue **B** a **D** por uma reta. A seguir, trace **BE**, fazendo ângulo reto em **B**. Para isso, use o esquadro, como mostra o esquema. Marque o ponto **F**, na metade de **EB**, e trace a horizontal **FG**, paralela a **AB**.

Esquema 2 – Para o traçado final do molde, basta riscar a curva da cintura e a da bainha. A curva da cintura será traçada entre os pontos **B** e **G**, arredondando-se por cima do ponto **F**. Para traçar a bainha, prolongue a vertical **AC** até **C'** de modo que **CC'** tenha a mesma medida de **AG**, a fim de restituir o comprimento real da saia, diminuído pela curvatura da cintura. Na linha lateral, meça

BD' com o comprimento da saia. Só resta agora ligar **C'** a **D'** pela curva da bainha, cujos pontos devem todos estar à mesma distância da curva da cintura.

Corte no tecido – Se trabalhar com a fazenda dobrada pelo centro (veja o desenho 1), a frente será cortada numa peça única, o meio colocado na dobra do tecido e as costas duas vezes com uma costura central para o zíper. Ou, então, cortar frente e costas com fazenda dobrada pelo centro e, neste caso, o zíper irá para a costura lateral esquerda. Se trabalhar com a fazenda aberta, a saia será cortada em quatro panos, distribuídos segundo o desenho 2, para economia de tecido.



COSTURA VII



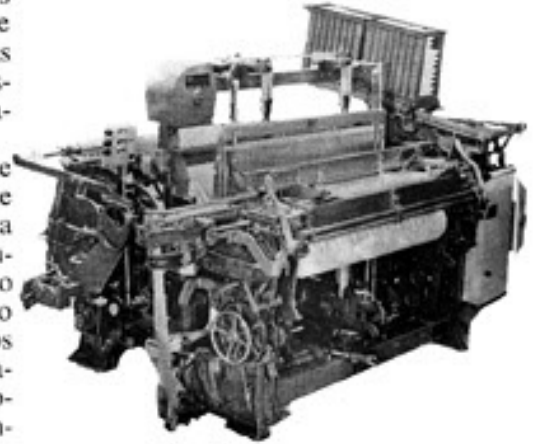
O QUE SE DEVE SABER SOBRE OS TECIDOS-2

AS DIVERSAS ESTRUTURAS DE TECIDO FIRME

Pelo que comentamos no início deste assunto, os tecidos, de acordo com a sua estrutura, podem ser divididos em dois grandes grupos: os **firmes** ou **não-elásticos** e os **elásticos** ou **malhas**. As próprias denominações falam por si mesmas, sem necessidade de explicações supérfluas.

O que caracteriza basicamente a estrutura do tecido firme é que os fios, tanto da trama quanto da urdidura, se cruzam perpendicularmente, lisos e em linha reta, o que não lhes permite esticar como a malha. São também chamados **tecidos de tear**, porque são fabricados em máquinas especiais denominadas **teares**. O tear mais simples é o manual, ainda empregado por aldeãs ou em comunidades em que a atividade artesanal é dominante. Esse tipo de tear foi o único usado até a segunda década do século passado, quando o **tear mecânico** entrou nos domínios da prática. Atualmente, as fábricas têxteis empregam teares enormes e complicados, movidos a eletricidade e capazes de produzir quilô-

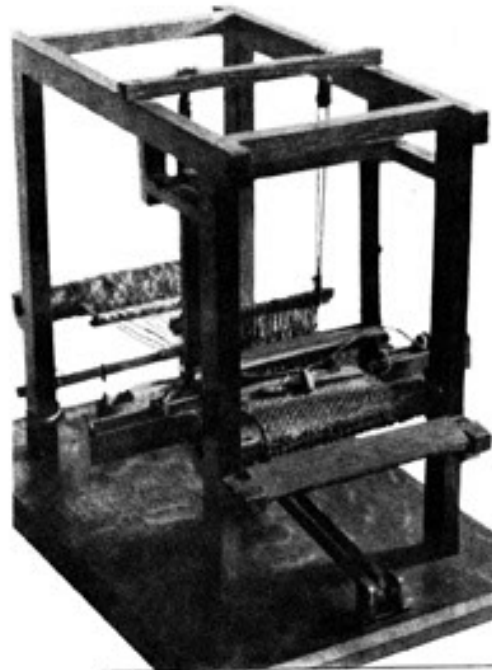
metros de tecido em vinte e quatro horas. Pode-se mesmo dizer que a era industrial começou com a invenção do tear mecânico, por Jacquard, em 1820, na França.



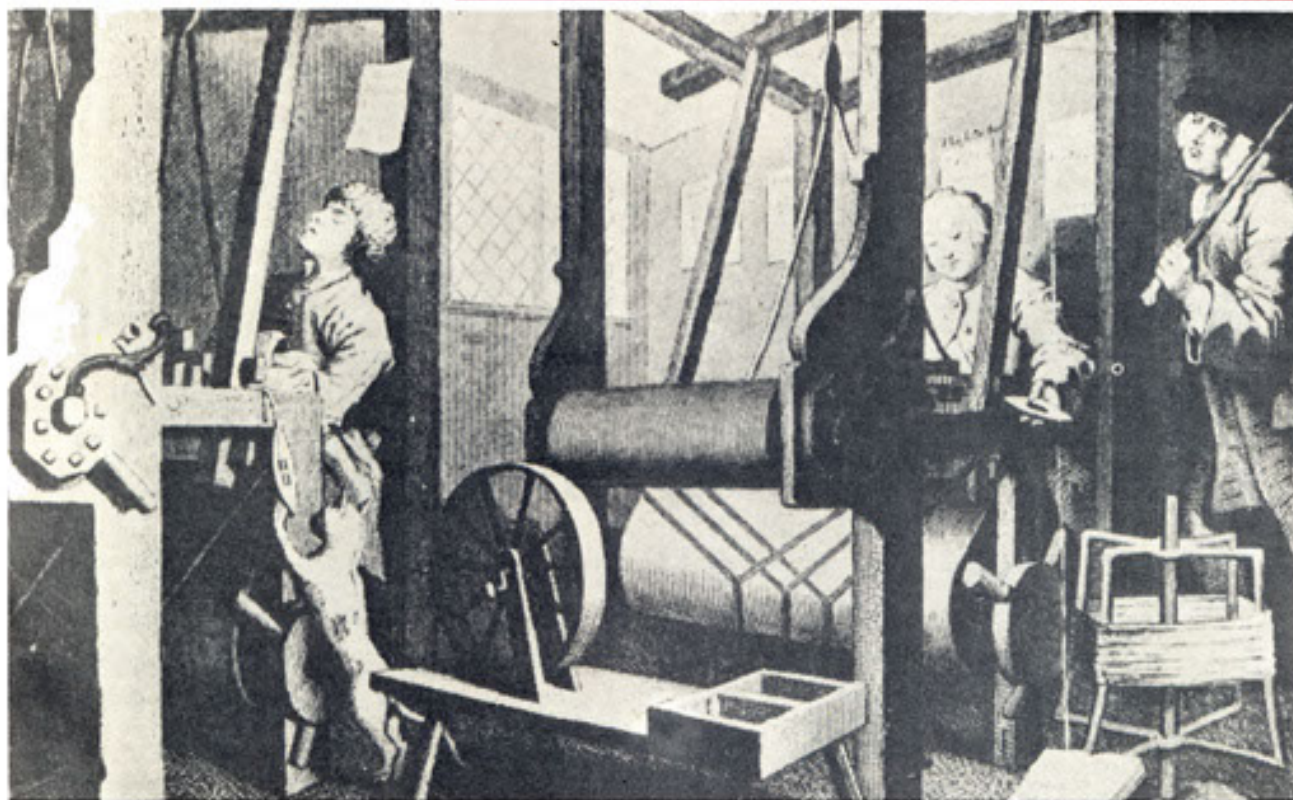
Um moderno tear, movido a eletricidade.

Seja no tear manual, primitivo, seja no tear mecânico, moderno, o princípio da tecelagem é o mesmo: o cruzamento perpendicular do fio da trama que passa por cima e por baixo dos fios da urdidura. Para isso, estes últimos são primeiramente estendidos no tear e dispostos de maneira que possam ser levantados e baixados alternadamente, pela ação de barras móveis chamadas **lâminas** ou **perchadas** (em madeira, nos teares manuais, e de aço, nos mecânicos). Perpendicularmente a estes fios, a **lançadeira** leva o fio da trama, que vai passando por cima e por baixo dos fios da urdidura, conforme estejam levantados ou abaixados pelas lâminas. A estrutura do tecido pode, então, ser modificada pela alteração do modo com que os fios da trama e da urdidura se cruzam.

Existem três tipos de estrutura – **tafetá**, **sarja** e **cetim** – consideradas como **fundamentais**, já que todas as demais são variantes destas estruturas básicas, com exceção da estrutura Jacquard, fabricada em tear do mesmo nome, em homenagem ao seu inventor. Todos os tecidos fabricados em teares apresentam um acabamento lateral no sentido do comprimento, fortemente urdido, que constitui a **ourela** em ambos os lados da fa-



Modelo de um tear manual com lançadeira.



Famosa gravura de Hogarth, mostrando uma fábrica doméstica de tecelagem com os seus aprendizes.

zenda. Verifique sempre, na hora da compra, se os fios da trama se mostram perpendiculares à ourela, o que é da máxima importância para o corte dos moldes. Se isto acontecer, o tecido está perfeito, com o **fio reto**. Caso contrário, ele está torcido. Se não puder corrigi-lo, evite comprá-lo.

Estrutura tafetá — É a mais simples e a mais comum de todas as estruturas, cada um dos fios da trama passando alternadamente por cima e por baixo de um fio da urdidura. Constitui cerca de oitenta por cento de todos os artigos de tecelagem. É, ao mesmo tempo, a mais forte das estruturas, já que os fios se inter cruzam mais apertados do que nas outras. Só existe uma estrutura tafetá, mas o número de possibilidades nas construções têxteis com estrutura sarja ou cetim são quase infinitas.

A firmeza dos tecidos com estrutura tafetá varia em função da resistência dos fios empregados e da compactação da textura. Entre os tecidos com esta estrutura, os mais conhecidos são a cambraia —

de linho ou de algodão —, a flanela, o "voile", a musselina — de algodão ou de seda —, o morim, a popelina, o organdi, a chita, o brim de linho, o "shantung", o tafetá, o crepe da China, etc.

Estrutura sarja — É uma estrutura fundamental na qual o fio da trama passa por cima e por baixo de dois fios da urdidura — em vez de um, como na estrutura tafetá —, às vezes três, mas nunca mais de quatro fios. Em cada nova passagem, o fio da trama avança uma unidade para a direita ou para a esquerda, o que propicia a formação de uma estria diagonal. Por este motivo, os tecidos com a estrutura sarja são conhecidos como tecidos **diagonais**.

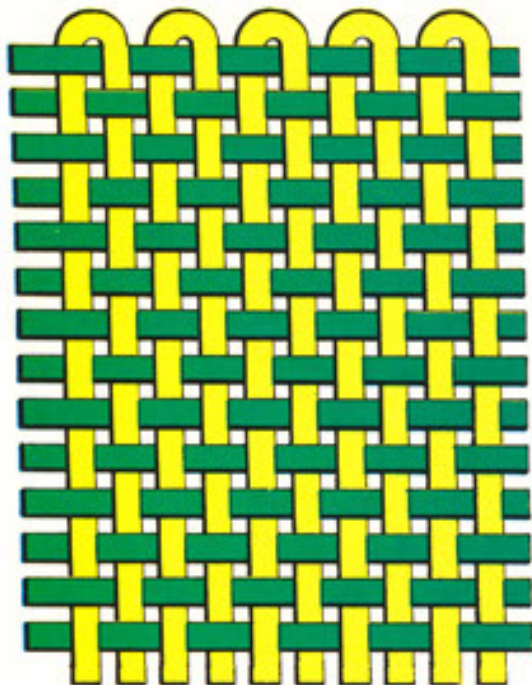
A estrutura sarja é usada em aproximadamente doze por cento de todos os artigos de tecelagem. Sua resistência à tensão é considerada muito próxima à da estrutura tafetá, embora o entrelaçamento dos seus fios não seja tão firme. Cerca de oitenta e cinco por cento dos tecidos com estrutura sarja apresentam o efeito das diagonais

para a direita. Isto é, as linhas oblíquas na superfície destes tecidos correm do canto inferior esquerdo para o canto superior direito da fazenda. São as sarjas **direitas**. Quando as linhas correm em sentido inverso, do canto superior esquerdo para o canto inferior direito, temos as sarjas **inversas** ou **canhotas**. As sarjas podem ter, sobre a sua superfície, ora a predominância dos fios da trama, ora da urdidura, ora de ambos. O desenho mostra a estrutura sarja na qual os fios da trama e da urdidura apresentam igual predominância.

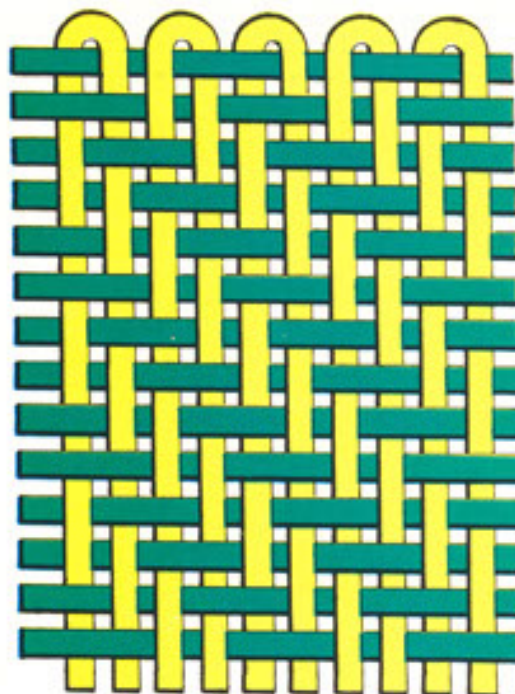
Entre as variantes desta estrutura, que são inúmeras, podemos citar as sarjas em espinha de peixe, as sarjas trançadas, as sarjas interrompidas, as sarjas ziguezague, etc. Os tecidos mais comuns, entre os trabalhados com a estrutura sarja, são as gabardines, os brins diagonais de linho, o jeans, os atalhados, o "surah", as próprias sarjas e muitos outros tecidos.

Estrutura cetim É a menos forte das três estruturas fundamentais, uma vez que os fios são

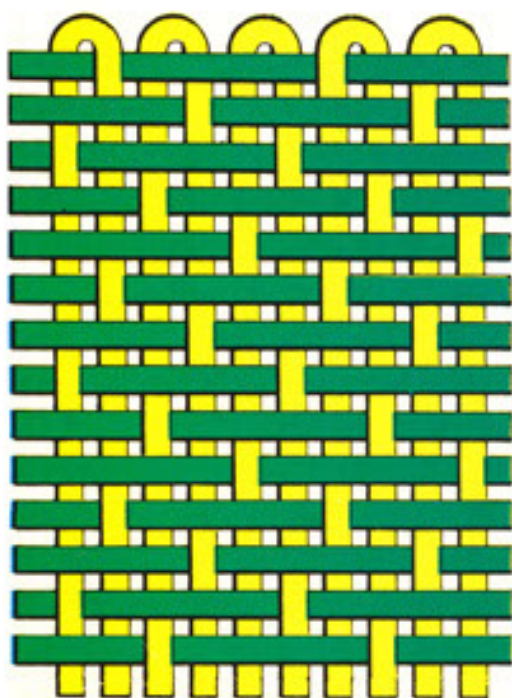
ESTRUTURA TAFETÁ OU TELA



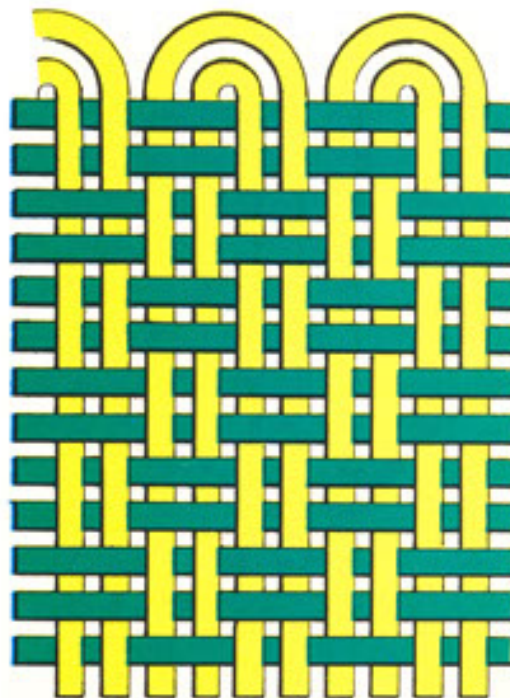
ESTRUTURA SARJA



ESTRUTURA CETIM



ESTRUTURA DE CESTO



mais largamente espaçados do que nas anteriores. Encontra-se em cerca de oito por cento de todos os artigos de tecelagem.

Esta estrutura consiste de fios que não passam alternadamente por cima e por baixo do mesmo número de fios, como acontece na sarja. Tem predominância de longos saltos, ora pela trama ora pela urdidura. Um **salto** significa que um fio salta ou pula por cima ou por baixo de um determinado número de outros fios que correm em direção perpendicular. Entre um salto e outro, o fio passa por baixo de um único fio, como mostra o desenho. Os fios que predominam no lado direito do tecido, que recebem a denominação de **saltados**, conferem ao cetim o seu brilho característico. Entre os tecidos com esta estrutura, temos todas as espécies de cetim, a maioria dos tecidos de decoração, etc.

Além destas três estruturas fundamentais, a indústria têxtil conta com um número infinito de suas variações. Aqui, porém, mostraremos apenas algumas delas.

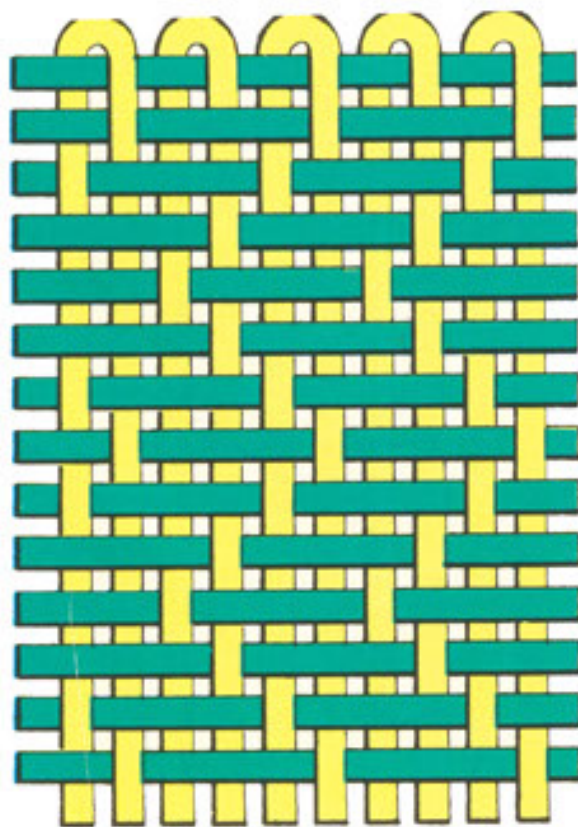
Estrutura de cesto – É uma variação da estrutura tafetá. Nesta estrutura, o cruzamento, em vez de se fazer com um fio apenas da trama com o da urdidura, se faz com fios duplos ou múltiplos, colocados lado a lado, sem que sejam submetidos a torção. Tal procedimento proporciona uma estrutura mais aberta, menos firme, e, conseqüentemente, menos durável que a estrutura tafetá. Os tecidos com a estrutura de cesto apresentam um aspecto rústico, por vezes muito bonito. O cânhamo é um exemplo.

Estrutura em “chevron” ou espinha de peixe – Variação da estrutura sarja. Os fios da trama e da

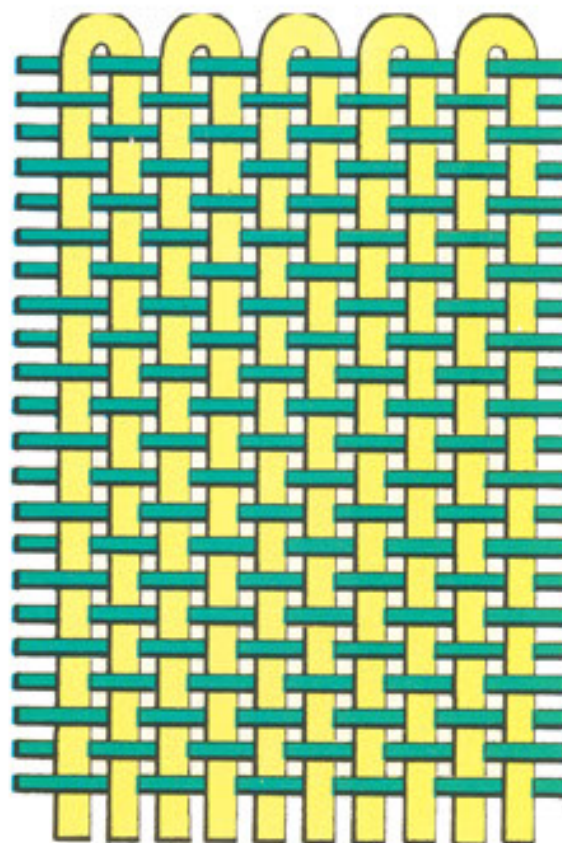
urdidura, nesta estrutura, se entrecruzam de maneira que as estrias em diagonal se desenvolvem em duas direções, formando um desenho em “chevrons” – em francês, “chevron” significa a tesoura dos detalhes – ou em ziguezague. Quando se utiliza fios de cores contrastantes, como no desenho, o efeito denteado se torna ainda mais evidente. Certas casimiras são feitas com esta estrutura.

Estrutura canelada – É também uma variante da estrutura tafetá, na qual fios finos se entrecruzam com fios grossos ou então fios simples com fios duplos ou múltiplos. As espessuras diferentes podem ficar dispostas paralela ou perpendicularmente. Quando se dispõem paralelamente, como no desenho, o tecido apresenta o efeito de cordões. Neste caso, ele se torna frágil ao atrito a que estão sujeitos os

ESTRUTURA “CHEVRON” OU EM ESPINHA



ESTRUTURA CANELADA



fios, o que lhe abrevia a duração. O "faillé" e o crepe otomano são exemplos desta estrutura.

Estrutura felpuda – É aquela cuja superfície se apresenta coberta de pequeninos pêlos, o que lhe confere uma textura macia e toda especial. Para consegui-la, acrescenta-se um fio de trama a uma estrutura básica do tipo tafetá ou sarja. Este fio é puxado, por uma peça específica do tear, para o direito do tecido, onde aparece entre um e outro fio da urdidura sob a forma de uma alça. Estas alças podem ser cortadas, como na pelúcia, aparadas, como no veludo, ou mantidas em sua forma original, como no tecido turco. Muitos dos tecidos com estrutura felpuda exigem cuidados especiais de confecção, passagem a ferro e conservação. Entre tais tecidos, os mais comuns são o veludo, a belbutina, a esponja ou tecido de toa-

lha, as imitações de peles e outros.

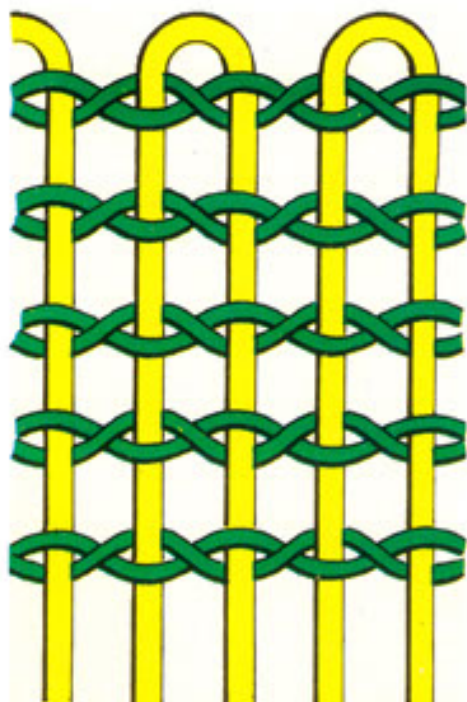
Estrutura de gaze – Como é formada de malhas bem abertas, os tecidos fabricados com ela são leves, finos e quase sempre transparentes. As malhas abertas são obtidas a partir de uma peça especial, acoplada ao tear, que vai mudando constantemente a posição dos fios da urdidura, de modo que, enquanto um passa por cima do fio da trama, o outro passa por baixo, formando uma espécie de oito em volta dele. São exemplos de tecidos com esta estrutura a marquisete e todas as espécies de gaze.

Estrutura com relevo – Neste tipo, a superfície apresenta desenhos em relevo, normalmente geométricos. Os desenhos são produzidos pela **maquineta**, que é um acessório especial articulado com um tear de estrutura tafetá. A ma-

quineta eleva e baixa certos fios da urdidura, de modo que esta e a trama se entrecruzam, formando um padrão geométrico que pode variar sempre. O fustão casa-de-abelha é um exemplo típico de tecido com esta estrutura.

Estrutura Jacquard – Só pode ser produzida por um tear especial, o tear Jacquard, nome do seu inventor. Esse tear controla separadamente os fios da trama e da urdidura, de modo a formar desenhos extremamente elaborados. Por isso mesmo, não deixa de ser uma variante complexa da estrutura cetim. Os desenhos, com frequência, saltam sobre a superfície em relevos suaves. Entre os tecidos Jacquard – que são geralmente bastante caros – estão os brocados, os adameados e grande parte dos tecidos de decoração.

ESTRUTURA DE GAZE



ESTRUTURA JACQUARD





INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



UMA SAIA TRANSPASSADA EVASÊ

Prática, objetiva e econômica são qualidades inerentes a esta saia, cuja linha evasê a torna extremamente confortável ao uso, principalmente para aquelas que trabalham o dia inteiro sentadas. Esta comodidade é acentuada pela ausência de um cós apertando a cintura e pela presença de um profundo transpasse na frente, fechado por quatro plic-placs bem grandes que se colocam ao nível de uma pala que envolve os quadris. No lado oposto ao transpasse, um grande bolso-sacola está aplicado assimetricamente. Uma aba, com os mesmos plic-placs nos cantos, fecha o superiormente. Costuras e bordas acentuadas por pespontos.

GIL BRANDÃO
RJO

Material – Qualquer tipo de brim, desde o jeans até o linho, passando pelas gabardines. Seis plic-placs grandes, que se poderá mandar aplicar em armarinhos, caso não se possua o aparelho. Entretela de colar.

Metragem – Duas alturas da saia (acrescente costuras e bainha), num tecido de 1,40m de largura e três alturas, se ele tiver apenas 0,90m.

MOLDE E CORTE

Frente (esquema 3) – Trace a frente de uma saia evasê sem penes, como ensinamos na lição 5, e depois acrescente um transpasse a partir do meio da frente. Para isso, prolongue a linha da cintura de A

até R, numa medida que pode variar de 7cm (tamanhos pequenos) até 10cm (tamanhos grandes). Você mesma escolherá a profundidade do transpasse, para que se possa ir acostumando a tomar decisões próprias. Depois disso, prolongue a bainha, de C a D, numa medida igual ao dobro de AB. Ligue B a D por uma reta, na qual BD' tenha a mesma medida do comprimento da saia no meio da frente. Arredonde a bainha. Trace a linha da pala EG, paralela à cintura, numa distância de cerca de 10cm. Corte o molde, separando a pala.

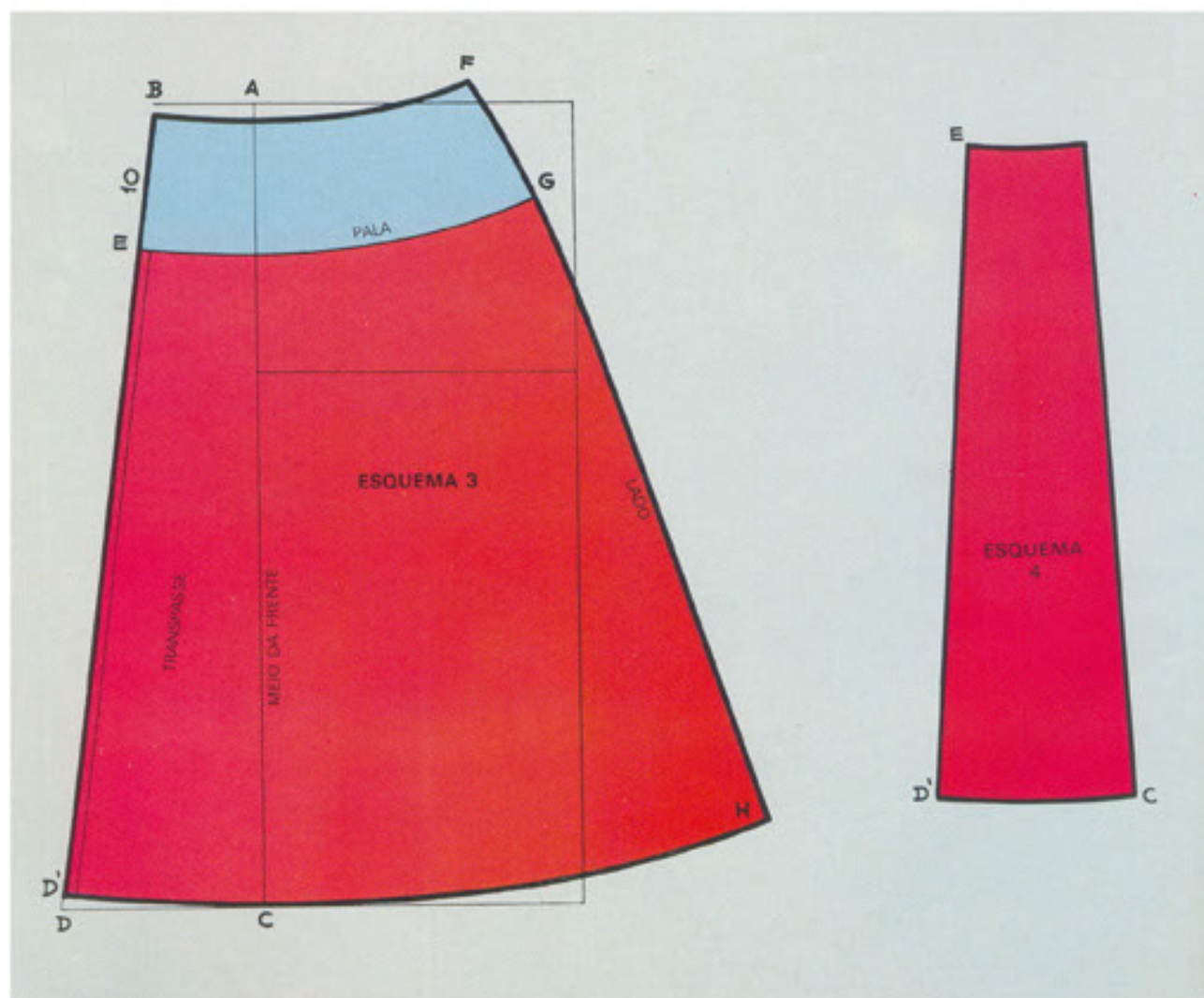
Arremate do transpasse (esquema 4) – Trace o molde do transpasse pelo molde da frente

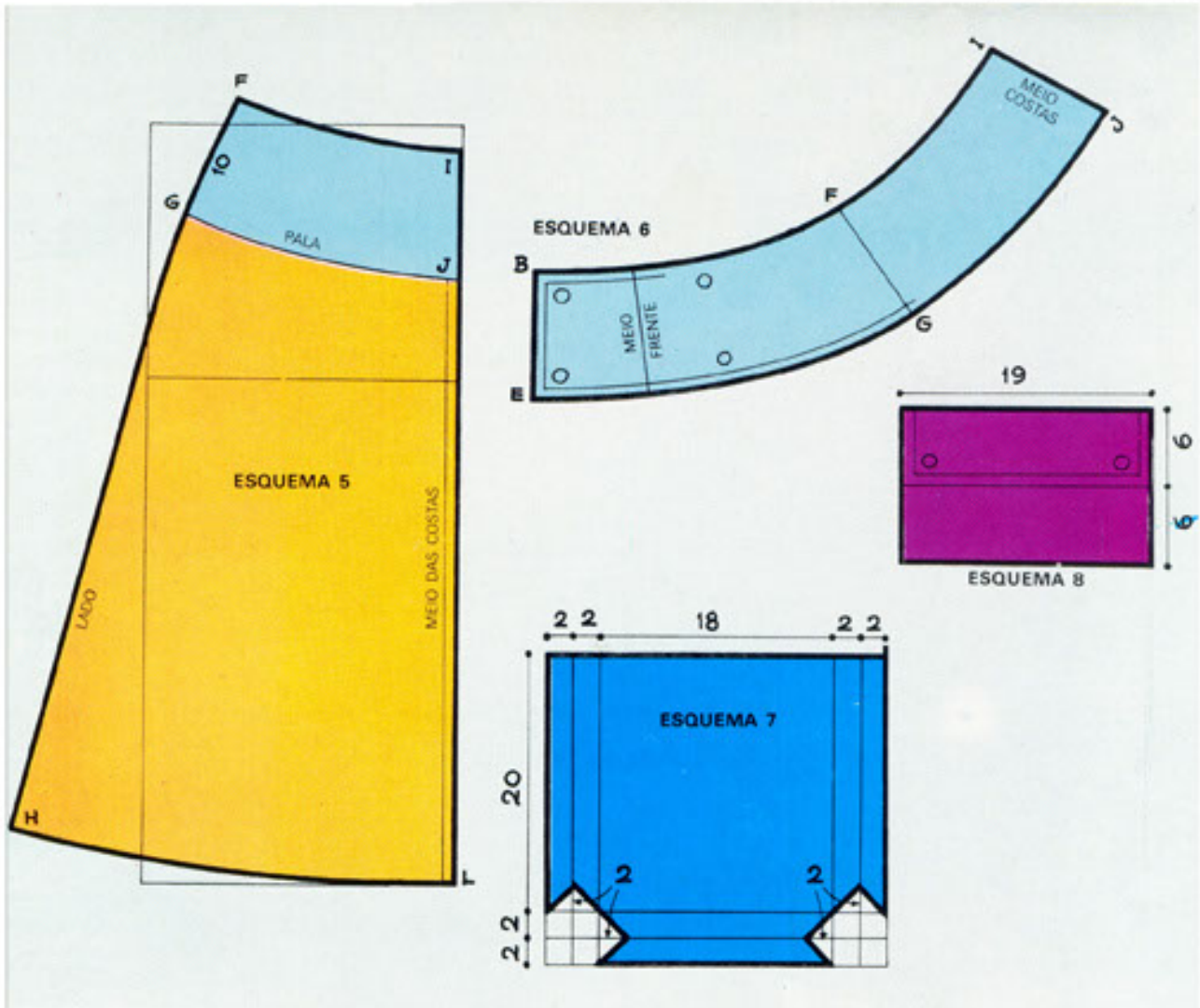
até a linha do meio, sem contar a pala, como mostra o esquema.

Costas (esquema 5) – Trace as costas de uma saia evasê sem penes (lição 5) e depois a linha da pala GJ, paralela à cintura, numa distância igual à da frente, ou seja, 10cm. Recorte, separando a pala.

Pala dos quadris (esquema 6) – Pegue as duas partes da pala e junte a frente com as costas pela linha lateral FG, fixando-as com pequenos pedaços de fita durex. Marque a posição dos quatro plic-placs a distâncias iguais do meio da frente.

Bolso (esquema 7) – Trace um retângulo de 18cm de largura por 20cm de altura. Em volta, marque





duas espessuras de 2cm cada uma, para formar as dobras do fole. Cruze as linhas nos ângulos, para ajudá-la a desenhar as costuras que vão formar as pregas do fole nos cantos inferiores do bolso. Observando o esquema, não encontrará dificuldades.

Aba do bolso (esquema 8) – Trace o molde num retângulo, de acordo com as medidas do esquema. Marque os plic-placs.

Corte a pala quatro vezes no tecido (duas num sentido e duas no outro); a frente, as costas e o arremate do transpasse, duas vezes (em sentidos opostos); o bolso e a aba, apenas uma vez. Acrescente uma margem de 2cm para as costuras e de 4cm para a bainha.

MONTAGEM

1. Ligue as partes da pala, duas a duas, pela costura do meio das costas. Aplique as duas partes obtidas, uma sobre a outra, direito contra direito. Costure as bordas da cintura e das extremidades. Vire para o direito, passe a ferro e pesponte. Mandê colocar os plic-placs nas marcações.
2. Aplique os arremates sobre as frentes da saia, direito contra direito. Costure a borda vertical e a bainha. Vire para o direito, passe a ferro e pesponte.
3. Costure todos os panos da saia e pesponte apenas a costura central das costas, em continuação à da pala.
4. Monte a pala na saia.

5. Dobre as pregas do fole para o avesso para poder costurar os ângulos dos cantos inferiores, direito contra direito. Vire para o direito, achate as dobras com o ferro e faça um pesponto juntinho à dobra superior para vincar bem o fole. Dobre, então, as margens de costura da dobra interna para o avesso e aplique o bolso sobre a costura lateral oposta ao transpasse, metade para a frente e metade para as costas.

6. Cole a entretela no avesso da metade da pala, dobre-a ao meio, direito contra direito, e costure as extremidades. Vire para o direito, passe a ferro, pesponte e aplique na saia, 1cm acima do bolso. Mandê colocar os plic-placs nas marcações.

OUTROS PROBLEMINHAS INCÔMODOS COM A MÁQUINA

Para finalizar este assunto, é bom lembrar que uma boa manutenção e um uso cuidadoso da sua máquina de costura impedirão que esses probleminhas corriqueiros de funcionamento prejudiquem o bom andamento do seu trabalho. Leia com atenção o manual que acompanha a máquina de costura, peça o máximo de informações ao técnico responsável da marca e proceda sempre de acordo com ambos. Com isso, pode ficar certa de que esses pequenos defeitos de funcionamento da máquina a que nos referimos anteriormente desaparecerão ou, pelo menos, se tornarão pouco frequentes, a não ser que se trate de um produto de má qualidade de fabricação.

Antes de darmos alguns conselhos sobre os cuidados que uma máquina exige, vale a pena abordar alguns problemas que surgem nos pontos.

1. Os pontos se apresentam com tamanhos irregulares

a.) É bem possível que haja fios, fiapos ou uma obstrução qualquer nos dentes impelentes.

b.) A pressão do pé calcador pode estar, em relação ao tecido, inadequada: insuficiente ou exagerada.

c.) Enquanto costura, você deve estar puxando ou empurrando o tecido com demasiada força.

d.) Os pontos de tamanho diferente podem indicar que se trata, na realidade, de pontos em falso.

2. Os pontos em falso

a.) Aparecem normalmente na costura quando a agulha é de tipo ou de tamanho inadequado ao te-

cido com o qual se está trabalhando.

b.) O pé calcador exerce pressão insuficiente sobre o tecido.

c.) A agulha pode estar torta ou rombuda, sem ponta.

d.) Você pode estar costurando com velocidade irregular.

e.) A agulha pode ter sido colocada no suporte de maneira incorreta, isto é, ao contrário ou mal inserida no suporte.

f.) Com muita probabilidade, você pode estar puxando o tecido com demasiada força ao costurar.

g.) A chapa da agulha pode não ser a indicada para o ponto que se está usando.

TENSÃO NORMAL



TENSÃO SUPERIOR FRACA



TENSÃO SUPERIOR EXAGERADA



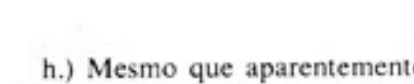
PONTO EM FALSO



LINHA DA AGULHA QUEBRADA



LINHA DA BOBINA QUEBRADA



h.) Mesmo que aparentemente não haja qualquer problema com a agulha, pode ser que a penugem e a goma do tecido tenham-se acumulado sobre ela. Isto costuma acontecer quando se trabalha com certas fibras sintéticas, tecidos aderentes ou de vinco permanente. Limpe a agulha ou então substitua-a.

Como já dissemos, você pode

tornar todos esses problemas com a máquina de costura muito raros, se tomar os devidos cuidados durante e entre os períodos de uso.

LIMPEZA E LUBRIFICAÇÃO

A frequência com que deve limpar e lubrificar sua máquina depende da intensidade do uso e de onde a guarda. Se o uso for de muitas horas por dia, limpe e lubrifique-a diariamente, mas, se for intermitente – algumas vezes por semana –, a limpeza e a lubrificação podem ser menos frequentes. Não se esqueça de desligar a tomada, antes de iniciar estas operações, para evitar o risco de choques elétricos.

Uma vez por semana, retire os detritos e os fiapos das partes expostas. Com um pano macio, tipo flanela, limpe as seguintes peças:

- Discos de tensão;
- Estica-fio;
- Barra de pressão e barra de agulha;
- Caixa da bobina, pois é importante que esteja sempre limpa para evitar muitos dos problemas incômodos com o funcionamento da máquina;
- Limpe toda a superfície da máquina com um pano úmido, se for necessário. Nunca use qualquer espécie de detergente;
- Remova a chapa de agulha para limpar os dentes impelentes e a área da lançadeira rotativa;
- Depois da limpeza, proceda à lubrificação, colocando uma gota de óleo nos lugares indicados no manual.

Uma vez por mês, lubrifique as partes internas da máquina conforme as instruções do manual. A esse respeito, aconselhe-se previamente com o técnico.

Quando você quiser guardar a máquina por algum tempo:

- Desligue a máquina da tomada elétrica.
- Limpe todas as partes internas e externas.
- Passe óleo com o pincel por todas as partes externas e por trás da tampa frontal, saturando-as de óleo para protegê-las contra a ferrugem e a corrosão, sobretudo se mora perto da orla marítima.

Lição 9

SAIAS GODÊ



*Godet, em francês, significa fazer pregas, gomos ou foles numa fazenda ou papel e **godet** indica cada prega ou gomo. Por analogia, passou-se a chamar **godet** toda saia*

*que tombasse, formando gomos e dobras. Como não temos o correspondente em nossa língua, o jeito é aportuguesar a palavra para **godê**, como o fizemos anteriormente*

com o evasê. E para que você sinta o que é exatamente um godê, pegue um pedaço de papel e faça, com a tesoura, um pequeno corte perpendicular a uma das bordas. Abra o corte e imediatamente um godê se formará no final do corte.

A saia godê está sempre sofrendo um movimento de vaivém nas variações da moda do nosso século. As vezes, gozando de muita popularidade, outras vezes caindo em completo esquecimento, ela, no entanto, possui indiscutivelmente uma linha graciosa, cheia de mobilidade e muito feminina. Como, neste curso, não nos interessa o que está ou não na moda, as saias godê devem ser detalhadamente estudadas, uma vez que vocês devem estar a par de todos os detalhes que constituem a estrutura da roupa que dominou todo o mundo ocidental por

todo o século XX.

A saia godê é sempre cortada num círculo ou numa parte dele. Por isso, podemos considerar cinco variedades desta saia, de acordo com a largura ou roda:

1. em um quarto de roda
2. em meia roda
3. em roda inteira
4. em roda dupla
5. em roda múltipla

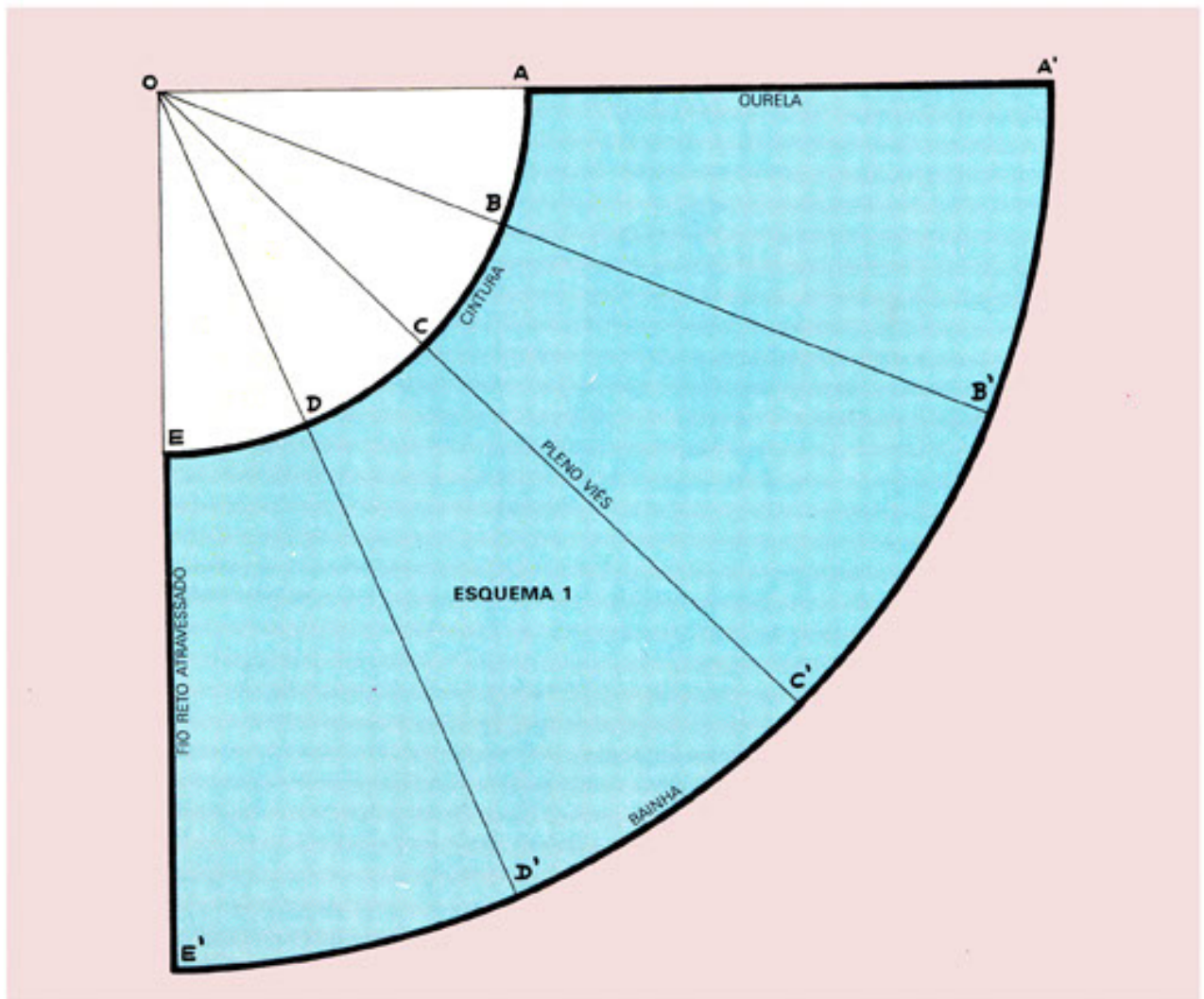
SAIA GODÊ EM UM QUARTO DE RODA

A saia godê em um quarto de roda tem o seu molde cortado com a forma de um quarto de círculo, geralmente num pano único. Pode, entretanto, também ser cortada em dois ou até em quatro panos, bastando, para isso, cortar o

molde ao meio ou em quatro partes iguais. É a mais estreita de todas as saias godê, chegando mesmo, pela sua pouca largura, a se aparentar com as saias evasê.

Molde (esquema 1) – Aproveitando o ângulo do papel, trace duas linhas perpendiculares entre si, OAA' e AEE'. Para determinar a distância OA ou OE (são iguais), divida a medida da cintura por 1,5 e diminua 2cm do resultado. Por exemplo, se a cintura medir 66cm, OA será igual a $66 \div 1,5 = 44\text{cm} - 2\text{cm} = 42\text{cm}$.

Marcados OA e OE, ambos com o resultado do cálculo, prolongue as duas linhas de modo que AA' e EE' tenham ambas o comprimento desejado para a saia. Feito isso, resta unir A a E e A' a E' por duas curvas regulares, ou melhor, por dois arcos de círculo.



Para facilitar o traçado destas duas curvas, risque outras retas, todas partindo do ponto O, e nelas meça respectivamente OB, OC e OD, com a mesma medida de OA. Em seguida, também meça BB', CC' e DD', com o comprimento da saia. Depois, é só unir os pontos A, B, C, D e E pela curva da cintura e A', B', C', D' e E' pela curva da bainha.

Há outra maneira, muito mais prática, de traçar as duas curvas. Pegue uma fita métrica e prenda, com um alfinete ou uma tachinha, a divisão correspondente à medida desejada, sobre o ponto O. Ponha a ponta do lápis junto à extremidade livre da fita e gire-a. O lápis, acompanhando o giro, traçará com perfeição a curva AE. Proceda da mesma maneira para o traçado da curva A'E' da bainha, prendendo sempre a divisão desejada da fita métrica sobre o ponto O.

Como vemos, o corte é muito simples. O molde se compõe normalmente de uma peça única, com uma só costura de fechamento no meio das costas – ou da frente, se o modelo assim o exigir. Sendo assim, a medida de AE deve corresponder à medida total da cintura. O fechamento se faz costurando o lado AA' do molde com o lado EE'.

Disposição do molde no tecido —

Há três maneiras:

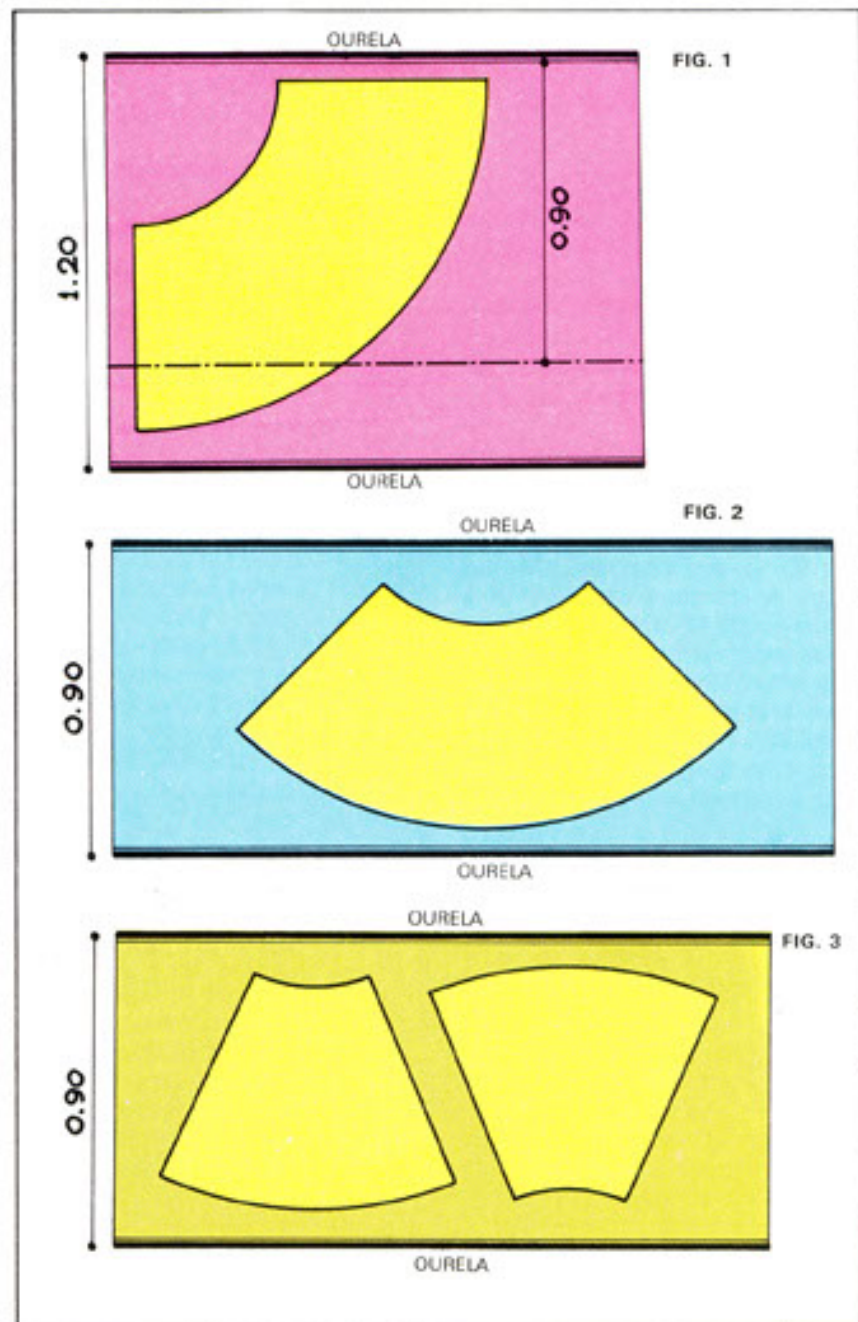
Primeira — O molde será colocado sobre o tecido, de maneira que AA' e EE' coincidam com o fio reto, um dos lados se colocando paralelo à ourela e outro atravessado ou paralelo à trama, como mostra a fig. 1. Nestas condições, a costura central das costas ficará a fio reto e a frente em pleno viés, como exige a saia godê. Esta disposição exige tecidos largos, com um mínimo de 1,20m a 1,40m de largura, a menos que se coloque uma emenda extremamente desleigante (em traçado na fig. 1), quando se trata de tecidos mais estreitos.

Segunda — Quando a largura do tecido não permitir a disposição anterior, a fim de evitar a emenda desgraciosa, a que nos re-

ferimos, basta dar uma torção no molde e colocá-lo sobre o tecido, de maneira que os lados AA' e EE' fiquem no pleno viés, como se pode ver na fig. 2. Esta, aliás, é a disposição obrigatória para os tecidos listrados.

Terceira — Esta disposição é também utilizada quando se trata de tecidos estreitos, com 80cm ou 90cm de largura, ou então listrados. Aqui, lançamos mão de um expediente, ou seja, cortar o molde pela metade – ao longo da

linha CC' no esquema 1 – e depois colocar as duas partes sobre o tecido, segundo mostra a fig. 3, um para cima e outro para baixo. Esta colocação, que os franceses chamam *tête-bêche*, é muito usada quando se procura economizar tecido, com a condição de que não tenha pé, se for estampado ou listrado. Nestas condições, a saia terá duas costuras no meio viés, que poderão ficar uma no meio da frente e outra no meio das costas, ou, então, ambas nas laterais.



COSTURA VIII



O QUE SE DEVE SABER SOBRE OS TECIDOS - 3

FIBRAS E FIOS

Temos, até agora, mostrado que as fazendas são constituídas por fios que se entrecruzam perpendicularmente para formar os tecidos não-elásticos ou firmes, ou que dão laçadas em SSS sucessivos para formar os tecidos elásticos ou as malhas. Os fios, por sua vez, são constituídos pelas fibras que, depois de receber o devido tratamento, são neles transformadas nas fábricas de fiação.

Todas as fibras transmitem suas próprias características aos tecidos fabricados com elas. Muitas vezes, as características de uma determinada fibra podem ser alteradas pela estrutura do fio, pelo tipo e/ou pelo acabamento do tecido. Mesmo assim, sua estrutura peculiar ainda é evidente no tecido, cujo uso, manuseio e cuidados são condicionados por ela.

CLASSIFICAÇÃO DAS FIBRAS

1: FIBRAS NATURAIS — São aquelas que provêm diretamente da natureza pelo que apresentam irregularidades e características peculiares a todos os produtos naturais. São estas qualidades, entretanto, que conferem uma beleza muito própria dos tecidos fabricados com fibras naturais. Além disso, sua capacidade de absorção e a sua porosidade tornam estas fibras bastante sensíveis às variações de temperatura e umidade. Por este motivo, são agradáveis de ser usadas nas mais variadas condições climáticas. Em contra-



Nesta amostra de tecidos aparece o chevrons, ajours, ocafi di pedic, crepes, linhos flânês e linhões

posição, por terem pouca elasticidade, as fibras naturais fazem com que os tecidos, com elas fabricados, amarrotam com facilidade. Isto acontece principalmente com o linho e o algodão, fato bem conhecido por todos nós. Entre as fibras naturais, as mais comuns são:

1. Algodão — É obtida a partir da semente do algodoeiro.

Características

- a.) É resistente, mesmo quando está molhada.
- b.) Absorvente e boa condutora do calor.
- c.) Tem facilidade de amarrotar e de ser tinturada.
- d.) Encolhe bastante, a não ser que tenha sofrido um tratamento prévio.
- e.) É atacada pelo mofo e perde resistência quando exposta continuamente à luz solar, podendo chegar ao ponto de rasgar como papel.

Tecidos — Os tecidos de algodão se distribuem num grande leque, desde os mais delicados — como a cambraia — aos mais grossos e resistentes — como a lona. São usados de preferência no verão, tanto nas roupas de trabalho como nas de lazer. Hoje em dia, fabricam-se todos os tipos de tecido com os fios de algodão, desde as rendas, a musselina, o organdi, a cambraia, a tricolina —

entre os mais delicados — até os brins e as lonas — entre as mais resistentes — depois de passar pelos de peso médio, como a popelina, o veludo, o fustão, etc.

Manuseio — Os tecidos feitos com fibras de algodão podem ser lavados, em sua grande maioria. Em água quente, se forem de cores firmes e os restantes, em água fria ou morna. Só use água sanitária, se as instruções do fabricante assim o permitirem. Lembre-se de que a água sanitária corta a resistência do tecido e desbota-o violentamente. Para melhores resultados, passe a ferro enquanto a roupa ainda está úmida ou então use o pano úmido durante a confecção.

2. Linho — A fibra de linho é obtida a partir da raiz da planta do linho.

Características

- a.) É resistente, absorvente e boa condutora do calor. Mesmo molhada, apresenta bom índice de resistência.
- b.) Tem facilidade de amarrotar, a menos que tenha sofrido algum processo prévio que previna o amarrotamento e a torne macia.
- c.) Tinge com dificuldade.
- d.) É atacada pelo mofo, como a de algodão.
- e.) Tem uma certa tendência para encolher e espichar.

Tecidos — Os tecidos de linho às vezes apresentam um toque áspero, quando são rústicos; outras vezes uma superfície lisa, com um brilho especial, quando são mais tratados. Podem variar muito de peso, desde os linhos leves — como a cambraia — até os linhos mais pesados — como o brim. São usados sobretudo no vestuário de verão, dos vestidos até blusas e casacos. As roupas de cama e mesa, quando mais requintadas, são sempre feitas de linho.

Manuseio — Para manter o seu aspecto característico, o linho deve ser lavado, de preferência, a seco. Se quiser torná-lo mais macio, pode então lavá-lo normalmente na água. Em condições normais, o linho encolhe depois da lavagem. Não se incomode se as suas roupas de linho se amarrotam com incrível facilidade. Emprêsta-se um certo encanto aos linhos amassados.

3. Seda — É produzida a partir do casulo do bicho-da-seda. Hoje em dia, já se fabrica com fio artificial.

Características

- a.) É resistente, podendo ter uma longa vida.
- b.) É absorvente, mas péssima condutora do calor.
- c.) Tem dificuldade de amarrotar.
- d.) Pode ser tinturada com facilidade, mas tem tendência a manchar.
- e.) Perde resistência quando sujeita à ação da luz ou da transpiração. Em compensação, apresenta boa resistência ao mofo e à ação predatória das traças

Tecidos — São tecidos caros, bonitos e luxuosos. Mostram geralmente uma superfície lisa e brilhante e podem ser de pesos variáveis, desde os mais leves — como a organza, o organdi, a musselina, o “chiffon” — até os mais pesados — o brocado e o veludo — depois de passar pelos de peso médio — o crepe, o cetim, o jérsei, etc. São utilizados principalmente em blusas e vestidos, além de forros em

casacos requintados.

Manuseio — Para evitar possíveis estragos, os tecidos de seda devem sempre ser lavados a seco. Caso ela seja lavável, use então um sabão neutro ou um detergente suave. Lave com a mão, jamais utilizando a máquina de lavar. A água sanitária, mesmo em pequena proporção na água comum, deve ser evitada. Quando passar a ferro, a temperatura deve ser baixa como, aliás, deve estar indicado nos marcadores de temperatura dos bons ferros elétricos.

4. Lã — É obtida a partir do pêlo dos carneiros. Conseqüentemente, sua qualidade depende muito da raça dos animais.

Características

- a.) Tem pouca resistência, embora não pareça.
- b.) Só muito raramente é absorvente.
- c.) Conduz pessimamente o calor.
- d.) Tem dificuldade em amarrotar.
- e.) Pode ser tinturada com muita facilidade.
- f.) Como é muito vulnerável aos insetos predatórios, necessita de um tratamento anti-traça que lhe assegure uma maior duração.
- g.) A não ser que tenha sido submetida a um prévio tratamento, tem tendência a encolher.

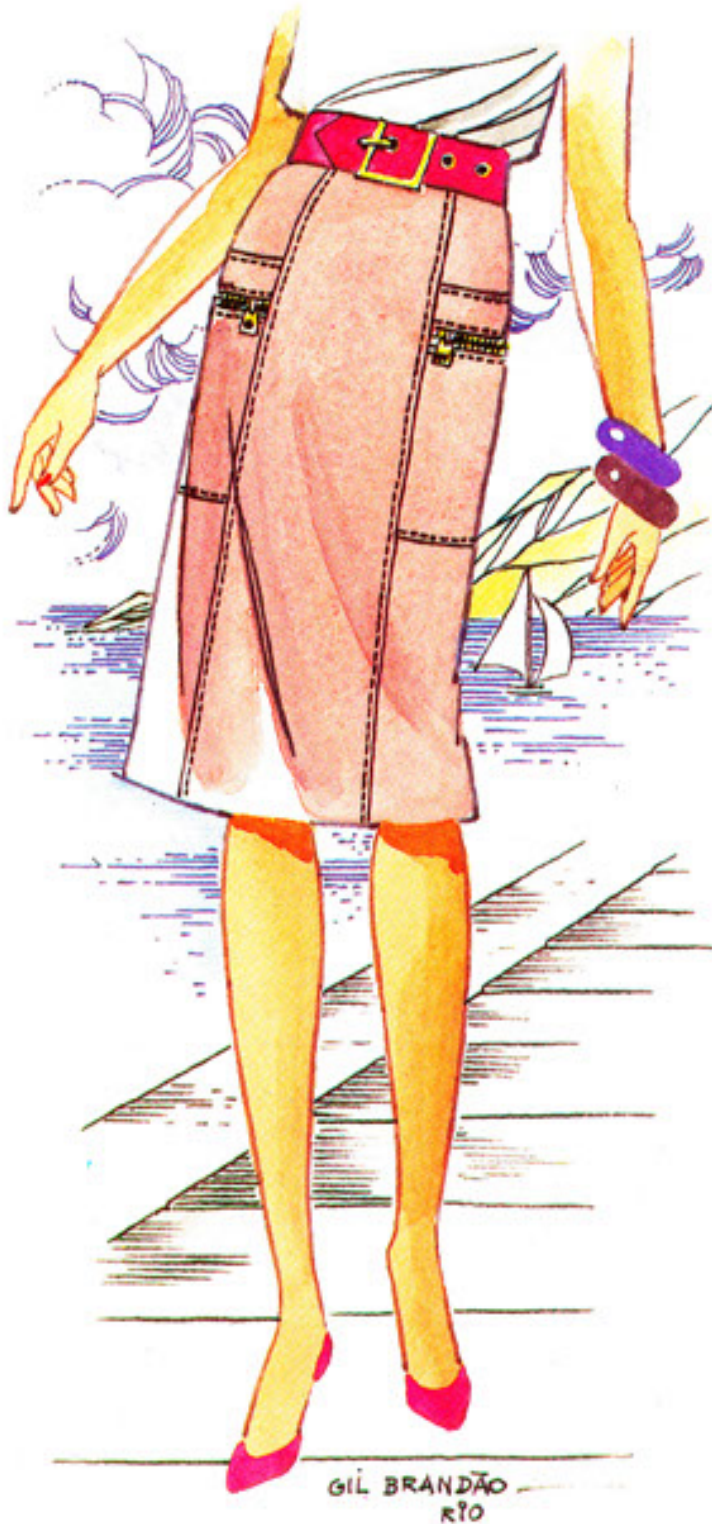


Estes veludos cotelê são de algodão (97%) e uma pequena porcentagem de lycra (3%)

Tecidos — Os tecidos de lã variam muito, não só na estrutura, no peso, como também na textura. Há os tecidos de lã rústicos, os refinados, os delicados e os espessos. Por serem maus condutores do calor, são sempre usados no inverno ou em climas habitualmente frios. Podem variar desde os mais leves — como o crepe, a flanela — e, passando pelos de peso médio — como a gabardine, a casemira — chegar aos mais pesados — como certos “tweeds” e certas lãs espessas, usadas na confecção de mantôs e cobertores.

Manuseio — Os tecidos de lã devem ser normalmente lavados a seco. No caso das lãs mais leves, muitas suportam a lavagem em água morna, desde que se utilize um detergente suave ou um sabão em pó adequado às lãs. Não torça a lã para retirar-lhe o excesso de água. Não use, em hipótese alguma, a água sanitária, mesmo que se trate de lãs grossas, aparentemente resistentes. Algumas lãs podem ser lavadas na máquina mas, para isso, devem ter sofrido um tratamento adequado. Neste caso, proceda de acordo com as instruções do fabricante.

Como todos os tecidos que amarrotam com dificuldade são rebeldes à passagem a ferro, use um pano úmido no momento de fazê-lo, ou então um ferro a vapor, sobretudo durante a confecção, para abrir e achatar as costuras.



INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS



SAIA RETA COM FECHOS APARENTES

Saia reta, cortada em cinco panos, três na frente e dois atrás. Seu único detalhe consiste em dois grandes bolsos, colocados entre as costuras da frente e as do lado. Grandes zíperes de metal ou de plástico fecham os bolsos, formando uma barra superior. A costura central das costas deixa uma fenda embaixo para dar facilidade ao caminhar. Todas as costuras são pespontadas.

Material — Brim de linho ou algodão, gabardine ou qualquer outro tecido do mesmo peso. Três zíperes, dois de metal ou plástico para os bolsos e um de 20cm para o meio das costas. Entretela de colar.

Metragem — Duas alturas da saia, se o tecido tiver 0,90m de largura mas, se tiver 1,40m, basta uma altura. Acrescente costura e bainha neste cálculo.

MOLDE E CORTE NO TECIDO

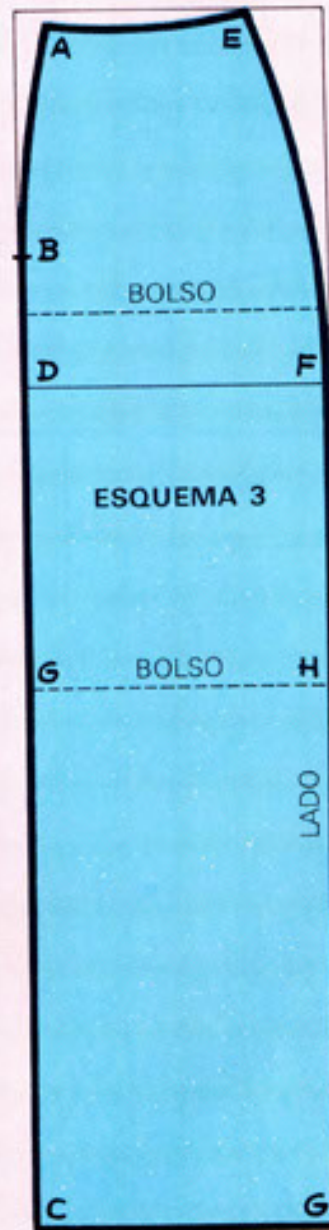
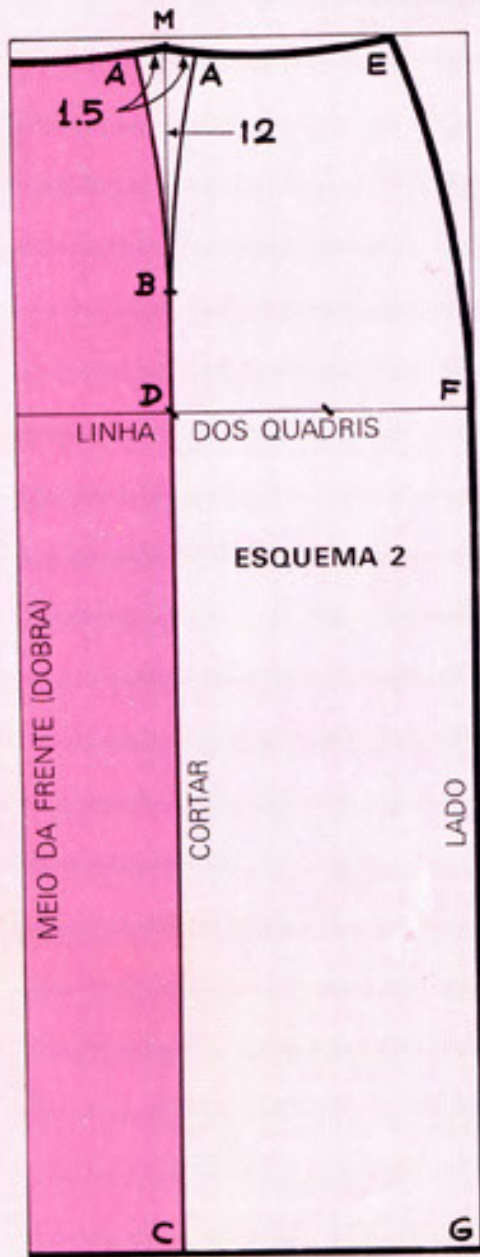
Pano central da frente (esquema 2) – Trace a base da saia reta (lição 3), fazendo a frente mais larga do que as costas. Não risque ainda a pence da frente. Separe a frente das costas, ou melhor, trace-as em separado.

Para traçar a pence, divida a linha dos quadris em três partes

iguais e, passe pelo ponto D no terço interno, a vertical MC, paralela ao meio da frente. Esta vertical vai também servir de eixo para a pence. Para isso, meça 1,5 cm para cada lado e marque os pontos A e AS. Marque para baixo 12cm e determine o ponto B. Trace agora os lados da pence, ligando os pontos A e A ao ponto B por linhas ligeiramente curvas. Faça a correção da cintura e se-

pare os dois panos da frente, cortando o molde pelos lados da pence e descendo pela vertical BDC. O pano central é o da esquerda e deverá ser cortado uma vez no tecido dobrado pelo meio da frente.

Pano lateral da frente (esquema 3) – O pano lateral é o que ficou à direita do corte dado pela vertical BDC, entre ele e o lado. Corte duas vezes no tecido.



Costas (esquema 4) – É o próprio molde básico das costas (lição 3), sem nenhuma alteração. Corte duas vezes no tecido.

Barra superior do bolso (esquema 5) – Trace o retângulo RSIJ, com as seguintes dimensões:

RS = a mesma medida de DF no esquema 3

RI = 8cm

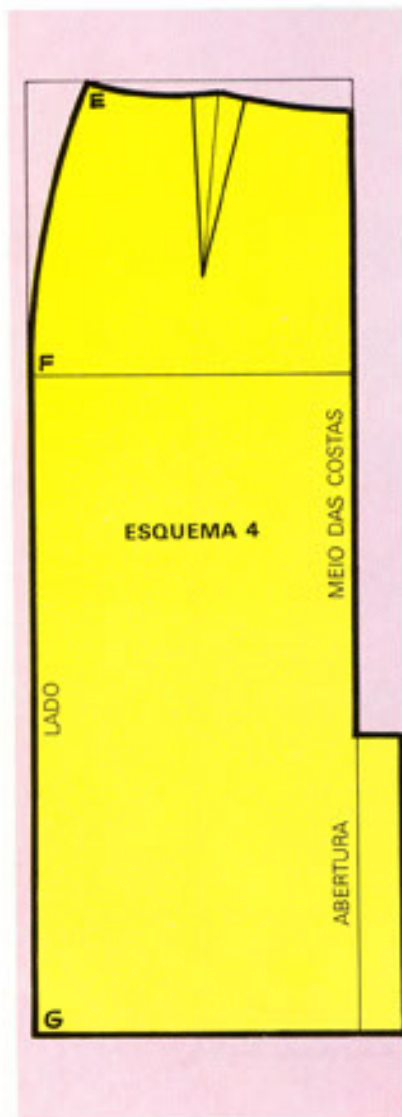
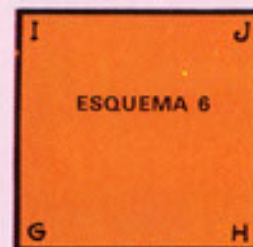
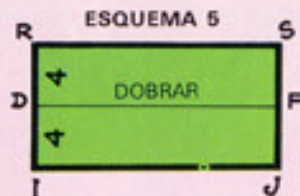
Risque a linha da dobra DF no meio do retângulo. Corte duas vezes no tecido.

Bolso (esquema 6) – Trace o quadrado IJGH, em que os quatro lados têm a mesma medida do comprimento RS da barra superior (esquema 5). Corte duas vezes no tecido.

Ao passar as peças do molde para o tecido, acrescente uma

margem de 2 cm para as costuras e de 6 cm para a bainha. Para o cós, corte uma tira com o comprimento igual à medida da cintura e a largura igual ao dobro da largura

desejada. Numa das extremidades, aumente 2 cm para o transpasse de fechamento do cós, na altura do zíper. Acrescente margens de costura.



MONTAGEM

1. Dobre a barra superior do bolso ao meio, avesso contra avesso e monte um dos lados do zíper entre as duas espessuras da barra. O outro lado do zíper será montado na borda superior do bolso.

2. Uma vez montado o zíper, aplique o bolso sobre o pano lateral da saia, de modo que a linha central do zíper coincida com a linha dos quadris. Passe um pesponto junto à dobra superior e outro a 8mm de distância do anterior. Dobre a margem do lado inferior do bolso para o avesso e fixe-o de modo idêntico ao da borda superior. Os lados do bolso

serão presos nas costuras verticais da saia, no momento em que são fechadas.

3. Costure os três panos da frente um no outro.

4. Feche a costura central das costas, deixando embaixo uma abertura, cuja medida, maior ou menor, ficará a seu critério. No final da costura, monte o zíper de 20cm.

5. Monte a frente com as costas pelas costuras laterais.

6. Cole a entretela no avesso do cós, dobre-o ao meio, direito contra direito e costure as extremidades. Vire para o direito, passe a ferro e monte na cintura da saia.

**Truques e Conselhos
para uma Boa Costura**

Os vestidos – ou as roupas em geral – feitas em tecidos listrados exigem um cuidado maior durante o corte e a confecção. As listras devem coincidir rigorosamente nas costuras e nos transpasses, sem o que, o trabalho parecerá imperfeito, grosseiro, como se fosse obra de costureiras negligentes ou de principiantes pouco avisadas. Quando as listras são estreitinhas, a coincidência delas nas costuras é menos rigorosa, por ser menos evidente mas, quando são largas, às vezes se torna necessário desperdiçar um pouco de tecido, para que a coincidência se verifique corretamente. Neste caso, é aconselhável que se compre uma metragem um pouco maior do que a exigida.

Para facilitar o seu trabalho, aqui está uma série de conselhos ou regrinhas que, mesmo se lhe forem de alguma maneira familiares, servirão contudo para alertá-la no

sentido de uma costura correta e sem deslizes.

1. Se as listras forem pouco visíveis no avesso – o que pode acontecer quando são resultantes de estamparia e não de tecelagem – faça sempre a marcação dos moldes pelo direito, com alinhavos. Isto facilitará o trabalho da coincidência das listras.

2. Uma estamparia listrada, que não segue o fio reto, terá um aspecto torcido, mesmo que os fios não apresentem nenhuma distorção. Como não existe correção possível, tais tecidos lhe darão muitas dores de cabeça. Evite portanto, adquiri-los. Os melhores tecidos listrados são aqueles em que as listras são resultantes da própria tecelagem.

3. Procure sempre colocar os moldes no tecido, fazendo a coincidência das listras, de baixo para cima, seja em saias (fig. 1), seja em blusas, (fig. 2), casacos, casaqui-

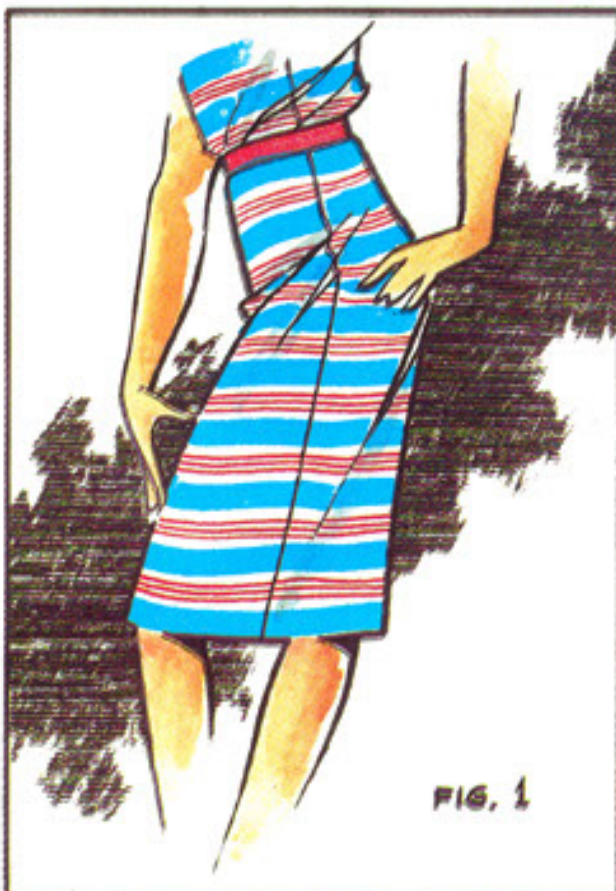




FIG. 3

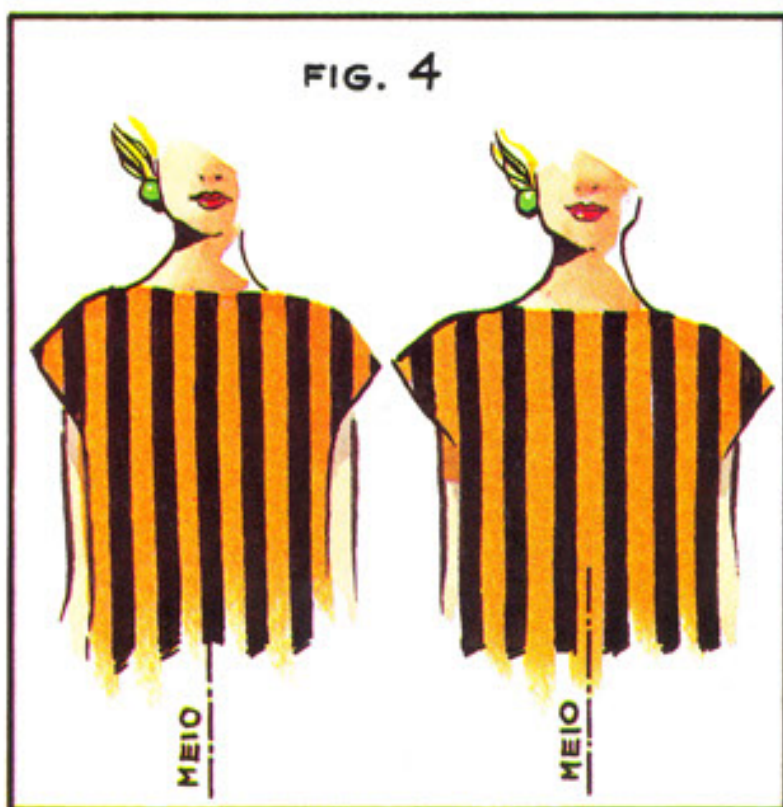


FIG. 4

nhos, etc. Nestes últimos, a exigência é maior, sobretudo quando há pence de busto, que vai provocar uma defasagem na coincidência das listras. Como, entretanto, a costura já se encontra próxima à axila, quase não se notará a discordância no trecho entre a pence e a cava.

4. A bainha de uma saia, de uma manga ou de um casaquinho, não deve cortar uma listra pela metade – sobretudo quando são largas – tornando-a mais estreita do que as outras. Isto desequilibraria o ritmo do listrado, roubando harmonia ao resultado final da roupa. A dobra da bainha deverá ser feita exatamente na linha de separação entre uma listra e outra (fig. 3).

5. Quando a roupa for cortada com as listras no sentido vertical, o seu aspecto parecerá mais escuro se uma listra escura coincidir exatamente com o meio da peça, e mais claro, se uma listra clara ocupar o meio exato (fig. 4). É tudo uma questão de ótica.

6. No caso de duas peças, procure evitar a superposição de duas listras largas porque, se a bainha do casaquinho ou blusão, ocupada por uma listra de determinada cor, aplicar-se sobre outra listra idêntica na saia, formar-se-á uma listra de largura dupla (veja a fig. 5), o que interromperia a seqüência natural do listrado. Para evitar este incidente, basta que você verifique qual o comprimento do casaco abaixo da cintura e corte-o de maneira que a dobra da sua bainha não coincida com uma listra igual à da saia na altura em que o casaco tomba.

7. Ao cortar uma gola em tecido listrado, procure colocar uma costura no meio das costas, onde as listras se encontrarão em V, como mostra a fig. 6, se a gola for trabalhada no viés. No fio reto, este problema deixará de existir. Se você cortar a gola inteira no viés, as listras formarão desenhos



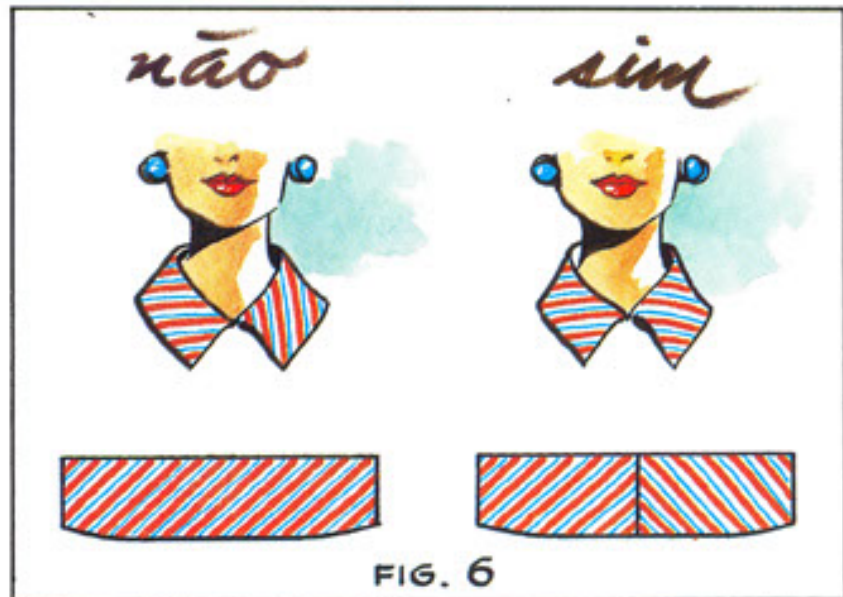
diferentes nas pontas da frente, o que tornará a gola desequilibrada e extremamente desgraciosa. Para que o desenho seja idêntico, é preciso que as listras tenham inclinação contrária nas duas metades da gola. Se as listras forem largas, tenha cuidado para que as pontas sejam ocupadas por listras de cor e largura iguais para que haja harmonia. Você compreenderá melhor este assunto quando iniciarmos o estudo das golas.

8. Por uma questão de ilusão ótica, as listras verticais emagrecem, enquanto as horizontais engordam e atarracam a silhueta. Se você for baixa ou então cheia de corpo, evite modelos como o da esquerda da fig. 7 e dê preferência aos de listras verticais como o da direita. Esta regra, entretanto, não é tão rígida assim. As listras finas ou de cores discretas não engordam, mesmo na horizontal. As que o fazem são, estas sim, as listras largas e de cores vibrantes.

9. Quando as listras forem de larguras e de cores diversas, com sucessão diferente nos dois sentidos, coloque as peças do seu molde sempre na mesma direção e no mesmo sentido, a fim de que não haja diferença de sucessão das listras nas diversas partes da roupa.

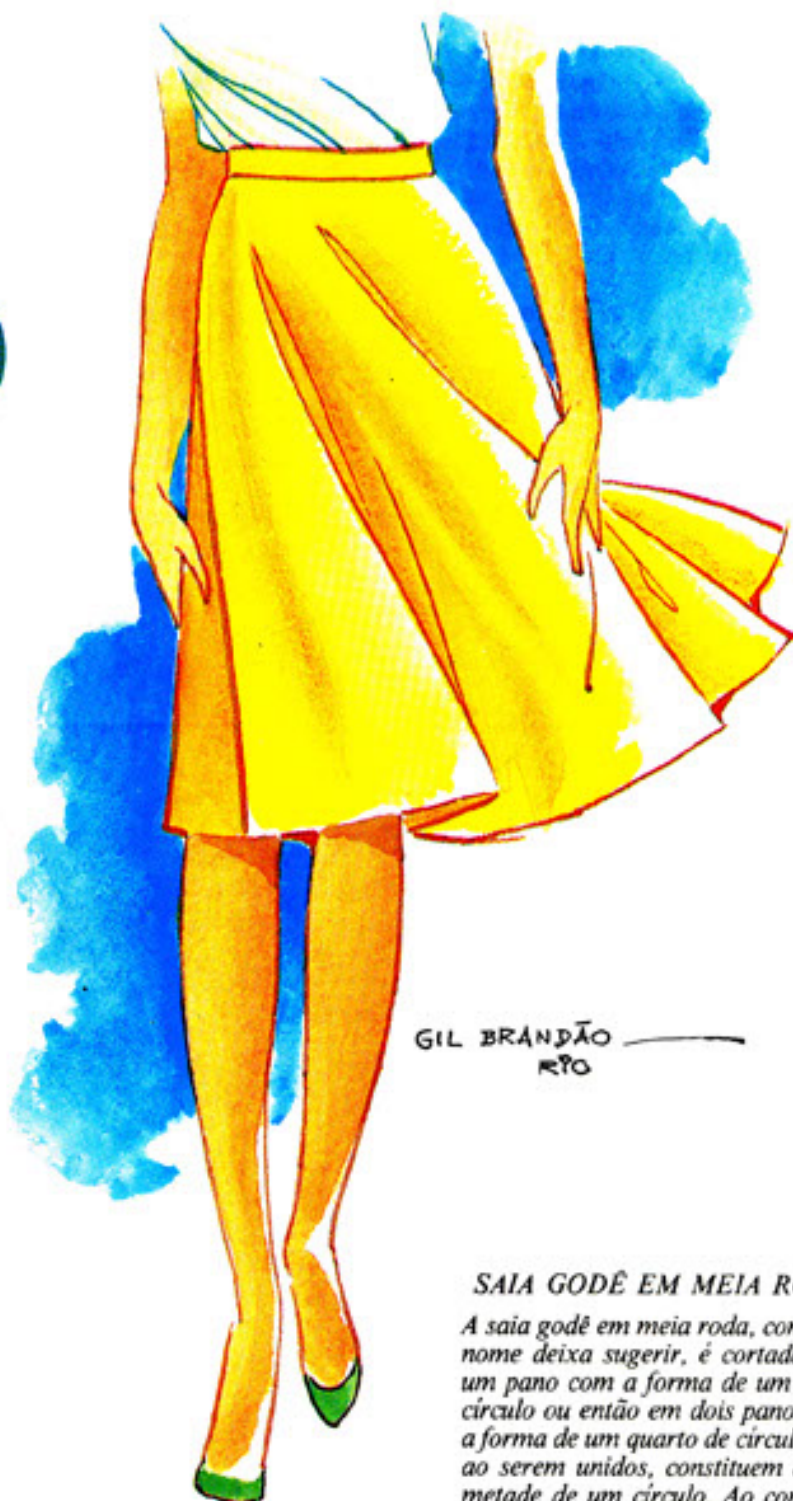
10. Jamais corte as peças do molde com o tecido dobrado, sobretudo se for escorregadio, a não ser que o prenda com bastante alfinetes para que as listras se superponham com exatidão nas duas espessuras. É preferível trabalhar com o tecido aberto, permitindo uma vigilância mais ampla sobre as listras.

11. Finalmente, quando usar tecidos listrados, escolha modelos pobres em costuras, isto é, que não apresentem muitos recortes e detalhes. Não tente executar num listrado, uma roupa que ficaria bem melhor num tecido liso, por força de sua própria construção.



Lição 10

SAIAS GODÊ



SAIA GODÊ EM MEIA RODA

A saia godê em meia roda, como seu nome deixa sugerir, é cortada em um pano com a forma de um meio-círculo ou então em dois panos com a forma de um quarto de círculo que, ao serem unidos, constituem a metade de um círculo. Ao contrário da anterior – em um quarto de roda – cuja pequena largura a transforma praticamente numa saia evasê, esta saia tem uma roda maior, que permite a formação de godês discretos.

Molde (esquema 1) – O traçado do molde da saia godê em meia roda é exatamente igual ao anterior, isto é, ao godê em um quarto de roda. A única diferença reside no cálculo do raio da cintura, quer dizer, da distância OA ou OE, que aqui é igual à medida da cintura dividida por 3, diminuindo-se 1cm ao resultado. Se, por exemplo, a cintura medir 66cm, OA medirá 21cm, porque $66 \div 3 = 22 - 1 = 21$ cm.

Trace as curvas regulares da cintura AE e da bainha A'E', como já foi ensinado na lição anterior. Neste molde, a curva AE corresponde exatamente à metade da medida da cintura. Isto significa que a saia deve ser cortada num pano único com a fazenda do-

brada ou então em dois panos, para completar o meio círculo e conseqüentemente a medida total da cintura.

Corte e disposição das peças no tecido — Há três maneiras básicas de cortar e dispor o molde de uma saia godê em meia roda no tecido:

Primeira maneira (fig. 1) – O molde é cortado com a fazenda dobrada pelo meio EE', atravessado a fio reto na fazenda. Os dois lados livres, AA', ficarão juntos à ourela. Neste caso, a saia será cortada num pano único, fechado por uma só costura, que une os lados AA', colocada no meio das costas ou no meio da frente, de acordo com o que o modelo exigir.

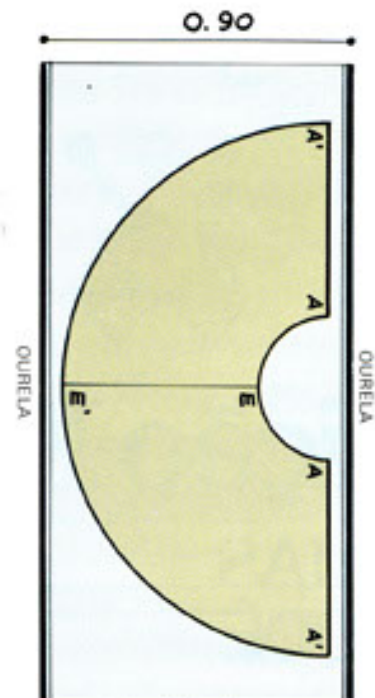
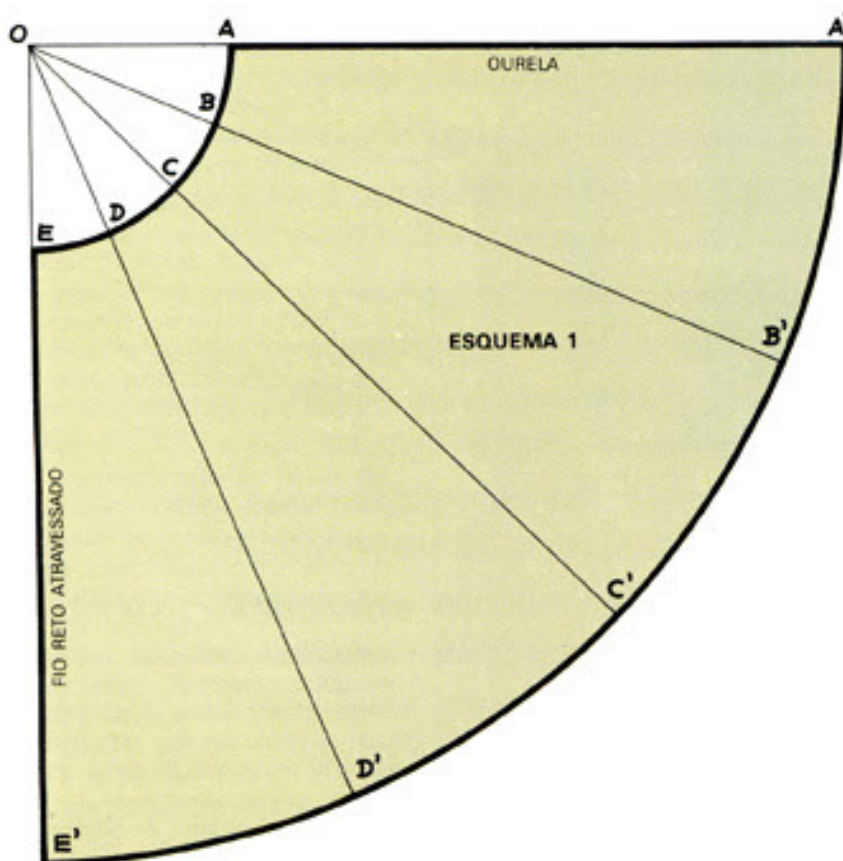


FIG. 1

Segunda maneira (fig. 2) – Corte o molde duas vezes, de maneira que AA' e EE' coincidam com fio reto, um dos lados se colocando junto à ourela e o outro atravessado no tecido. Nestas condições a saia terá duas costuras que, normalmente, se colocam nos lados para que a frente e as costas fiquem em pleno viés, como exige:

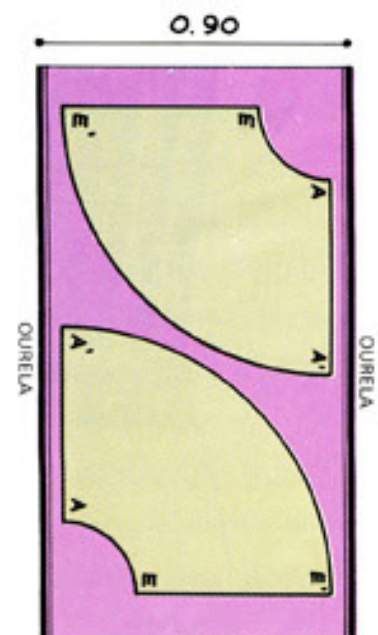


FIG. 2

saia godê. O zíper será montado na lateral esquerda. Se distribuir os dois moldes em sentidos inversos, como mostra a fig. 2, haverá economia de tecido. Compare as duas figuras e notará a diferença.

Terceira maneira (fig. 3) – Quando a largura do tecido não der para que os moldes sejam dispostos como nos dois casos anteriores, eles podem ser colocados no tecido como mostra a fig. 3. Nestas condições, as costuras ficarão em pleno viés. Como a saia godê exige – apenas para uma queda mais bonita – frente e costas enviesadas, segue-se que as costuras deverão estar, uma no meio da frente e outra no meio das costas. Esta disposição também é utilizada quando o tecido é listrado – ou de textura riscada – e se deseja que as listras se encontrem em V no meio da frente e no meio das costas, como você pode ver no desenho da saia listrada.

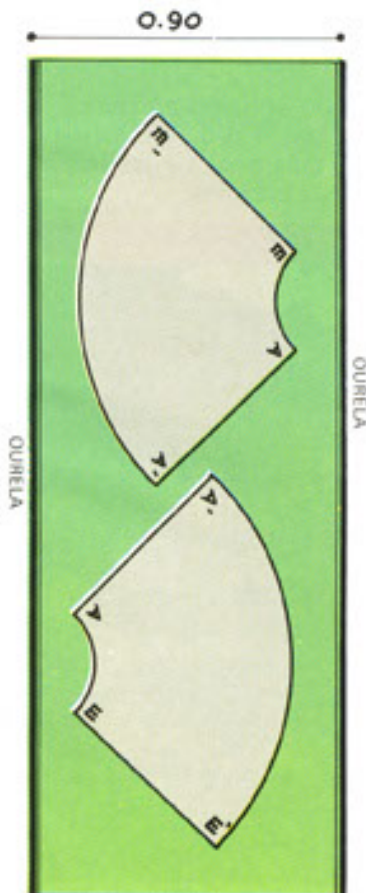


FIG. 3

Observações — As duas primeiras disposições só serão possíveis em tecidos de 0,90m de largura se a cintura medir no máximo 66cm e o comprimento da saia não ultrapassar a 60cm. Para que você possa saber de antemão se o molde cabe no tecido de 0,90m, basta

que você some a medida do raio da cintura OA com o comprimento da saia. O resultado não deve ultrapassar a 86cm. Se isto acontecer, você terá duas opções: ou compra um tecido enfestado, com 1,20 a 1,40m de largura, ou então recorre à última disposição (fig. 3).



COSTURA IX



O QUE SE DEVE SABER SOBRE OS TECIDOS-4

FIBRAS E FIOS (conclusão)

Na classificação das fibras, tratamos na lição anterior, das variedades mais comuns das fibras naturais. É evidente que o assunto foi abordado de maneira sucinta, para que se tenha uma idéia geral, porém objetiva, dos principais tecidos naturais. Em prosseguimento, trataremos agora das fibras que, em vez de se originarem diretamente da natureza, são produzidas em laboratórios, antes de serem levadas para as fábricas têxteis e transformadas em tecidos. São as fibras sintéticas e as fibras artificiais.

II. FIBRAS SINTÉTICAS – São obtidas a partir de um processo que, em sua forma mais simples, procura imitar a maneira pela qual o bicho-da-seda produz o seu filamento. O bicho-da-seda expele, através de suas glândulas, uma substância líquida que se solidifica num filamento contínuo quando entra em contato com o ar frio. Observando este processo misterioso e fascinante, os químicos conceberam uma solução, à base de polímeros, que passa através de buracos minúsculos – as fiandeiras – e se solidifica em filamentos, seja numa câmara de ar quente, seja no banho de outra solução química. Enquanto não so-

frêm um tratamento posterior, como a texturização ou a fiação, estes filamentos são macios e escorregadiços, o que contribui para que certos tecidos sintéticos se desfiem com facilidade.

As fibras sintéticas, por outro lado, amarrotam com muita dificuldade, fato este resultante da sua extrema elasticidade. Por este motivo, roupas feitas com tecidos sintéticos são muito cômodas para quem viaja, porque não precisam ser passadas a ferro a todo instante. As fibras sintéticas também apresentam uma baixa porosidade e quase não gozam de capacidade de absorção. Em sua grande maioria, apresentam uma interessante propriedade: a termoplasticidade. Esta propriedade significa que, sob certas condições de pressão e temperatura, a fibra sintética – como o náilon, por exemplo – pode ser moldada, permitindo a criação de diversos gêneros de texturas tanto nos fios, quanto nos tecidos.

As fibras sintéticas são designadas por uma grande variedade de nomes, o que provoca uma certa dificuldade na identificação de muitas delas. Este problema entretanto, pode diminuir bastante, desde que você saiba distinguir o nome genérico de um determinado tipo de fibra, do nome co-

mercial empregado pelo fabricante para designá-lo. Por exemplo, a fibra acrílica tem vários nomes comerciais registrados, como o **Acrilan**, o **Orlon**, o **Dralon** e outros. Pode haver algumas diferenças entre as marcas comerciais de uma mesma fibra sintética, mas elas são pouco relevantes em confronto com as similaridades de características. Vejamos quais as fibras sintéticas mais conhecidas:

1. **Fibras acrílicas** – Entre as suas marcas industriais estão o Acrilan, o Crylor, a Courtelle, o Dralon, o Leacril, o Orlon e outras.

Características

- São resistentes mas pouco absorventes.
- Pegam bem a tintura e são difíceis de amarrotar.
- Apresentam boa resistência à ação da luz solar, bem como ao mofo e aos insetos predadores como a traça.
- São más condutoras do calor e têm facilidade de acumular eletricidade estática.
- São sensíveis ao calor.
- Com o uso, sua superfície tem uma peculiar tendência a formar bolinhas.



Detalhe de uma Usina Têxtil, em Santo André, SP, vendo-se as bobinas de fiação numa máquina circular de malharia.

Tecidos – Os tecidos acrílicos são sempre macios e frequentemente felpudos. Em geral, são fabricados em combinação com outras fibras e usados para a confecção de suéteres, vestidos, meias e cobertores, uma vez que, por serem maus condutores do calor, esquentam bastante.

Manuseio – Os tecidos de fibras acrílicas são lavados normalmente com água e sabão neutro, mas alguns deles suportam bem a lavagem a seco. Não é muito aconselhável, mas podem ser colocados na máquina de lavar com água morna. Para reduzir a eletricidade estática, acrescente na água um amaciador. Normalmente dispensam o ferro de passar.

2. Fibras de poliéster – Entre as suas marcas industriais, citam-se o Dacron, o Tergal, a Trevira, a Terylene e outras.

Características – Além de apresentar as mesmas características das fibras acrílicas, os poliésteres conservam por tempo indeterminado as pregas vincadas pelo calor, não amarrutam, não esticam e nem encolhem.

Tecidos – Os poliésteres podem fornecer tecidos os mais diversos, não só quanto ao peso como também quanto à estrutura. São utilizados para a confecção de vestidos, casacos, saias, roupas esportivas, linhas de costura, **lingerie**, cortinas e forros. Entre os tecidos de poliéster, podemos citar o crepe, o voal, a malha dupla e os forros.

Manuseio – Os tecidos de poliéster são quase todos laváveis com água morna, tanto à mão ou na máquina. Acrescente um amaciador para neutralizar um pouco a eletricidade estática. Não há necessidade de passá-los a ferro, mas se tiver de fazê-lo, use o ferro à temperatura moderada.

3. Fibras de poliamida – Entre as suas marcas industriais, podemos citar o Náilon, o Nylfrance, o Cifalon, o Perlon, a Perlenka e outras.

Características – As fibras de poliamida apresentam as mesmas características das fibras acrílicas.

Tecidos – Os tecidos de poliamida, com o seu representante mais comum, o náilon, podem ser de pesos e estruturas bem variados. São usados na malharia feminina, **lingerie** de tecido ou de malha, meias e suéteres em geral. Quando fabricados com textura bem fechada, são utilizados para roupas de esquí, capas de chuva, blusões e roupas de neve. Com textura frouxa e aberta, forma tecidos finos e transparentes para blusas, vestidos e camisas masculinas. Os tecidos de poliamida, em particular o náilon, têm vasto emprego na indústria e no vestuário esportivo.

Manuseio – Os tecidos de poliamida podem ser lavados normalmente com água morna, de preferência à mão, embora a máquina possa ser utilizada. Acrescente o amaciador para reduzir a eletricidade estática. Devido à elasticidade das fibras, a necessidade da passagem a ferro fica reduzida a um mínimo. Se o fizer, porém, use o ferro com temperaturas baixas. Artigos de náilon podem ser guardados indefinidamente sem se deteriorar. Certifique-se de que estejam limpos, suavemente dobrados ou cuidadosamente pendurados, livres de rugas, num lugar fresco e sem luz.

III. FIBRAS ARTIFICIAIS – São fabricadas de modo semelhante ao das fibras sintéticas, sempre a partir de polímeros, na formação das soluções químicas iniciais. Aliás, o **rayon** – exemplo típico de fibra artificial – foi a primeira fibra que o homem fabricou artificialmente. Entre as fibras artificiais, podemos citar, como as mais comuns:

1. Os acetatos – Entre suas marcas industriais, citam-se a Aceta, a Celofibre, a Seraceta e outras. As fibras de acetato são fabricadas a partir de um composto químico de celulose. Seu nome provém do ácido acético, que é um produto químico que entra em sua fabricação. Não devem ser confundidas com o **rayon**, do qual diferem em suas propriedades e suas reações à tintura.

Características

a. Os acetatos não absorvem a umidade com rapidez, propriedade que contribui para apressar a sua secagem e impedir que encolham ou estiquem.

b. As fibras e os fios de acetato são flexíveis e elásticos, o que confere aos tecidos fabricados com eles, um toque macio, agradável e um drapeamento suave.

c. São relativamente frágeis e maus condutores do calor.

d. Como as fibras de acetato são elásticas, elas resistem ao enrugamento; logo voltam ao estado primitivo.

e. Recebem bem a tintura própria, rejeitando as tinturas para o **rayon** e as fibras naturais. Podem, entretanto, desbotar sob a ação de agentes atmosféricos.

f. Os acetados, como produtos químicos, desenvolveram uma resistência às traças, à transpiração, ao mofo e ao bolor.

g. A acetona e o álcool dissolvem as fibras de acetato. Daí, um pequeno conselho: tenha cuidado ao usar os removedores de esmalte de unha e os perfumes, quando houver tecidos de acetato por perto.

h. Os acetatos são termoplásticos.

Tecidos – São luxuosos, de superfície brilhante como a da seda e com um excelente caimento. Têm largo emprego na confecção de vestidos, blusas, roupas esportivas, **lingerie**, cortinas, tapetes, etc.

Entre os tecidos de acetato, podemos citar o tafetá, o brocado, o crepe, o jérsei, certas malhas tricotadas, etc.

Manuseio – A maioria das roupas feitas com acetatos trazem etiquetas com instruções para a lavagem. Se isto não acontecer e houver dúvidas, a melhor solução é a lavagem a seco, uma vez que os acetatos respondem a ela maravilhosamente. Muitos podem ser colocados na máquina de lavar, mas quando são finos ou delicados o melhor é lavá-los à mão, para maior conservação. Por causa de suas propriedades termoplásticas, uma leve passagem a ferro com baixa temperatura é suficiente para restaurar a aparência original dos tecidos de acetado.

2. O rayon ou a viscose – Entre suas marcas industriais, temos a Decora, a Sarille, o Vincel, o Fibro e outras.

Características

a. Como a fibra de acetato, a origem do rayon é a celulose quimicamente tratada e esta origem vegetal se reflete em suas propriedades, muito parecidas com as do algodão.

b. Como o algodão, a fibra de rayon é geralmente forte, embora algumas vezes possa se tornar relativamente frágil.

c. É altamente absorvente – propriedade que torna o rayon extremamente receptivo a uma vasta gama de tinturas. Esta capacidade de absorver a umidade explica por que o rayon seca mais lentamente do que as demais fibras artificiais.

d. Como toda fibra absorvente, o rayon tem tendência a amarrutar, encolher e esticar, a menos que tenha sofrido um tratamento especial na fabricação.

Tecidos – Os tecidos de rayon – sobretudo a viscose – variam muito de peso e textura. Podem ir desde a estrutura sedosa até a áspera e por isso são utilizados em vestidos, blusas, casacos, forros, etc.



Uma pequena amostra de diversos tipos de tecidos sintéticos, como a Lycra e o náilon.

Manuseio – Alguns tecidos de rayon só devem ser lavados a seco, mas a maioria pode também suportar a lavagem comum. Os tecidos laváveis se libertam da sujeira com rapidez e facilidade. Os rayons leves e transparentes devem ser tratados como todos os tecidos delicados – água morna, sabão em pó suave, não esfregar e enxaguar cuidadosamente. Os rayons firmes e resistentes podem ser tratados como todos os tecidos resistentes.

3. Os triacetatos – Chama-se Arnel, o triacetato de celulose, que apresenta muitas propriedades físicas diferentes das do acetato. Embora conserve a sua beleza, o triacetato tem características que o tornam mais fácil de manusear.

Características

a. Maior resistência ao calor.

b. Como é uma fibra hidrofóbica – sua capacidade de absorção é quase nula – seca rapidamente, não amarruta nem encolhe.

c. Em virtude de sua propriedade termoplástica, o Arnel conserva indefinidamente o vinco das pregas feitas sob a ação do calor.

d. Recebe bem as mesmas tinturas do acetado, mas a firmeza das cores durante a lavagem é maior, por causa do tratamento a calor.

e. O Arnel tem grande resistência ao mofo e ao bolor e não apresenta tendência a formar bolinhas na superfície.

Tecidos – São geralmente leves. Usados para a confecção de saias pregueadas, vestidos, etc.

Manuseio – Os triacetatos podem ser lavados à mão ou na máquina com água quente. Precisam normalmente ser passados a ferro. Devido sua alta resistência ao calor, o ferro pode ser bem quente ou regulado para passar o algodão.

TECIDOS MISTOS

São aqueles, cujos fios são formados de fibras diferentes misturadas. Geralmente, a fibra que entra em maior percentagem transmite ao tecido suas características predominantes mas um bom tecido misto apresenta com igual importância as propriedades das fibras que compõem os seus fios.

Características

a. São resistentes mas pouco absorventes.

b. Pegam bem a tintura e são difíceis de amarrutar.

c. Apresentam boa resistência à ação da luz solar, bem como ao mofo e aos insetos predadores como a traça.

d. São más condutoras do calor e têm facilidade de acumular eletricidade estática.

e. São sensíveis ao calor.

f. Com o uso, sua superfície tem uma peculiar tendência a formar bolinhas.



INTERPRETAÇÃO
DE MODELOS

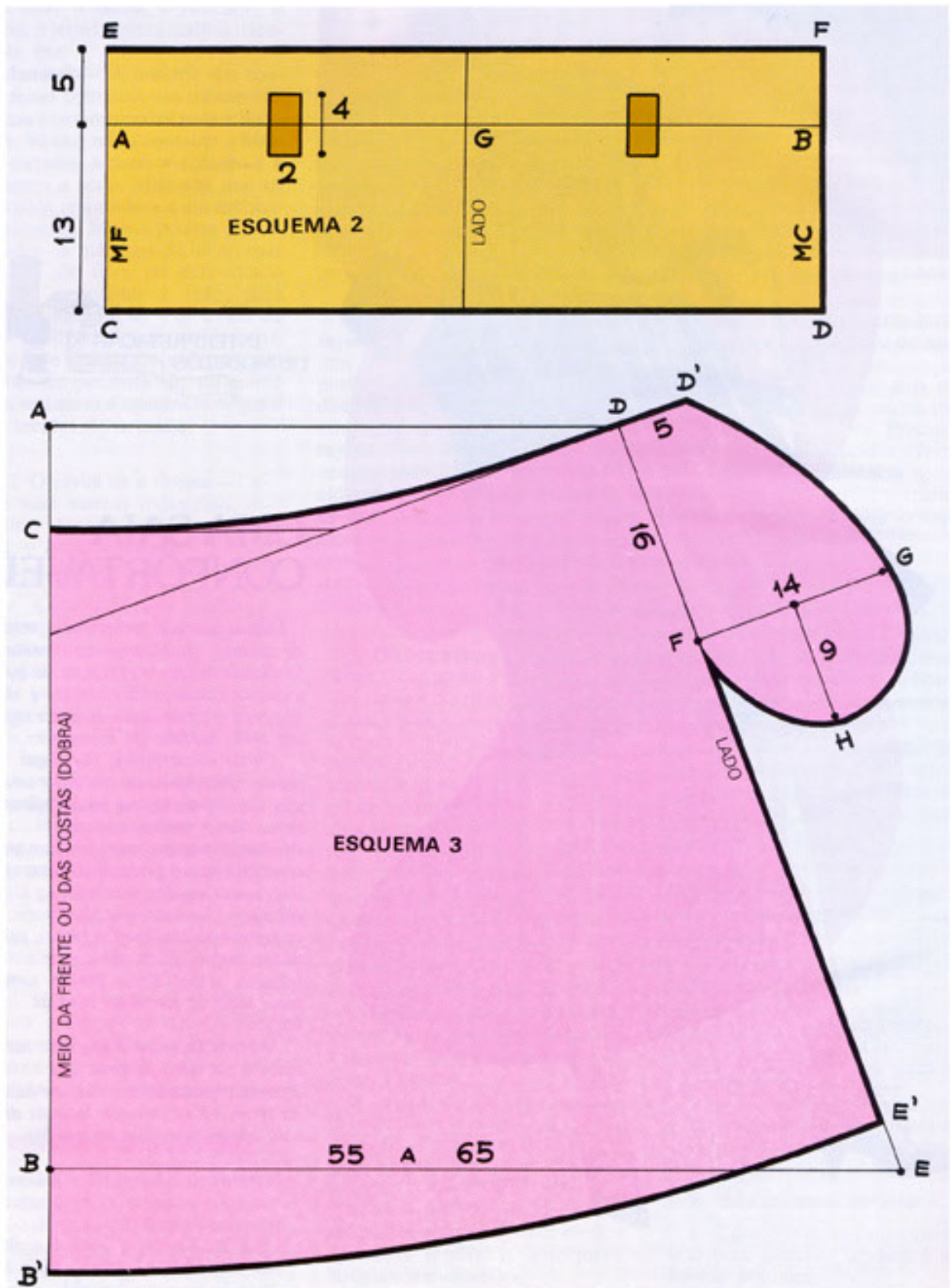


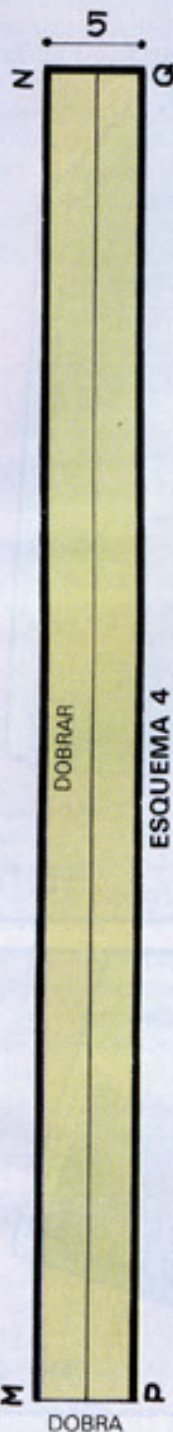
UMA SAIA CONFORTÁVEL

Mesmo que não tenha muita prática de costura, você encontrará muita facilidade em fazer esta saia, já que todas as costuras são simples e ela dispensa o zíper, que sempre exige um certo cuidado de montagem.

A saia é constituída por duas partes: uma barra na cintura e uma saia evasê franzida na borda inferior desta barra, ambas em tons diferentes mas que não ofereçam um contraste muito gritante. Devem ser tons aproximados, que não choquem. Se você, porém, for de pequena estatura, prefira fazer a saia numa cor só, para não cortar a silhueta. Além disso, ela se torna mais fácil de combinar com as blusas.

A barra superior é ajustada na cintura por uma faixinha que atravessa passadores e dá um laço na frente. Nas costuras laterais da saia abrem-se bolsos embutidos.





Material — Tecido de algodão, gênero popelina, em dois tons ou numa cor única.

Metragem — 0,30m para a barra superior e duas alturas para a saia, incluindo costura e bainha. O tecido deve ter 1,40m de largura. Se a saia for feita numa só cor, basta somar as duas metragens.

MOLDE E CORTE NO TECIDO

Barra da cintura (esquema 2) — Trace o retângulo ABCD, em que AB é igual à metade da medida dos quadris mais 2cm de folga e AC é igual a 13cm, se o comprimento total da saia (da cintura até a bainha) for de 65cm. Como regra, portanto, a medida de AC deve ser igual ao comprimento total da saia dividido por 5. A seguir, prolongue o retângulo para cima em 5cm e trace a linha EF paralela a AB. Para os passadores, trace um pequeno quadrado de 4 por 4cm.

Corte esta peça uma vez no tecido dobrado pelo meio da frente. Desta maneira, a barra ficará com uma feia costura no meio das costas, de modo que preferimos cortar o molde duas vezes e colocar as costuras nos lados. Deixe uma margem de 2cm para as costuras e de 6cm para a bainha superior, a fim de que o cabeçote fique totalmente arrematado no avesso. Corte o passador quatro vezes no tecido, deixando apenas 1cm em volta para as costuras.

Saia (esquema 3) — Trace o molde de modo semelhante ao da saia evasê franzida, que ensinamos na lição 8, com algumas alterações de medidas. A vertical AB, traçada no início, deve medir o comprimento da saia menos a largura da barra AC (esquema 2) sem contar os 5cm do cabeçote. A horizontal AD, em vez de medir o dobro da cintura (como na saia normal), passa a medir o mesmo comprimento de CD no molde da barra (esquema 2). Enfim, a largura da saia, ou seja, a medida de BE deve ser igual a cerca de 55 até 65cm, conforme se deseje uma saia mais ou menos ampla.

Uma vez traçado o molde da saia, complete-o com o desenho

do fundo do bolso embutido. Para isso, prolongue a linha da cintura, de D a D' em 5cm. Marque na linha lateral 16cm e marque o ponto F, do qual lance a linha FG com 14cm e perpendicular a DF. Do meio de FG, desça uma reta com 9cm até o ponto H, paralela ao lado da saia. Agora é só unir os pontos D', G, H e F pela curva de contorno do fundo do bolso. Corte a saia duas vezes no tecido dobrado pelo meio da frente e pelo meio das costas, já que ambas as peças são iguais. Deixe uma margem de 2cm para as costuras e de 3cm para a bainha.

Faixinha (esquema 4) — Trace uma tira com 5cm de largura e um comprimento MN igual à metade da medida da cintura mais 50cm para o laço. Corte uma vez no tecido dobrado pela extremidade correspondente ao meio das costas. Deixe, para as costuras, uma margem de apenas 1cm de largura.

MONTAGEM

1. Prepare os passadores. Dobre cada um ao meio, direito contra direito, costure, vire para o direito e passe a ferro. Aplique dois passadores na frente e dois nas costas da barra da cintura, exatamente sobre a linha da cintura AB.

2. Feche as costuras laterais da barra da cintura, dobre a bainha de 6cm da borda superior para o avesso, faça uma pequena dobra na beira interna e fixe a bainha com pontos à mão sobre a linha da cintura.

3. Monte a frente com as costas da saia pelas costuras laterais, direito contra direito, contornando ao mesmo tempo o fundo dos bolsos embutidos. Rebata o fundo do bolso para a frente da saia e abra as costuras laterais com o ferro de passar. Para isso, não esqueça de fazer um pique na margem interna das costas, no ponto F. Dobre a bainha da saia para o avesso e fixe-a com um pesponto à máquina.

4. Franza a parte superior da saia e monte na borda inferior da barra da cintura, direito contra direito.

COMO TRABALHAR TECIDOS TRANSPARENTES

Pensa-se geralmente que os tecidos transparentes, pela sua pouca espessura e leveza, são difíceis de trabalhar. Alguns o são realmente, mas podem se deixar cortar e costurar tão bem quanto os outros tecidos, desde que você use de certos truques e observe alguns cuidados especiais.

CORTE E MONTAGEM

Quando o tecido é excessivamente fino e flexível – por exemplo, a musselina ou a gaze de seda – e o molde contém peças de contornos bem definidos e precisos, corte-as em papel de seda, dando margens de costura, como se tratasse de um forro de tecido. Alinhe as peças pelos traços de contorno sobre o tecido e recorte-as (fig. 1). Faça a montagem da roupa, prendendo papel e tecido simultaneamente nas costuras. Depois das costuras feitas, é só retirar o papel de seda, que se desprenderá facilmente. É claro que este processo só é utilizado quando o vestido ou a blusa devem permanecer em transparência, sem forro ligado, porque, no caso contrário, o papel de seda é dispensável, sendo substituído pelo próprio forro de tecido opaco.

BAINHAS

1. Bainhas a fio reto — Devem ser estreitas, de preferência com cerca de 3cm de largura, em três espessuras, isto é, dobre a bainha para o avesso, duas vezes sobre si mesma e prenda-a pela dobra com pontos de bainha corridos (fig. 2).

2. Bainhas em forma — É preciso fazer uma bainha postiça. Corte a bainha com a mesma forma do arredondado da peça (manga, saia, etc.), mantendo sempre a mesma largura. Aplique a

bainha sobre a peça, direito contra direito, costure, corte as margens internas para que fiquem bem estreitinhas e passe a ferro. Rebata a bainha para o avesso, faça uma dobra pequena na borda interna e

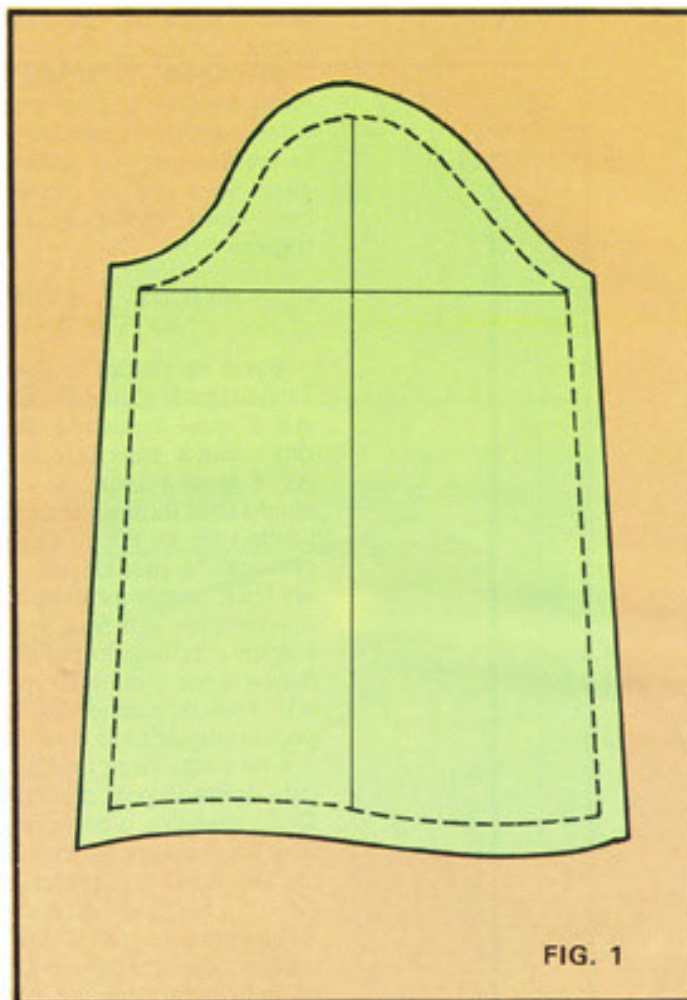


FIG. 1

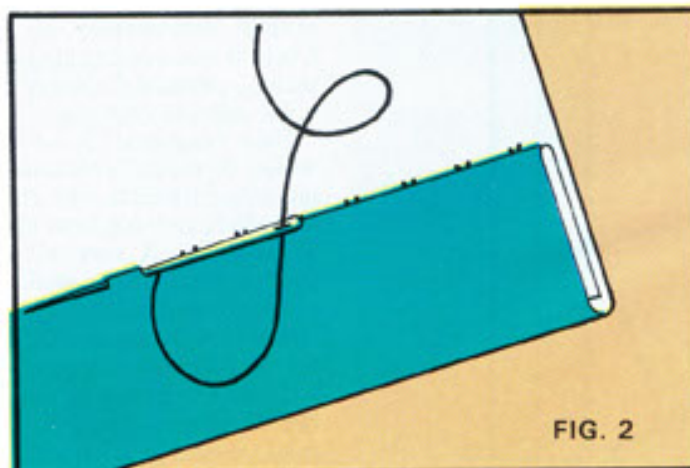


FIG. 2

prenda-a com pontos corridos. (fig. 3).

3. Bainha de lenço ou de rolotê — Empregado na musselina de seda, gaze ou organza, para terminar ou servir de bainha em saias ou babados godês, lenços, faixas, etc. quando se deseja dar um toque refinado à costura.

Para fazer a bainha de lenço, enrole o tecido entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Com uma agulha delgada e linha bem fina, faça os pontos prendendo de leve o tecido e deslizando a agulha por dentro do rolotê. Quando você ganhar prática, esses pontos mal serão vistos (fig. 4).

Agulha, linha e ponto — Para costurar tecidos finos e transparentes, use na máquina uma agulha fina nº 11, linha de seda e pontos bem pequenos.

Costuras — Ao cortar os moldes, dê uma margem de costura com apenas meio centímetro. Costure, passe a ferro, iguale regularmente as margens internas das costuras e chuleie, como por exemplo, num chemisier de voile de algodão. No organdi, recorte novamente a 2 ou 3mm da costura, da mesma maneira que na musselina de seda, e faça um chuleio delicado, tipo ponto de luva, com linha bem fina.

Casas de botão bordadas — Corte a fenda e chuleie as bordas com linha fina de seda. Com ponto de caseado, borde os dois lados da fenda, terminando com uma só alça, se a casa é horizontal. Se for vertical, termine com duas alças, uma em cada extremidade.

Botões de pressão — Podem ser empregados para fechar uma blusa nas costas, por exemplo. Quando utilizá-los, porém, escolha-os sempre de tamanho bem pequeno, levando-se em conta a delicadeza do tecido.

Nervuras — Passe fios de alinhavo marcando o lugar das nervuras a serem feitas. Dobre a fazenda ao longo de cada alinhavo e costure à máquina a 1mm de distância da borda dobrada, com pontos bem pequenos, mas com pouca tensão na linha da agulha (fig. 5). Por outro lado, há quem

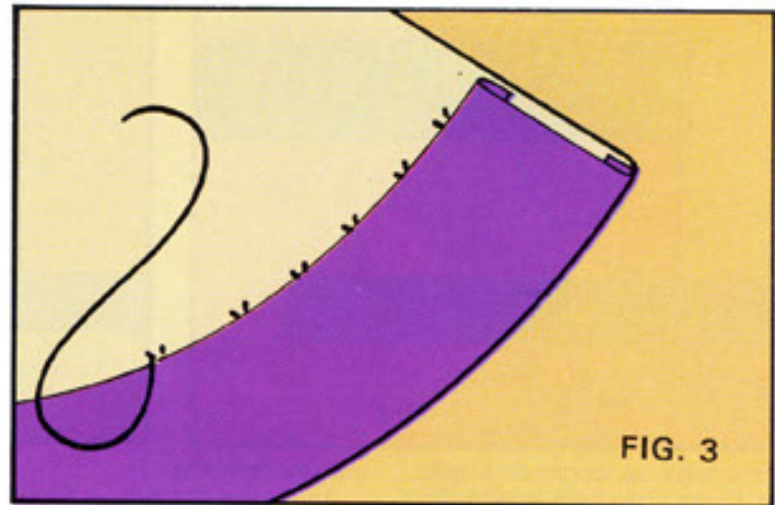


FIG. 3

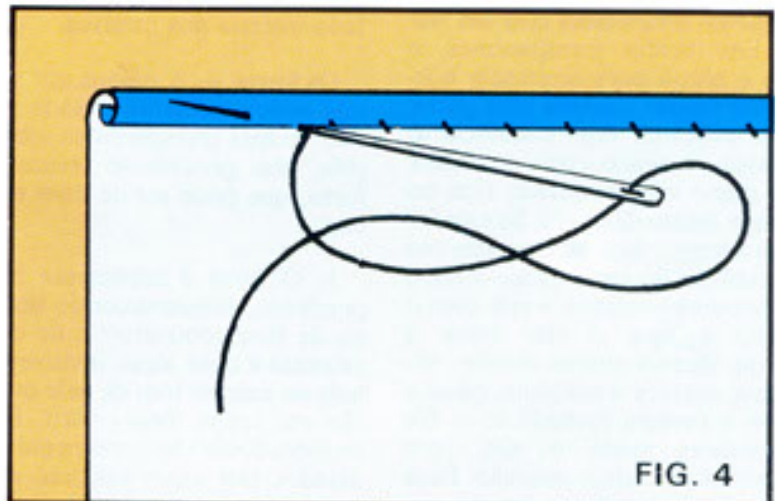


FIG. 4

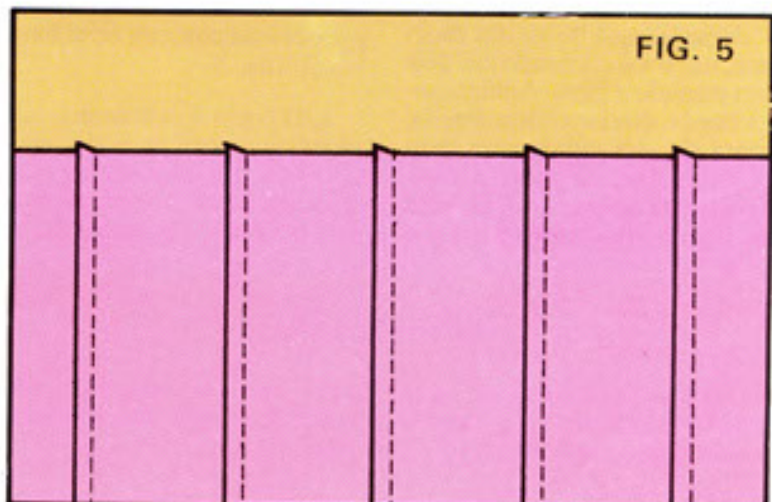


FIG. 5